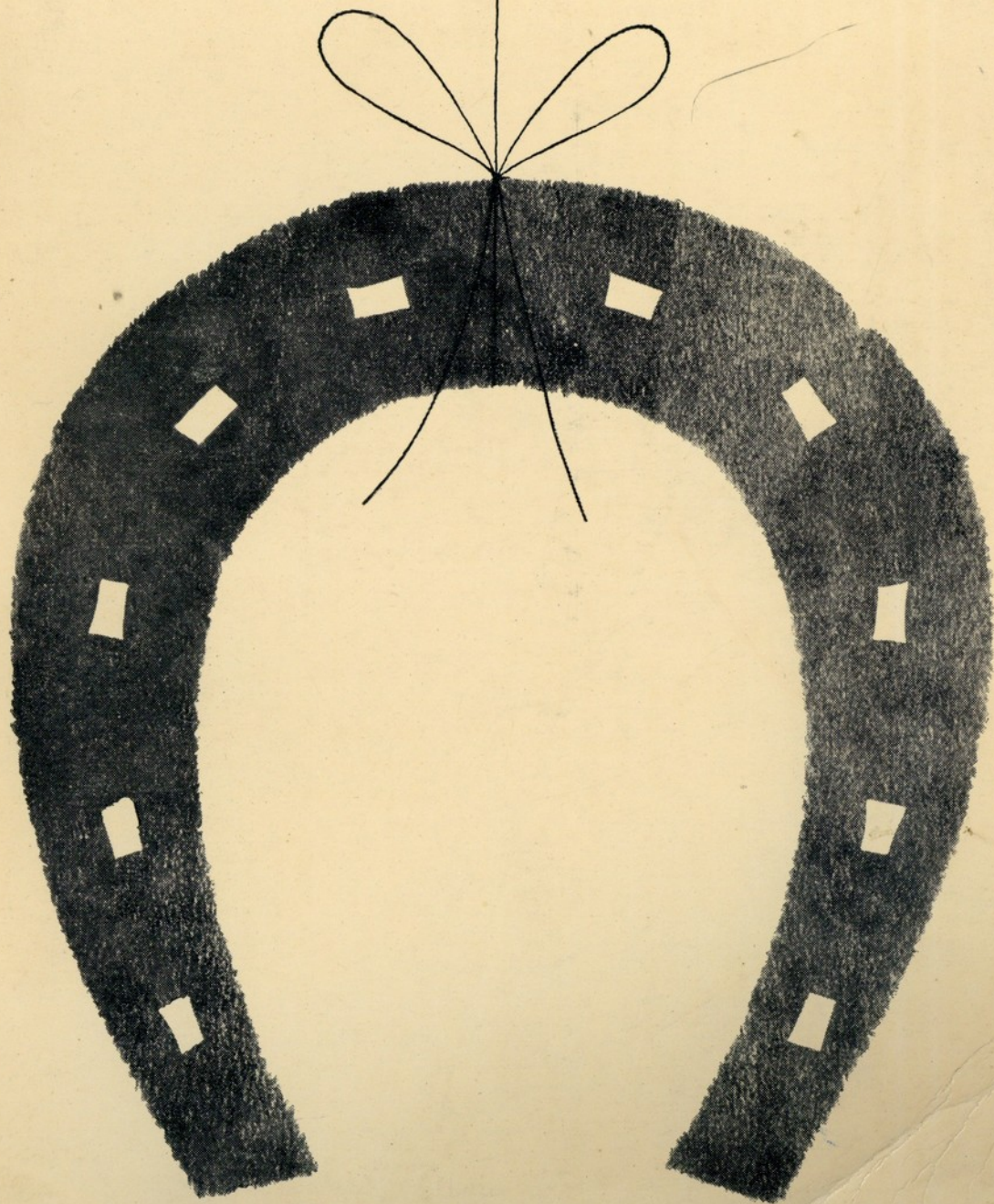
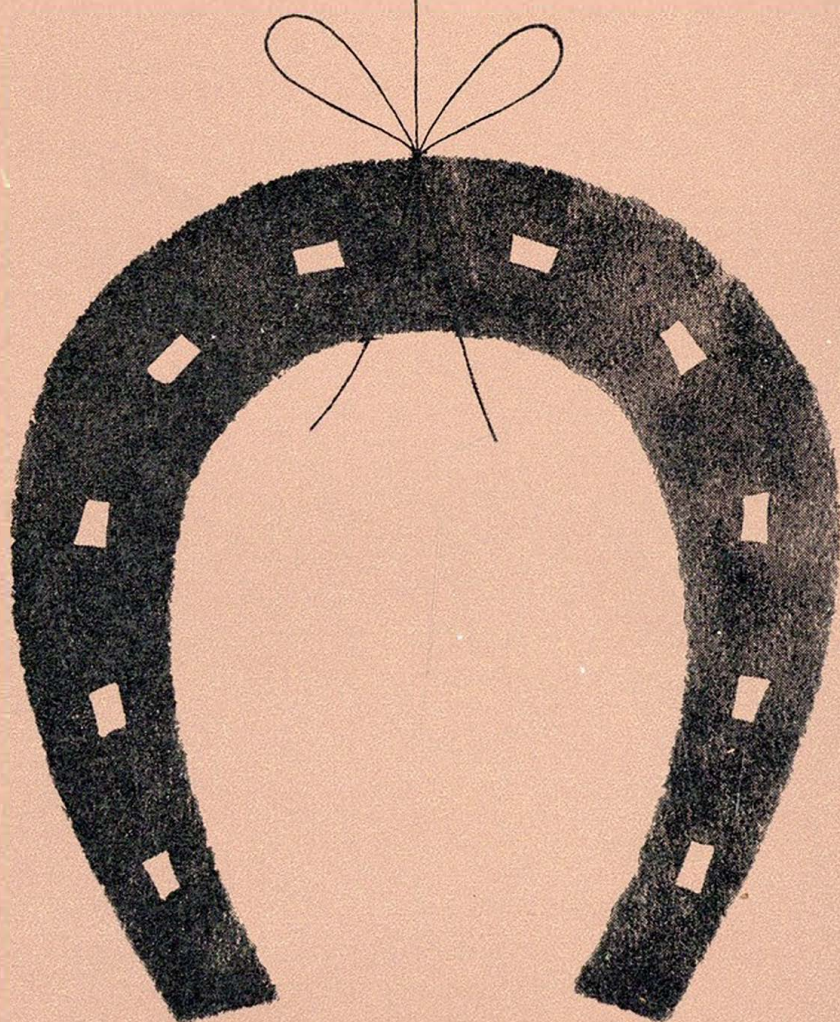


ALMANAQUE

janeiro 1960





O bom senso é a coisa mais bem partilhada neste mundo, disse o filósofo.

E ao abrir-se este ano de 1960 é ao bom senso, ao senso comum, à «sagesse des nations» que recorreremos para procurar um pouco de consolo, e quem sabe, algumas directrizes.

Quem dá o que tem tarde ou nunca se endireita e isto é sempre necessário ter em mente, porque por mal fazer bem haver e o homem não é anjo nem besta mas quer a infelicidade, que quem quer ser anjo acaba besta.

E tanto mais verdade é o que dizemos, quantos telhados já só os há de vidro e se não se partem mais é porque escasseiam as pedras; quem quer ser lobo não lhe veste a pele (é o vestes) e quem vê as barbas do vizinho a arder mete as suas — e não as dele — de molho.

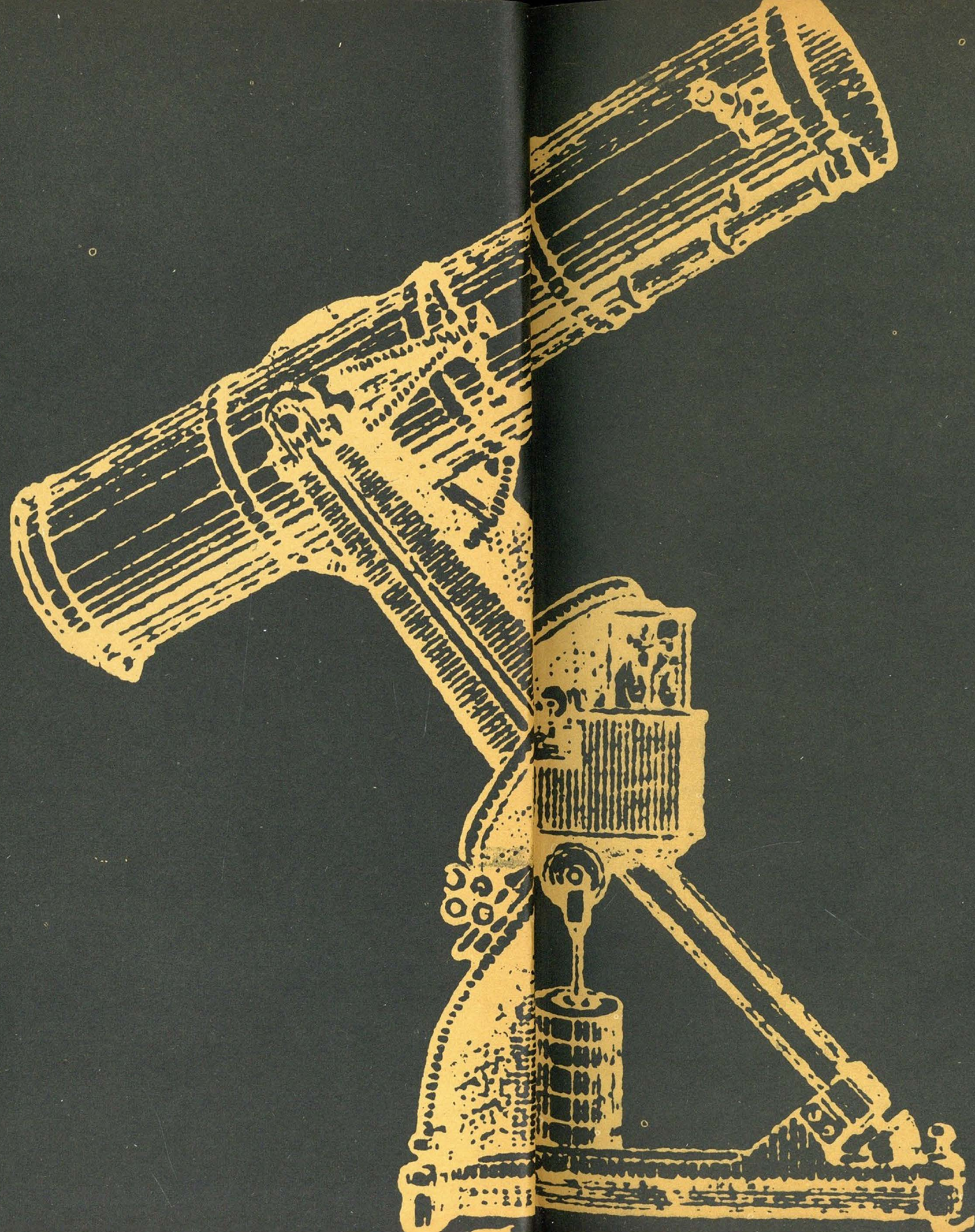
Pelo andar do Cadillac nem sempre se vê quem lá vai dentro e é mister que assim seja, porque há pobres com alma de rico e ricos com alma de pobre, não distinguindo facilmente uns dos outros quem não saiba ver corações pelas caras.

Os amigos são para as boas ocasiões e grão a grão enchem as galinhas e várias outras aves os respectivos papos, que graças a Deus, também o diz o povo, têm mais barriga que olhos.

Prudência pois nas passagens desta vida ao abrir-se o ano de 1960.

Só os justos, com seus escrúpulos, têm pesadelos, e tranquilo sono é o dos crápulas, pois a consciência, ao contrário dos hábitos que são sempre maus, nestes tempos que vão correndo, é sempre boa.

Alma, pois, até Almeida, Santiago e aos Mouros, mas sempre com cuidado — que mais valem dois pássaros na mão que um a voar.

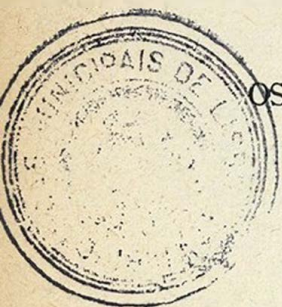


FEV. 1960

ALMANAQUE

janeiro / 60

ABERTURA	1	
CALENDARIO	6	
PREVISÕES PARA 1960	11	«Homem prevenido vale por dois».
ACTUALIDADES	14	o que não passará à História
EFEMÉRIDES	22	o que passou para a História
FLOS SANCTORUM	25	Santa Martinha
FLORICULTURA	28	«Cultive o seu jardim» — Voltaire — <i>Candido</i>
CAÇA	30	«adeus às armas»
PESCA	33	pela boca morre o peixe
OS DESTINOS DO MÊS	35	o que tem de ser tem muita força.
O ANIMAL DO MÊS	44	A Mosca, animal nosso inimigo
CARLOTA CORDAY	47	Nos meandros da revolução francesa
A LUA	51	essa conhecida...
O MARIDO DESCONHECIDO	58	o filme do mês
ANTIQUARIUM	64	«onde se fala de relógios.»
TRES ANOS DEPOIS	72	conto (devidamente) sentimental, por Lillian Brown-Worcester
A EUROPA ANTES DO HOMEM	76	no princípio era o caos...
LATITUDES DA FELICIDADE	84	uma biografia social da rapariga alemã



UM MILIONARIO FAZ-SE A SI PRÓPRIO	94	Onassis
O CINTO DE OURO E A FIVELA DE FERRO	101	guardado está o pecado...
OS RATOS DO CEMITÉRIO	104	Conto de terror, por Henry Kuthner
RADIOGRAFIA DE UM PAÍS	109	A Pérsia: Xá e Petróleo
ESCOLHA O SEU TIPO	115	Quem quer ser lobo, veste-lhe a pele
O ANO NOVO NA VELHA LISBOA	122	Boémia de Outros Tempos, por Lourenço Rodrigues
COMO SE DIVERTE NOVA IORQUE	127	Boémia destes tempos
ARMAZÉM DAS LETRAS	136	& Diversos
HERDOS	137	Conto inédito de Irene Lisboa
OS LIVROS DO MÊS	141	
	143	William Faulkner: Confissão dum Criador de Cavalos
	145	tem acompanhado a nossa literatura? (test)
O ELOGIO DO TABACO	146	história das virtudes de um vício.
NO REINO DE PACHECO	148	
AUTOMOBILISMO	149	um rali há 60 anos
SURPRISE PARTY	155	Aperitivo à italiana Sara Montiel, o último «couplet» Paciências de cartas Música de escravos para homens livres Aprenda a dançar Um herói do nosso tempo Gerard Philippe O espírito e a carne Diz-me como comes (test) O disco do mês Margot Fontayne É bem organizado? (test) Marpessa Dawn, os perigos do triunfo fácil O crime ao alcance de todos Aneodotas, passatempos, palavras cruzadas e a continuação do romance em folhetins: Os Irmãos Whiteoak, por Mazo de La Roche

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
• Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
Propriedade: Grupo de Publicações Periódicas •
Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º •
Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •
Telefones: 31892/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109
• Cada vol.: 15\$00 • Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



janeiro / 60



Até ao dia 21 o Sol encontra-se sob o signo zodiacal de Capricórnio. A 1 h e 11 m desse dia o Sol entra no signo de Aquário.

De 1 a 31 os dias crescem 40 m.

O dia 1 tem 9 h e 28 m e a sua noite, 14 h e 32 m. O dia 31 tem 10 h e 8 m e a sua noite 13 h e 52 m.

1

1 — Sexta-feira. — Circunção de Jesus Cristo. — Feiras de Alvaázere, Camiãha, Flor da Rosa, Fundão.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.00	HORA 17.31
ALT. 4.07	ALT. 3.77

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.42	HORA 23.00
ALT. 0.40	ALT. 0.57

2

2 — Sábado. — S. Macário.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.45	HORA 18.14
ALT. 3.97	ALT. 3.62

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.31	HORA 23.42
ALT. 0.54	ALT. 0.73

3

3 — Domingo. — Santa Genoveva. — Feira de Avis.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.36	HORA 19.06
ALT. 3.80	ALT. 3.45

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.29
ALT. —	ALT. 0.73

4

4 — Segunda-feira. — S. Gregório. — Feira de Góis.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.26	HORA 20.02
ALT. 3.59	ALT. 3.26

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.40	HORA 13.21
ALT. 0.94	ALT. 0.95

5

5 — Terça-feira. — Santa Emília. — Quarto crescente às 18 e 53.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.19	HORA 20.58
ALT. 3.37	ALT. 3.12

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.38	HORA 17.21
ALT. 1.15	ALT. 1.14

6

6 — Quarta-feira. — Reis Magos. — Feiras de Avis e Castelo Branco.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.19	HORA 21.52
ALT. 3.19	ALT. 3.01

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.51	HORA 15.32
ALT. 1.31	ALT. 1.26

7

7 — Quinta-feira. — S. Luciano.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.24	HORA 23.06
ALT. 3.06	ALT. 3.00

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.00	HORA 16.37
ALT. 1.40	ALT. 1.32

8

8 — Sexta-feira. — Santo Apolinário.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.29	HORA —
ALT. 3.01	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.06	HORA 17.32
ALT. 1.38	ALT. 1.31

9

9 — Sábado. — S. Julião.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.08	HORA 12.30
ALT. 3.05	ALT. 3.05

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.61	HORA 18.19
ALT. 1.31	ALT. 1.23

10

10 — Domingo. — Sagrada Família. — Feiras de Amarante, Coruche, Nisa, Proença-a-Velha.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.00	HORA 13.20
ALT. 3.16	ALT. 3.11

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.44	HORA 19.02
ALT. 1.20	ALT. 1.14

11

11 — Segunda-feira. — S. Hilgino.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.44	HORA 14.02
ALT. 3.28	ALT. 3.19

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.22	HORA 19.40
ALT. 1.08	ALT. 1.03

12

12 — Terça-feira. — S. Sá-tiro.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.36	HORA 14.51
ALT. 3.39	ALT. 3.27

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.08	HORA 20.21
ALT. 0.96	ALT. 0.92

13

13 — Quarta-feira. — Santa Verónica. — Lua cheia às 13 e 51.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.58	HORA 15.24
ALT. 3.50	ALT. 3.34

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.38	HORA 20.50
ALT. 0.85	ALT. 0.80

14

14 — Quinta-feira — S.^{to} Hilário.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.37	HORA 15.56
ALT. 3.57	ALT. 3.40

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.12	HORA 21.22
ALT. 0.73	ALT. 0.71

15

15 — Sexta-feira. — S. Paulo Eremita. — Feiras de Almodôvar, Castelo de Vide, Esc. de Cima, Mascotelos, Guimarães, Arosa, Ponte de Sor, Sertão.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.11	HORA 16.30
ALT. 3.62	ALT. 3.42

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.49	HORA 21.57
ALT. 0.64	ALT. 0.66

16

16 — Sábado. — SS. Mártires de Marrocos.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.39	HORA 17.10
ALT. 3.66	ALT. 3.44

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.30	HORA 22.40
ALT. 0.58	ALT. 0.64

17

17 — Domingo. — S.^{to} Antão. — Feira da Chamusca.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.17	HORA 17.40
ALT. 3.60	ALT. 3.43

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.08	HORA 23.18
ALT. 0.59	ALT. 0.66

18

18 Segunda-feira. — Santa Prisca.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.50	HORA 18.11
ALT. 3.62	ALT. 3.39

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.45	HORA 23.58
ALT. 0.64	ALT. 0.75

19

19 — Terça-feira. — S. Gonçalo. — Feiras de Atalaia, Vila Nova da Barquinha.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.30	HORA 18.57
ALT. 3.54	ALT. 3.31

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.27
ALT. —	ALT. 0.72

20

20 — Quarta-feira. — S. Sebastião. — Feiras de Castro Verde, Crato e Vidigueira.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.11	HORA 19.45
ALT. 3.43	ALT. 3.22

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.42	HORA 13.13
ALT. 0.86	ALT. 0.86

21

21 — Quinta-feira. — Santa Inês. — Quarto minguante às 15 e 1.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.10	HORA 20.52
ALT. 3.31	ALT. 3.15

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.40	HORA 14.17
ALT. 1.00	ALT. 0.99

22

22 — Sexta-feira. — S. Vicente. — Feira de Torres Vedras.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.21	HORA 22.04
ALT. 3.20	ALT. 3.13

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.51	HORA 15.31
ALT. 1.11	ALT. 1.07

23

23 — Sábado. — S. Raimundo. — Feira de Esmolfe (Penalva do Castelo).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.40	HORA 23.20
ALT. 3.18	ALT. 3.22

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.10	HORA 16.32
ALT. 1.12	ALT. 1.04

24

24 — Domingo. — S. Timóteo. — Feiras de Ancião, S. Bartolomeu de Messines, Loures.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.54	HORA —
ALT. 3.27	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.30	HORA 18.00
ALT. 1.01	ALT. 0.92

25

25 — Segunda-feira. — Conversão de S. Paulo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.32	HORA 13.03
ALT. 3.42	ALT. 3.44

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.22	HORA 18.50
ALT. 0.82	ALT. 0.76

26

26 — Terça-feira. — S. Policarpo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.32	HORA 14.03
ALT. 3.64	ALT. 3.61

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.20	HORA 19.41
ALT. 0.59	ALT. 0.58

27

27 — Quarta-feira. — S. João Crisóstomo. — Feira de Portalegre.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.24	HORA 14.58
ALT. 3.28	ALT. 3.77

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.10	HORA 20.30
ALT. 0.41	ALT. 0.44

28

28 — Quinta-feira. — S. Pedro Nolasco. — Lua-nova às 6 e 16.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.17	HORA 15.40
ALT. 4.03	ALT. 3.87

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.01	HORA 21.22
ALT. 0.29	ALT. 0.36

29

29 — Sexta-feira. — S. Francisco de Sales. — Feira de Vila-Viçosa.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.01	HORA 16.28
ALT. 4.12	ALT. 3.88

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.51	HORA 22.05
ALT. 0.26	ALT. 0.37

30

30 — Sábado. — Santa Martinha.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.48	HORA 17.10
ALT. 4.12	ALT. 3.84

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.36	HORA 22.50
ALT. 0.32	ALT. 0.46

31

31 — Domingo. — S. João Bosco. — Feira de Alcaíns.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.28	HORA 17.50
ALT. 4.02	ALT. 3.71

BAIXA - MAR

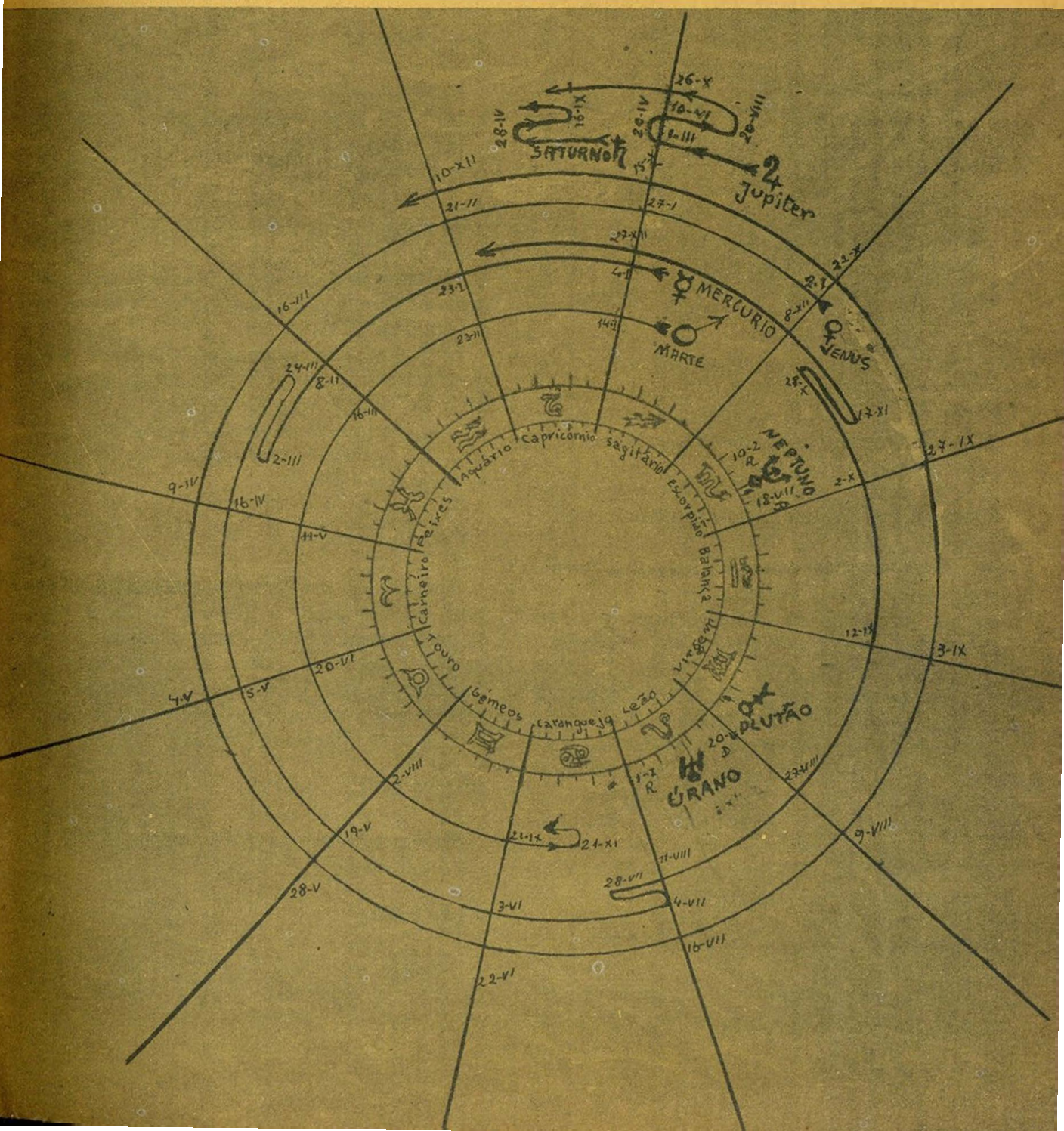
MANHÃ	TARDE
HORA 11.11	HORA 23.25
ALT. 0.43	ALT. 0.57



previsões para o ano de 1960

pelo prof. Carlos Radini

Movimento dos planetas no ano de 1960
com as datas dos seus sentidos retró-
grado e directo e da entrada nos signos



Segundo a tradição, Portugal é regido pelos signos de Sagitário e de Peixes, porém, o signo que governa a Capital é o da Balança.

Os planetas «senhores» daqueles signos são, respectivamente: Júpiter, Neptuno e Vénus.

Seguindo estas teorias e através da marcha dos planetas indicada nas Efemérides Astronómicas, podemos concluir que o País, durante o ano de 1960, manterá o seu prestígio perante o mundo sem que todavia possa evitar algumas contrariedades entre Fevereiro e Agosto e depois de Outubro.

Internamente, as condições não são desfavoráveis nos assuntos que se relacionem com divertimentos, desportos, literatura e construção, mas são menos favoráveis para os assuntos financeiros.

Os eclipses solares de 27 de Março e de 20 de Setembro dão indicações de ordem destrutiva, podendo ser pequenas guerras, intempéries, fogo, tremores de terra, desastres, etc. A sombra dos eclipses não atinge Portugal, portanto não está sob acção directa das suas influências o que não significa estar livre, como é natural, de algumas consequências.

RESUMO DO ANO

1960 favorece os estudos académicos, missões importantes, as instituições médicas, de caridade e religiosas.

As empresas editoras, bancos e a instrução encontram um tempo astrológico muito favorável.

Os desportos e actividades afins também possuem bons horizontes.

O povo terá tendências a possuir a capacidade defeituosa de criar dificuldades e de criticar.

No interesse do bem comum, sairão leis ou alterações às existentes, especialmente no que respeitar a instrução e assistência.

Popularidade ou fama de um artista ou desportista em relação ao estrangeiro.

Luto provável por uma figura conhecida que pode comprometer em parte os prazeres.

Entre Março e Setembro, provável catástrofe de carácter incontrolável.

O POVO

Urano, que rege durante grande parte do ano as reacções do povo, inclina a tendências

irregulares, incitando-o para diversões, actos irreflectidos, oposições e críticas. A felicidade doméstica pode, por isso, ficar comprometida, devido também às tendências na satisfação dos sentidos em festas, divertimentos, etc. Felizmente a posição de Júpiter vem atenuar grandemente estas predisposições.

SAÚDE

Possíveis doenças que afectarão momentaneamente a saúde pública. Plutão influi para alguns males sociais, particularmente no sector juvenil.

DESPORTO

Condições planetárias favoráveis para a causa desportiva, que poderá ter relevo no sector internacional, ao qual não será estranho um desportista.

TEATRO

Mercúrio, que dá a sua influência aos actores, proporcionará boas interpretações de artistas nacionais.

O Teatro tem tendências a evoluir mas, por factores vários, não terá ainda este ano atingido o lugar que lhe pertence.

O aparecimento de novos autores é possível mas há tendência acentuada para originais estrangeiros.

CINEMA

Apesar das condições planetárias não serem desfavoráveis, o Cinema nacional continuará vivendo com os seus problemas. Em meados do ano, porém, o ambiente geral astrológico, permite resolver favoravelmente alguns dos problemas, a que não será estranha a participação do Estado.

TELEVISÃO e RADIO

Melhorias técnicas... mas pouca melhoria de programação.

EDUCAÇÃO

Provável legislação no intuito de resolver assuntos relacionados com a educação do povo, escolas, professores, etc.

LITERATURA-ARTE

Mercúrio e Vénus incitam a boas produções literárias. É mesmo possível que um autor português tenha repercussão no estrangeiro.

CONSTRUÇÕES

A construção de imóveis e quaisquer outras, mesmo que sejam no sentido de destruir para reconstruir, encontram um óptimo clima astrológico, o mesmo se dando num mais largo sector, que pode abranger a construção naval.

Saturno todo o ano no signo de Capricórnio, — que governa — e os seus aspectos com Neptuno e Plutão, informa que poderemos ter ocasião de ver novas unidades marítimas saídas ou não dos nossos estaleiros.

FINANÇAS

Júpiter, no seu movimento retrógrado, não dá grandes facilidades no capítulo finanças, implicando com as oposições que forma com Vénus e Marte um acréscimo de despesas e

portanto dificuldades, que poderão mesmo ocasionar um maior custo de vida.

GOVERNO

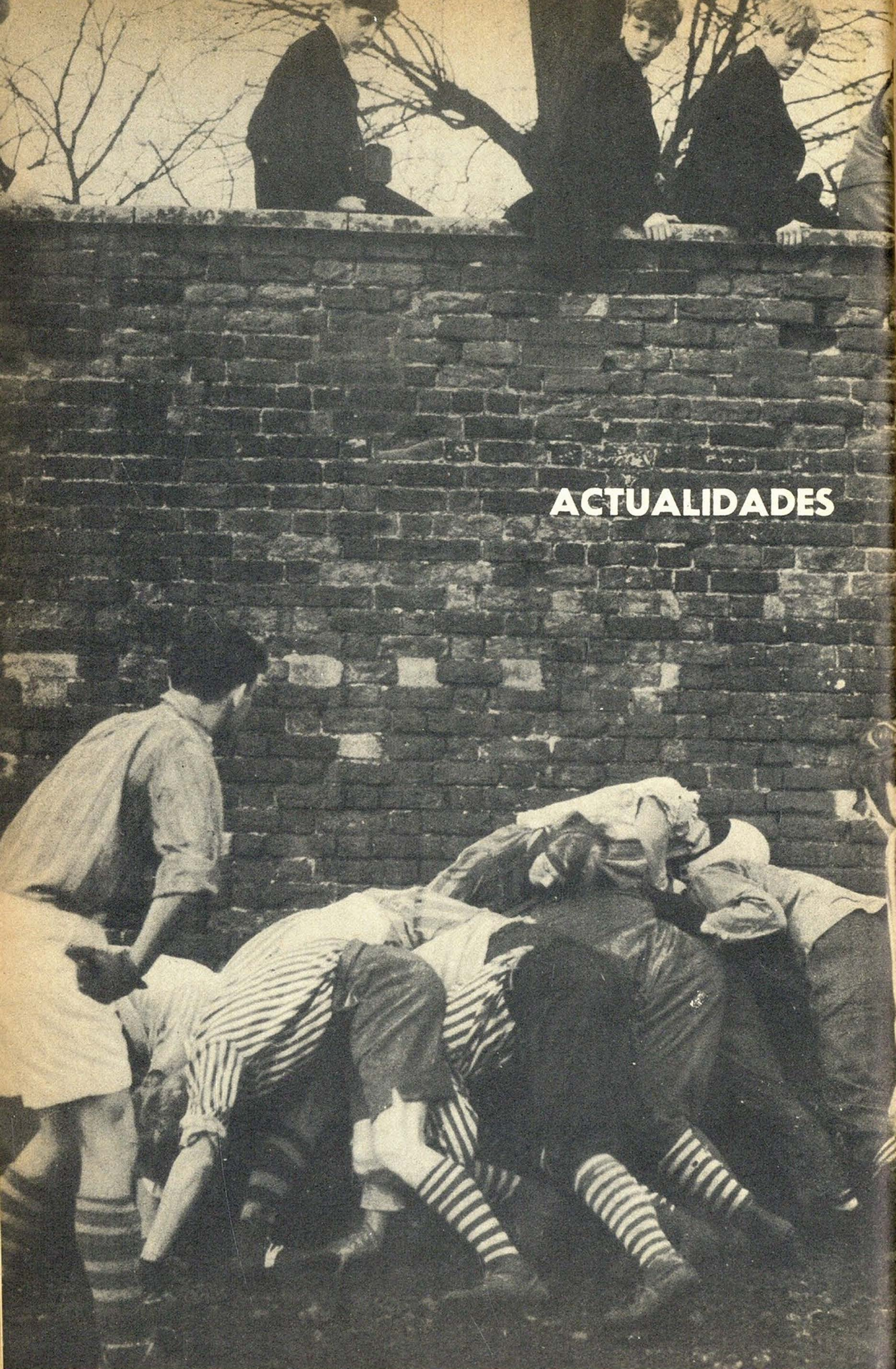
As tendências que o ano de 1960 dá ao povo poderão criar obstáculos ou limitações à acção governativa.

Duma maneira geral, e devido a causas estranhas ou a repercussões internacionais, algumas dificuldades ou perturbações são possíveis em assuntos relacionados com o Ultramar.

As relações do País com o estrangeiro não encontram um ambiente astrológico totalmente favorável, especialmente entre os meses de Fevereiro e Outubro, provavelmente devido a litígios, escritos, actos judiciais, negócios, tratados ou oposições de adversários políticos. Todavia, o Governo possuirá a inspiração necessária para seguir o caminho que escolher, pela sua acção concentrada, tacto, diplomacia e perseverança.

Saturno inclina a modificações ministeriais ou governamentais, mas o conjunto das características planetárias permite, entretanto, o recebimento de honras e de satisfações visando a tradição portuguesa.



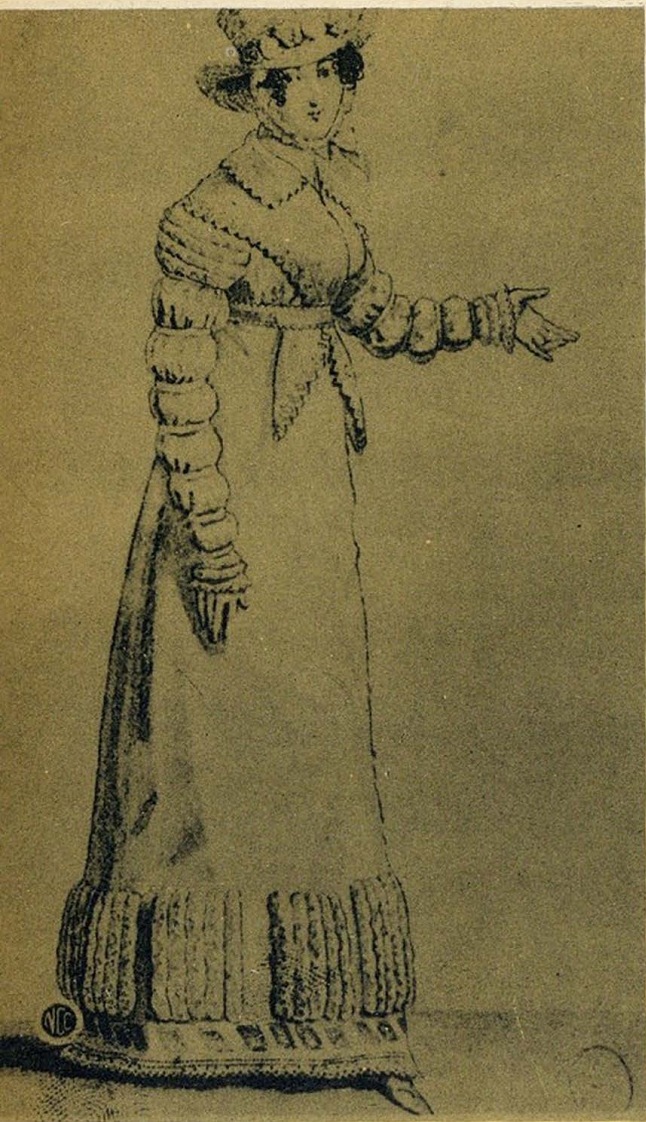


ACTUALIDADES

Do jogo anual da parede
que se joga no dia de St.º André,
no colégio de Eton,
em Inglaterra,
reproduzimos uma imagem.
A educação superior inglesa
visa a formar homens
e não doutores — e esta imagem
é disso bem sugestiva.



NINO VALDES, cubano,
envia um «swing» da direita
ao seu adversário
BRIAN LONDON, de Blackpool.
Valdes vence.1 por K. O.
técnico
ao fim do sétimo «round».



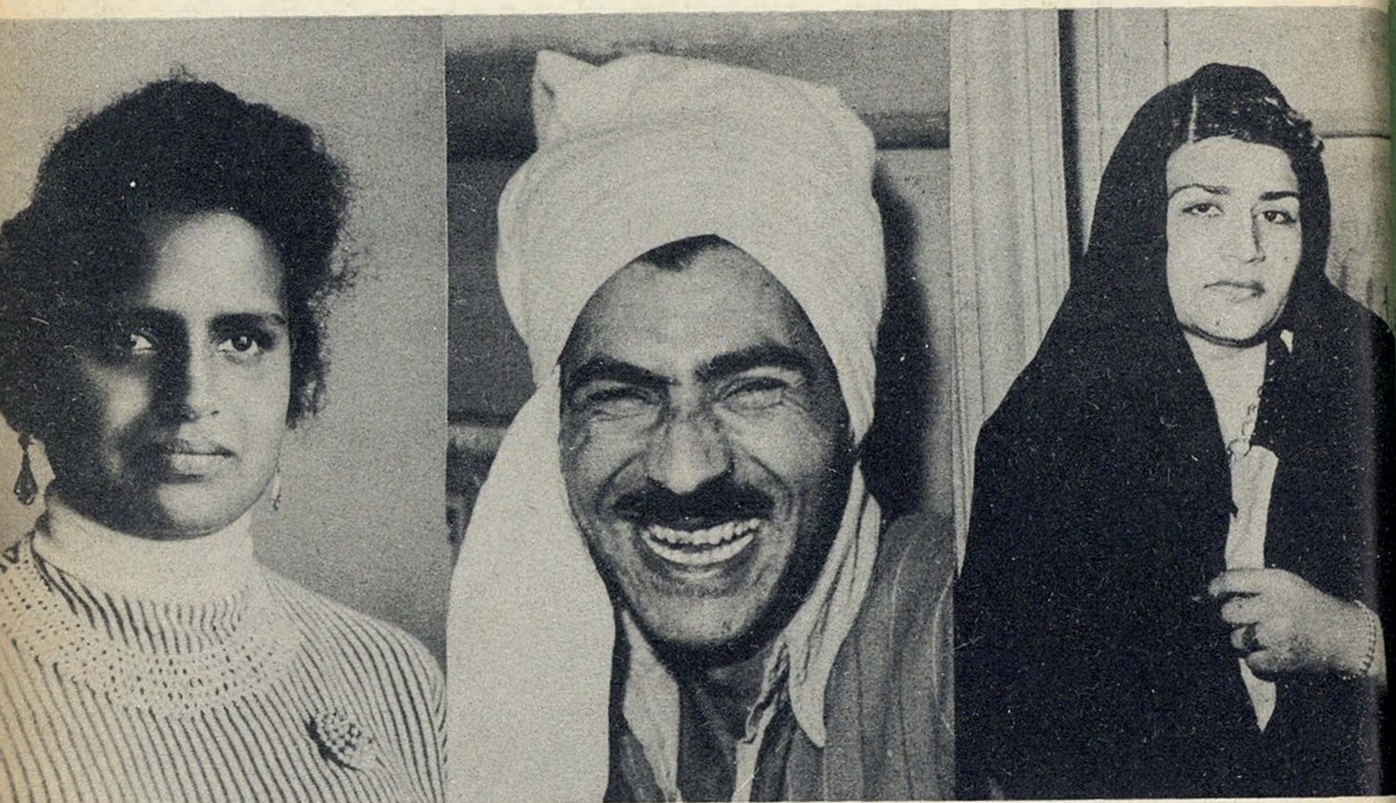
A moda é uma coisa
tão aborrecida
que a gente tem que a mudar
todos os seis meses.
E ao fim de alguns anos,
como a imaginação humana
é fraca,
os critérios repetem-se.
Um fato Império, de 1819
e uma «toilette» deste ano,
concebidas dentro do mesmo
espírito.

Numa rua de Ajaccio
a população protesta contra
o elevado custo de vida
e a extinção anunciada
das comunicações ferroviárias.



Georgi Zhukof, chefe
da Delegação Soviética
e Robert Allan, subsecretário
de Estado
para os Negócios Estrangeiros,
assinam o acordo cultural
anglo-russo, ao abrigo
do qual, por exemplo,
a Royal Philharmonic Orchestra,
com Sir Thomas Beecham,
visitará este ano
a Rússia.





O mecânico egípcio Abd-al-Mutalib casou-se com a jovem Amina, de 18 anos, em Agosto — e arranhou depois, com a sogra, um curioso problema. Porque a mãe desta, Zaynab, começou a insistir na necessidade de tratar a filha, em seu entender, doente. Dizia, também, que Mutalib era um inútil até que este concordou com ela em que Amina não estava bem e devia passar uma quinzena numa casa de saúde. A jovem protestou mas consentiu e quando voltou outra vez para casa descobriu que Mutalib se tinha casado com a mãe (a lei muçulmana permite-lhe ter quatro mulheres). E na semana passada foi ao tribunal pedir a anulação do casamento de Mutalib com a mãe. Mutalib respondeu: «Pensei que casando com a minha sogra esta nunca mais me maçaria. Além disso, é uma boa cozinheira. Posso gozar assim da juventude da filha e da cozinha da mãe — além de que gosto realmente de ambas». O juiz está considerando o caso.

...Que não necessitam,
como as Bolas,
de açúcar para se tornarem
apetecíveis,
são estes três modelos
de alta-costura
apresentando artigos
da sua especialidade.

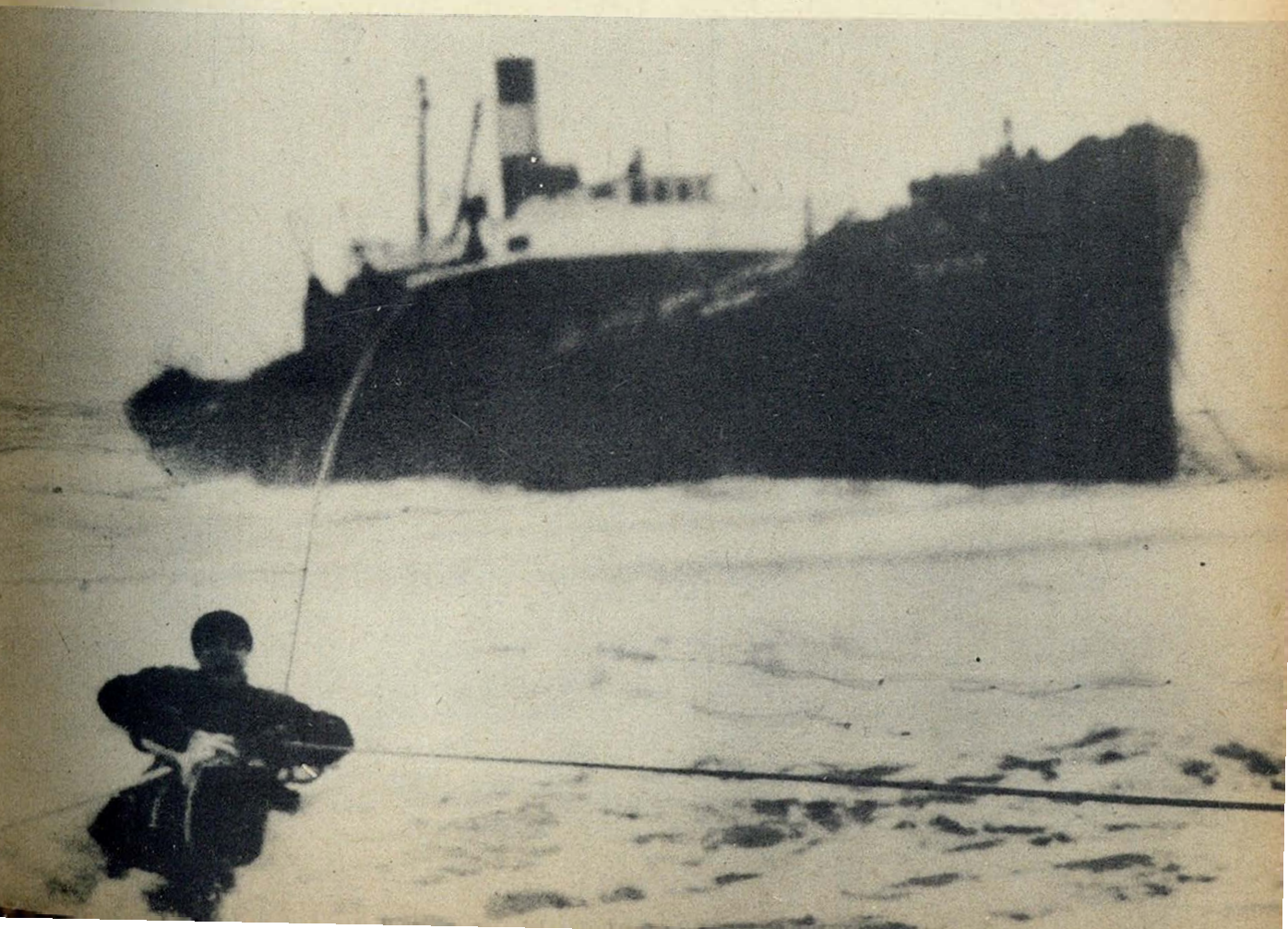




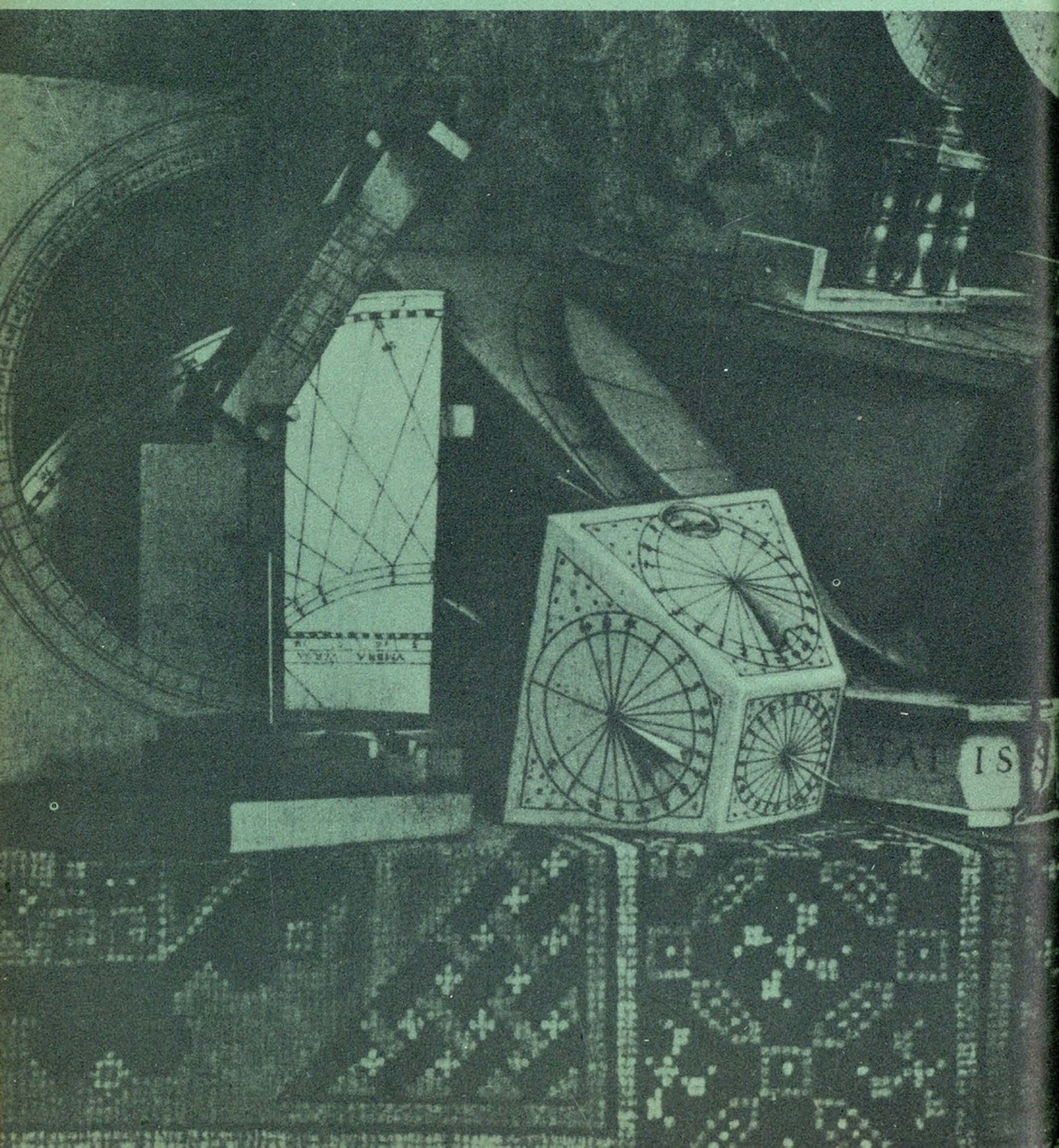
Estes estudantes de Belas-Artes aplicam a sua energia na limpeza de uma locomotiva do século passado que, no Baile de Belas-Artes de Nottingham, vai ser leiloada a favor dos fundos de refugiados. Util para ter em casa, não é?

Lydia Dona, «girl» das Folies
Bergère, recebeu a Cruz
de Cavaleiro da Legião
de Honra
e festeja com amigos
o acontecimento.
Grande combatente
da resistência,
foi presa e deportada,
pelos alemães em 1941.
Possui a Cruz de Guerra
desde 1950.

Este senhor, que a gravura
representa,
não se está divertindo.
Está salvando a vida durante
o naufrágio do navio finlandês
«Anna», de 3.000 toneladas,
encalhado num porto
da costa oriental da Escócia



efemérides / janeiro através dos tempos



2 de Janeiro de 4825 A. C.

Invenção do trabalho. Um grupo de cal-deus ilustres, preocupados com o estado da «coisa» pública, não viram para o remediar senão o recurso ao trabalho. Algumas inscrições cuneiformes atribuem a invenção a Muomor Ba, outras a seu primo Sapari. O descanso só foi inventado quatro séculos mais tarde. É ainda hoje assunto de discussão entre os historiadores, como se passava o tempo antes de 4825 pois que não havia trabalho nem descanso. As condições de fertilidade dos vales se justificam o não recurso ao trabalho não explicam por que não se descansava. As possíveis cheias e variações climáticas que poderiam obrigar a abandonar o descanso tornam quase inadmissível que não se trabalhasse.

Por isso alguns consideraram apócrifos os documentos que assinalam os feitos acima expostos. A questão continua, todavia, em aberto, sobre ela se publicando, por ano, algumas dezenas de trabalhos.

13 de Janeiro de 1355

Assassínio de Dona Inês de Castro

15 de Janeiro de 1622

Jean Baptiste Coquelin, conhecido por Molière, nasceu em Paris a 15 de Janeiro de 1622. Foi aluno do grande físico e filósofo Ganaudi, estudando depois leis, mas em 1643, seguindo um inadiável impulso, decidiu ser actor cómico e escolheu o nome de Molière, com que devia passar à posteridade. A sua companhia que se chamava «Illustre Théâtre», fracassou em Paris e passou à província. Em breve Molière se tornou director e escreveu nestas *tournées* as suas primeiras peças. Regressado a Paris em 1658, formou nova companhia que se exibiu no «Petit Bombon», depois com o apoio de Luís XIV e de seu irmão, no Palais Royal.

A sua actividade como actor e autor foi incessante — escreveu e levou à cena as trinta comédias que lhe deram celebridade. Na quarta representação do «Doente Imaginário», em cena aberta, Molière foi acometido de síncope e morreu poucas horas depois, a 17 de Fevereiro de 1673.

21 de Janeiro de 1793

Luís XVI é guilhotinado em Paris. A crise da monarquia francesa que vinha a acentuar-se já desde o fim do reinado de Luís XIV fora consideravelmente agravada pela falência da economia nacional e o insucesso de guerras desastrosas. O povo, enfurecido, invadiu as Tulherias a 20 de Junho de 1792 e, a 10 de Agosto do mesmo ano, o palácio real foi ocupado e a Assembleia Legislativa suspendeu os poderes reais até à convocação da Convenção Nacional. Esta, a 21 de Setembro

CANTO TERCEIRO. 60.

*Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabaastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez Rainha:
As espadas banhando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçauão, feruidos & yrosos,
No futuro castigo não cuidosos.*

*Bem podêras, ô Sol, da vista destes
Teus rayos apartar aquelle dia,
Como da seua mesa de Teystes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.
Vos, ô concauos vales que podestes,
A voz extrema ouuir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,
Por muito grande espaço repetistes.*

*Assi como a bonina que cortada,
Antes do tempo foy, candida & bella,
Sendo das mãos laciuas mal tratada,
Da minina que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
Talestã morta a palida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca & viua cor, co a doce vida.*

H 4 As

Morte de D. Inês de Castro. Fac-simile da página do texto original dos Lusíadas que narra o facto.



declarou a monarquia abolida e em Janeiro processou o rei por traição à Pátria e condenou-o à morte.

23 de Janeiro de 1783

Nasce, em Grenoble, Henri Beyle, mais conhecido por Stendhal.

Este amador literário, embaixador de França em Itália, conhecido nos salões parisienses por «le gros Baron», e que com dois magistrais — entre outros — romances «Vermelho e Negro» e «A Cartuxa de Parma», e alguns ensaios («De l'amour» etc.) ocupa hoje fulgurantemente um lugar único nas letras francesas; passou pelo seu tempo sem que este tivesse dado o justo valor ao seu gênio.

Da primeira edição do «Vermelho e Negro» venderam-se em trinta anos 18 exemplares e Victor Hugo confessava não ter conseguido passar da página quatro. A «Cartuxa de Parma», ditada em 52 dias, não conheceu por parte do público melhor acolhimento. Igualmente infelizes foram «Armançe», a «Abadesse de Castro», «Lucien Leuwen», «Os passeios por Roma», as «Crônicas Italianas» e «De l'Amour».

E este homem baixo, entroncado, maciço que, como nenhum outro viu o seu tempo e dele revelou por lucidíssima análise os mais

relevantes aspectos, assistiu ao sucesso e à fama dos seus menores mais ao agrado da época, Lamartine, Merimé e George Sande, veio a morrer em Paris anónimo para o grande público, fulminado por uma apoplexia, à porta do Ministério dos Negócios Estrangeiros, numa tarde de 1842.

27 de Janeiro de 1756

Nasce Mozart em Salzburgo. A sua vida foi curta. Da sua obra genial e da sua morte escreveu Manuel Bandeira:

MOZART NO CÉU

No dia 5 de Dezembro de 1791, Wolfgang Amadeus Mozart entrou no céu, como um artista de circo, fazendo piruetas extraordinárias sobre um mirabolante cavalo branco.

Os anjinhos atónitos diziam: Que foi? Que [não foi?

Melodias jamais ouvidas voavam nas linhas [suplementares superiores da pauta.

Um momento se suspendeu a contemplação [inefável

A Virgem beijou-o na testa.

E desde então Wolfgang Amadeus Mozart [foi o mais moço dos anjos.

flos sanctorum



Roma La Vergine del Bambino

SANTA MARTINHA

HISTÓRIA DA VIDA E MARTÍRIO DA VIRGEM SANTA MARTINHA COMO A ESCREVE SANTO ANTONINO

Foi Santa Martinha natural de Roma, e de nobre geração, e padeceu martírio em tempo do imperador Alexandre. Na sua meninice foi instruída nos mistérios da Sagrada Escritura, e ornada de todas as virtudes; e tendo muitas herdades e riquezas, as distribuía liberalmente aos pobres. E sendo trazida à presença do imperador Alexandre, perseguidor dos cristãos, ficou vencido de sua rara formosura, e lhe disse: Donzela de alto sangue a minha tenção é receber-te por mulher, e fazer-te imperatriz, mas primeiro hás-de sacrificar a Apolo. Respondeu-lhe a Santa: Eu me tenho oferecido a Deus vivo, o qual se agrada muito da castidade corporal, e pureza de coração, e a ele me encomendo com toda a devoção. Mandou o imperador chamar os sacerdotes de Apolo, e aparelhar o sacrifício e que Santa Martinha o fosse adorar. Armandose ela com o sinal da Cruz, levantou os olhos ao Céu e pediu ao Senhor que quebrasse aquele ídolo. Tremeu logo a terra, abalou-se toda a cidade, caiu a estátua de Apolo feita em pedaços, e a quarta parte do templo, com morte de muitos gentios e dos sacerdotes dele.

Disse então a Santa Virgem ao Imperador: Vai, e ajuda o teu Deus, que está feito em

pedaços: e o demónio, que estava no ídolo, começou-se a revolver no pó da estátua, dizendo em altas vozes: Martinha, Virgem, serve de Deus, porque me lanças fora de minha casa, em que morei noventa e oito anos, e pões em pública praça minha fealdade; porque tinha debaixo de minha jurisdição quatrocentos e sessenta e dois espíritos maus, que me ofereciam cada dia muitas almas, e agora mandas-me ir ao fogo do Inferno? E fugindo o Demónio, deixava os lugares por onde ia cheios de trevas, e de ar muito negro. O Imperador então a mandou açoitar, mas os algozes que eram oito, gritavam dizendo, que eram mais atormentados do que a Santa, e afirmavam que viam quatro homens muito resplandecentes, que lhes davam todas as penas com que eles a atormentavam.

A Santa Virgem levantou os olhos ao Céu, e rogou a Deus por aqueles oito algozes, que a atormentavam, e logo desceu do Céu uma claridade sobre eles, e uma voz que disse: Pela oração de minha serve vos perdoo, e logo que a ouviram se converteram a Cristo. Mandou o Imperador, que sacrificassem aos ídolos e como não quisessem, lhes fez dar tratos e grandes tormentos até lhes rasgarem as carnes com pentes de ferro; mas vendo que nada aproveitava, lhes mandou finalmente cortar as cabeças, e assim deram a vida por Jesus Cristo. No dia seguinte mandou o tirano trazer a Santa perante si, e que a despissem, açoitassem, e sarjassem seu corpo com navalhas; mas ela apareceu tão alva como a neve, e a claridade que saía do seu sagrado corpo, cegava aos que para ela olhavam, e em lugar de sangue manava leite pelas chagas de seu corpo. Os novos algozes se queixavam também de que os Anjos os feriam e atormentavam, e que se sentiam arder em vivo fogo.

Foi no dia seguinte ao cárcere um parente do imperador, por nome Limineu, para tirar dele a Santa; mas assim que chegou, sentiu um suavíssimo cheiro, e abrindo o cárcere a viu cercada de imensa claridade, e pelo grande temor caiu-lhe em terra, e levantando-se dificultosamente, viu estar a Santa em uma cadeira assentada, e ao redor dela grande multidão de varões, vestidos de branco, e que ela tinha na mão uma tábua de ouro, na qual estava escrito: quão magníficas são vossas obras, Senhor! Todas as coi-

sas fizestes com vossa sabedoria. Voltou Limineu muito temeroso, e contou ao Imperador o que vira; mas ele atribuindo isto à arte mágica, mandou tirar a Santa do cárcere, e que sacrificasse a uma deusa chamada Archimédia. Entrando ela no templo, começou o demónio, que estava no ídolo, a dar grandes gritos, e a dizer: Ai de mim, que o fogo me persegue por todas as quatro partes do templo. Mandou-lhe a Santa Virgem, que se fosse, e ele saindo com grande estrondo, deu um trovão com relâmpago, e veio fogo do Céu que queimou os sacerdotes, e o ídolo se fez em cinzas.

Vendo isto o Imperador a mandou estender em terra, e despedaçar seus membros, e rasgar-lhe os peitos com unhas de ferro. E sofrendo ela tudo com grande constância, louvando e glorificando a Deus, mandou que a lançassem às feras, para que a despedaçassem. Soltaram-lhe um leão ferocíssimo, que havia três dias que não comia, mas vendo-a, o leão, começou a bramir, mostrando haver dela compaixão, e foi-se a ela inclinando-se a seus pés. E a Santa dizia: Resplandeceis, Senhor, em vossas virtudes, porque vejo os anjos estar ao redor de vós glorificando vossa divindade. Vendo isto o Imperador, man-

dou tornar o leão ao seu lugar, o qual arremeteu com ímpeto a Limineu e o matou; pelo que irado o Imperador, mandou acender grande fogo, e lançar nele a Santa, mas veio uma chuva do céu, que o apagou, e matou a muitos dos circunstantes.

Cuidando o Imperador que ela tinha poder nos cabelos para fazer feitiços, mandou-lhos cortar, e que a encerrassem no templo do ídolo Zeo; e daí a três dias, abrindo a porta, a acharam em grande resplendor e com ela os anjos, e feito em pó o ídolo Zeo. Finalmente mandou-a o Imperador levar fora da cidade, e cortar-lhe a cabeça, e neste tempo se ouviu uma voz do Céu, que disse: porquanto, virgem Martinha, pelejaste pelo meu nome, entra com todos os santos no reino dos Céus. A esta voz esmoreceram os algozes e morreram. Foi o seu corpo honradamente enterrado pelos cristãos no primeiro dia de Janeiro, e foi feito um grande terramoto, e crearam em Jesus Cristo dois mil e trezentos infieis. O Papa Urbano VIII mandou rezar dela a 30 do dito mês, compondo-lhe devotos hinos em seu louvor, que se rezam no seu ofício. À glória e honra de Nosso Senhor Jesus Cristo, que com o padre e Espírito Santo vive e reina para sempre.



Floricultura



Neste mês de Janeiro, que se anuncia chuvoso, continuamos a apresentar algumas noções gerais sobre jardinagem, que nos parece poderem interessar os nossos leitores. Assim, sobre árvores, neste número, seguem alguns conceitos que poderão auxiliar aqueles que cultivam o seu jardim.

IMPORTÂNCIA — A árvore é o elemento essencial da decoração paisagística. Ela dá-nos a sombra, o oxigénio que purifica a atmosfera. Sem ela jamais alguém poderá conceber o que seja um verdadeiro jardim; pelo contrário, ela, só por si, poderá constituir quase todo o interesse de qualquer espaço ajardinado.

HARMONIA E CONTRASTE — Distribuem-se com critério e arte. Procure-se harmonia na sua disposição relacionando o quadro que se propõe criar com o quadro exterior já existente; relacionando a natureza das espécies com o arranjo e o carácter do conjunto; relacionando as simpatias de forma e de cor das diferentes essências entre si.

Nos contrastes, donde há-de resultar a harmonia que se procura, devemos atender: ao seu número e à sua natureza.

Quanto ao número — aumente-se a sua quantidade com o espaço de que se dispõe, mas tome-se boa medida da sua frequência, para que, por excessivos, não fiquem apagados.

Pelo que respeita à sua natureza, regra geral, é mais para temer num pequeno espaço um número excessivo de contrastes na forma do que na coloração.

Evidentemente que são inumeráveis os contrastes possíveis. Para a sua realização convém, portanto, ter presentes os seguintes princípios:

- 1.º — Evitar a sua demasiada frequência;
- 2.º — Ser parcimonioso, principalmente quando se trata de contrastar formas; os contrastes na coloração podem ser mais frequentes;
- 3.º — Não abusar dos contrastes demasiado bruscos. E mais ainda:
- 4.º — Evitar a mistura confusa de essências não afins;
- 5.º — Evitar soluções chocantes de continuidade numa combinação de formas que se liguem graciosamente umas às outras;
- 6.º — Evitar linhas de separação duras entre dois maciços contíguos, formado cada um deles pela sua essência, e procurar, pelo contrário, a transição insensível pela penetração irregular e recíproca dalgumas plantas dum dos maciços no outro.

A NATUREZA DAS ESPÉCIES E A SUA DIVERSIDADE — Outono e Inverno — época de repouso vegetativo. Despem-se as espécies de folha caduca e para a maioria dos olhos empobrece o aspecto dos jardins — pois que o encanto desta fase nem sempre é bem compreendido... «Se, acaso, no Outono a melancolia nos invade, olhando o fugitivo perpassar das folhas mortas, não será melhor erguer os olhos cheios de esperança para os seus poderosos edifícios? Vede como são belas, e como se prolongam em abóbadas e arcarias, as avenidas dos vales, as franjas arrendadas das colinas! Cheias de majestade, elas são, ao mesmo tempo, eternas. A alegria do homem, o bem de todas as criaturas vivas, a glória da terra — não são mais do que as obras destas pobres folhas que vão deslizando suavemente diante de nós até à morte.» Assim nos disse J. Ruskin, o grande e genial inglês que teve, como raros, a religião da Arte e da Natureza.

Contudo, transigindo quanto possível com

a variedade quase infinita dos gostos, adotemos com algumas manchas sempre verdes as linhas do jardim no Inverno, distribuindo convenientemente algumas espécies de folhagem persistente. E, para tal, consideremos que é geralmente equilibrada a proporção média de 3 árvores de folha caduca para 1 de folha persistente. Como veremos mais adiante, pela contribuição doutros elementos, mais alguma coisa se conseguirá com o mesmo objectivo.

A diversidade das espécies deve ser precisamente condicionada pelo espaço de que se dispõe. Não se faça largo mostruário, para que não se perca, por confusa abundância, a unidade de conjunto. Repare-se também que um grupo de 20 árvores da mesma espécie nos dá uma noção de peso, uma afirmação de existência, que não se encontra num grupo de 20 árvores de espécies diferentes. O número de árvores de um jardim parece até menor quando a sua diversidade é excessiva e tanto mais isso se sente quanto mais pequeno, na verdade, for o seu número.

Proceda-se então assim: uma plantação em massa, com o predomínio de uma única essência, plantação que poderá ser dividida em 3,4 ou mais agrupamentos fundamentais — número variável com a extensão a ajardinar. Essa essência predominante deverá ser escolhida de acordo com o carácter do local e será ela que mais tarde contribuirá para definir a atmosfera, a personalidade do jardim.

Dominado assim o conjunto, preparada a tela sobre que há-de assentar a paisagem, só então convém proceder ao retoque dos detalhes, como seja esta ou aquela árvore de mais raro interesse, este ou aquele núcleo de floridos arbustos, a criação doutros contrastes ou pontos luminosos que nos agucem a curiosidade e para o que deverão ter a sua conta.

Além destes aspectos, e, particularmente no que respeita ao mês de Janeiro, podemos ainda informar que se semeia alecrim do norte, amaranto, azederach e azereiro, se separam as cebolinhas que estão ao pé das grandes e se metem logo na terra (bordões de S. José), se plantam estacas de baunilha, cebolinhas de açucena (se o mês não correr muito invernososo); se plantam roseiras, jasmineiras e outras flores. Podem meter-se estacas de murta e de alecrim e transplantar açucenas.

caça

«O ADEUS ÀS ARMAS»

Para o caçador «vulgaris de Lineu» cujos limitados horizontes só acidentalmente transcendem as espécies indígenas, com umas escassas caçadas às rolas, às codornizes, aos pombos e às narcejas, Janeiro, com os frios apertando e as chuvas inclementes encharcando terras e homens, bem pouco mais é do que um mês de despedidas.

São tristes adeus em que nas breves aberturas que o tempo lhes consente procuram guardar as últimas recordações para o longo período de defeso que a largas passadas se avizinha.

Nesses adeus em que o frenesi, a esperança e a nascente saudade dos bons dias, se conjugam dando-lhes alento para os derradeiros cometimentos, tudo pode acontecer.

Um sisão?, uma galinhola?, uma abetarda?... sabe-se lá.

Sabe-se lá que despedida lhes estará reservada.

Uma coisa, porém, é certa: os tiros são cada vez mais escassos, a caça mais arisca e os terrenos mais difíceis. E quando o famigerado dia 15 finalmente chega, os caçadores estão exaustos, e muito embora o não confessem, sentem radicar-se-lhe no íntimo um natural desejo de descanso que a saturação e as dificuldades determinaram. É o adeus às armas.

Mas aquilo que é fim para muitos, é menos do que meio para uns quantos (ainda assim bastante numerosos) a quem as facilidades de vida, o nível financeiro ou o tremendíssimo vício permitem manter-se na brecha alimentando o fogo sagrado, do nobre culto, a golpes de fuzil.

Para esses, Janeiro é como os outros meses, um mês de chacina.

Que lhes importa o frio, se o calor dos abafos ou dos entusiasmos lho não deixam sentir?

Que lhes importa a chuva, se os abibes se caçam nos alagadiços e as tarambolas gostam dos tempos borrascosos?

Que lhes importam os terrenos alagados, se os palmípedes se caçam na água?

Derradeiros seguidores de Santo Huberto pertinazes e incansáveis, tudo acham bem desde que possam caçar.

Esses são os «Martes» da caça, semiprofissionais da matança, fomentadores de extermínios e pilares da destruição.

Nem todos esses, claro está, que muitos há felizmente, a quem o saudável desejo de desporto apenas impele. Moderados e criteriosos, mesmo ardendo na viciosa cinegética, jamais transpõem os limites do razoável.

Mas cuidado com os outros. É dentre eles que saem os matadores, capazes de clandestinos abates de perdizes em acasalamento, do assassinio, a coberto de sebes, de bandos de abibes e outras aves, pousadas, em triste holocausto à estulta vaidade das cintadas.

É dentre eles que quase sempre saem os transgressores, que nos pessoalíssimos critérios apenas julgam que as leis só foram feitas para prejudicá-los.

«ADEM — O PATO REAL»

Chefe incontestado duma numerosa família de palmípedes, cujos representantes mais conhecidos nas águas interiores de Portugal são as marrêquinhas, as negritas, as assobiadeiras, as colhereiras e os zarros, é, pela sua astúcia e dificuldades que oferece, sem dúvida o pato real, Adem, Lavanco ou Alavanco, um dos mais belos trofeus a que um caçador de patos pode aspirar.

De corpo forte, pescoço curto, bico largo e um pouco arqueado, tem os membros posteriores relativamente curtos e inseridos a meio do corpo.

Com um tamanho médio de 66 centímetros, o macho distingue-se facilmente da fêmea, muito menos rica em colorido e em que as penas de tom pardacento dominam.

Tem os dedos compridos e a cauda arredondada com as retrizes médias frisadas e levantadas no macho.

No pato real, a cabeça e a parte superior do pescoço são verdes, o peito trigueiro e as costas dum trigueiro acinzentado com riscas esbranquiçadas.

O verde metálico do pescoço é separado do peito por uma estreita faixa branca.

As retrizes superiores das asas são verde-negro, as inferiores de um negro aveludado e as remizes, pardas escuras.

Os olhos são castanho claros e o bico, amarelo por vezes ligeiramente esverdeado.

Conquanto muitos patos façam criação nos juncais da nossa terra, o Adem é considerado em Portugal como uma ave de arribação, o que se deve sem dúvida à grande quantidade que todos os anos chega no Inverno impelida pelo determinismo migratório que as faz demandar na quadra fria

as regiões onde a invernia é mais suave, fixando-se em pântanos, lagos e alagadiços onde quer que haja juncais e canaviais que lhes forneçam protecção e alimento.

Quando chega a época migratória, reúnem-se em grandes bandos que, vindos do norte, procuram as zonas mais suaves do Sul da Europa, da Ásia e do Norte de África, fixando-se normalmente todos os anos nos mesmos sítios.

Escondendo-se entre a vegetação dos pauis e alimentando-se de tubérculos, folhas, grãos, vermes e peixes, o que fazem com a mais espantosa das voracidades, aí se defendem e por vezes procriam.

Os machos, extraordinariamente ciumentos, travam entre si terríveis combates na disputa das fêmeas.

Uma vez acasalados, tratam do ninho que constroem sempre em sítios secos, se bem que, perto da água, apropriando-se muitas vezes de ninhos desabitados.

Os ninhos dos Adens são confortáveis, feitos de ramos secos e folhas e forrados de penugem.



A fêmea põe entre 8 e 15 ovos cinzentos-esverdeados com 42 a 56 milímetros de diâmetro e cuja incubação dura de 24 a 28 dias.

O macho, ao contrário do que sucede com muitas outras aves, não participa nestes cuidados de incubação nem na criação dos filhos.

Depois da muda da pena, que é feita simultaneamente pelos machos e pelas crias reúnem-se novamente em bandos para darem início aos movimentos migratórios.

Como todas as aves, principalmente as gostosas, gordas e apetitosas, o Adem tem numerosos inimigos que lhe dão caça impiedosamente. Sem contar com o bicho homem, sem dúvida dos mais vorazes, as raposas, as lontras, os toirões e as doninhas são os seus grandes inimigos, pois fazem tremenda rasia entre os jovens e indefesos patinhos.

Quanto aos seus ovos, são devorados em astronómicas quantidades pelos gulosos ratos de água e pelos milhafres.

Os patos adultos já se defendem de outra maneira, escapando às aves de rapina, quer voando rente à água quer mergulhando.

Quando apanhados em adultos, dificilmente se sujeitam ao cativo, ao passo que criados desde pequenos entre os patos domésticos, facilmente se adaptam, chegando por vezes a acasalar-se com eles.

Como peça cinegética, o pato é, como já dissemos, procuradíssimo, podendo caçar-se das seguintes formas:

No princípio do Verão (a caça ao pato é das primeiras a abrir e a última a fechar) os patos do ano caçam-se com ou sem cães de salto nas margens dos cursos de água ou paus onde os pais fizeram ninho.

Com o Outono principia-se a caça de espera em abrigos de passagem, para o que se torna necessário aos caçadores conhecer bem os seus movimentos em todas as bacias de água que sofrem a influência das marés.

As armas usadas são geralmente as caçadeiras de tipo normal, empregando-se, contudo, neste género de caça, por vezes de bem difícil alcance, as pateiras calibre 4 ou 8 e

o canhão especial que se instala em barcos especiais e permite atirar de grandes distâncias sobre os bandos, com excelentes resultados.

Devemos dizer que, em nosso entender, o canhão deverá ser abolido das armas permitidas na caça ao pato, pois além de pouco desportivo é mais uma arma de rasia e destruição do que qualquer outra coisa.

Poder-se-á alegar que as patas procriam em número suficiente para suportar todas as rasias e que o determinismo migratório as faz sempre voltar aos mesmos sítios, não havendo portanto perigo de escassearem.

Tudo isso está certo e é muito bonito mas não invalida o antidesportivismo do canhão que, em relação aos patos, é quase o mesmo que a metralhadora seria contra as zebras, as pacaças ou os antílopes se fosse permitido o seu uso em terras africanas.

A caça ao Adem requer, por parte de quem a pratica, grande persistência, pois além de ser feita sem quaisquer espécie de comodidades, os melhores dias para ela são geralmente aqueles em que mais apetece ficar em casa.

É quando os temporais agitam as águas, que os patos mais encostam à terra, sendo portanto nessas ocasiões que os aficionados, quer escondidos num paul quer metidos no lodo dum mouchão, maiores probabilidades terão de abatê-los.

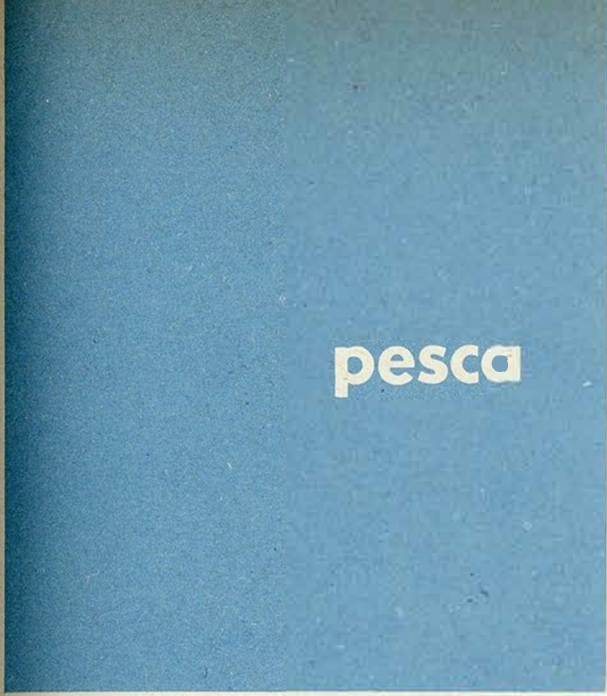
E creiam que vale a pena! Deitá-los abaixo quando passam sobre nós ou diante de nós, voando com incríveis velocidades de pescoço estendido e asas batendo rijamente é uma emoção que nesta nossa santa terrinha, em andanças venatórias, dificilmente se pode igualar.

É uma emoção que tudo faz esquecer. Frios, incómodos, trabalhos com a meticulosa limpeza das armas, e até mesmo reumatismos.

É uma emoção que nos deixa recordações para a vida inteira e que até no estalar dos ossos se avivam em toda a sua plenitude.

Ah! Este reumatismo!... Começou naquele dia em que eu caçava aos patos...





pesca

JANEIRO

mês de curtos horisontes

Janeiro é para a pesca um mês francamente mau e em que a todos os «ses» do mês que passou poderão juntar, por vossa própria conta, todos aqueles que quiserem, que nunca serão em demasia.

Sem trutas, que continuam no defeso (quimérica defesa duma saudosa recordação) sem pesca do alto, pois quando em acidentíssimas surtidas apenas poderão chegar à fala com qualquer escamudo senhor, graças a lulas vivas... e a muita sorte, os devotos adeptos de São Pedro vêem o seu campo limitado à limitadíssima pesca costeira e aos amigos ciprinídeos que em dias mornos e chuviscosos poderão por vezes dar grandes ares da sua graça.

Na costa, a sargaria continua a dar sinal de si (quando dá) e a cair com certa regularidade, quando mais não seja a poder de alcofadas de ouriço cheiroso e gostoso capaz de tentar um santo, se o santo fosse peixe e se chamasse sargo.

A sardinha velha conservada em moura também tem de quando em quando as honras de contribuir para a perdição de alguns quantos descuidados glutões.

Quanto ao resto só o marisco quando se arranja (felizmente que hoje já não é problema de maior) e quando o peixe quer comê-lo, pode ajudar-nos a passar algumas

horas batendo os pés e esfregando as mãos à beira-mar para restabelecer a circulação e afugentar o enguiço.

Quantas e quantas vezes se batem costas e praias o dia inteiro, com mares que parecem falar de peixe, com dias que convidam a apanhar peixe, com ventos que parecem puxar pelo peixe... sem que o peixe se digne sequer dar o mais breve sinal de si.

E quantas vezes (mesmo aos «científicos senhores da grande bazófia» tanto quanto aos simp'les pescadores sem pretensões estas coisas acontecem) voltamos para casa sem perceber bem ao certo qual a razão por que o peixe não estava lá... ou se estava porque não queria picar.

Seria do isco? Mas se nós usamos todos os iscos...

Seria por andar longe? Mas se nós lançámos quer longe quer perto tantas vezes quantas nos pareceram necessárias para encontrá-lo...

Seria da linha? Mas se nós usámos sempre as linhas dentro das regras que o peixe entendido, a transparência das águas e a força do vento impunham...

Seria do processo de pesca? Mas se nós pescámos com engodo e sem engodo, à baia, ao fundo, ao sentir e à amostra...

Seria por a época não ser própria para pescar? Mas se ainda ontem em piores condições de tempo, fulano que é um pescarreta, apanhou tantos e tais peixes e beltrano apanhou duas alcofadas de sargos...

E o certo é que por mais voltas que se dê à moleira voltamos para casa sem poder responder a estas perguntas.

E ficaremos sempre sem lhes poder responder, a menos que algum dos «científicos» senhores da grande bazófia tome o nosso lugar e lhes respondam:

— Sabem porque é que o peixe não apareceu e não caiu?

Por esta razão bem simples: Não estávamos lá nós.

E não tentem esquivar-se a dar-lhes crédito porque tudo quanto dizem é dogma e os dogmas são para se aceitar sem discussão.

São estes fracassos, amigos pescadores, que mais do que os sucessos acendem a nossa viciêira e nos fazem voltar sempre ansiosos pela desforra.

E nestes fracassos, podem crer que reside a mor parte da razão de ser do nosso desportivismo.



resolva o problema da cozinha
e da iluminação, na pesca, na
caça e no campismo, utilizando
os fogareiros e candeelros a
GAZCIDLA

onde
quer
que
viva,
viva
com:

GAZCIDLA

- práticos
- económicos
- portáteis





os destinos do Mês

astrologia

AQUÁRIO



De 20 de Janeiro a 18 de Fevereiro

Dinamismo dependente das amizades. — A personalidade incitará a determinadas ambições no sector mundano e nas relações com os outros.

Nos princípios do mês não haverá dificuldades na realização dos seus projectos, através das amizades. O fim do mês torna-se mais ambíguo.

Ganhos pela inteligência prática. — Os dias 10 e 26 poderão culminar os desejos de ordem financeira pela inteligência prática e pela actividade. Em redor dos dias 8 e 17, os assuntos de carácter social e mundano são favorecidos, muito embora sujeitos a algumas preocupações.

Os resultados duma colaboração são de esperar antes do fim do mês.

Dificuldades ou segredos. — O fim do mês de Janeiro apresenta algumas preocupações motivadas por excesso de personalidade ou por segredos pessoais. Os assuntos secretos terão uma certa influência durante o mês.

PEIXES



De 19 de Fevereiro a 20 de Março

Dinamismo influenciado pelo trabalho obrigatório. — A vontade de realizar encontra-se subordinada às necessidades do dia-a-dia no começo do mês. Conforme o mês for avançando as condições mostrar-se-ão melhores.

As finanças equilibradas. — Marte, que rege o seu sector de finanças, apresenta boas configurações até ao dia 13. Depois desta data, deve atender bem a todos os assuntos.

Amores instáveis. — Os pontos culminantes do mês encontram-se em redor dos dias 5, 13, 21 e 28. Os aspectos dos planetas não ajudam grandemente os seus desejos afectivos.

CARNEIRO



De 21 de Março a 19 de Abril

O idealismo e a imaginação prejudicam as realizações. — Saturno, que há meses rege o seu sector social, não ajuda a consolidação dos seus desejos, devido à sua acção estar subordinada à fantasia.

A inteligência prática resolverá o seus problemas. — Os diferentes aspectos que Mercúrio apresenta ajudarão a sua vida financeira. Os exageros ocasionarão dificuldades. Se utilizar as suas boas capacidades, as ambições encontram um bom campo na vida exterior ou no seu sector social.

O trabalho encontrará boas condições. — Satisfações do seu amor-próprio estão indicadas segundo o seu mérito, especialmente a partir do dia 21.



TOURO

De 20 de Abril a 20 de Maio

As relações com os outros e a colaboração darão bons resultados. — Venus, que rege o seu signo de nascimento, encontra-se na casa VIII solar, afirmando assim que as iniciativas pessoais não encontram necessário apoio, devido aos aspectos pouco favoráveis que se apresentam no decorrer do mês, em particular nos fins de Janeiro. Serão, portanto, os outros que o ajudarão a resolver os seus problemas.

Amores platónicos. — É a imaginação e o idealismo que acompanham a sua sentimentalidade. A partir de meados do mês, a imaginação entrará nos seus desejos afectivos, de forma depressiva. As realidades não serão aceites, a menos que a preparação individual as acolha.



GÊMEOS

De 21 de Maio a 20 de Junho

O seu dinamismo estará subordinado aos resultados alheios e ao trabalho comum. — É num trabalho de equipa que pode resolver os seus problemas financeiros. Os negócios ou trabalhos individuais estão sujeitos a alternativas que não correspondem às suas qualidades nem aos seus esforços.

A ambição de harmonia com o seu dia-a-dia. — É ainda através da sua profissão que os resultados sociais se apresentarão, naturalmente de acordo com o seu mérito. Os assuntos financeiros não encontram um clima astral dos melhores, especialmente nos dias 5, 13, 21 e 28.

Amores duráveis. — Altura favorável para consolidar uma amizade ou um amor, por-

tanto, muito boa para projectos ou realizações de casamento.



CARANGUEJO

De 21 de Junho a 22 de Julho

Ganhos pelo trabalho e dinamismo. — Urano, retrógrado, não ajuda as realizações, mas permite a continuação de assuntos que estejam em andamento. É provável que durante o mês uma certa sorte no trabalho se apresente, isto em especial por volta do dia 8. O resto do mês deve ser cuidadosamente observado, para evitar perdas financeiras.

O local de trabalho que tem as condições favoráveis. — Mesmo que os acontecimentos não se apresentem de molde a proporcionar-lhe as esperanças a que tem direito, não deve desesperar, e empregue todo o seu dinamismo e competência, sem se preocupar com os resultados. É certo que algo de favorável se apresentará, desde que saiba esperar.

A imaginação... o seu maior inimigo. — Se quiser utilizar o seu bom-senso e desde que não se entregue a devaneios, o mês não será desfavorável.



LEÃO

De 23 de Julho a 22 de Agosto

Os prazeres ou amores prejudicarão as finanças. — Desde que não exagere nos divertimentos ou em prazeres mais ou menos dispendiosos, o mês tem características favoráveis, muito em especial a partir do dia 13. Se quiser controlar-se encontrará no trabalho do dia-a-dia as condições benéficas de que precisa.

Assuntos mundanos. — A inteligência prática entrará em jogo de acordo com a acção. Tendências acentuadas para assuntos mundanos.

As ambições não encontram um tempo favorável. — As ambições sociais, dependentes do planeta Venus, não são grandemente ajudadas. A influência planetária inclina para luxo, prazeres e divertimentos. É natural que um golpe de sorte se apresente cerca dos dias 18 a 23.



VIRGEM

De 23 de Agosto a 22 de Setembro

O local de trabalho, o lar e os divertimentos ou os amores ligeiros com influência duvidosa. — Se as condições morais e profissionais não corresponderem totalmente ao que as convenções estabelecem, o período é mau. Desde que haja o sentido e a compreensão das realidades, o mês não se apresenta desfavorecido. O período mais acentuado de ordem favorável, mesmo no aspecto mundano, é entre os dias 6 e 12 e de 15 a 18.

O trabalho obrigatório e a profissão, sem alternativas. — Antes do dia 21 as condições planetárias não facilitam os seus desejos de evolução. A partir daquela data e particularmente cerca do dia 26, a inteligência prática ajuda a resolver os problemas que se apresentarem. O fim do mês é duvidoso.

Negócios cautelosos. — Desde que pondere convenientemente, pode resolver de forma favorável quaisquer negócios, especialmente aqueles em que a inteligência ou a palavra tenham lugar preponderante.



BALANÇA

De 23 de Setembro a 22 de Outubro

As finanças beneficiadas pela inteligência prática. — É em especial a configuração astral de Venus, Neptuno e Mercúrio que facilita os seus desejos de ordem financeira, em particular ao redor dos dias 8 a 12.

Amores incertos. — O fim do mês apresenta-se algo caótico. Deve aproveitar tudo que se apresentar dentro da primeira quinzena. A segunda é duvidosa, principalmente na parte afectiva.

Actividade um pouco descentralizada. — A actividade pode ser compensada, se souber aproveitar a «chance» que com certeza se lhe apresentará no princípio do mês. Esta é particularmente acentuada para quem nasceu entre 15 e 20 de Outubro.



ESCORPIÃO

De 23 de Outubro a 21 de Novembro

Dinamismo afectado pela personalidade. — Só a partir de meados do mês é que a sua ambição poderá obter alguns resultados e, isto mesmo, se a sua personalidade não estragar o bom ambiente que os planetas apresentam.

Cuidado com as expressões. — Os dias 8 a 12 podem representar boas perspectivas, assim como as proximidades do dia 26. O resto do mês deve ser bem controlado, devendo evitar-se em especial, as palavras ou actos mal ponderados.

As finanças em condições favoráveis. — O sector financeiro apresenta-se favorável, particularmente em assuntos relacionados com os outros (em redor do dia 21) e de certo modo imprevistos, relacionados com o ambiente em que vive (entre os dias 6 e 10) e com assuntos práticos ou com a própria actividade entre os dias 10 e 13.



SAGITÁRIO

De 22 de Novembro a 21 de Dezembro

Dinamismo e personalidade em jogo. — As condições do mês são extraordinariamente favorecidas desde que o seu mérito seja posto à prova. O êxito está dependente de si. Em redor do dia 21 as condições são favoráveis. A sua actividade e imaginação resolverão qualquer problema. A inteligência prática será de grande utilidade no princípio do mês, especialmente nos assuntos que visem o sector social.

A vida mundana terá relevo. — Mercúrio, transitando de signo no dia 4, pode reservar-lhe algumas surpresas de ordem financeira. A conjunção que forma com Saturno obriga a um determinado descontrolo financeiro, de acordo com a posição social.

Trabalho favorável. — O trabalho está favorecido pelos bons aspectos de Venus e Jupiter, podendo mesmo proporcionar elevação ou procuras profissionais. É necessário, porém, saber aproveitar as oportunidades.



CAPRICÓRNIO

De 22 de Dezembro a 19 de Janeiro

A inteligência e a habilidade em paralelo. — A habilidade prática e a inteligência jogarão durante o mês com possibilidades nos resultados. A actividade encontra-se num sector favorável a partir do dia 4. No dia 11 a conjunção Mercúrio/Saturno pode ocasionar aborrecimentos, críticas ou qualquer perda (objecto, etc.).

Negócios difíceis ou traiçoeiros. — As iniciativas podem ser contrariadas devido aos subordinados ou a circunstâncias estranhas. Aborrecimentos motivados por palavras, escritos ou opiniões. O trabalho pode não ter os resultados que deseja por inimizades, ou devido a esquecimentos. Os assuntos de carácter filosóficos são favoráveis.

A situação social de acordo com a personalidade. — Venus, que rege a sua situação social e a vida mundana, encontra-se em aspecto especial com o seu signo, incidindo fortemente nos segredos e nas preocupações, particularmente em assuntos especulativos e prazeres.



quirológia

Dimensões e forma das mãos

Para julgar convenientemente as dimensões das mãos, medimo-las por comparação.

O comprimento da mão normal é proporcional às dimensões do corpo, aproximadamente a décima parte da altura do indivíduo.

A medida parte da extremidade do médio até ao primeiro bracelete do punho.

A largura normal da palma da mão é 20 % mais do que a dos dedos. Por exemplo, uma palma de mão com 6 centímetros, deve possuir dedos com 5 centímetros, porque 5 cm mais 20 % (= 1 cm) é igual a 6 cm (5 + 1 cm).

Na prática mede-se a extremidade do dedo médio até à base da mão. A medida do comprimento da palma é desde a base do médio até ao primeiro bracelete.

Na mão normal a largura da palma à base dos dedos, deve ser igual ao comprimento do dedo médio.

A mão normal. — Indica uma normal constituição sob o ponto de vista físico e psíquico. É igualmente um índice de actividade e de realismo.

As mãos muito curtas indicam pessoa pouco sociável ou sujeita a cóleras.

Mãos curtas. — Dão capacidade de percepção rápida. Indicam a predisposição de passar rapidamente à acção sem preocupação de se fixar muito tempo nos pormenores.

Mãos estreitas. — Mão de comprimento normal, mas estreita, indica imperfeição na constituição física. Por exemplo, uma mulher com mãos estreitas tem, duma maneira geral, dificuldades nos partos, especialmente se as palmas das mãos são estreitas e pequenas.

Mãos compridas. — A tendência a examinar os factos em pormenor é observada nas mãos longas. Ter as mãos compridas não indica um maniaco ou um obcecado em procurar minúcias ou a aprofundar ao exagero as coisas. Não se contentará com exposição sumária ou afirmação simples sem que se explique o «como e porquê».

Mãos muito compridas. — As mãos muito compridas são o contrário das mãos curtas. Indicam quase sempre uma pessoa maniaca ou lenta a agir. Ocupar-se-à exageradamente dos detalhes, a ponto de perder de vista o principal objectivo. Dificilmente toma decisões e, quando as toma, é ao final de numerosas hesitações ou largas e numerosas reflexões.

Esta mão também pode caracterizar astúcia e dissimulação.

Se a mão for longa e ao mesmo tempo estreita, revelará, além dos defeitos assinalados, uma pessoa pouco sociável, egoísta e mesmo déspota.

As pessoas egoístas, avaras, irritáveis têm normalmente as mãos longas e estreitas com dedos magros e nodosos.

Mão «elegante». — A mão elegante tem dedos lisos e sem defeitos revelando amor para tudo que é belo e que tenha bom fim. Denota também aversão à vulgaridade.

Dedos pontiagudos. — Se a mão «elegante» possuir dedos pontiagudos pode ser característica de uma natureza sonhadora e imaginativa.

Mãos ou dedos tortuosos. — As mãos de dedos tortuosos ou defeituosos, (desde que seja de nascimento e não por doença ou acidente) indicam um carácter pouco direito ou rígido. Indicam também vulgaridade.

Consistência das mãos. — A mão magra (não confundir com as mãos estreitas ou longas) revela dúvida e desconfiança, e por vezes excessos de cálculo ou de prudência.

Podem anunciar igualmente egoísmo e avareza.

Mãos gordas. — A mão gorda indica, duma maneira geral, uma tendência para «deixar correr as coisas», pouco gosto para a luta e falta de resistência com pendor para vida tranquila de conforto, bem-estar e prazeres.

Mãos duras. — Desde que não pertençam a trabalhador, cujo trabalho manual as endureçam pelo esforço natural, indicam actividade, combatividade, sem que todavia haja indiferença pelos prazeres finos pois indicam uma constituição vigorosa e grande vitalidade. Designam pessoa realista e pouco imaginativa, muito embora não seja desprovida de inteligência ou de capacidade para executar trabalhos intelectuais.

Mãos grossas ou espessas. — A mão grossa tem aproximadamente os mesmos atributos da mão dura. Dá tendência para gostos materiais quer para trabalhos quer para exercícios físicos e muito raramente para trabalhos intelectuais.

Não se deve confundir a mão grossa com a mão gorda. A espessura é devida a grossura, pois que se não fosse espessa seria mole.

Mão mole. — Esta mão não foi talhada para trabalhos manuais ou exercícios físicos. A pessoa que possua mãos moles não possui grande vitalidade nem uma constituição de vigor excepcional.

É normal no trabalhador intelectual e no imaginativo e no sonhador.

Na sua maioria, poetas, romancistas, escritores, em geral, possuem mãos moles, particularmente se se dedicarem a obras de carácter mórbido.

A moleza da mão indica quase sempre falta de ambição e preguiça.

O colorido das mãos. — Se o comprimento das mãos deve ser proporcional às dimensões do corpo, a sua cor deve também ser tomada em consideração pela comparação da pigmentação geral da epiderme.

Mão castanha. — A revelação desta mão indica um espírito dominador, voluntarioso e ambicioso. Terá força de vontade e personalidade e firmeza nos desejos e nas ideias.

Mão branca. — Esta mão indica a tranquilidade e a calma. O esforço e a luta não são as características que dominarão. A falta de força de vontade e por vezes pouca firmeza de carácter são as principais revelações.

Dá preferência aos prazeres. Tendências luxuriosas ou preguiçosas. Gostos assaz materiais.

Mão branca e rosada. — As mãos brancas e rosadas são a revelação das tendências das mãos brancas mas no que se refere a uma existência luxuosa, calma e tranquila.

São pouco activas, mas o carácter é mais firme do que nas mãos brancas. Gostam pouco de esforços ou de lutas. As mãos brancas e rosadas são também um índice de boa saúde, bondade ou bom coração.

Mão vermelha. — Desde que não sejam excessivamente vermelhas, estas mãos indicam uma pessoa activa e confiante no futuro, apaixonada, instintiva e impulsiva, podendo por isso ser também um indicativo de impaciência, combatividade e audácia.

Mão muito vermelha. — Todo o excesso é nocivo, por isso esta mão revela má saúde e, fatalmente, segundo os casos, dará um carácter de harmonia com essa saúde defeituosa.

As mãos muito vermelhas indicam irritabilidade, preguiça e insociabilidade.

Mão amarela. — A mão amarela denota ponderação e paciência. Não é instintiva, impulsiva e impaciente como a mão vermelha. Sabe calcular, ver os prós e contras e agir depois de madura reflexão.

A indicação principal é a astúcia, o mistério e a subtilidade. É, ao mesmo tempo, sensível, artista e impressionável. Segundo os casos, esta impressionabilidade pode ser excessiva e conduzir facilmente ao desencorajamento e mesmo ao pessimismo.

Mão amarela escura. — Esta mão é índice de egoísmo, avareza e orgulho. Denota também um temperamento colérico, astuto e mesmo mau.

morfo- -fisionomia

Recapitulando:

Os rostos redondo e oval: São influenciáveis.

Os rostos quadrado e rectangular: São enérgicos.

O rosto comprido: É sensível.

O rosto triangular (vértice para baixo): Exaltação psíquica no bom e no mau sentido.

A FRONTE

Uma grande testa é vulgarmente interpretada como sinal de grande inteligência. Isto nem sempre está certo.

A testa corresponde às capacidades intelectuais, mas a sua configuração é que forma o todo:

A largura indica a **qualidade**.

A altura determina essa **qualidade**.

Uma testa convexa (abaulada), profunda com um rego mediano no sentido horizontal é **prova de atenção ou de reflexão**. Em certos casos indica **indecisão**.

Este caso dá-se quando a cor, a forma, o espaço entre os olhos, os gestos e as palavras estiverem em desacordo.

Há **testas curtas** que indicam indivíduos inteligentes, desde que a largura compense.

Testa em trapézio: Revela espírito positivo.

Testa proeminente: Observação (são também característica dos indivíduos biliosos).

Testa estreita, com arcada das sobrancelhas muito desenvolvida: Brutalidade; violência.

Testa oval de pouca altura: Pode indicar degenerescência. Tendências criminosas.

BOSSAS

Bossa frontal: Música ou cálculo.

Bossa no lado superior da testa à frente das têmporas: hipersensibilidade (nos poetas e músicos, é frequente).

COR DA TESTA

A **testa pálida** revela tristeza, concentração interior ou o **início duma doença**, quando não é normal no indivíduo.

A **testa vermelha:** indica perturbações digestivas.

Entre **pálida e vermelha:** Nervosismo e emotividade.

Amarelada: Carências orgânicas. Se outras condições o confirmarem, pode indicar doenças crónicas ou tumores malignos.

MAXILAS

As maxilas têm um grande valor nos estudos morfo-fisionómicos.

Maxila larga: Indica tenacidade e energia. Dá a possibilidade da acção, tal como os rostos quadrados.

Se um rosto é alargado — especialmente se a zona mediana é comprida — indica sensibilidade e sentimentalidade.

Se o queixo é pontiagudo e estreito e se os olhos são doces ou ternos, aquela sentimentalidade não se comporta duma forma lógica.

As maxilas inferiores retraídas — desde que não seja um caso patológico — indicam instabilidade, puerilidade, falta de moral, etc.

Se a maxila inferior é avançada: Indica hiperactividade (sob o ponto de vista clínico) da glândula hipófise. Fora do campo patológico: Brutalidade; egoísmo; maldade.

FACES

Faces redondas, carnudas: Dão o tipo alegre, despreocupado e frívolo. Por vezes indicam o tipo pletórico, sensual.

Faces magras e secas: Revelam o tipo cerebral. Duma maneira geral indicam dificuldades do sistema nervoso, hepáticas ou fraqueza das funções intestinais.

Os artistas e os indivíduos de carácter passional têm o rosto magro.

As pessoas austeras têm também o rosto neste género, porém, a parte mediana do rosto (que indica a actividade) não é dominante.

As caras enrugadas: Excesso de actividade nervosa, e se os ossos são salientes, predisposição para doenças do peito.

As caras vermelhas depois das refeições indicam dificuldades digestivas.

As caras pálidas e frias: Fraca vitalidade.

Caras brancas: Anemia.

Caras amarelas: Indicam doenças hepáticas ou carências orgânicas, doenças crónicas ou tumores malignos.

As covas do rosto, medianas: Indicam desejos de prazer. Estas covinhas num rosto feminino dão uma característica sedutora e qualidades de observação.

PESCOÇO

Um **pescoço fino** é indicio de fragilidade e de sensibilidade. Se for em extremo é sinal de susceptibilidade. Desde que a «maçã de Adão» esteja saliente (o que se verifica mais nos homens do que nas mulheres) atribui-se

o facto a saúde medíocre ou falta de combatividade, mas dá atenção e minuciosidade no cumprimento dos deveres.

Pescoço largo e curto: Indica força física, instintos sexuais ou natureza congestiva. Tendência a apoplexia ou a cóleras bruscas.

O **pescoço entumescido** na base pode ter por causa um estado patológico. Duma forma geral as pessoas com estas características — quer tenham ou não a doença de Basedow ou outra — são impacientes, sensuais mas inteligentes, artistas e sensíveis.

Este entumescimento pode dar, sob o ponto de vista psicológico, um temperamento diametralmente oposto desde que haja insuficiência da glândula tiroideia (bócio). A pessoa sentir-se-á sem sorte mas de forma doentia. Dá preguiça, especialmente nas crianças.

Proeminência média entre a base e o queixo: Pode ser interpretada como sinal de voluptuosidade.

AS RUGAS

As rugas são o resultado da minica e das contracções musculares devidas a expressões costumadas.

As rugas reflectem os pensamentos profundos e contínuos, obsediantes, por vezes.

Quando se pretende fazer um esforço de memória aproximam-se as sobrancelhas e rugas verticais aparecem entre elas.

Rugas transversais e horizontais: As rugas transversais são, quase sempre, sinal de velhice. Referem-se ao sistema endócrino.

As rugas verticais mais ou menos profundas são marcadas normalmente nos intelectuais.

As rugas horizontais indicam (excepto no caso de velhice) que o indivíduo não tem capacidade para reacções ou actos enérgicos.

As rugas profundas e irregulares dão a imagem dum homem um pouco irregular, com quem não se pode contar completamente, especialmente se as faces são redondas, as pálpebras tombadas e o queixo fraco.

As rugas do rosto são algumas vezes dependentes da idade, porém, verifica-se que as pequenas rugas que partem do fim dos lábios, se levantadas, dando a ideia de que o indivíduo se está a rir, indicam tendências ao bom viver, ou pessoa alegre.

Se, pelo contrário, as **rugas descem**, indicam melancolia ou pessoa meditativa.

As rugas verticais são totalmente dependentes das diferentes configurações dos rostos.



a mosca

«ALBERTINA» OU «O INSECTO-INSULTO» OU «O QUOTIDIANO RECEBIDO COMO MOSCA»

O poeta está só, completamente só.
Do nariz vai tirando alguns minutos
De abstracção, alguns minutos
Do nariz para o chão
Ou colados sob o tampo da mesa
Onde o poeta é todo cotovelos
E espera um minuto que seja de beleza.

Mas o poeta é aos novelos;
Mas o poeta já não tem a certeza
De segurar a musa, aquela
Que tantas vezes arrastou pelos cabelos...

A mosca Albertina, que ele domesticava,
Vem agora ao papel, como um insecto-insulto,
Mas fingindo que o poeta a esperava.

Quase mulher e muito mosca,
Albertina quer o poeta para si,
Quer sem versos o poeta.
Por isso fica, mosca-mulher, por ali.

— Albertina!, deixa-me em paz, consente
Que eu falhe neste papel tão branco e insolente
onde belo e ausente um verso eu sei que está!
— Albertina, eu quero um verso que não há!...

Conjugal, provocante, moreno e azulado,
O insecto levanta, revolteia, desce
E, em lugar do verso que não aparece,
No papel se demora como um insulto alado.

E o poeta sai de chofre, por uns tempos desalmado.

ALEXANDRE O'NEILL

NO REINO DA DINAMARCA

A MOSCA animal nosso inimigo

Mosca é o nome vulgar dado a várias espécies de insectos dípteros, nomeadamente musca doméstica Lin (*Mosca doméstica*) e outras de aspecto semelhante.

Supomos que não haverá nenhum leitor deste Almanaque que não tenha visto pelo menos uma mosca.

O escuro, feio e sujo insecto, ao qual os rapazes do Liceu arrancam as asas, conhece todos os episódios da nossa vida, espia-nos nos mais íntimos momentos, alimenta-se nos nossos alimentos ou no que deles ficou.

Vector por excelência do agente da febre tifóide a mosca é susceptível também de nos transmitir outras doenças.

A sua incomodidade é tão notória que o povo designa certos estados de aborrecimento pela expressão: *estar com a mosca.*

Na China, graças a uma hábil campanha sanitária, foram há anos as moscas completamente irradiadas.

AS MOSCAS DE SAPOR

Pelos fins do séc. IV, Sapor, rei dos persas, veio cercar a cidade de Nisíbia na Mesopotâmia. A cidade supôs-se perdida. À sua volta a distâncias certas, foram erguidas, por hábeis engenheiros, altíssimas torres. Duzentos mil homens a pé, trinta mil cavaleiros e trezentos elefantes foram repartidos por diferentes pontos, à volta das circunvalações; as águas do rio Magdua que banhavam a cidade foram mesmo desviadas do seu leito.

Todo este aparato bélico foi destruído pelas moscas. Porque, no momento em que os habitantes da cidade se julgavam perdidos, um vento suão, trouxe consigo nuvens de moscas que escureceram o ar e cobriram a terra por todos os lados. Milhões de insectos, num repente, se introduziram nas orelhas dos cavalos, nas trombas dos elefantes e começaram a picá-los vivamente, causando-lhes dores tão insuportáveis que os animais quebraram ré-

deas e brida e, possessos, correram por todos os lados derrubando e esmagando os soldados. A desordem foi tal em todo o campo, que Sapor se viu obrigado a fugir com um quarto apenas do seu exército, que escapara ao massacre.

AS MOSCAS DE S. BERNARDO

Conta-se que na abadia de Voigny perto de Laon, havia um dia tão grande quantidade de moscas no ar que, pelo barulho que faziam, impediam os monges de orar a Deus. Vendo isto, S. Bernardo excomungou os insectos, que caíram mortos, tendo coberto em tão grande número o pavimento da igreja que foi necessário removê-los com pás.

Este milagre provocou tal emoção entre os assistentes, que a maldição das moscas de Voigny se encontra num provérbio francês.

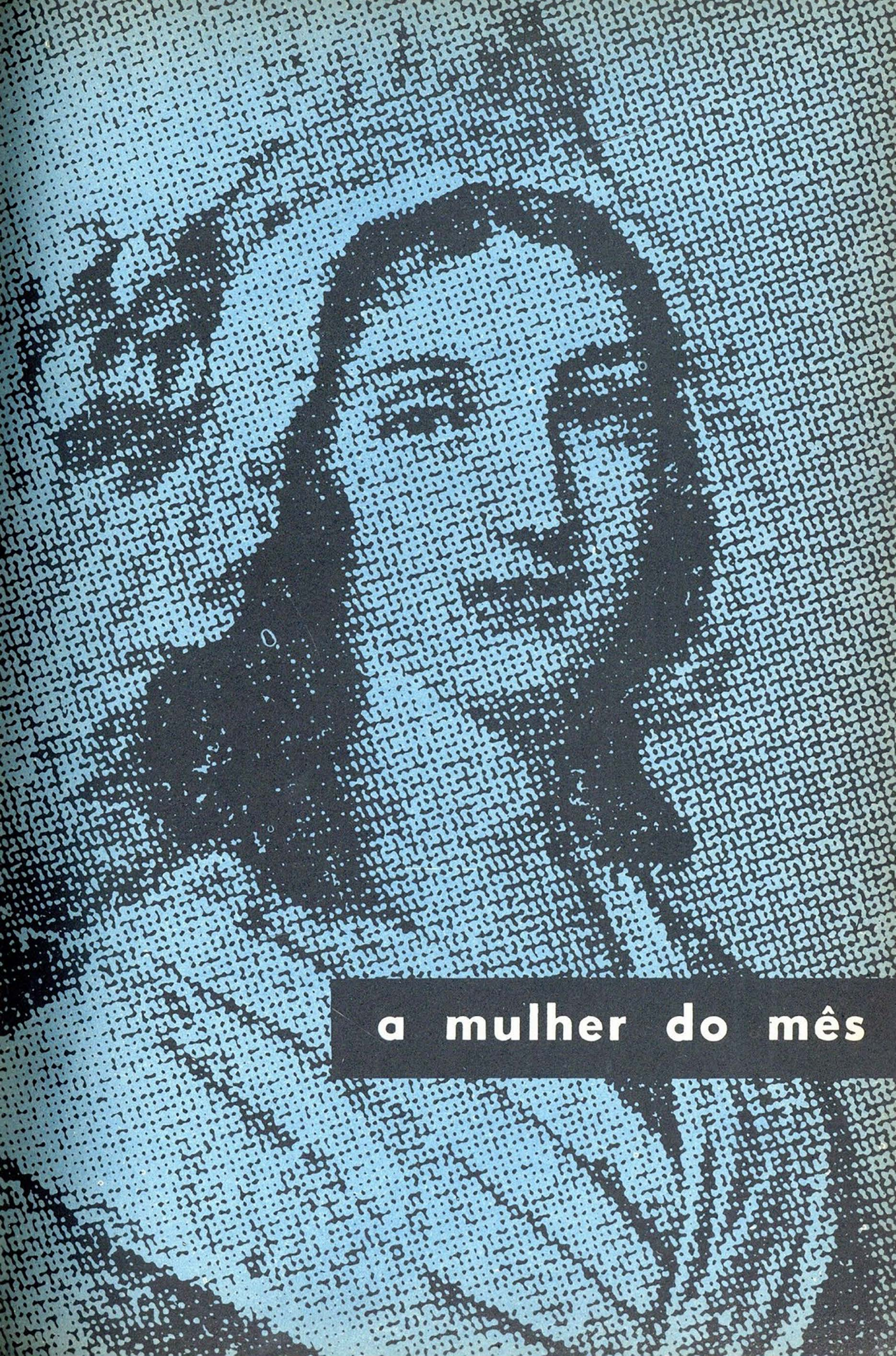
O maior prazer do imperador Domiciano era fechar-se sozinho no seu gabinete e apanhar moscas. Um senador romano que, um dia, queria falar ao imperador, perguntou se estaria com ele mais alguém:

— Nem uma mosca! respondeu Vibius Cuspis.

Esta graça custou-lhe a vida.

Uma mosca introduziu-se no nariz do imperador Antroco Epifânio e fê-lo morrer de espirros. A que caiu no copo do Papa Adriano VI, sufocou-o.

Segundo Gaston Boisuer, um bispo de Nápoles teria mandado construir uma mosca-robot de arame que amestrada como um cão, impediu durante oito anos que as moscas entrassem na cidade e contribuíssem para a putrefacção das carnes.



a mulher do mês

CARLOTA CORDAY

O grande tribuno estendeu um pouco as pernas dentro da água tépida da banheira para relaxar mais os músculos naquele cómodo conforto, o melhor momento de descanso que restava à vida agitada que os últimos anos o forçavam a levar. Com a esponja deixou cair alguma água sobre os ombros e o peito. Reclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. A temperatura morna, os músculos distendidos, o silêncio da casa, ajudaram-no a abandonar-se um pouco, a deixar-se possuir por uma paz que se tornava cada vez mais rara nos dias turbulentos que, entre sangue e lágrimas, iam construindo o futuro da Europa, libertando os oprimidos do jugo secular dos opressores, estabelecendo a base das sociedades modernas. A mão que apertava agora molemente a esponja assinara já, nesse ano, centenas de condenações à morte, o cérebro que vi-

terra donde regressara em 1790. O seu jornal, o «Amigo do Povo», atacara, com a máxima violência, todos os despotismos, todos os vestígios da antiga época monárquica. Quando da prisão de Luís XVI em Varennes a sua atitude tornou-se ainda mais extremista: critica acerbamente os Girondinos, une-se a Danton, torna-se administrador da Comuna de Paris e é eleito deputado à Convenção Nacional nas eleições de 9-IX-1792. Pela sua pública denúncia ao traidor Dumouriez, de quem, antes de mais ninguém suspeitou, e sobretudo pelos ataques aos Girondinos, a Convenção levou-o ao tribunal revolucionário que em Abril de 1793 o absolveu.

A absolvição, recebida com alegria pelo povo, aumentou o seu prestígio e a sua popularidade. E, cada vez mais, o grande tribuno, atento às coisas da justiça e da revolução, zelava pelos interesses do seu povo.

nos meandros da revolução francesa

sionava a felicidade sobre a terra para todos os humildes tivera que descer a macabras maquinações para que a grande obra não fosse interrompida.

Marat, Jean-Paul, de cinquenta anos de idade, médico pela Universidade de St.º André, na Escócia, publicista e político, antigo servidor do conde de Artois, irmão mais novo de Luís XVI, de quem fora assistente clínico, descobridor de um remédio contra a tísica e autor de um opúsculo em que se atacavam as doutrinas de Newton sobre a propagação da luz, governava agora os destinos de França.

Desde sempre os problemas sociais o tinham preocupado, desde sempre para eles procurara solução. Ainda durante a monarquia, por duas vezes fora objecto de perseguições e contra ele tinham sido passados mandatos de captura. Exilara-se para Ingla-

Todos os traidores eram punidos com a morte, todos os hesitantes vigiados severamente.

A obra não podia parar, a obra que modificaria a face da Europa, que aniquilaria os usos corruptos da antiga ordem. E, para não parar, os olhos tinham que estar alerta e a mão firme na execução dos desígnios.

Os Girondinos, tornavam-se-lhe dia após dia mais suspeitos, pela moderação exagerada que ameaçava comprometer de vez a Revolução. E a Guillhotina, exacta e afiada, ia separando dos corpos respectivos as cabeças em que Marat suspeitasse menor adesão aos grandes princípios.

«A felicidade é, a partir de agora, possível, na Europa» dissera uma vez. E para essa possibilidade se transformar num facto todos os meios lhe pareciam justificados. Nesse 13 de Julho, que amanhecera quente,

dentro da água tépida da banheira, o amigo do povo, para uns, o déspota sanguinário, para outros, afagava lentamente com a esponja o corpo fatigado e envelhecido, de olhos semicerrados, tranquilo por um momento na agitação constante da sua vida.

UM ESPÍRITO PURO

Em 27 de Julho de 1768, nascera, em Caen, Marie Anne Charlotte de Corday d'Armont que a História ficaria conhecendo pelo nome de Carlota Corday. A sua infância decorreria tranquila, numa família pobre mas nobilíssima, a sua educação num colégio de religiosas fora das mais esmeradas; como muitas raparigas da sua idade, aprendera de nova a ler os clássicos gregos e latinos e os modernos da época: particularmente os enciclopedistas que seguramente, inteligentemente, impiedosamente iam desenvolvendo as antigas ideias e construindo a nova filosofia: Helvetius, Condillac, Diderot, d'Alembert, Rousseau, Voltaire, entre tantos outros. E os romancistas: Marivaux, Prevost e recentemente ainda o escandaloso e cáustico Choderlos de Laclos.

Carlota, aplicada e estudiosa, todos lera e de todos aprendera a lição: quando a Revolução estalou ela foi uma das suas primeiras e entusiastas partidárias. Seguiu de longe os debates travados quando da reunião dos três Estados, a fuga e prisão do Rei, mas progressivamente, à medida que os extremistas se iam apossando do poder, fora-se desgostando. Os ideais que sonhara, onde o seu espírito se fora alimentando, via-os (ou julgava vê-los) traídos e mistificados. E quando os montanhese tomaram o poder e Marat se tornou o seu chefe, Carlota Corday julgou os princípios da Revolução perdidos e, lentamente, foi germinando no seu espírito um plano que longamente hesitou em realizar.

Muitas vezes, já de luzes apagadas, meditou, depois de tomada a decisão, nas vantagens e inconvenientes do seu propósito, nos direitos que lhe assistiam de o executar. E ia deixando passar os dias. Mas a sua intensa fé republicana (nascida decerto por uma reacção às ideias monárquicas dos pais e dos irmãos, emigrados em Inglaterra), fé temperada na adoração dos heróis de Corneille, seu bisavô por parte da mãe, e no Brutus, de Voltaire, foi mais forte que os conselhos da prudência.

E um dia, tendo obtido em Caen passaporte como se procurasse emigrar para Inglaterra, partiu para Paris. Durante o trajecto, impertubável no seu porte nobre e vagamente hierático, não falou senão o mínimo necessário com os companheiros de viagem — que certamente reparavam naquela jovem de tão alta beleza e tão sereno semblante.

Chegada a Paris, a discípula do enciclopedista, a neta do autor do mais belo dos «Cids» não perdeu tempo: escreveu a Marat uma carta em que lhe pedia audiência para lhe fornecer importantes informações que devia conservar, até essa altura, secretas. E no dia 13 de Julho de 1793 dirigiu-se a casa do tribuno.

A BELA E O MONSTRO

As horas de repouso de Marat eram tão poucas nos últimos tempos que a sua governanta (e amante) se opôs primeiro à visita da jovem Corday.

— O senhor Marat está descansando e não recebe ninguém.

Carlota insistiu. A governanta também. Carlota elevou a voz — e nesse momento Marat, do banho, ouvindo a altercação, agrado talvez com o timbre de voz da jovem cidadã, gritou que a mandassem entrar e, quando ela lhe disse das revelações secretas que tinha a fazer-lhe, Marat mandou sair a governanta e os dois ficaram sós.

— Cidadã Corday, disse Marat, a Revolução agradece todas as informações que possam ajudá-la a continuar o seu caminho e a libertar-se daqueles que por timidez ou por compleição não ousam trilhar o caminho justo.

Dissera isto numa voz baixa, um pouco cansada, com a cabeça curvada para a frente e com a esponja espargindo molemente água sobre os ombros.

Carlota começou então a pormenorizar uma conjura que lentamente ia inventando: que em Caen, a sedição alastrava e, por inteiro acaso, ela viera a ser posta ao facto das manobras de alguns conjurados. E enquanto falava, examinava pela primeira vez o «monstro», o «sanguinário» o «déspota».

O monstro, visto de perto era menos impressionante do que ela supusera — estava magro, os ossos afloravam quase a pele branca e envelhecida. Não a fitara uma única vez,



mas a cabeça curvada, de males salientes não tinha aquele ar decidido ou maldoso que Carlota tantas vezes lhe arbitrara. E, com o punhal metido no vestido, Carlota ia demonstrando a narrativa, hesitando agora quando tudo parecia já tão simples, quando ocultara de todos o seu projecto; quando obtivera o salvo-conduto e passara as várias barreiras de guardas, quando lograra mesmo triunfar da oposição da governanta, e se encontrava agora diante do objecto do seu ódio — deixara subitamente de o sentir.

O homem magro e nu continuava a espalhar água com a esponja e exigia mais pormenores, na mesma voz segura mas cansada, baixa, um pouco triste. (Os olhos, pensava Carlota para se dar força, os olhos devem ser temíveis, deve ser nos olhos que toda a maldade se concentra...).

Foi enunciando vagamente nomes supostos, devagar, com esforço.

— Então, cidadã?

E pela primeira vez Marat voltou a cabeça e a fitou.

Deuses da Grécia! O olhar do tribuno era ingénuo e claro como o de uma criança.

A mão de Carlota que, dentro das pregas do vestido apertava já o cabo do punhal, desfaleceu.

Marat demorou nela os olhos lípidos que brilhavam na face irregular e bexigosa.

— Então, cidadã?

Penosamente, ela recomeçou o lento enunciar dos nomes supostos e o tribuno de novo baixou a cabeça fatigada.

Era este então o sanguinário Marat... Este o homem que arrastara a França para um mar de sangue e de lágrimas, o déspota cuja vontade fazia vergar os ânimos mais extremos; o homem que ela lentamente fora aprendendo a odiar.

E, por momentos, pensou em acabar à pressa a narrativa, em ir-se embora, em fugir. A mão soltou o cabo do punhal.

— É tudo cidadã?

Num esforço final, Carlota balbuciou ainda alguns nomes enquanto repetia intimamente: É preciso, é preciso, não posso iludir-me. E num instante (quando precisamente a face de Marat se voltava de novo para ela), não viu mais nada, não ouviu mais nada, não disse mais nada. Uma mão, (seria bem a sua?) pegou no punhal e cravou-o até ao fundo no peito do tribuno. E quando despertou desse segundo, foi para receber nos olhos o último olhar de Marat — um olhar de espanto e de incompreensão, que demorou o tempo da cabeça lhe tombar sobre a borda da tina.

OS FACTOS FAZEM A HISTÓRIA

O resto é conhecido. Presa imediatamente, condenada à morte e executada três dias depois, Carlota escreveu na prisão uma carta ao povo francês e recusou indignadamente a opinião expressa por alguns de que o seu acto fora consequência de um momento de loucura.

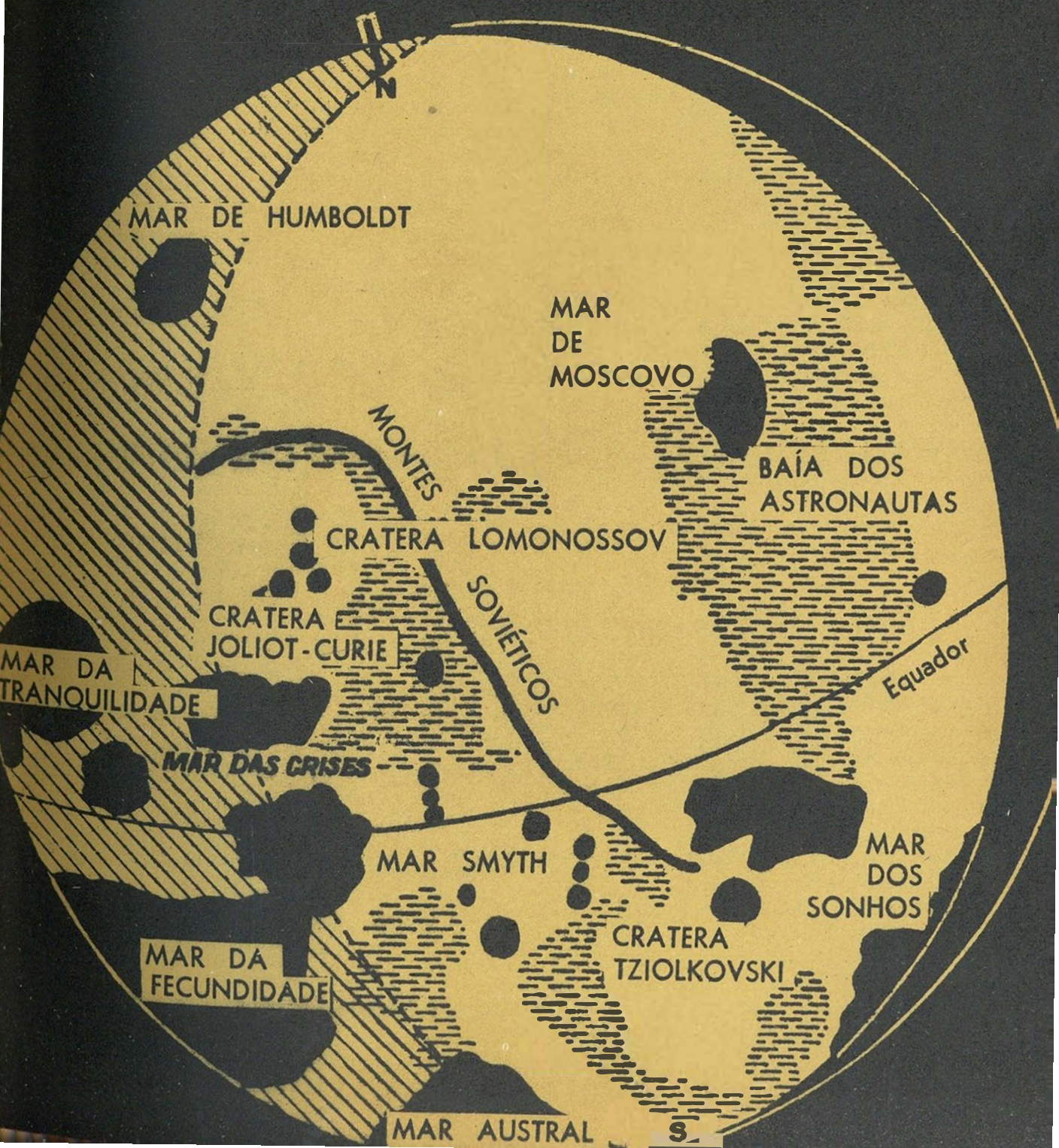
O Destino cumpre-se, mesmo quando é amargo — e os grandes feitos precisam de grandes razões. A neta de Corneille, admiradora de Brutus não podia alterar as suas convicções em dez minutos. Tivera um Fado a cumprir e cumprira-o como nas antigas tragédias. Aos vinte e cinco anos a sua bela cabeça rolou no patíbulo entre os apupos de muitos e o silencioso espanto de alguns.

Mas tudo isto pertence já à História que se conhece dos compêndios e das enciclopédias — e que o tempo vai lentamente transformando num pó sem peso e sem cor.

Simples acumulado de factos objectivos e concretos, ligando um ao outro para sempre, dois nomes já sem rosto.

A LUA

essa conhecida...



**o homem foi criado para viver
na Terra, jamais viajará
pelo Universo
— disse um grupo de sábios
em 1951**

Em 1951 um grupo de sábios publicou uma declaração onde se dizia: «O homem foi criado para viver na terra e não para viajar no Universo». Não há dúvida que esses sábios perderam uma boa oportunidade de ficar calados... De resto, muito mais previdentes haviam sido Roger Bacon em 1249 e Albulo Magno em 1280. Tanto um como outro tinham admitido a possibilidade das viagens espaciais. E Júlio Verne? E Wells?

E, no entanto, os tais sábios que não acreditavam na possibilidade das viagens interplanetárias não falavam no ar.

Para vencer a atracção da gravidade seria necessário que o veículo espacial atingisse a velocidade de 25.000 k/h. Quem, em 1951, acreditaria ser possível atingir uma tal velocidade? Só um louco...

Felizmente que a História tem sempre ao seu dispor uma reserva de loucos... Nenhum ser vivo podia suportar tais velocidades, não era verdade? Pois bem: oito anos depois, macacos, ratos e cães viajavam pelo espaço e regressavam cheios de saúde!

ANTES DO FIM DO SÉCULO...

Em 1956 houve um novo congresso de sábios e de novo se discutiu a possibilidade de o homem ir até à Lua. Alguns deles eram os mesmos de 1951, mas tinham mudado de ideias. Houve quase unanimidade neste ponto: o homem chegará à Lua antes do fim do século.

Cinco anos tinham bastado para que os sábios mudassem de opinião...

Admitida a possibilidade do homem chegar à Lua, pergunta-se: mas que procura ele? E a pergunta é tanto mais perturbadora quanto é certo sabermos, há muitos anos já, quase tudo que se refere àquele satélite da Terra. E não admira: desde a pré-história

que o homem observa a Lua. Que a observa e estuda...

Os sacerdotes da Caldeia sabiam prever os eclipses da Lua, o que significa que conheciam os movimentos daquele astro. Em todo o caso, muitos anos se passaram antes que os aperfeiçoamentos da óptica permitissem a Galileu as suas revolucionárias observações.

Os primeiros homens a pisar a Lua não terão grandes surpresas. Eles conhecerão palmo a palmo o terreno e saberão como agir.

Suponhamos que o projectil acaba de alunar. Abrir-se-á então uma porta e, pela escada descerão dois ou três homens envergando fatos especiais com escafandros de oxigénio. Essa indumentária defendê-los-á da falta de pressão atmosférica e do frio ou do calor, consoante for noite ou dia. As temperaturas diurnas e nocturnas variam entre 100 graus positivos e 150 negativos. De noite, os astronautas verão brilhar no céu uma lua gigantesca de superfície branca e muito brilhante. Pensarão na família, nos amigos que estarão a viver ali... Porque esse astro é a Terra!

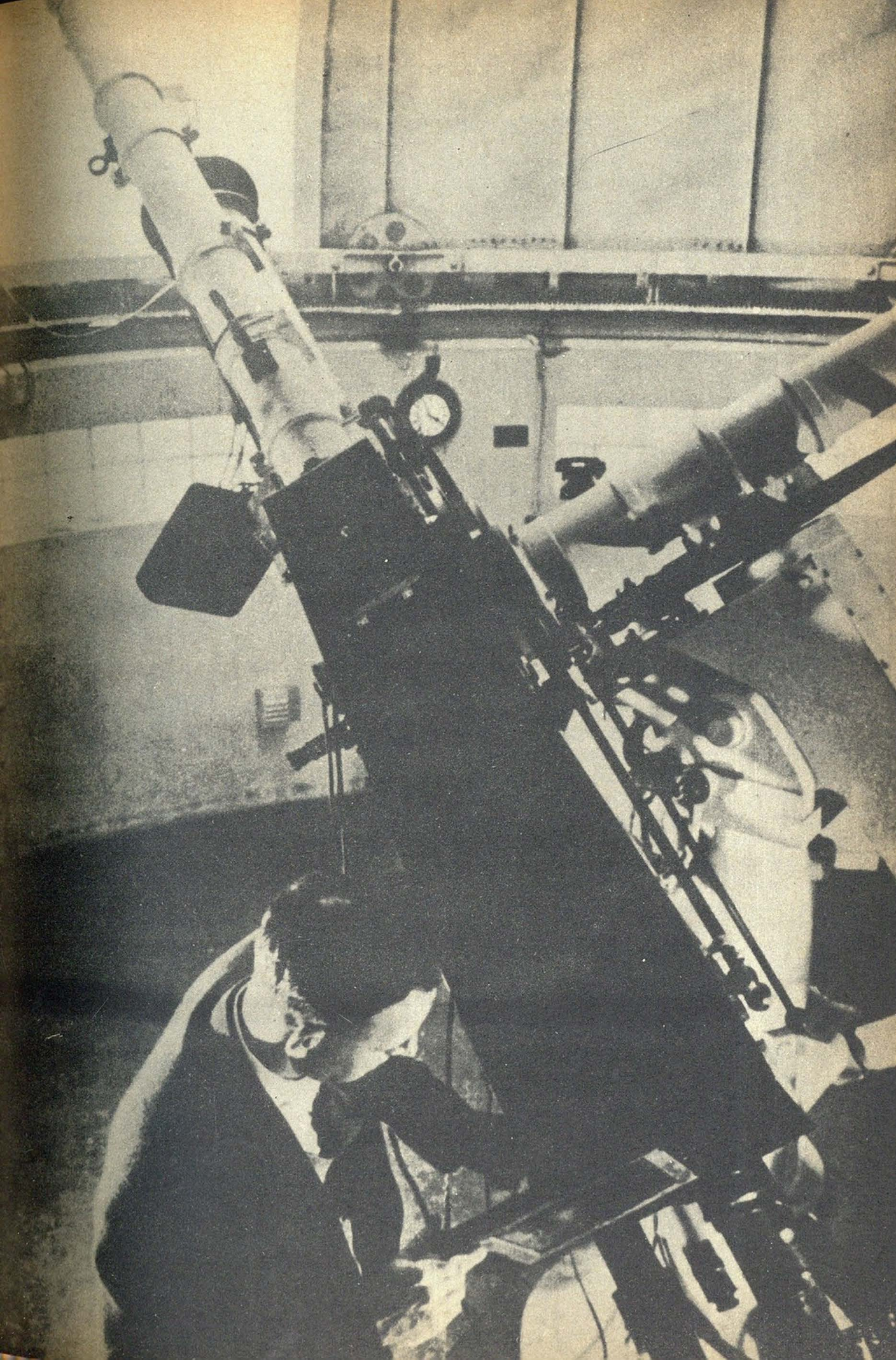
CURTOS HORIZONTES

Os visitantes da Lua verão também grandes montanhas e profundas crateras. Quando caminharem para reconhecer o terreno verão que surgem velozmente novas paisagens e novas montanhas enquanto desaparecem as que ficam para trás. A explicação é fácil: o horizonte da Lua está a menor distância que o da Terra, pois a Lua é muito mais pequena que aquela.

A importância do relevo terrestre é avaliada em relação ao nível do mar. Mas a Lua não tem superfície líquida e, assim, a altura dum pico lunar corresponde sempre à sua elevação, a partir do solo que a rodeia. É portanto muito difícil comparar os níveis superficiais da Lua e da Terra. Em todo o caso, como a Lua tem um diâmetro menor do que a Terra, pode dizer-se que é proporcionalmente mais acidentada do que o planeta em que nascemos.

CARÊNCIA ABSOLUTA DE HUMIDADE

Os primeiros viajantes lunares não perderão tempo à procura de água. A carência de



humidade é absoluta e os famosos mares da Serenidade ou da Tranquilidade são apenas planícies... Mas então para que lhes chamar mares? — dirá o leitor. A explicação não é difícil: vistas através de telescópios de fraco poder, essas superfícies pareciam grandes lagos tranquilos...

E as crateras? Como se explicam?

Numerosas teorias têm sido propostas. Vulcões extintos? Borbulhas gigantescas resultantes da solidificação do magma? Consequências do bombardeamento de meteoritos vindos do espaço? A atmosfera destrói a grande maioria dos meteoritos que se dirigem para a Terra, mas com a Lua não poderá suceder o mesmo. De facto, a Lua é desprovida da atmosfera salvadora...

Alfred Wegener provocou num laboratório condições muito semelhantes às do bombardeamento da Lua por meteoritos e concluiu que era essa a explicação justa das crateras lunares.

O «RECORD» MUNDIAL DE SALTO

Mas, com tudo isto, quase nos esquecemos dos nossos viajantes. Ah, eles bem precisam de que pensemos neles! Basta dizer que pesam a sexta parte do seu peso normal na Terra. E são verdadeiros campeões — embora não sejam atletas. De facto, podem bater todos os «records» de salto, mas tanto na subida como na queda, parecem filmados ao retardador.

Quanto tempo poderão permanecer na Lua esses viajantes? Isso depende da quantidade de oxigénio armazenado na nave espacial e da frequência maior ou menor com que se precipitam no solo os meteoritos. O risco de que a Lua esteja sujeita a uma chuva de pedras é grande, na verdade. Em todo o caso — dizem os sábios — os viajantes poderão abrigar-se num grande túnel que supõem ter descoberto junto duma cordilheira montanhosa. Este túnel foi aberto — pensam eles — por um gigantesco meteorito.

Além disso, os homens estarão sujeitos a intensas radiações de raios cósmicos e solares.

MUNDO DE SILÊNCIO

O nosso satélite é um mundo de silêncio, onde não existe o mais pequeno cheiro. Esse

mundo de sonho percorre uma órbita elíptica cujo ponto mais próximo está a 220.000 milhas e cujo ponto mais afastado se encontra a 253.000 milhas. O diâmetro da Lua é quatro vezes mais pequeno do que o da Terra; a sua superfície é catorze vezes menor.

A Lua pesa oitenta e um quatrilhões de toneladas.

Embora absorva quase toda a luz que recebe do Sol e a transforme em calor, a Lua reflecte, ainda assim, a luz suficiente para que possamos tirar boas fotografias. Quanto à Terra vista da Lua, ela brilhará quarenta vezes mais!

A rotação da Lua é muito lenta. Assim, o dia lunar é igual a catorze dias da Terra e a noite é igual a catorze noites terrestres.

Mas, apesar de todos os nossos conhecimentos sobre aquele satélite, há um problema que ainda não pôde ser decifrado. Qual a origem das franjas claras que se estendem em todas as direcções a partir de algumas crateras? Essas franjas medem vários quilómetros de largura e, ao que parece, não têm nenhum relevo!

VALERÁ A PENA?

Mas se a Lua é inabitável e oferece poucas possibilidades ao homem, porque pretendem os sábios alcançá-la? Um cientista norte-americano deu quatro razões fundamentais:

1.^a — A Lua é um bom trampolim para ir até outros planetas.

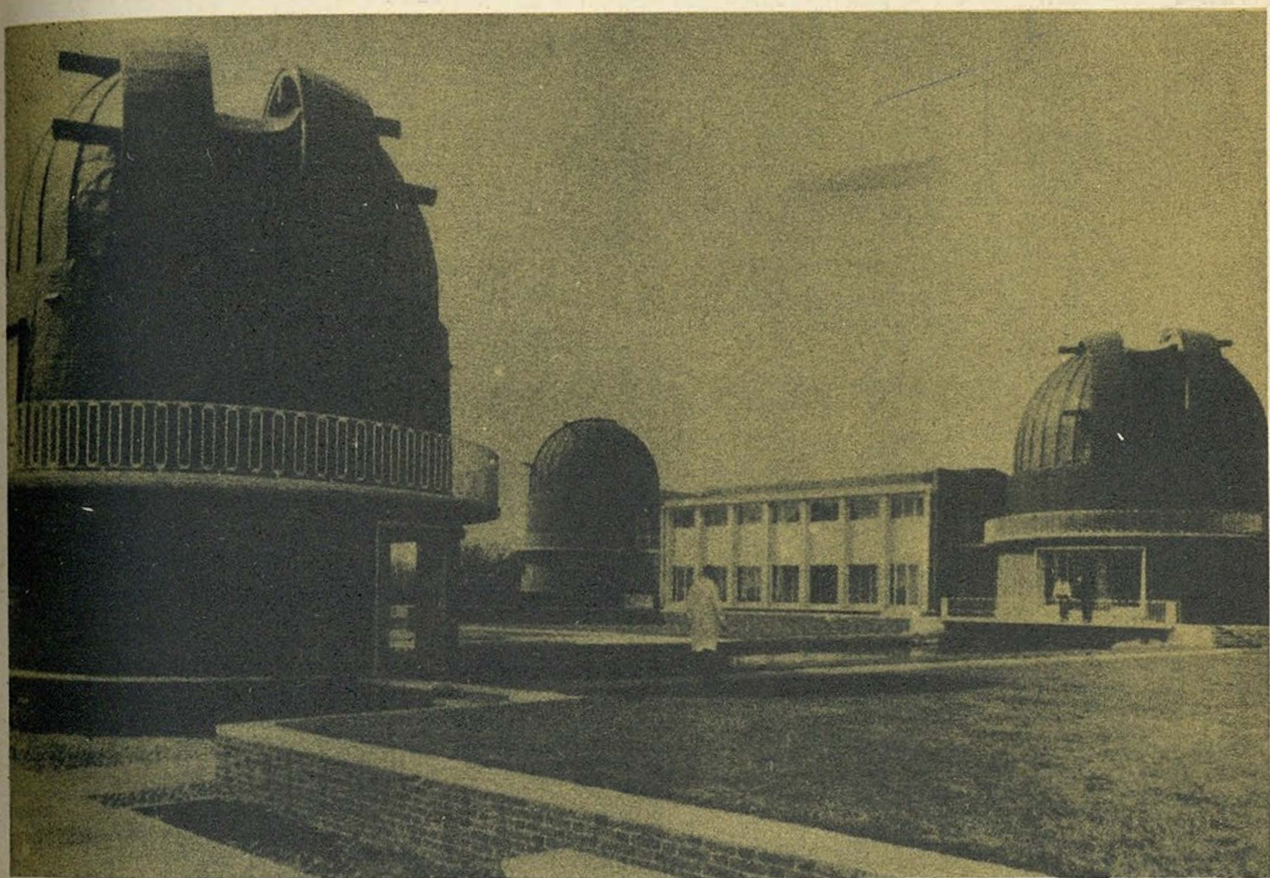
2.^a — Poderiam ser lá colocados grandes telescópios que permitissem um aprofundamento dos nossos conhecimentos do Universo.

3.^a — Instalação de uma estação meteorológica para prever o tempo e de uma estação de T.V. que alcançasse toda a Terra.

4.^a — É muito possível que a Lua seja um reservatório de diamantes e de outras pedras preciosas... É também muito possível que a Lua se torne no futuro o celeiro da Terra...

A OUTRA FACE...

Dissemos, no princípio, que sabíamos quase tudo acerca da Lua. Quase tudo... E no entanto, há poucos meses ainda, o bicho-homem desconhecia a outra face da Lua. E entre as muitas hipóteses sugeridas havia



esta: a parte encoberta daquele satélite estaria coberta por uma densa vegetação...

Enfim! Até esse mistério está agora em vias de solução. Possuímos já uma fotografia e — vamos lá! — não se pode dizer que a Lua tivesse muitas razões para esconder a outra cara. Não será muito bonita, mas não lhe fica mal. Nem todos os astros podem ser fotogénicos, não é?

As conclusões dos sábios soviéticos são as seguintes:

- A face invisível da Lua comporta uma grande quantidade de crateras com altitudes muito diversas.

- Os «mares» são em número muito reduzido.

Pergunta-se: porque são as duas faces tão diferentes? Alexandre Markov formulou já as seguintes hipóteses:

- As flutuações de temperatura durante os eclipses provocaram profundas fracturas no solo lunar. Essas fracturas são mais numerosas na face visível porque, durante o eclipse, é essa face que deixa de ser iluminada e aquecida pelo Sol. As fracturas acham-se na origem dos «mares».

- A atracção da Terra está na origem das

«marés» do subsolo lunar. Essa atracção exerce-se mais directamente na face vista da Terra. Essas «marés» provocam também numerosas fendas.

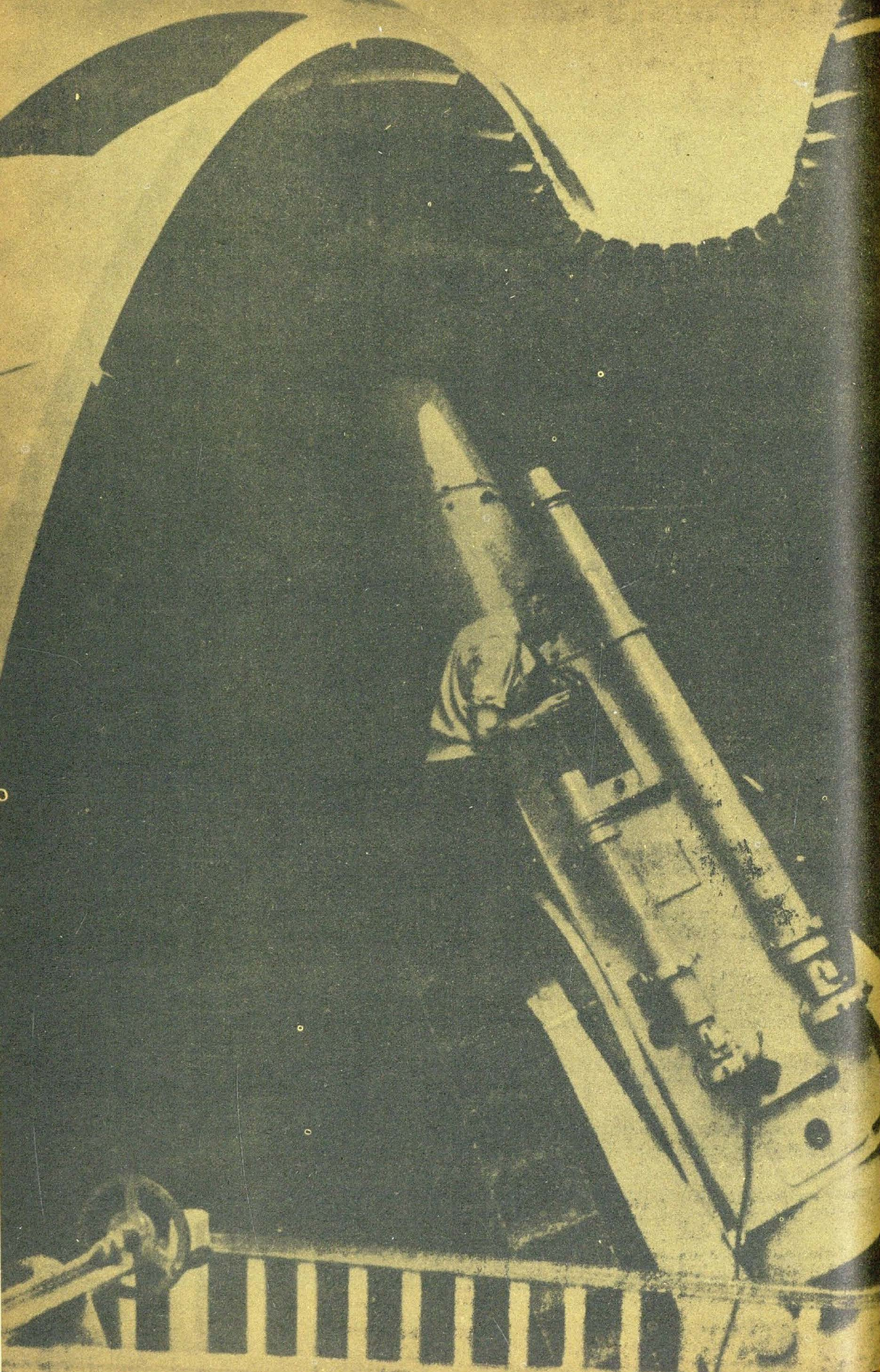
- A Terra serve de barreira entre a Lua e os meteoros. Isso explica que caíam menos meteoros nesse lado do que no outro.

O PROBLEMA DA ORIGEM

Qual a origem da Lua? Será verdade que ela já fez parte da Terra? A afirmação de que os terrenos duma e doutra são da mesma natureza não nos esclarece. Fica de pé a possibilidade de a Terra e a Lua terem saído, cada uma por sua vez, da mesma nebulosa.

Apesar disso os partidários de que a Lua é filha da Terra continuam numerosos.

Alguns astrónomos supõem que a Terra e a Lua nasceram ao mesmo tempo como massas gasosas que se solidificaram muito perto uma da outra, mas de forma independente. Depois, e a pouco e pouco, ter-se-iam progressivamente afastado. Por fim, o astro de menor peso ver-se-ia obrigado a girar permanentemente em torno do maior.



JÚPITER ENTRA EM CENA

Suponha-se agora — diz-nos um grupo de astrónomos — que um asteróide de grandes proporções se aproxima da Terra com uma órbita semelhante à dos satélites artificiais lançados pelo homem. Num dado momento essa grande rocha será definitivamente capturada pela Terra. As probabilidades de que tal tenha acontecido são mínimas, talvez, mas quem sabe...? Esta tese explicaria também a origem de todos os outros satélites que povoam o sistema solar. O facto de dois dos onze satélites de Júpiter girarem em direcção contrária aos outros e ao movimento de rotação do astro, demonstraria esta tese.

Mas Saturno sugeriu também uma interessante hipótese que permite imaginar a génese dos planetas e dos seus satélites.

O célebre anel de Saturno, ao que parece, é afinal um satélite em formação. O fenómeno teria começado há muitos milhões de anos, quando Saturno era ainda uma nebulosa cujas partículas, em estado gasoso, estavam sujeitas à gravitação e à rotação. As partículas gasosas tornaram-se fluídas, pouco a pouco, e condensaram-se até adquirir uma consistência pastosa. Então, devido à força centrífuga, constituiu-se um anel cujas partículas adquiriram uma consistência sólida. Virá o momento em que esse anel se desprenderá do astro para constituir um satélite que girará em torno de Saturno. O mesmo teria sucedido com a Terra e a Lua...

Segundo George Howard Darwin, a origem da Lua seria outra. Um líquido, desde que não seja demasiado fluído, submetido a um movimento de rotação provoca umas protuberâncias que acabam por se separar da parte principal. Darwin determinou laboratorialmente o tamanho dessas protuberâncias em função da densidade do líquido e do tamanho da esfera em que se acha situada.

A Lua teria surgido dessa maneira. A Terra, ainda em estado líquido, submetida a um rápido movimento de rotação, ter-se-ia dividido em duas partes.

A CONTROVÉRSIA PICKERING-DARWIN

Segundo a teoria de Darwin, a Lua tem a mesma idade que a Terra. William Pickering opôs-se a essa ideia, dando assim origem a uma violentíssima polémica que apaixonou o mundo científico dos princípios do século.

Pickering afirma que a Lua foi arrancada da Terra. A grande fossa do Oceano Pacífico teria sido provocada pela «fuga» da Lua. Deste modo, o nosso satélite seria o mais jovem de todos os planetas do sistema solar.

Para outro cientista, Bergquist, a formação da Lua resulta dum choque entre a Terra e um pequeno planeta.

Suponha-se — diz ele — que há vários milhões de anos se deu esse choque. Suponha-se que o planetóide tocou a Terra, obliquamente, entre a linha do Equador e a Austrália e que tomou a direcção da Terra do Fogo até atingir o estreito de Drake e perder o contacto com a Terra no Pólo Sul. Uma grande parte da crosta terrestre teria sido revolvida, claro está. Parte dessa crosta terrestre ter-se-ia separado posteriormente.

OBJECTIVO: A LUA

Mas a época do conhecimento definitivo da Lua aproxima-se.

O Lunik, graças aos instrumentos científicos com que estava equipado, obteve uma fotografia da outra face da Lua e muito mais do que isso, certamente. É possível que os sábios russos já saibam neste momento se a Lua tem ou não um campo magnético e qual o número aproximado de meteoritos com que se cruzaria uma nave espacial que seguisse em direcção ao nosso satélite.

Para concluir: certos resultados obtidos pelos satélites artificiais confirmaram as teorias existentes; outros, pelo contrário, negam-nas.

Mas não chegou ainda o momento de formular hipóteses novas. Em todo o caso, esse dia está perto. O aperfeiçoamento das técnicas de investigação da Lua prometem-nos muitas surpresas.



o filme do mês



O MARIDO DESCONHECIDO

Um filme da Metro Goldwyn Mayer

escrito e produzido

por Karl Tunberg

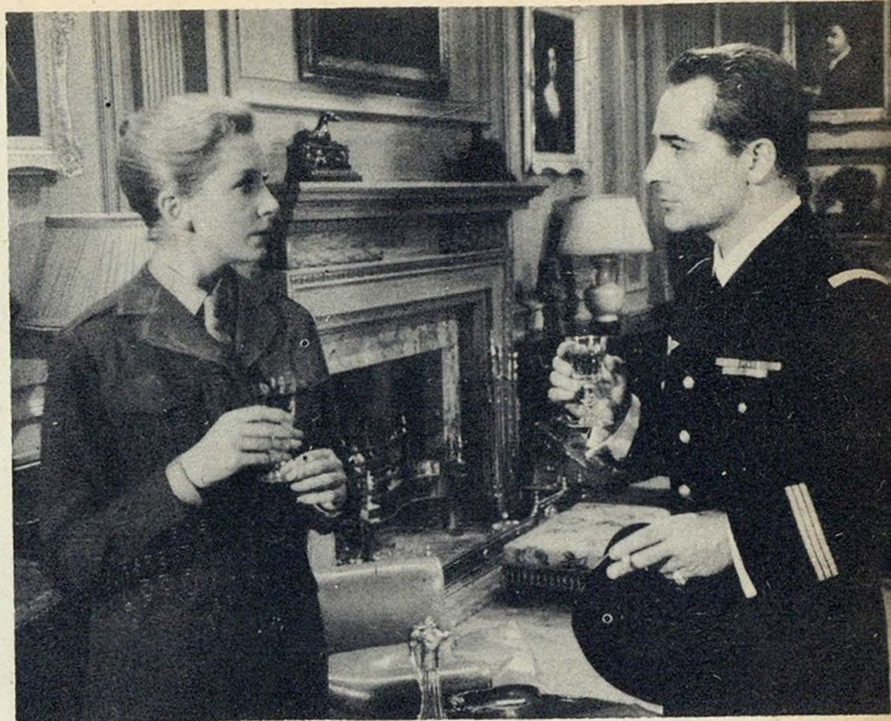
realizado por Jean Negulesco

com : Deborah Kerr

Rossano Brazzi

Maurice Chevalier

nos principais papeis



Em Londres, durante a guerra, o capitão Charles de Volhubert (Rossano Brazzi), em gozo de licença da Força Aérea Francesa, visita Grace Allingham (Deborah Kerr), para lhe levar notícias do noivo, combatente no Egito.

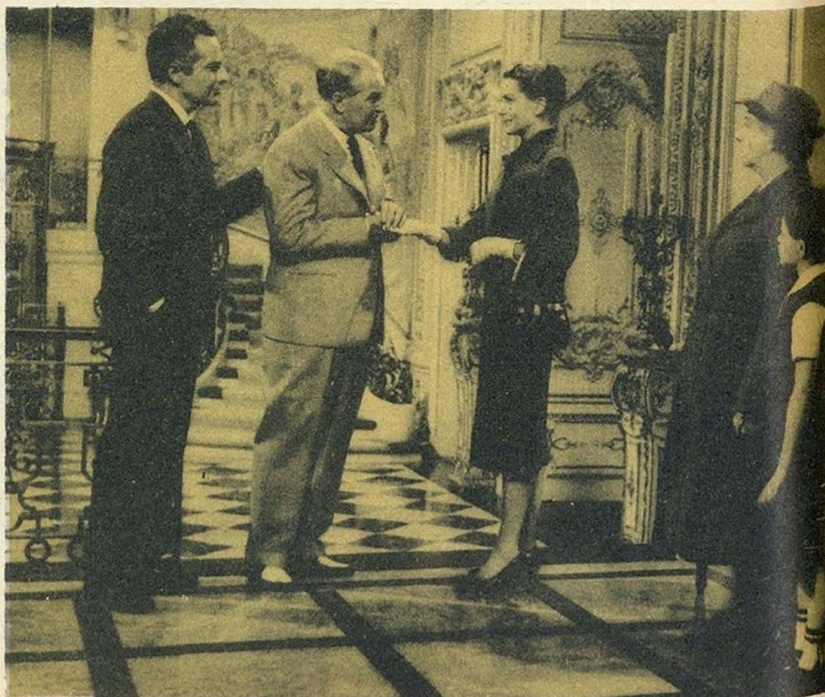


Entre eles, porém, começa a desenvolver-se um romance. O papel de mensageiro vai sendo substituído pelo de amoroso. E finalmente casam. Mas a lua-de-mel é curta pois Charles deve regressar à sua esquadrilha. Ele parte. E vão passar-se nove anos, de guerra e paz, antes de Charles poder voltar a ver a mulher.

Charles regressa.
 O filho, Sigi, (Martin Sephens)
 não o conhece
 — e a própria mulher
 também o conhece mal.
 Da parte do filho
 manifesta-se uma certa rebeldia.
 O pai é um intruso
 que vem prejudicar
 a sua intimidade com a mãe.



Em Paris, por onde passam
 a caminho do Liechtenstein,
 aonde vão em segunda
 lua-de-mel, Grace é apresentada
 ao Duque de St. Cloud
 (Maurice Chevalier)
 tio de Charles.

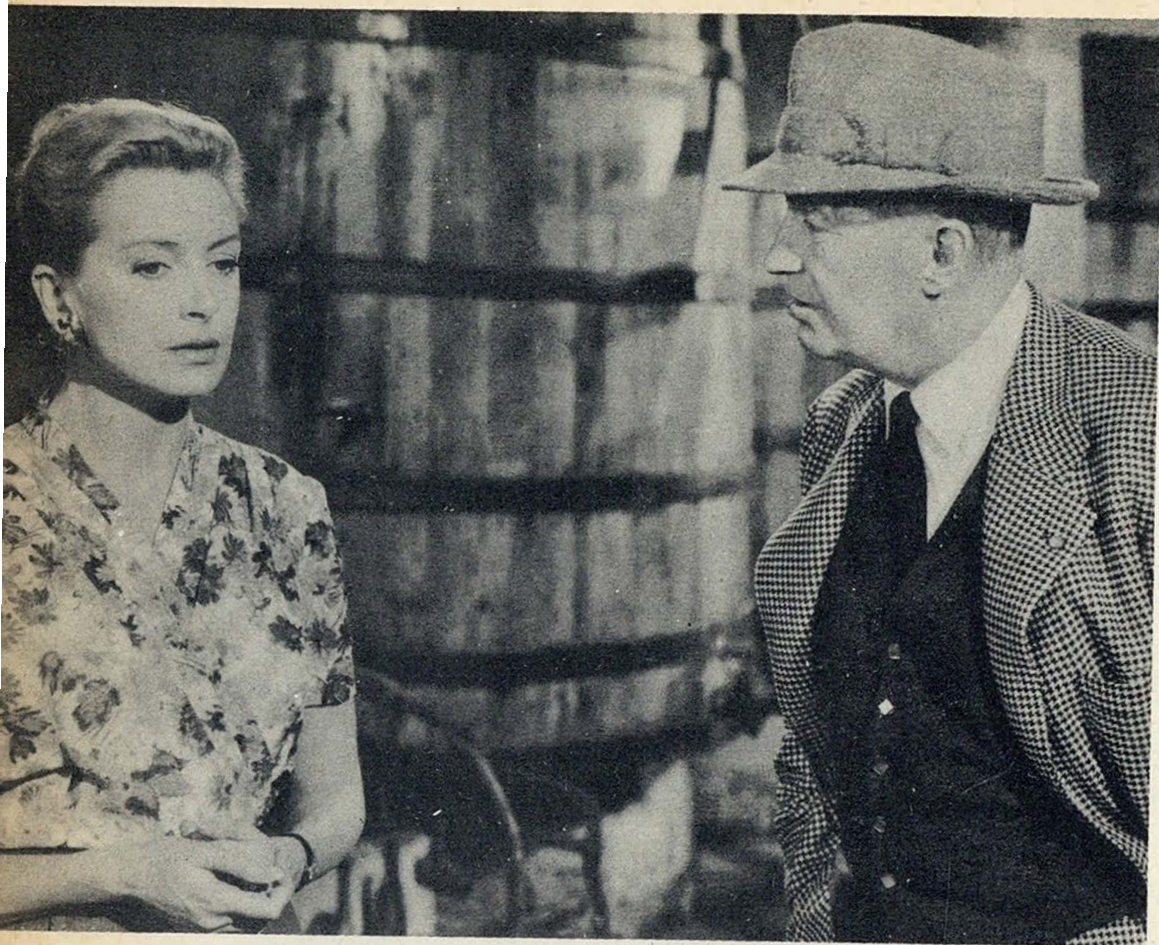




No Liechtenstein a lua-de-mel
é cortada por um sarampo
que apanha pai e filho.

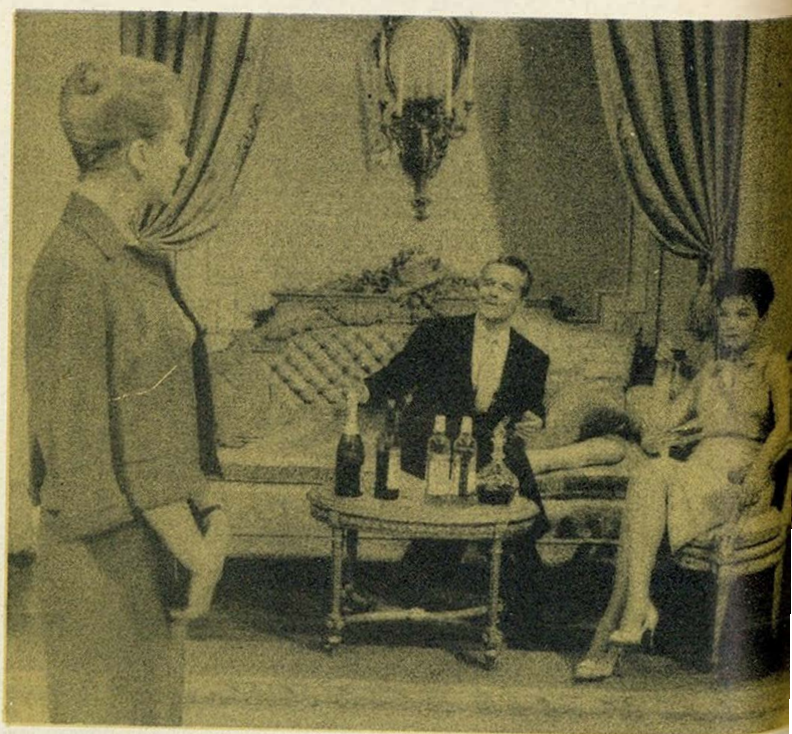


Em Paris,
onde se estabeleceu, Charles
continua a sua vida
de irremediável conquistador,
e sua mulher dificilmente
se adapta a esta situação.



O duque de St. Cloud
tenta convencê-la de que Charles
tem um temperamento francês
difícilmente modificável
e que a sua vida
extramatrimonial
em nada modifica
os seus deveres de esposo.

Durante uma visita
a um museu de família,
Grace surpreende o marido
com mais uma rapariga
que ele afirma
ser sua secretária.
Esta é a gota de água
que faz transbordar o copo.
E Grace parte para Londres
com Sigi.



Sigi beneficia com esta situação.
 Quando está em Londres
 é mimado pela mãe.
 Quando em Paris, pelo pai.
 E contribui
 para aumentar a discórdia.
 St. Cloud percebe a psicologia
 da criança e esta,
 julgando descobertas
 as suas manobras, foge de casa.



Grace regressa de Londres
 com o antigo noivo.
 Após momentos de angústia
 Sigi é encontrado
 em cima de uma estátua.
 Intimidado a descer
 discute com os pais
 e insiste em que fiquem unidos.
 E ante o espanto
 e o aplauso do público
 cantam todos a Marselhesa.
 Grace e Charles
 percebem que ainda se amam
 e decidem reconstruir
 o seu matrimónio.



ANTIQUÁRIUM

*onde
se fala
de relógios*



«Relógio: tu és o próprio tempo,
os teus sentidos são o teu pêndulo.»

— Silesius

Nada mais fácil do que medir o tempo mas nada mais difícil do que medi-lo bem. Hoje, que a teoria dos quanta e a mecânica ondulatória nos dão fracções incrivelmente

«microscópicas» como $\frac{1}{10^{24}}$ do segundo, po-

demos olhar o passado, contemplar a Pré-história dos relógios com a vara tosca espetada na areia e concluir que as idades do homem correspondem às idades desse instrumento caprichoso e fascinante chamado relógio.

MÁQUINA DE SÍMBOLOS, GOVERNO DA TERRA

Sem o rigor alcançado na medição do tempo, teria sido impossível chegar a qualquer dos resultados admiráveis da ciência actual. Espaço e tempo são duas variantes fundamentais da física clássica e da existência do homem. A todo o momento, os psicólogos e os sociólogos de hoje falam de nervosidades causadas pelo ritmo (quer dizer pela velocidade, pelo tempo) da vida moderna. A todo o momento, os cientistas se debruçam sobre equações de tempo, velocidades de radiações, etc. A chegada à Lua depende também do relógio, como a duração do homem e o seu estado de espírito, dependendo do ritmo social da vida, são controlados pelo relógio. No ciclo das marés, na alternância dos dias e das noites, no pulsar do sangue e na geração de uma criança no ventre materno, está uma unidade de tempo. O dinossauro tem o seu **segundo** histórico — uns 70 a 100 milhões de anos, de acordo com a unidade do sistema descoberto pelo Homem — o «Livro dos Mortos» dos egípcios baseou-se numa fracção bem mais simples e mais rude — o dia e a noite — e a lei de Einstein-Langevin uma unidade de tempo incrivelmente complexa e ínfima. Cronos, de século para século, apresenta as suas metamorfoses...

Governado pelo tempo, o homem inventou-lhe um juiz, o relógio, a máquina que divide a existência. Começou pelos gnomons, rudes aparelhos inventados pelos caldeus e cujo princípio é o da sombra projectada pelo bordão que o viandante crava no chão. O Museu de Berlim conserva um fragmento de

um destes aparelhos, datado de 1500 anos antes da era de Cristo.

Do gnomon, Anaximandro da Grécia passou ao quadrante solar e aí começam as primeiras meditações científicas sobre a sucessão dos dias e das noites, das declinações e das distâncias estelares de que há memória. Dias e noites, luz e trevas... O fetichismo, a magia e as superstições apoderam-se do tempo. Aparecerão depois as simbologias, desde a máscara feroz de Kala, um deus que nos rituais primitivos javaneses incarna o Tempo, à célebre designação de **Time machine** empregada por H. G. Wells e explorada por Norman Mailer nos **Nus e Os Mortos**. A literatura clássica desenvolve as suas ilações admiráveis sobre o Tempo, e o Génesis descreve a admirável aventura da criação numa esquadria precisa de unidades (1.º dia, 2.º dia, 5.º ou 7.º dias). Por seu turno, a Arte reflecte desde a primeira hora a presença do tempo medido. Uma iluminura do século XV representa o **Relógio da Sabedoria** com as suas engrenagens harmónicas, simbolizando a erudição escolástica; Dürer, em gravuras como **Melancolia**, alegóricas a estados de espírito do homem, introduz um abundante número de elementos rigorosos — compasso, volumes geométricos e a ampulheta; as virtudes morais são simbolizadas em função do tempo e existe uma alegoria mural, datada do século XV, representando o **Relógio da Temperança**. A hora das virtudes tinha o seu emblema, a Morte, aparecendo de foice e de ampulheta, exhibia as duas grandes ameaças da existência. Juízo e Tempo têm assim uma antiquíssima parceria, como demonstram as representações medievais dos julgamentos públicos. A Razão, isto é, o Direito, depende do relógio de areia.

O tempo literário também tem evoluído. O ensaísta inglês Bates definiu o «tempo da **short story**» e têm-se escrito (Butov, por exemplo) páginas e páginas sobre o tempo de acção romanesca, sobretudo depois de Proust. Mas onde o relógio, propriamente dito, desempenha um papel de presença mágica é nos textos e nos quadros surrealistas em que a representação obsessiva desses elementos se reveste de certo satanismo onírico.

A CERA E A ÁGUA FAZEM O TEMPO

Medir o tempo com o auxílio da luz solar tinha sido conseguido. Faltava inventar um processo que permitisse fazer o mesmo nas



trevas ou no interior das habitações. No século IX, o novo herdeiro dos relógios naturais aparece nos aposentos de Alfredo o Grande, rei da Inglaterra. Muito simples, um autêntico ovo de Colombo (*avant la lettre*): velas calibradas de modo a durarem exactamente uma sexta parte do dia.

Mais engenhoso, mas infinitamente mais complicado, foi o «relógio da luz» concebido pelo árabe Al Jazari. Tratava-se aqui de uma vela dividida em 13 secções iguais, marcadas com um alvéolo onde se instalava uma pequenina esfera. Como a duração total da vela estava calculada para 13 horas, acontecia que o pavio, ao fim de cada hora, consumia o alvéolo e libertava a esfera nele colocada que, caindo no castiçal em que estava colocada a vela, anunciava a passagem de uma hora. O relógio de cuco e os carrilhões tiveram no árabe Al Jazari o seu Viriato das conquistas primárias.

Não se sabe hoje se Colombo ou Vespúcio, ao chegarem às Américas, atentaram suficientemente na maneira como os índios mediam o tempo. Vinham preocupados com outras coisas, evidentemente. Mas se os audazes descobridores o não notaram, a verdade está hoje apurada: os índios, para saberem às quantas andavam, metiam na água umas pequenas barcas, especialmente construídas para o efeito, e no período de duração do afundamento das barcas estabeleciam a unidade do seu «sistema C. G. S.».

Baseados no mesmo princípio do escoamento dos líquidos, fazem os camponeses do Alto-Egipto a irrigação das suas terras de cultura. E, ao fim e ao cabo, as clepsidras, os instrumentos que sucederam aos relógios de cera, partem da mesma observação que levou os índios americanos às suas barquinhas de medir o tempo.

Usadas por toda a Europa e a Ásia durante a Idade Média, as clepsidras ou relógios de água são um instrumento precioso dos físicos e dos alquimistas. Em pleno século XV, Nicolau de Cues tomava o pulso dos seus doentes com o auxílio de um destes instrumentos. A morte começa a ser medida em unidades de tempo.

A IDADE DA MÁQUINA

Mais modernas do que as clepsidras, as ampulhetas foram o *dernier cri* da ciência medieval e o canto do cisne dos relógios naturais.

As primeiras de que há notícia aparecem no século XIV e são adaptadas, modificadas e complicadas com mil e um apetrechos destinados a proporcionarem-lhes rigor e minúcia.

Mas logo veio a máquina, *dura machina*, *impenitens machina*, e o reinado breve da ampulheta soçobrou ao golpe decisivo das primeiras marteladas de um relógio de roda dentada, dez ou quinze anos depois de ter sido descoberta. Em 1335, Milão apresenta o pioneiro dos relógios mecânicos e o de Ruão inaugura-se em 1389, com a bênção eucarística.

A era do tempo universal estava iniciada. Por volta de mil e quinhentos, aparecem os primeiros relógios de quarto e Nuremberga era para a época aquilo que Genebra é agora para o século XX em matéria de relojoaria. Daqui até ao relógio comum dos nossos dias, o *curriculum* do relógio processa-se numa sequência de metamorfoses, sobretudo a partir daquele dia em que Galileu, ao observar as oscilações de um lampadário suspenso na Catedral de Pisa, descobriu a lei dos períodos das oscilações e concebeu o pêndulo.

No entanto, não foi a Galileu, mas ao físico Huyghens, que coube a honra de dar o toque decisivo na fisionomia «definitiva» do relógio, tal como hoje o concebemos. Através de uma sucessão de melhoramentos práticos e de invenções engenhosas, Huyghens construiu o primeiro pêndulo helicoidal, ou seja, o primeiro *coração*, de acordo com a anatomia tradicional dos relógios. A invenção foi apresentada por ele aos Estados Gerais da Holanda, no ano de 1656.

Da fracção *hora* das clepsidras e das ampulhetas passara-se às unidades *minuto* e *segundo* dos relógios mecânicos.

NADA DE NOVO SOBRE A TERRA

Nada de novo sobre a Terra. As bizzarrias do «relógio de relva» à beira do lago de Genebra ou os minúsculos relógios que os suíços exportam hoje como adornos preciosos das elegantes de todo o mundo, integram-se numa tradição que conta séculos.

Assim, os primeiros relógios de bolso conhecidos foram os chamados «ovos de Nuremberga» (em razão da sua forma) e apresentavam-se com feitiços de frutos, de conchas, flores, animais e, até, de caveiras! Em 1480, Luís XI exibia o seu relógio de algibeira provido de caixa de música e, dois séculos e meio depois, a Europa conheceria

uma infinidade de modelos miniaturais aplicados em brincos, anéis e pregadeiras.

Instrumento científico, utilidade doméstica, instrumento de adorno, o relógio adquiriu prestígios simbólicos. O romantismo conferiu-lhe um halo galante e um lugar doméstico de primeira grandeza, a burguesia industrial levou-o para a sala de conferências e para a oficina.

Do carácter pessoal dos relógios, da quase exclusividade de cada modelo — que dá, feitas as contas, o privilégio de peça rara aos relógios antigos dos coleccionadores — passou-se ao produto de primeira necessidade desde que o conhecido Roskopf lançou os seus modelos de série, em 1890. Complicada a vida, as exigências redobram; maiores comodidades, maiores necessidades. E o relógio, que mede a velocidade do homem do nosso século, submete-se a ele, serve-o e complica-se. Em 1900, a Exposição Universal de Paris apresentava o modelo mais complexo de todos quantos até então se tinham imaginado. Indicava os dias, os meses, os anos, fases da lua, solstícios e equinócios, equação do tempo, estado do céu no hemisfério boreal, o céu e o horizonte de Paris (com 236 estrelas) ou o de Lisboa (560 estrelas), ou ainda o do Rio de Janeiro (610 estrelas), a hora de 125 cidades, etc. Estava ainda provido de um termómetro metálico, um higrómetro, um altímetro e uma bússola e, instalado em caixa de ouro, pesava meio quilo.

O TEMPO EM QUILOVÁTIOS E EM ÁTOMOS

A relojoaria eléctrica não se faz esperar. Nasce depois da descoberta do electro-iman por Ampere (1825), graças a uma cadeia de aperfeiçoamentos que lhe dão a feição actual quando Fery, por volta de 1900, consegue substituir o electro-iman no mecanismo dos relógios. O modelo de Lip, por exemplo, é um relógio independente, que se alimenta de uma pilha eléctrica das dimensões de... um grão de café!

Desprovido agora da corda, usando o fio eléctrico e a pilha como um coração artificial, em breve o relógio dispensará os sinais e os ponteiros para se exprimir por sons. Depois dos gestos, a voz — e temos os relógios falantes, o primeiro dos quais foi instalado no observatório de Paris em 1932.

Este, como aquele que a nossa Companhia dos Telefones utiliza, baseia-se no funcionamento de um filme sonoro comandado por determinado contacto eléctrico que o faz emitir sinais periódicos através de um microfone. O tempo útil do homem aumenta. Agora não se torna necessário fazer a leitura do tempo, mas, aumentando a velocidade, um instrumento traz, nesse progresso que representa, a sua própria condenação.

Que assim é provam-no os **masers**, a última maravilha da relojoaria em que a ciência mais recente tem responsabilidades essenciais.

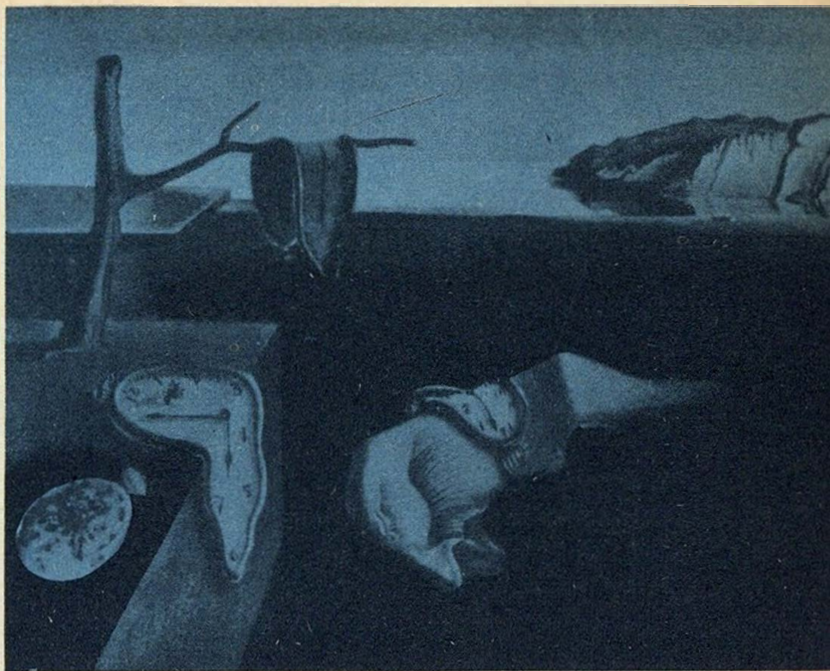
Aproveitando as aplicações práticas da espectroscopia hertziana e a amplificação forçada de micro-ondas, o americano H. Lyons construiu em 1948 o primeiro relógio de amoníaco, assim chamado por utilizar como oscilador as moléculas do amoníaco. Oito anos depois, um novo membro da família dos **masers** iria ser apresentado: o relógio de cristais sólidos para-magnéticos, do americano Bloemberger.

Mas a ilustre dinastia não terminou, a palavra iria ser dada em breve aos cientistas atómicos, que precisavam igualmente do seu relógio. Ei-lo: o **Atomicron**.

Servindo-se de um feixe de átomos de césum agrupados em forte concentração por campos magnéticos contínuos e alternos, este relógio começou há pouco a ser construído em série nos Estados-Unidos, classificado por (por enquanto) na categoria dos aparelhos de alta precisão. Pesa (por enquanto) 200 quilos e tem cerca de 2 metros de altura (até ver...).

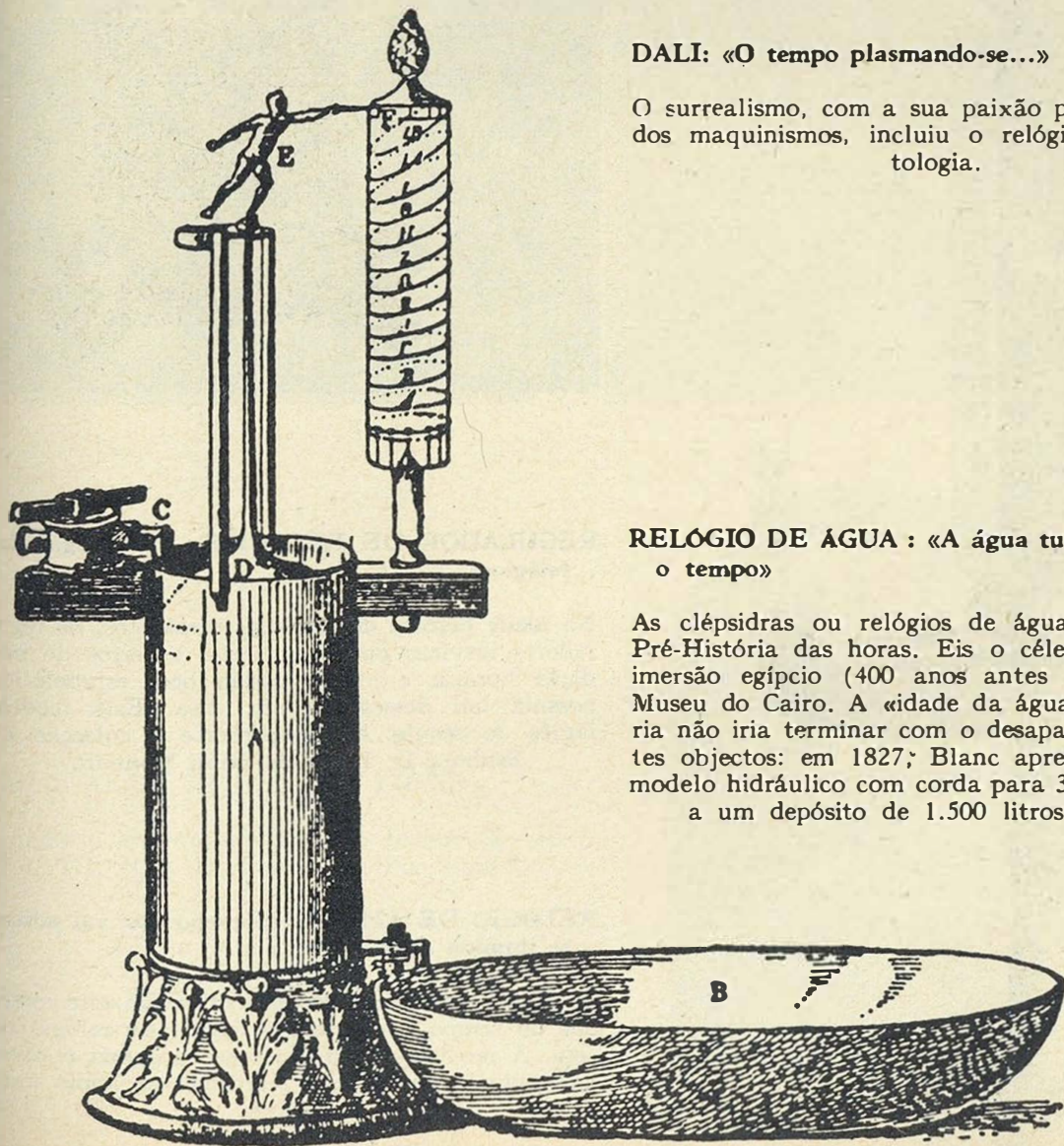
*

Voltamos ao princípio. A aventura de eras perdidas em que, para se medir a existência, se recorria à Lua e ao Sol, desde que o tempo saiu do domínio dos magos para entrar no dos astrónomos e, depois, no dos filósofos e destes para o dos físicos; desde que da mecânica as horas da vida do Homem se controlam na essência de um átomo, não será exagerado concluir que o futuro, aproximando-se a velocidades alucinantes, traz no seu seio a força de um rigorismo inconcebível. E isso quer dizer que, dominado tantos milénios pelo tempo e pelas superstições do tempo, o cidadão deste século triunfou finalmente dele, pois conhece-o a um grau infinitamente pormenorizado.



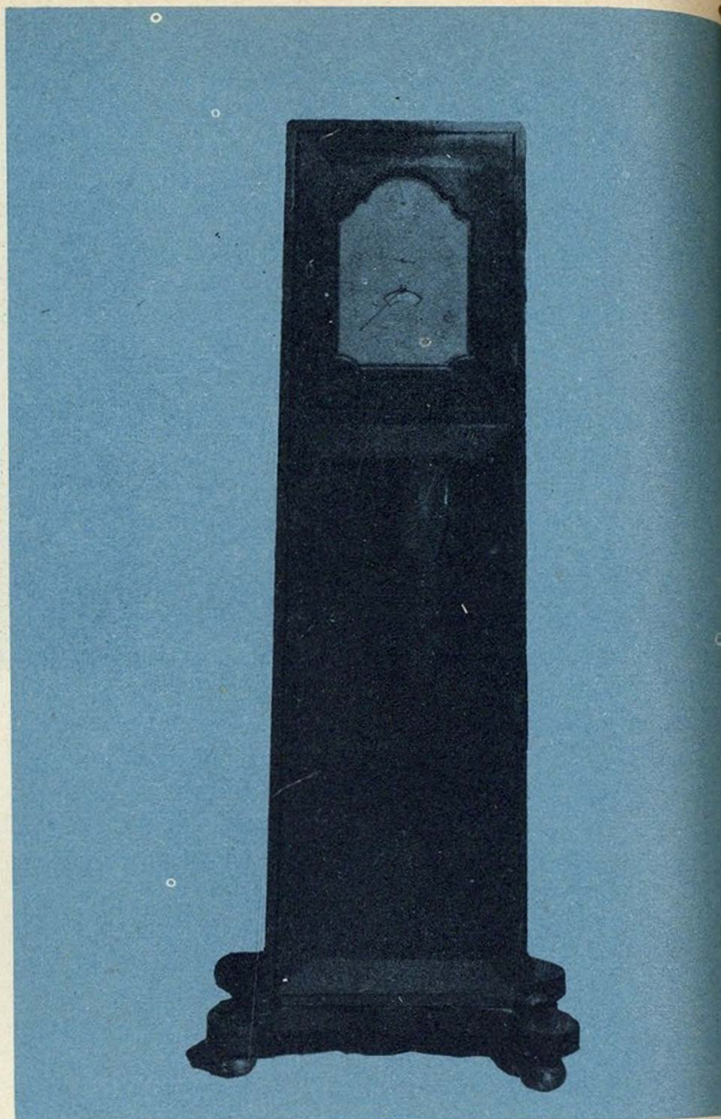
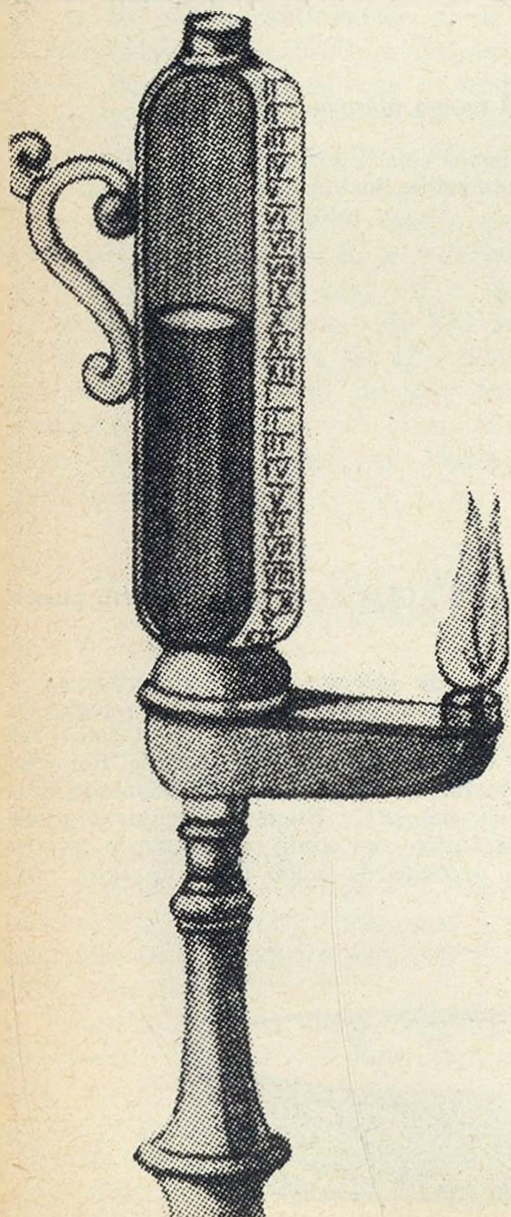
DALI: «O tempo plasmando-se...»

O surrealismo, com a sua paixão pela irreabilidade dos maquinismos, incluiu o relógio na sua mitologia.



RELÓGIO DE ÁGUA : «A água tudo lava menos o tempo»

As clepsidras ou relógios de água pertencem à Pré-História das horas. Eis o célebre relógio de imersão egípcio (400 anos antes de Cristo) do Museu do Cairo. A «idade da água» da Relojoaria não iria terminar com o desaparecimento destes objectos: em 1827, Blanc apresentaria o seu modelo hidráulico com corda para 3 meses, graças a um depósito de 1.500 litros de água.



REGULADOR DE RELÓGIOS : «O relógio dos relógios»

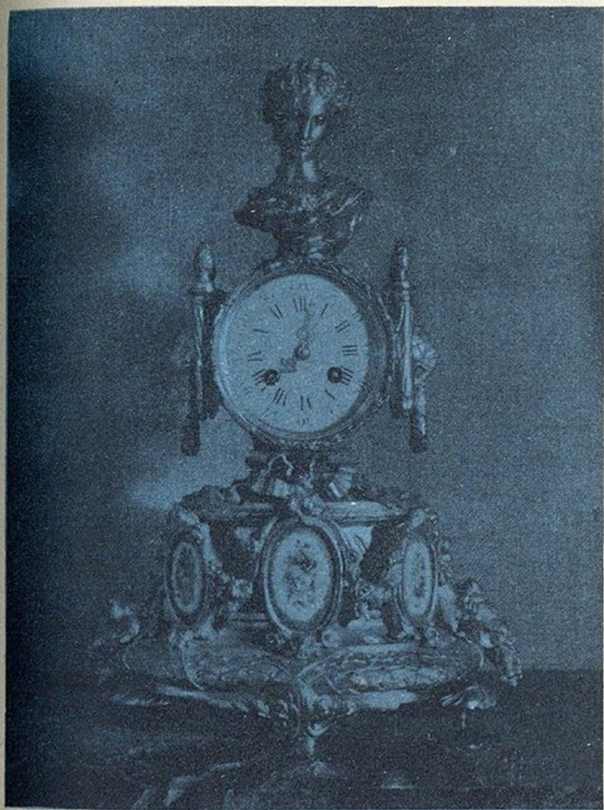
Na idade heróica dos relógios mecânicos, os reguladores serviam para compensar os erros de medição horária e cada cidadão bem estabelecido possuía um desses em sua casa. Este modelo inglês do século XVIII pertence à colecção da Senhora D. Lúcia de Sttau Monteiro.

RELÓGIO DE AZEITE: «Relógio que vai adiante ilumina duas vezes...»

Os homens da Idade Média utilizavam este medidor de tempo como uma variante do relógio de cera. À medida que o pavio se consumia o nível de azeite ia descendo e marcando as horas num indicador.

A HORA ROMANTICA : «Si Versailles m'était conté...»

Relógio francês com influências do estilo Henrique II da colecção de vendas do antiquário Alhambra, de Lisboa.



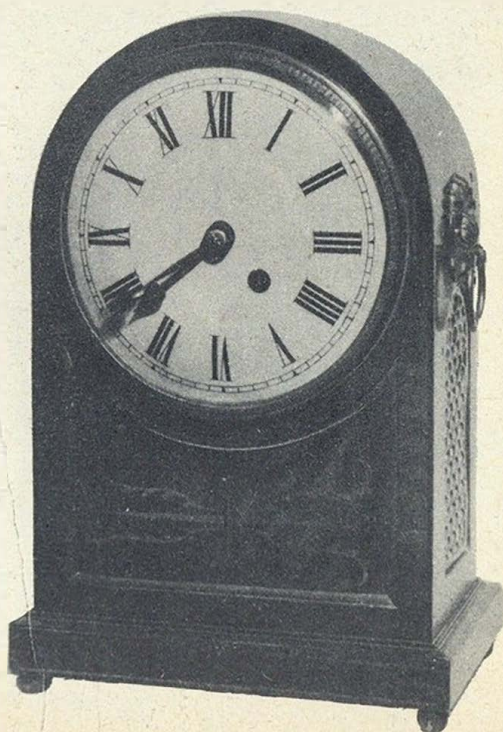
A CATEDRAL DO TEMPO :

Relógio alemão do século XVIII, esmaltado, com figuras decorativas representando anjos e camponeses. (Da colecção de venda do Alhambra, Lisboa).



O RELÓGIO DO SÉCULO DAS LUZES :

Um modelo tipicamente francês, datado do século XVIII. (Col. D. Lúcia de Sttau Monteiro).





TRÊS ANOS DEPOIS

por lillian brown-worcester

Piotr tivera muita sorte. Alugara um quarto com duas grandes janelas, uma, aberta para o céu e as montanhas longínquas, a outra, para um largo onde havia uma fonte de quatro bicas, junto da qual se formavam longas bichas de mulheres. Aos cantos os homens conversavam todo o dia e dirigiam galanteios às raparigas casadoiras.

Piotr saía de manhã muito cedo e poisava o seu cavalete numa viela. As crianças rodeavam-no imediatamente e ficavam a vê-lo desenhar.

Depois de ter vivido muitos anos em Paris, Piotr fugira para o México quando as tropas alemãs invadiram a França. A sua aclimação não fora difícil. A fama de exilado e de pintor abriu-lhe rapidamente todas as portas e tornou-o, de um dia para o outro, o menino da moda. De facto, esse artista da velha Europa sabia agradar e tinha o dom da palavra, ainda que a sua pintura, demasiado diluída, não apaixonasse ninguém.

Nas costas de Piotr travavam-se discussões:

— Não sabe desenhar...

— Actualmente na Europa está em moda não saber desenhar...

Alguns graciosos resolveram fazer uma experiência: encomendaram um retrato a Piotr.

Ele aceitou e venceu a prova. O seu colorido, a firmeza do seu traço impressionaram a aristocracia da terra e as encomendas não se fizeram esperar.

Pintor da moda... A pintar tantos retratos, a receber tanto dinheiro, Piotr esquecia-se completamente do bairro modesto onde morava, das vielas onde costumava assentar o seu cavalete, das crianças que o acompanhavam e que atentamente o viam pintar. Esquecia-se também dos seus velhos projectos de trabalho, dos seus desejos de se tornar um verdadeiro pintor. O seu tempo gastava-se agora numa vida puramente mundana a

assistir a chás e a retratar senhoras da alta sociedade.

E bruscamente acabou com aquela existência sem horizontes. Teve o cuidado de amealhar o dinheiro suficiente para viver uns meses sem preocupações e nunca mais apareceu nos bairros elegantes. Reencontrou a alegria de pintar no seu velho quarto poeirento ou nas vielas onde a garotada o acompanhava com ares de admiração.

Três meses se passaram até que Piotr sentiu saudades dos cafés da Baixa e dos chás mundanos.

Começou de novo a frequentar a alta-roda, mas descobriu que não era isso que procurava. O desejo de falar com alguém... Uma mulher que estivesse disposta a ouvi-lo, a responder-lhe, a fazer-lhe perguntas... Os dias passavam, ele não sabia a quem dirigir a palavra. Uma a uma o desiludiram as mulheres que conhecia, abandonava-o o desejo de pintar.

Desinteressado de tudo entrava num café e escolhia uma mesa suficientemente discreta para que ninguém o visse. Ficava ali as tardes passando os olhos, uma ou outra vez, pelos jornais, onde lia, dolorosamente, as terríveis notícias do que na Europa estava a acontecer.

E um dia a sua leitura foi interrompida por um estranho diálogo entre uma mulher e um criado do café. Um diálogo de surdos porque ela falava irlandês e não percebia uma palavra de espanhol.

Piotr compreendera ou supôs compreender:

— Esta senhora deseja um gelado — disse para o criado. Ela sorriu, num mudo agradecimento. Tinha um rosto muito puro, olhos tranquilos, cabelos compridos.

Piotr começou a falar, mas ela não compreendia quase nada. A sueca tinha vindo até ao México cansada da Europa. Mas come-

çava a sentir-se aborrecida, precisava de falar com alguém... E havia tão poucas pessoas que soubessem falar a língua sueca! Em todo o caso, e embora mal, sabia inglês. Mas conversar uma língua que dificilmente dominava não lhe dava prazer, era antes um exercício doloroso e esgotante.

Duas palavras em inglês, quatro em francês, três em espanhol... O diálogo entre Piotr e a linda sueca avançava por entre os sorrisos e os gestos com que procuravam suprir a falta das palavras.

Ele conseguiu dizer-lhe que era pintor, que vivia no bairro popular, que tinha duas grandes janelas, uma, voltada para o céu e as montanhas, a outra, para a rua.

— Muito calor — disse ela, levantando-se. Piotr não se atreveu a segui-la.

Mas no dia seguinte ela voltou. Chamava-se Karim. E eram tão poucas as palavras que podiam trocar com perfeito entendimento que se viam obrigados a repeti-las. Frases que eram sempre iguais preenchiam os silêncios quase permanentes.

— O México é uma bela cidade.

— Pobre Europa!

— E Paris?

— Ah, este calor.

Frases que se não articulavam umas nas outras mas que eram, apesar de tudo, uma conversa, um meio de comunicação entre duas almas solitárias.

— Uma mesa. Uma cadeira. Uma chávena... — apontavam os objectos e decoravam as palavras alargando o vocabulário comum. Mas esse vocabulário enchia-se de nomes de coisas, ignorava quase completamente a lista infinda das palavras que exprimem sentimentos ou ideias.

Os dias passavam. Apesar de todas as dificuldades sentiam ambos um imenso prazer naquelas conversas e prolongavam-nas ao longo das horas. Saíam juntos, davam umas voltas pela cidade, ele acompanhava-a à porta do hotel.

— Que calor!

— O México é uma bela cidade.

— Pobre Europa!

Ela apontava com o indicador uma carroça e dizia cheia de prazer, em espanhol.

— Carroça. Cavalos. Rodas.

Ele repetia em sueco:

— Rodas. Cavalos. Carroça.

Desejaria convidá-la a visitar o atelier mas

faltava-lhe a coragem. Felizmente ela quis conhecer o bairro pobre e, por acaso ou não, passaram em frente da porta dele.

— Muitos quadros?

— Quer ver?

Karim seguiu-o pela escada acima.

A pesada porta do quarto fechou-se atrás deles e Piotr deu a volta à chave. Karim franziu as sobrancelhas, enrugou a testa e hesitou. Depois dirigiu-se para a janela.

— Montanhas — disse em espanhol.

— Montanhas — repetiu ele em sueco.

Karim voltou as costas à janela e ficou a observar as telas de Piotr.

— Gosto da sua pintura — disse ela em inglês. — Compreende-me?

— Sim, compreendo.

Gostaria de a pintar... Está disposta? — Falara-lhe em francês e ela não percebeu. Estendeu-lhe as duas mãos e Piotr beijou-as docemente.

Hesitaram, separaram-se.

Karim pegou num álbum de pintura e sentou-se. Lá em baixo na praça, junto à fonte, as mulheres esperavam pela vez de encher os cântaros. Um pouco adiante um grupo de homens cantava.

Karim poisou o livro nos joelhos e ficou a olhar para a janela. Piotr tirou-lhe o livro, fechou-o, foi pô-lo em cima duma mesa, sentou-se ao lado dela. Karim não dizia nada. Franzira as sobrancelhas com o ar de quem pergunta: que espécie de homem serás tu?

Fechou subitamente os olhos, agarrou na mão de Piotr. Mordeu-lhe um dedo como se fosse um animalzinho assustado.

Piotr dominou um grito de dor.

Instintivamente agarrou-lhe um ombro com a outra mão e magoou-a também. Karim rendeu-se e ergueu para ele os seus olhos aquáticos.

Piotr abraçou-a com força e beijou-lhe a boca. Ficaram um longo momento em silêncio com os olhos fechados.

Quando de novo os abriram ela disse em espanhol:

— Agora é preciso abrir a porta...

Piotr abriu-a. Com os cabelos desalinados, inquieta, Karim observava-o.

— Agrada-lhe assim? — disse ele.

Estava desiludido. Karim não era a mulher que ele esperava. Nem mesmo gostaria dos quadros, não gostaria das montanhas, não gostaria da fonte que continuava a jorrar lá

em baixo a sua água cristalina e fresca. «Uma **snob** — pensou ele — que viaja, que se diverte, que procura passar o tempo, que nem sequer tem coragem». Dirigiu-se à janela e interessou-se pelos homens e pelas mulheres que conversavam lá em baixo no largo.

Karim sentia-o distante, via-lhe apenas as costas. Levantou-se, sacudiu o vestido, passou as mãos pelos cabelos, pegou na mala e dirigiu-se para a saída.

— Podes ter o teu orgulho, mas eu também tenho o meu... — disse ela em inglês.

Piotr não se mexeu. Continuava à observar a agitação que dominava a praça, lá em baixo.

E o tempo passou.

Veio o Inverno. Piotr quase se desinteressara da pintura. Quando olhava para as tintas e para as telas pensava na mulher que uma vez ali estivera e que desaparecera para sempre.

Resolveu vender todas as suas coisas e abandonou o México. Para viver vendia caricaturas que desenhava nos cafés.

Um dia ouviu um automóvel que travava bruscamente do outro lado da rua e a curiosidade levou-o a voltar a cabeça para lá.

— Piotr! — ouviu gritar.

Dois amigos do tempo em que vivia no México chamavam-no. Aproximou-se. Karim estava com eles dentro do automóvel.

— Conhecem-se? — perguntou um deles.

— Conhecemo-nos.

— Há quanto tempo?

— Há três anos.

Deram uma pequena volta de automóvel e pararam em frente dum café.

— Bebamos qualquer coisa para festejar este encontro — disseram.

Além de Karim havia uma outra rapariga.

— Espanhol? — perguntou.

— Não — disse ele como se quisesse desculpar-se de falar tão bem aquela língua.

Conversaram sobre a Europa, a guerra, a aviação, a Alemanha. Depois falou-se de pintura. Karim permanecia em silêncio, mas atenta, e Piotr sentiu desejos de a apertar contra o peito.

— Vive aqui presentemente? — perguntou ele, virado para a rapariga sueca.

— Sigo para Nova Iorque.

— Fala tão bem espanhol — disse ele.

— A força de ouvir, acaba-se por falar, não é?

Fitaram-se longamente, tristes porque se podiam compreender, porque falavam a mesma língua. Como tinham sido belos os tempos em que as conversas eram curtas, feitas apenas de meia dúzia de palavras!

Porque o orgulho e não a falta de palavras os havia separado. Mas agora o orgulho desaparecera e qualquer coisa os mantinha distantes. Sabiam demasiadas palavras, sabiam que os silêncios que surgissem entre eles já não poderiam ter explicação.

— O avião parte dentro de meia hora — disse alguém.

Dirigiram-se para o automóvel. Karim sentou-se no banco de trás. Piotr estendeu-lhe a mão através da janela.

— Adeus! — disse ele.

Os lábios de Karim entreabriram-se num sorriso e o carro começou a avançar.

Piotr não quis ver mais. Voltou as costas ao automóvel e seguiu para o café donde acabara de sair. Num café a conhecera, num café a vira pela última vez!

Sentou-se. «O mundo é tão vasto — murmurou. — Porque hei-de pensar nela e não noutras coisas? Por exemplo: este copo é frágil. Se eu o deixasse cair no chão partia-se. E aquele indivíduo que ali está é baixo. Sim, para que hei-de pensar nela se há tantas outras coisas em que pensar?» Desviou os olhos para o criado do café e contou-lhe os botões do casaco. Tinha um modo estranho de andar...

Esqueceu-se do criado e do número de botões do seu casaco, da fragilidade do copo, da vastidão do mundo. Levantou-se.

— Estava à tua espera, Karim. Não sabia bem a razão por que me tinha vindo sentar aqui, mas era isso: estava à tua espera...

Karim sorria-lhe sem uma palavra.

— O avião espera por ti?

— Não.

Piotr desviou os olhos, ficou um instante em silêncio.

— Eu tive mais paciência do que o avião — disse Piotr. — Esperei por ti três anos...

Ela estendeu a mão sobre a mesa, apertou a dele com força.

— Esperámos ambos, Piotr.

fim



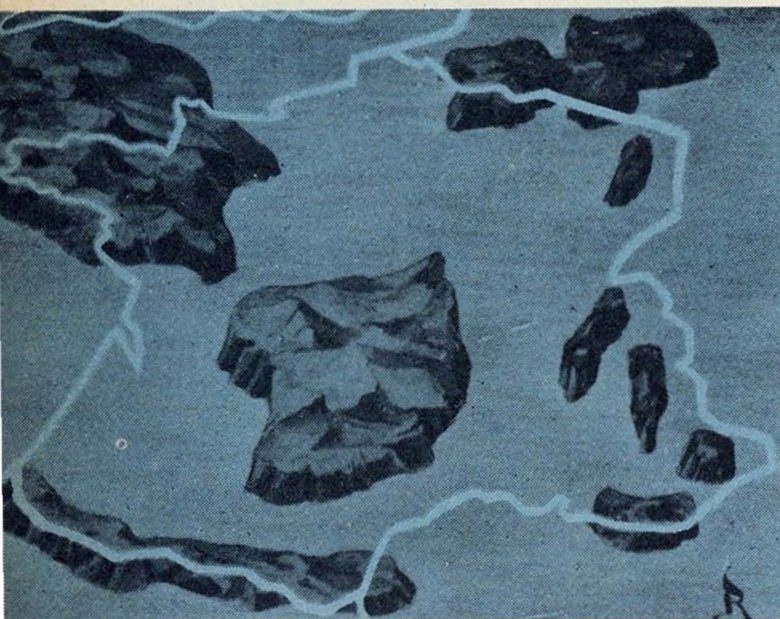
A EUROPA

antes do homem

no princípio era o caos...



A França surgiu das águas:
o Maciço Central,
alguns fragmentos dos Pirenéus,
dos Alpes e do Jura,
constituem o essencial
daquele país.



Mapa: Na Era Secundária
surgiu o Planalto do Brabante
onde viveram os maiores saúrios.
Os Pirenéus constituíram-se
definitivamente.
A cadeia dos Alpes e do Jura
sofreu pequenas modificações.



Era terciária:
A França era já muito parecida
com a França dos nossos dias.
Em todo o caso
ainda faltavam
uns bons milhões de anos
para que ela ficasse
tal qual é hoje!...

2 BILIOES DE ANOS A. C.

Há uma história da Europa na qual raramente se pensa. Não a dos homens (Afonso de Albuquerque, Napoleão, etc.) mas a da própria Terra, muito antes dos lusitanos ou dos gauleses, ou dos fenícios, ou dos gregos por cá terem passado!

Essa história começou há dois biliões de anos.

Nesse momento o nosso planeta era já muito velhinho... Ele nascera, provavelmente com todo o sistema solar, três biliões de anos antes!...

Três biliões de anos! Durante todo esse tempo a Terra foi um oceano de chamas!

Mas, pouco a pouco, as chamas foram-se apagando. Em volta da Terra existia uma atmosfera brumosa, constituída principalmente por gás carbónico. As covas enchiam-se de água. Sob um tecto baixo de nuvens tempestuosas agitava as suas ondas colossais, iluminadas pelos relâmpagos permanentes. As vagas do mar esmagavam-se contra as rochas nuas e as terras primitivas e desérticas, onde não havia ainda o mais pequeno sinal de vida.

Ao Norte erguia-se o grande continente paleárctico huroniano; ao Sul, o continente austral. Entre os dois alongava-se um mar ainda sem peixes, no fundo do qual estavam os terrenos sobre os quais nós hoje pousamos os pés.

Um dia, os vales profundos do mar abriram-se, explodiram, contorceram-se. O fundo do mar ergueu-se, subiu acima das águas e criou as primeiras ilhas do que no futuro seria o continente Europeu. Na França, por exemplo, os primeiros terrenos a emergirem foram o Maciço Central e a Bretanha; depois o Brabante, o Jura, os Pirenéus... E assim, durante a maior parte da sua história, a França foi constituída por duas ilhas principais e por dois mares: o mar de Paris e o mar da Aquitânia...

E A VIDA SURTIU DAS ÁGUAS!

Quando apareceram as primeiras terras europeias estava a processar-se no fundo dos mares um fenómeno estranho a que chamamos VIDA. Aos primeiros seres, muito simples, sucederam-se extraordinários peixes coraçoados, revestidos de grossas escamas e quase paralisados pelas suas armaduras do-

tadas de articulações demasiado rígidas: Asterolépis, Plerychthys, Palaeapsis, eis alguns dos estranhos nomes!

Pouco a pouco a VIDA esforçou-se por sair das águas. Primeiro saíram os vegetais que se aventuraram na mais fantástica das conquistas: a dos continentes pela vegetação marinha!

Alguns peixes (os Crossopterygianos) seguiram as plantas. As membranas natatórias transformaram-se-lhes em patas, o organismo adaptou-se-lhes à vida terrestre: o Rhipidistia tornou-se um animal anfíbio.

QUATROCENTOS MILHÕES DE ANOS NOS PÂNTANOS

Esses animais, providos de guelras efémeras, povoaram o nosso solo durante milhões de anos. No cenário brumoso dessas remotas épocas surgiam seres glaucos, tendo por vezes cabeças protegidas por uma camada óssea muito espessa e chamados S'tegocéfalos.

Esses animais deslocavam-se lentamente através dos pântanos. Por toda a parte se ouviam os gritos alegres ou tristes de uma fauna cada vez mais numerosa. Aqui e acolá, o ruído violento duma luta entre dois monstros!

O Eryops era um gigantesco sapo, com 3 metros de comprimento e boca de crocodilo, que se movia na terra à custa de patas muito curtas, mas, poderosíssimas, e na água, graças à cauda.

O Cacops era mais pequeno, mas as suas mandíbulas, também eram perigosíssimas.

Nem só monstros gigantesco habitavam a Terra. Entre eles moviam-se alguns pequenos animais, como, por exemplo, o Amphibamus e o Eumicrepeton, parecidos com lagartos, sapos e crocodilos. Escusado será dizer que as lutas entre eles eram terríveis. Comiam-se uns aos outros, matavam ou morriam!

INSECTOS E VEGETAIS SEM FLORES

Por essa altura desenvolveram-se também os insectos. Mas deles, ignoramos quase tudo: as origens e o lugar que ocupam na árvore genealógica dos animais.

Havia libélulas com o tamanho de gaivotas! Quando as aves ainda não existiam, os insectos viviam uma vida santa! Nenhum



Há 2 bilhões de anos a Europa era constituída por terras surgidas do oceano, pântanos onde se escondiam monstros terríveis. Eis aqui um Eryops (3 metros de comprimento) preparando-se para defender ferozmente a sua presa do assalto dum invejoso.

perigo exterior os ameaçava! Quando muito, tinham de ter cuidado uns com os outros...

O mundo vegetal crescia com vigor e surgiam grandes florestas constituídas por plantas que nunca floresciam: as calamitas, as stylocalamitas... E algumas palmeiras gigantes.

Milhões de anos se passaram. Plantas, insectos, animais terrestre e aquáticos foram cobertos pelo solo e a essa era exuberante sucedeu-se uma outra, muito diferente, na qual apareceram os mais espantosos seres que jamais povoaram a Europa!

OS «TERRIVEIS LAGARTOS» CONQUISTAM A EUROPA

Como vimos, os peixes que foram os mais primitivos de todos os animais transformaram-se em quadrúpedes terrestres: as barbatanas volveram-se em patas e as guelras davam lugar aos pulmões, quando ele crescia.

Posteriormente — depois de quatrocentos milhões de anos — surgiram novas modificações: as guelras desapareceram definitivamente e essa mudança caracteriza novos animais: os répteis que reinaram durante 150 milhões de anos em toda a extensão do globo.

A maior parte desses animais assemelhavam-se a enormes lagartos. Os membros anteriores, atrofiados, não serviam para o animal marchar, mas sim para se apoiar e mais facilmente descobrir uma vítima. As bocarras imensas desses répteis lembravam as dos crocodilos.

Os dinossauros justificavam o seu nome, que em grego significa lagarto terrível. O

Plateossauro (6 metros de altura) distingue-se dos outros sáurios por ter um grande pescoço e uma pequena cabeça parecida com a das tartarugas. As garras das suas patas anteriores eram autênticos punhais. Será preciso acrescentar que ele era temível?

Mas nem todos os dinossauros eram sanguinários. O iguanodonte (cinco metros de altura) era pacífico. Vivía no norte da França e na Bélgica e alimentava-se exclusivamente de vegetais. A cabeça era parecida com a de um pássaro que tivesse dentes de cavalo!

Alguns dos «lagartos terríveis» em nada se parecem com um lagarto e nada têm de terrível. Outros exemplos: O Scelidossauro (4 metros de comprimento) e o Stegossauro da Bretanha.

OS «LAGARTOS VOADORES» CONQUISTAM O ESPAÇO

A inteligência não era o forte destes répteis... Quantas vezes os cérebros destes monstros não iam além do volume do cérebro de um leitão actual!

No entanto, se esses animais não se distinguem pelas suas faculdades individuais, possuíam notáveis características específicas: de um modo cego, não consciente, é certo, foram os répteis que conquistaram o espaço! Os membros anteriores foram criando uma membrana em certos répteis, que a pouco e pouco se transformou em asas. O pteranodonte (6 metros de envergadura) cujas mandíbulas não tinham dentes, possuía uma cabeça muito estranha que se prolongava para trás. O pterodáctilo, que chegava a ter cinco metros de envergadura, ti-

nha dentes afiados. O ramphorhynco tinha bico e cauda (parecida com a de um ieão).

Embora voassem não eram aves (o morcego também voa e não é uma ave, como toda a gente sabe); eram autênticos répteis!

LAGARTOS MARINHOS

Na época dos répteis a Europa era constituída por algumas ilhas. Assim, o mar ocupava a maior parte dos terrenos actuais. No sítio em que hoje é Paris cresciam os corais... Répteis gigantescos viviam no mar, tais como o Ichthyossauro que tinha um pouco de tubarão (que é peixe) e de delfim (que é mamífero). A ferocidade dessa bicharada não é inferior à dos seus primos terrestres!

Nos rios também havia monstros ferocíssimos. O Mosassauro não era para brincadeiras. Parecia-se com um crocodilo, mas um crocodilo com barbatanas e longa cauda. Animal sanguinário, ele arriscava-se muitas vezes fora das águas e penetrava no interior das terras.

50 MILHÕES DE ANOS A. C.

Que extraordinário espectáculo não oferecia então a Europa!

Imaginemo-nos, por um minuto, transportados a essas eras longínquas.

Eis-nos entre uma vegetação desconhecida, meio cinzenta, meio esverdeada. Aqui e ali esboçam-se já as primeiras flores. Sob o peso de um sol de fogo, alguns sáurios debruçam-se sobre as vítimas e comem-nas. Grandes moscas voam em torno dos restos, disputando o festim a milhares de outros insectos. Mais longe, um rio de águas sussurrantes brilha ao So'.

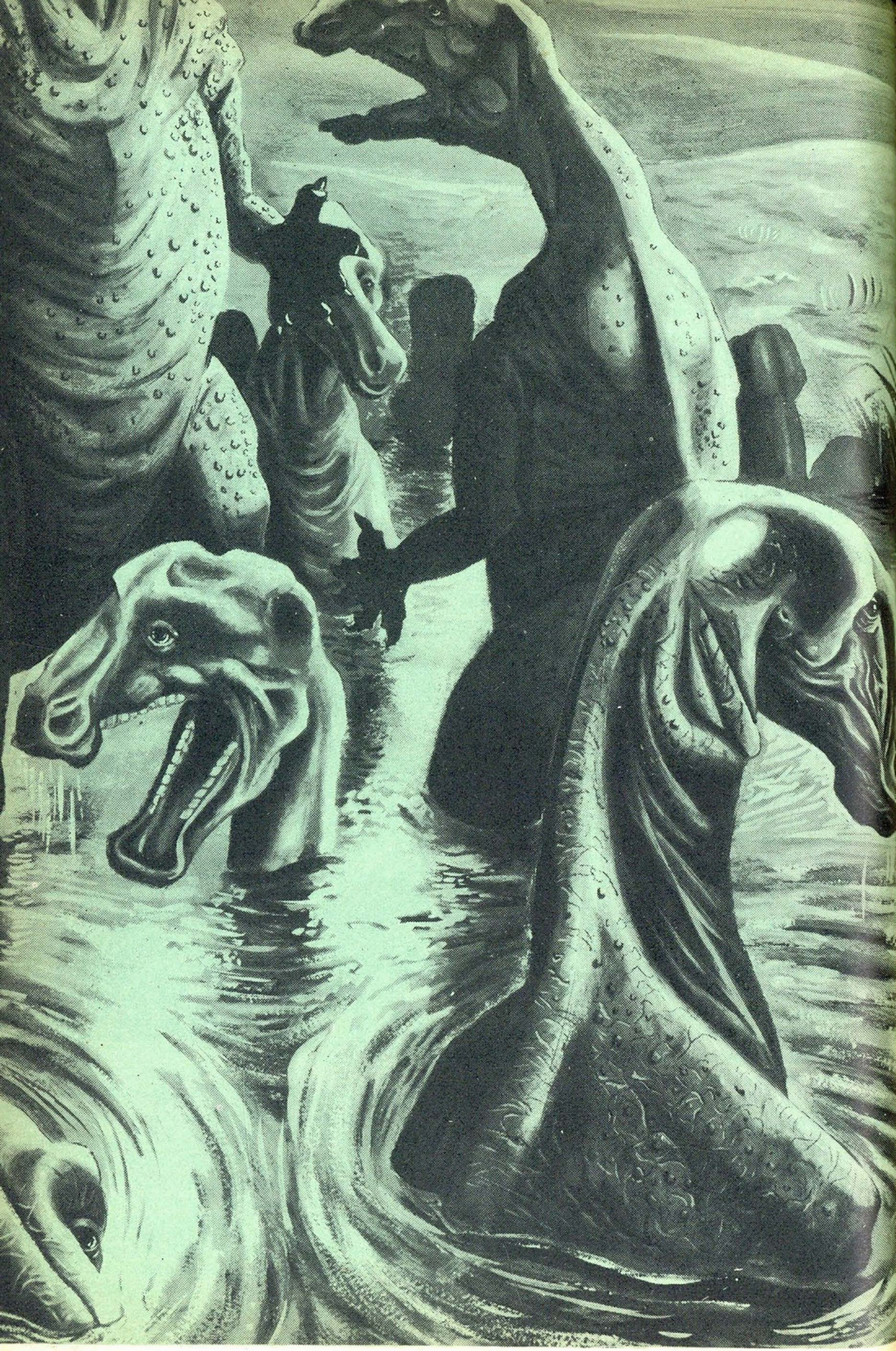
Ouve-se um grito rouco. As cabeças dos grandes animais voltam-se para o sítio donde vem o grito e vêem uma manada de iguanodontes. Com as patas posteriores esmagam os animais que descuidadamente dormem. E com as patas anteriores levam à boca os ramos com que se alimentam.

A chegada dos iguanodontes desagrada aos saurios da região. Os mosassauros farejam a presa e saem do rio prontos para o ataque. A carnificina é terrível!

— Fujam, gigantescos e pacíficos iguanodontes! Fujam! — poderíamos nós gritar. Felizmente não estávamos lá!



No Jura — uma das ilhas que constituía a França da Era Secundária — vivia um terrível sáurio, o Plateossáurio (6 metros de altura). Tinha longas garras, bem afiadas. Na gravura, um Plateossáurio luta com um réptil voador, o Pteranodonte (6 metros de envergadura).



QUANDO OS GRANDES RÉPTEIS MORRERAM...

No princípio todos os vertebrados respiravam por guelras. Viviam na água e pertenciam à classe dos peixes. Depois, nalguns deles, as guelras desapareciam na idade adulta: foi a época dos anfíbios.

Por fim, a respiração pulmonar substituiu completamente o uso das guelras e surgiram os répteis.

Estes dominaram a terra durante cento e cinquenta milhões de anos. Viveram na Europa na época em que esta se reduzia a numerosas ilhas. Depois surgiu uma nova época em que o solo, após uma tranquilidade relativa, sofreu grandes transformações. A região de Paris vai surgindo pouco a pouco...

Dispersos, paralisados por grandes vagas de frio, ou secas inesperadas, os grandes répteis vão desaparecendo...

Vejamos o que se passou:

Ao Norte da França, no Brabante, uma manada de vinte e três iguanodontes deslocava-se pesadamente. Tinham a garganta seca, estavam cheios de sede, e caminhavam na terra ressequida.

À noite surpreendeu-os num deserto morno, onde, de tempos a tempos, surgiam ao longe estranhos animais com o corpo coberto de pêlos!

De madrugada, os grandes e infelizes sáurios continuaram a sua marcha à procura de água.

Por volta do meio-dia, descobriram um pântano. Com uma satisfação enorme mergulharam nele as pesadas patas, que imediatamente, se enterraram na lama. E então, de uma só vez, deixaram-se afundar...

Quando as águas do pântano os cobriam, os últimos dinossáurios da França, tinham morrido...!

Milhões de anos passariam ainda sobre as suas carcaças, até ao dia em que foram redescobertos (alguns ainda conservavam a

pele!) pelos homens! Mas a história dos animais está cheia de dramas como esse!

O REINO DOS MAMÍFEROS

Os répteis deixaram descendentes. Dois exemplos: as aves e os mamíferos.

Estes últimos devem ter aparecido pela primeira vez na África do Sul ou na Austrália. Longa viagem fizeram eles para atingir Lisboa, por exemplo!

Tinham já um aspecto familiar: cavalos primitivos, rinocerontes, cervinos com hastes monumentais...!

Alguns eram enormes: certos proboscídeos como o dinotério, cujas defesas, ao contrário do que sucede nos actuais elefantes, estavam implantadas na queixada inferior, servia-se delas para desenterrar raízes de árvores. O dinotério teve uma longa carreira mas não deixou descendência.

O mastodonte tinha quatro defesas. Depois de milhões de anos ele ainda perdura no elefante moderno (com duas defesas e não quatro).

O mamute é talvez o mais famoso proboscídeo dessas eras.

Media 15 côvados (1 côvado corresponde a 0,66 m). Tinha uma força colossal e era capaz de atirar abaixo de uma só vez várias árvores!

Rebanhos de renas pastavam tranquilamente no sítio em que hoje se ergue a Ópera de Paris...

No princípio da era dos Proboscídeos apareceram uns seres misteriosos que, vistos de longe, poderiam confundir-se com macacos, mas que eram em qualidade, muito diferentes. Entretinham-se a transformar objectos. Afiavam pedaços de madeira ou lascas de pedra, e caçavam animais muito mais fortes do que eles, porque se serviam de uma arma muito eficaz: a inteligência...

A pouco e pouco descobriram o fogo, a roda, acabaram mesmo por criar satélites artificiais! Esses seres misteriosos e estranhos eram os homens.





cartão de identidade da rapariga alemã

Corpo, olhos e cabelo

A rapariga alemã do Norte tem 1,68 m de altura média, a do Sul, muito menos, 1,60 m. As raparigas nascidas na Floresta Negra são as mais pequenas de todas. A média geral das raparigas alemãs é assim de 1,64 m. Peito: 92 cm, ancas: 95 cm. Os pés são razoavelmente compridos e correspondem à medida de sapatos de 38,5 e 39.

Olhos: 60% das raparigas do Norte têm olhos azuis, no Sul apenas 20%. Em toda a Alemanha, 35 em cada 100 raparigas têm olhos azuis. As restantes distribuem-se por várias cores entre o cinzento e o castanho. Só 10% têm olhos negros.

Cabelo: No Norte 30% das raparigas têm cabelo loiro, no Sul, nenhuma. Na Bavária, particularmente abundam os cabelos negros ou castanhos escuros.

Peso: 60% das raparigas alemãs pesam de 55 a 75 quilos.

Casamento e divórcio

A idade estatística do casamento é a de 24,8 anos. Nenhuma casa antes dos 16. 38% casam dos 20 aos 24. O número de casamentos em cada ano excede de 50.000 o número de raparigas nascidas no mesmo prazo de tempo. Em 1957 esses números foram, respectivamente — 453.713 e 413.592. Dos dezasseis aos vinte e quatro anos as raparigas não desejam ter mais que dois filhos — quando muito três.

Em 1957 houve 40.431 divórcios.

Trabalho e estudo

A educação é obrigatória e gratuita até aos 14 anos. Os filhos das famílias mais pobres procuram imediatamente depois disso um emprego que os ajude a contribuir para o sustento da família. Na classe média seguem-se cursos especializados. Há na Alemanha cerca de 25.000 universitárias muitas das quais estudam literatura e filosofia.

Emprego

Mais do que independência moral em relação à família, a rapariga alemã procura independência económica. Um rendimento

mensal certo permite-lhe comprar fatos elegantes, sapatos italianos, ir ao cinema, comprar discos e viajar pelo menos uma vez por ano. Muitas raparigas pensam, antes de casar, em deixar os empregos — mas o custo de vida é tal que isto raras vezes se consegue. As raparigas, na Alemanha Ocidental, ganham em média 300-350 marcos (2.100 e 2.500 escudos) por mês. A maior parte deste dinheiro é gasto em vestuário.

O tipo latino

As alemãs gostam dos tipos latino e mediterrânico. Muitas delas casam-se com estrangeiros — italianos e egípcios, por exemplo.

Como regra, o marido é respeitado e tem autoridade na família. Na escolha do homem com o qual vai partilhar a vida, a rapariga alemã considera sempre o aspecto económico. Uma espécie de reserva inata impede a rapariga alemã de ser expansiva para com o homem que ama. A frase «Ich liebe Dich» é usada com cuidada moderação.

Política

Muitas raparigas lêem os jornais com interesse e pensam nos problemas políticos do seu país. No grupo de raparigas dos 16 aos 24 anos, 45% estimam Adenauer, 40% acreditam que não haverá guerra nos anos mais próximos, 56% apoiam a Europa Unida, 53% a reconstituição do exército alemão.

A dança

Como todas as artes ligadas à música, a dança é muito popular na Alemanha. Todas as raparigas de 16 anos a aprendem. Numa cidade de 500.000 habitantes há pelo menos 15 escolas de dança. Da valsa ao **rock and roll** tudo aí se ensina.

Algumas jovens seguem também cursos de ballet — mas são em pequeno número.

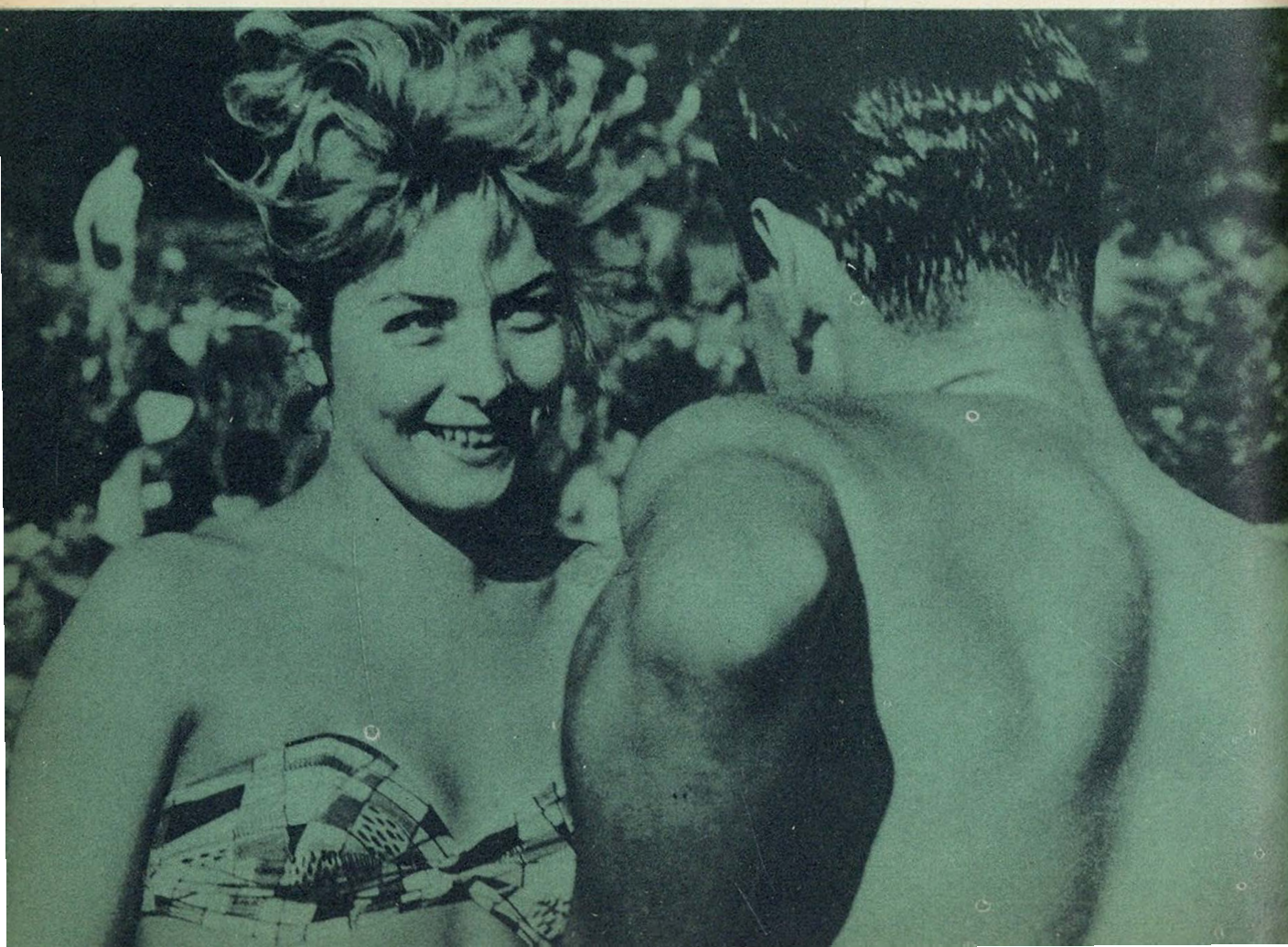
Alimentação

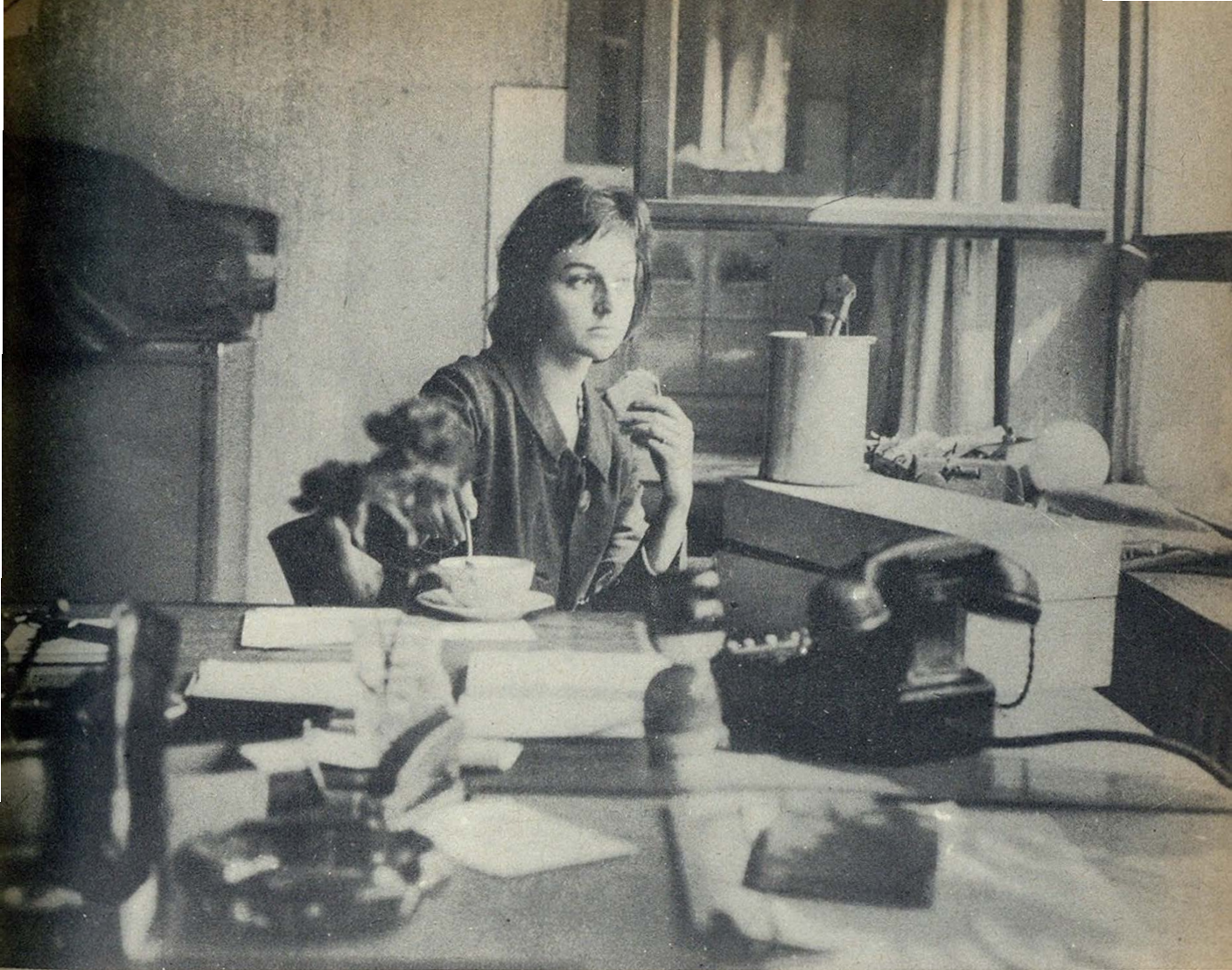
A rapariga alemã come bem mas sujeita o horário das suas refeições ao seu horário de trabalho. Algumas não podem assim almoçar. Vão tomando, durante o dia, café com leite e sanduíches e a refeição mais forte que fazem é a da tarde.

as latitudes da felicidade

ALEMANHA

**uma biografia
social
da rapariga
alemã**





Em todos os escritórios, às dez, as secretárias têm uma pequena pausa para comer. Heike Bend prepara-se para confeccionar a sua pequena refeição. Como muitas raparigas alemãs, Heike trabalha (e ganha) bem.

Uma viagem ao Sul, pelo menos uma vez por ano, é uma das grandes ambições da rapariga alemã. O seu país favorito é a Itália. Poupa dinheiro durante todo o ano, para conseguir fazer a viagem nas férias. Na foto: Simpatia à primeira vista numa praia italiana.

Anneliese quer ser independente

A Valquíria de 1959 trabalha e tenta organizar confortavelmente a sua vida. Tem um sonho: passar férias em Itália.

Desde que o presidente Erhard proclamou, nos jornais e na rádio, o princípio de «bem-estar para toda a gente, as mulheres alemãs uniram-se aos homens na reconstrução depois de terem pretendido que, além de iguais direitos, deveriam ter iguais salários. Isto aconteceu há quatro anos. Hoje todas as raparigas do Reno usam uniformes. Umas, o uniforme de operárias, outras, o de caixeiras, outras ainda o elegante traje das secretárias, algumas, poucas, o casaco de peles da mulher de negócios.

«Para mim seria absurdo não trabalhar», confessa Anneliese von Fleming, «sou muito mais feliz agora. Se tivesse continuado a vida segundo os desejos dos meus pais, não estaria agora tão satisfeita como estou».

A família de Anneliese é nobre e foi muito rica. Viviam na Pomerania (que actualmente



Astrud Schüller quer vir a ser modelo. Tem 15 anos; durante o dia é secretária num escritório e à noite frequenta a escola de modelos, porque assim poderá um dia vir a ganhar mais. Vive com os pais e gasta em vestidos todo o dinheiro que ganha.

pertence em parte à Polónia) onde tinham um castelo e terras.

A família é de antiga nobreza prussiana. Depois da guerra os pais de Anneliese tiveram que deixar casa e propriedades e emigrar para o ocidente.

Alguns camponeses resolveram juntar-se a esta emigração e formou-se então um grupo de cerca de quatrocentas pessoas. Anneliese tinha então oito anos, lembra-se das longas caminhadas durante a noite com os carros de cavalos carregados. Lembra-se dos olhos tristes do pai (o castelo é agora uma escola polaca) e as apreensões dos camponeses com respeito ao seu futuro. Em Merlemburgo o grupo dividiu-se e o pai de Anneliese seguiu com a família para Hannover, na Alemanha Ocidental. Aí Anneliese frequentou a escola e, com dezoito anos, decidiu entrar para um escritório para se treinar como secretária. À noite assistia a cursos de línguas estrangeiras: francês e inglês. Aos 21 anos deixou a família e foi para Frankfurt trabalhar num escritório comercial. O desejo da mãe, senhora de hábitos antigos, seria que ela ficasse

em casa, mas a vontade dela foi mais forte e prevaleceu.

Anneliese está satisfeita com o seu trabalho. Tem há dois anos o mesmo emprego e só o deixará — diz — quando casar.

É feliz porque ganha bem e viaja. A sua firma é distribuidora exclusiva para a Sexta Esquadra Americana de alguns produtos alemães.

Quando os navios de guerra chegam aos vários portos europeus, um grupo de raparigas parte para lá a fim de tratar da venda dos produtos com os oficiais para isso designados em cada navio. Trata-se geralmente de automóveis, rádios e aparelhos eléctricos domésticos. Por isto Anneliese viaja através da Europa durante a maior parte do ano e é das poucas raparigas alemãs que prefere passar férias no seu país natal.

Ganha 700 marcos (cerca de 4.900\$00) por mês que lhe dão para pagar o quarto, os vestidos, a alimentação, os cigarros e os divertimentos. Com o que sobra compra peças antigas de mobiliário. O salário de Anneliese deve considerar-se bom mesmo para uma rapariga alemã. Outras satisfazem-se com menos. É importante para elas viajar uma vez por ano, vestirem-se de acordo com a moda e ter pelo menos um par de sapatos italianos.

A estatística indica que a idade média para o casamento é por volta dos 24,8 anos. Os 8 décimos justificam-se porque muitas raparigas alemãs casam para lá dos 25 anos. De cada 100 raparigas só 5 se casam antes dos 23 e 38 dos 20 aos 24. Antes da guerra, as raparigas alemãs casavam-se mais cedo. Era a época em que Hitler queria uma raça alta e loura, prolífera e de olhos azuis. Hoje em dia, além de casarem mais tarde, desejam menos filhos: três no máximo. Com respeito aos olhos azuis e ao cabelo loiro, os antropologistas declaram que o verdadeiro tipo germânico é um mito, sobretudo hoje com os casamentos muito frequentes entre gente do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste.

Em toda a Alemanha, de cada 100 raparigas apenas 35 têm olhos azuis e cabelos louros. Quando, em 1942, a UFA convidou a loura Kristine Söderbaum a interpretar «A Cidade Dourada», as pessoas que viram o filme pensaram ser ela bem representativa das raparigas alemãs quando ela era afinal sueca, nascida e criada em Estocolmo.

Muitas vezes, a rapariga alemã prefere ter da vida alguma experiência antes de tomar

um compromisso tão sério como o casamento. A maior parte dos divórcios ocorrem na Alemanha com mulheres entre os 26 e os 35 anos. Dos 48 milhões de habitantes do país, de resto, 80.000 se divorciam por ano. A rapariga alemã não se casa nunca antes dos 16 anos. Todos os filhos nascidos de raparigas mais novas são ilegítimos. Para a maioria das raparigas alemãs o casamento é uma operação deliberada como a escolha de um emprego, e para a qual é preciso saber primeiro bem aquilo que exactamente se quer.

No que diz respeito aos empregos, a partir dos catorze anos começa ela a pensar nisso. O Ministério do Trabalho envia certo número de consultoras especialistas para as escolas. Estas devem procurar mostrar o mais claramente possível às estudantes as suas possibilidades de emprego. Muitas raparigas preferem escolher emprego num sítio onde lhes seja fácil arranjar também marido — por exemplo, num cabeleireiro. Outras pensam vir a deixar o trabalho quando casarem, o que acontece raras vezes.

As despesas de uma família são elevadas num país desenvolvido técnica e politicamente como a Alemanha. Não para a televisão nem para a cozinha automática, mas para criar os filhos. Nas famílias com pequeno rendimento, os filhos, acabado o prazo de instrução obrigatória (até aos 14 anos) são obrigados a contribuir para o sustento da família. Quer os rapazes quer as raparigas. Quando se pergunta a um jovem «Que pensas fazer quando fores crescido?» a resposta mais comum é esta: «De momento preciso de ganhar dinheiro o mais depressa possível, como dizem os meus pais.»

O desejo de alcançar um certo nível de vida é tão forte que abandonar um bom emprego com um bom ordenado tornaria infeliz qualquer rapariga. E depois, a viagem ao Sul? Os vestidos? Os fins-de-semana? Quando foi conhecida a história de Rose-maire Nitübett, a famosa milionária assassinada em misteriosas circunstâncias, muitas raparigas de 20 anos perguntaram a si próprias como tinha sido possível ganhar tanto dinheiro em tão pouco tempo só à custa do próprio corpo. Nas cidades da Alemanha Ocidental cerca de 1.500.000 raparigas dos 16 aos 24 anos levantam-se das 6 às 6,30 todas as manhãs para irem para os escritórios e lojas. Muitas mais trabalham em fábricas como operárias.



A operária: as mulheres tiveram um preponderante papel na reconstrução econômica da Alemanha. O desejo de conseguir independência de vida, através do trabalho aumentou a produtividade do país. Um terço das mulheres alemãs são operárias.

Se se pergunta a uma rapariga porque trabalha, ela fica por momentos perplexa e responde depois: «Porque uma rapariga tem que trabalhar».

Por exemplo, Astrid Schiller, que é secretária durante o dia e recebe cerca de 250 marcos por mês, à noite frequenta um curso de modelo.

O curso demora dois meses e, no fim, Astrid receberá um diploma. Poderá então ganhar mais. Ainda não tem 16 anos e pensa já nos 500 marcos que, de início, lhe pagarão como modelo. Por agora gasta os 250 que recebe, em vestidos, porque vive com a família, em Frankfort.

Poucas raparigas têm tendência para levar vida boémia — preferem a segurança e evitam aventuras fáceis. Recentemente, um Instituto de Sondagens à Opinião Pública fez a raparigas dos 16 aos 24 anos a seguinte pergunta: «Preferiria um ordenado alto mas incerto ou outro mais baixo mas mais seguro?». 82 raparigas em 100 optaram pela segunda alternativa. Isto é sintomático de que os «blue-jeans» são apenas, na Alemanha, uma moda superficial.

O AMOR DAS ILUSÕES

«Falta coragem às raparigas», diz Heike Benad, «para levarem uma vida mais livre». Tem 20 anos e trabalha numa casa editora. Estuda línguas na Universidade de Frankfort e paga as propinas e os livros com o dinheiro que ganha no emprego.

Nasceu na Alemanha Oriental. É morena, com dois grandes olhos tristes, mais francesa que alemã à vista, com o cabelo liso, corrido e apanhado atrás à maneira do século passado. Faz ela própria os seus fatos. Tem poucos amigos e muitos conhecidos. Fora do trabalho passa os dias sòzinha. Almoça ao meio-dia num desses típicos restaurantes alemães com um velho piano que só se abre sábado à noite, quando os camponeses da região vêm à cidade e se juntam à volta das grandes mesas com salsichas e cerveja. Heike não prescinde dos seus sapatos italianos e da sua viagem ao Sul. Sem dinheiro sentiu-se infeliz. Foi ela uma das poucas raparigas que confessaram: «Adoro ilusões». A sua maior ilusão seria poder escrever uma boa novela — pelo menos uma vez.

Poucas são as raparigas que conseguem manter-se assim estudando e trabalhando ao mesmo tempo.

Dumelien viaja. Antes da guerra vivia com a família num castelo da Pomerânia. Agora vive longe dos pais e é economicamente independente. O seu emprego leva-a a fazer frequentes viagens através da Europa.

Elfried Beck, de 21 anos, lamenta não ter continuado os seus estudos.

Precisou de começar a trabalhar cedo para ajudar a mãe que vive em Marburgo.

O pai morreu durante a guerra. Elfried, aos 15 anos, disse à mãe: «Vou para Frankfurt procurar trabalho» — e encontrou-o. Começou por telefonista e passou depois para uma revista semanal ilustrada. Não é o tipo de rapariga dada a ilusões. Gosta da sua liberdade, está noiva e não pensa casar-se antes dos 24 anos. Tem confiança em si própria. É ruiva — e é feliz.

Na Alemanha, em cada três estudantes universitários há uma rapariga. A Universidade de Munique é a mais frequentada, principalmente em literatura e filosofia. Há um subúrbio de Munique, Schwabing, onde os rebeldes da nova geração se reúnem. Encontram-se em cafés italianos, chamados «expressos», e adoptam os modos e as atitudes dos seus colegas parisienses.

Antes da guerra e mesmo antes do nazismo, a juventude alemã unia-se em grupos de ins-

Teenagers: na Alemanha há 50 clubes de **teenagers** com 15.000 membros. Estes clubes são frequentados por raparigas dos 14 aos 19 anos. Conversam, ouvem discos e recebem lições de dança.



piração política, onde as mulheres estavam em minoria. Actualmente, qualquer cidade da Alemanha Ocidental tem os seus «Teenagers Clubs» e «Fans' Clubs».

Os «Teenagers Clubs» são frequentados apenas por raparigas entre os 15 e os 20 anos, e há cinquenta na Alemanha com cerca de 15.000 membros. Funcionam como locais de treino para a vida social. O Yoga, a dança e as línguas estrangeiras são ensinadas a baixo custo.

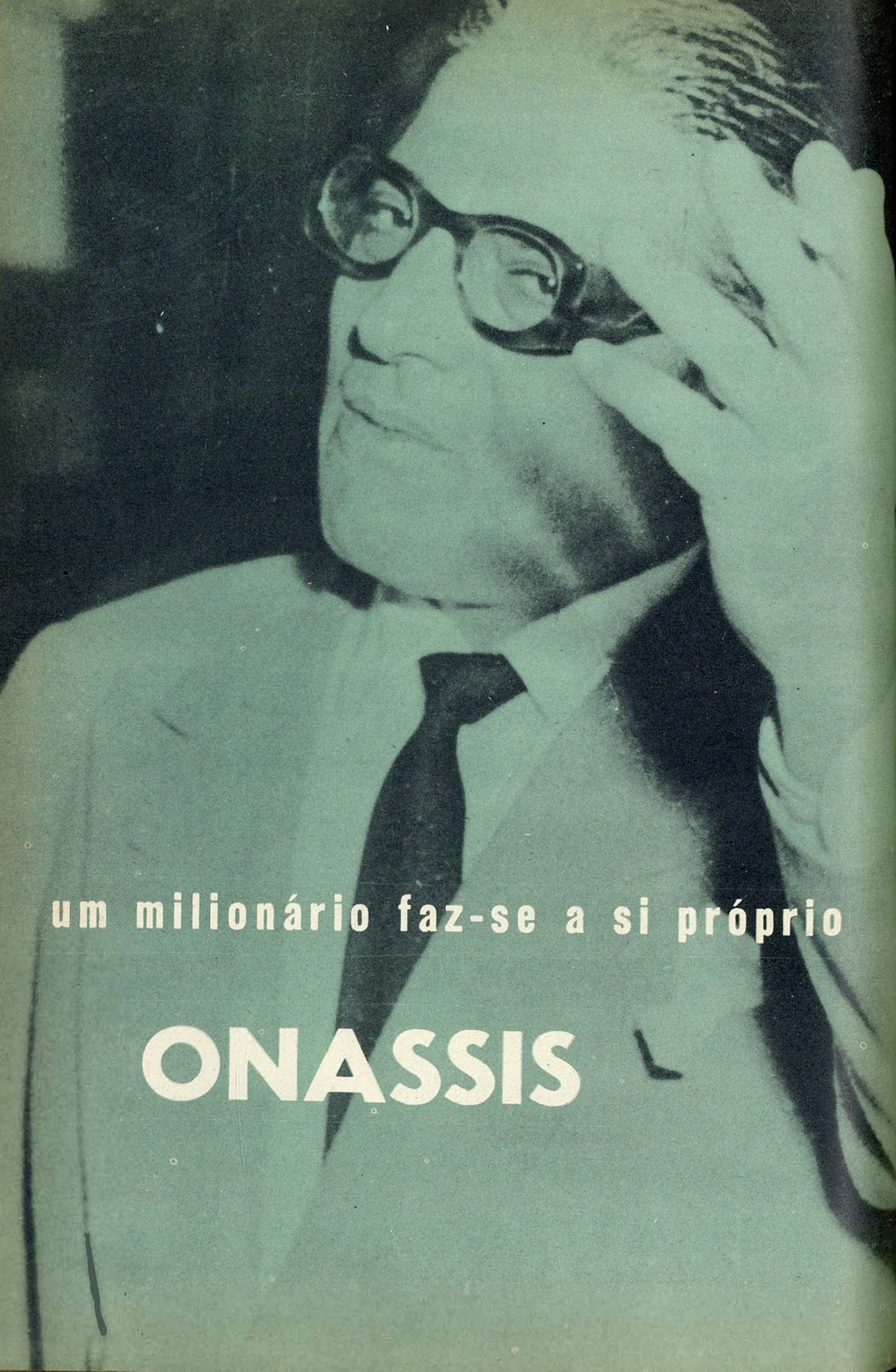
Os «fans' clubs» são 300 e os seus membros à volta de 30.000, rapazes e raparigas. Têm como patronos James Dean, Caterina Valente, Horst Bucholz, O. W. Fischer. Caterina Valente manda os discos de graça aos seus fans. Os pais preferem ver os filhos adorando estes passageiros e inocentes ídolos — do que correr os riscos de uma nova juventude hitleriana.

Sabem que, mais tarde ou mais cedo, as filhas encontrarão um emprego e um marido.

O emprego, na Alemanha e o marido, talvez no estrangeiro.

Uma rapariga como muitas outras: Elfried Beck conta 21 anos, trabalha para um semanário ilustrado e tem confiança em si própria. Para ela como para tantas outras raparigas alemãs, só o trabalho torna possível a posse de sapatos de luxo e de trajes elegantes — e uma viagem ao estrangeiro de vez em quando.





um milionário faz-se a si próprio

ONASSIS

Certo dia de Dezembro de 1956 cinco cavaleiros sorridentes e felizes apertavam-se as mãos uns aos outros no Grace Bank de Nova Iorque.

Esses cinco homens tinham razões para se sentir felizes. Acabavam de decidir a construção dum petroleiro gigante de 106.500 toneladas.

O superpetroleiro que assim se projectava navegaria com o pavilhão dos E. U. A. e, entre os cinco homens que com tanta satisfação se felicitavam mutuamente, contava-se Onassis, um magnata grego que era já possuidor de uma frota de 1.500.000 toneladas, aproximadamente.

UM PROJECTO MORTO À NASCENÇA

Presentemente, nenhum desses milionários sorria na frente dos outros. Pelo contrário: a guerra rebentou entre eles e o barco nunca chegou a ser construído.

Porquê? Em primeiro lugar a crise do Suez foi resolvida e a falta de petróleo que então afligia a Europa já não preocupa ninguém. Por outro lado, Onassis não estava interessado na construção do navio. No fim da guerra ele comprara numerosos barcos ao governo dos E. U. A., através de filiais que eram aparentemente controladas por cidadãos americanos, tal como exigia a lei. Mas o Governo americano descobriu a manobra e Onassis teve de aceitar certas condições pouco agradáveis para chegar a um acordo.

Na base desse acordo estava a promessa de Onassis de que construiria dois petroleiros de 46.000 toneladas e um de 106.500. Por outro lado, ele comprometia-se a reorganizar as suas companhias sob a bandeira dos E. U. A.

O acordo entre Onassis e o Governo americano tinha sido estudado em todos os seus pormenores, mas houve um ponto que não foi considerado: a rápida solução da crise do Suez. É claro que Onassis encarou logo a possibilidade de não construir o grande petroleiro e de não cumprir o contrato... Resultado: o Governo americano ressuscitou o pleito contra ele...

Claro está que Onassis não se perturbou com isso. A sua vida tem sido um constante pleito que os seus advogados espalhados por todo o mundo conseguem quase sempre ganhar.

Alguns exemplos de batalhas legais:

1 — Uma disputa contra a **Aranco** devida ao facto de Onassis ter concluído um acordo monopolístico para o transporte de petróleo com a Arábia Saudita.

2 — Uma «guerra da baleia» com a Noruega, que acusava a frota piscatória de Onassis de violar o código internacional que rege a pesca da baleia.

3 — Outra «guerra da baleia» com o Peru, que se havia apoderado dos navios de pesca de Onassis por estes se acharem a pescar em águas peruanas. Onassis teve de pagar três milhões de dólares pelo resgate dos navios e acabou por vendê-los ao Japão, desistindo dos negócios de pesca.

OS BENEFÍCIOS DO TABACO

Os gregos, como muitos outros povos insulares, têm o instinto da navegação. Tanto na sua pátria como no estrangeiro dedicaram-se sempre à arte de navegar. Em Londres e em Nova Iorque vivem famílias gregas — os Livanos, os Kulukundis, os Gulan-drís, os Vergohis — que aí se estabeleceram há muitos anos e que constituem um grupo bem definido na comunidade dos armadores de navios e outros industriais e comerciantes do ramo marítimo.

Aristóteles Sócrates Onassis não pertencia, porém, a uma família ligada às actividades marítimas. A base donde partiu foi o negócio de tabaco.

Nasceu em Esmirna (Turquia) em 21 de Setembro de 1906. Era filho dum homem de negócios grego, Sócrates Onassis, que comerciava em tabaco, grão, uvas e outros produtos agrícolas. Aristóteles perdera muito cedo a mãe e foi entregue com a irmã, Penélope, aos cuidados do avô.

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou, as tropas gregas ocuparam Esmirna e Iznir. O pai de Onassis que era tesoureiro duma organização pró-grega colaborou entusiasticamente com as forças de ocupação. Mas três anos depois, o Exército turco, sob o regime de Kemal Atatürk, reconquistou Esmirna e vingou-se cruelmente dos patriotas gregos.

O jovem Onassis, que tinha então 16 anos de idade, foi enviado com o pai para um campo de concentração.

Onassis garantiu mais do que uma vez que

algumas pessoas da sua família foram assassinadas pelos turcos. «Eu vi o enforcamento de três tios meus, enquanto uma das minhas tias e um filho morriam queimados dentro duma igreja», declarou. Deve acrescentar-se que a Embaixada Turca em Washington assevera que «nenhuma pessoa pertencente à família de Onassis foi enforcada» e nega que Onassis tenha sido internado num campo de concentração. Tanto o pai como o filho, segundo a versão turca, fugiram para a Grécia.

Desta ou daquela maneira, com maior ou menor sofrimento, a verdade é que a família de Onassis — um total de 16 pessoas — conseguiu chegar à Grécia. E em 3 de Setembro de 1923 Aristóteles partia de Génova com destino a Buenos Aires. Ele trabalhou seis meses numa companhia telefónica. Depois empregou-se numa casa que importava tabacos orientais e ficou a conhecer a fundo esse negócio. Tinha então 19 anos!

MILIONÁRIO EM QUATRO ANOS

A ascensão foi vertiginosa. Dentro de muito pouco tempo, Aristóteles Onassis estava milionário.

Como triunfou? A verdade total não é fácil de a sabermos. Mas ele explica que trabalhou muito e que conseguiu elevar o consumo do tabaco oriental de 10 para 35 %. Se existe outra explicação, ninguém sabe...

Mas a grande época deste milionário de 23 anos ainda não começara. E'a iniciou-se quando ele se dedicou à marinha mercante.

Segundo uma história geralmente reconhecida como verdadeira, Onassis começou a sua nova vida quando lhe foi parar às mãos uma frota de navios pertencente a uma companhia canadiana que tinha falido.

Nos princípios de 1931, Onassis foi à Suécia para vender tabaco ao Monopólio do Estado. Por essa altura, Onassis tinha já o título de consul geral que lhe fora conferido pelo Governo grego como recompensa pelos serviços prestados à Grécia. Durante a viagem ele conheceu uma senhora sueca de grande formosura que era, nada mais, nada menos, que a filha dum grande armador sueco. Deste modo, foi o próprio amor que introduziu Aristóteles nos negócios marítimos.

O noivado foi longo e acabou num desastre. Mas entretanto Onassis conseguira a amizade dos círculos marítimos noruegueses e

suecos... Isso explica que tenha sido na Suécia que Onassis construiu os seus primeiros petroleiros (de 1936 a 1939) e que constituiu a sua primeira Companhia de Navegação.

A GUERRA TAMBÉM TEM VIRTUDES...

Quando a guerra começou, Onassis já tinha uma pequena frota. É certo que muitos dos seus navios ficaram encurralados no Báltico. Mas Onassis soube aproveitar bem os restantes.

Jogou nos Aliados e acertou, visto que estes ganharam a guerra... Alugou-lhes os navios por preços fabulosos (os homens que estavam a ser bombardeados em Londres tinham absoluta necessidade de gasolina). Por outro lado, quando algum dos seus navios ia ao fundo, obtinha uma elevada indemnização. Acontecesse o que acontecesse, ganhava sempre...

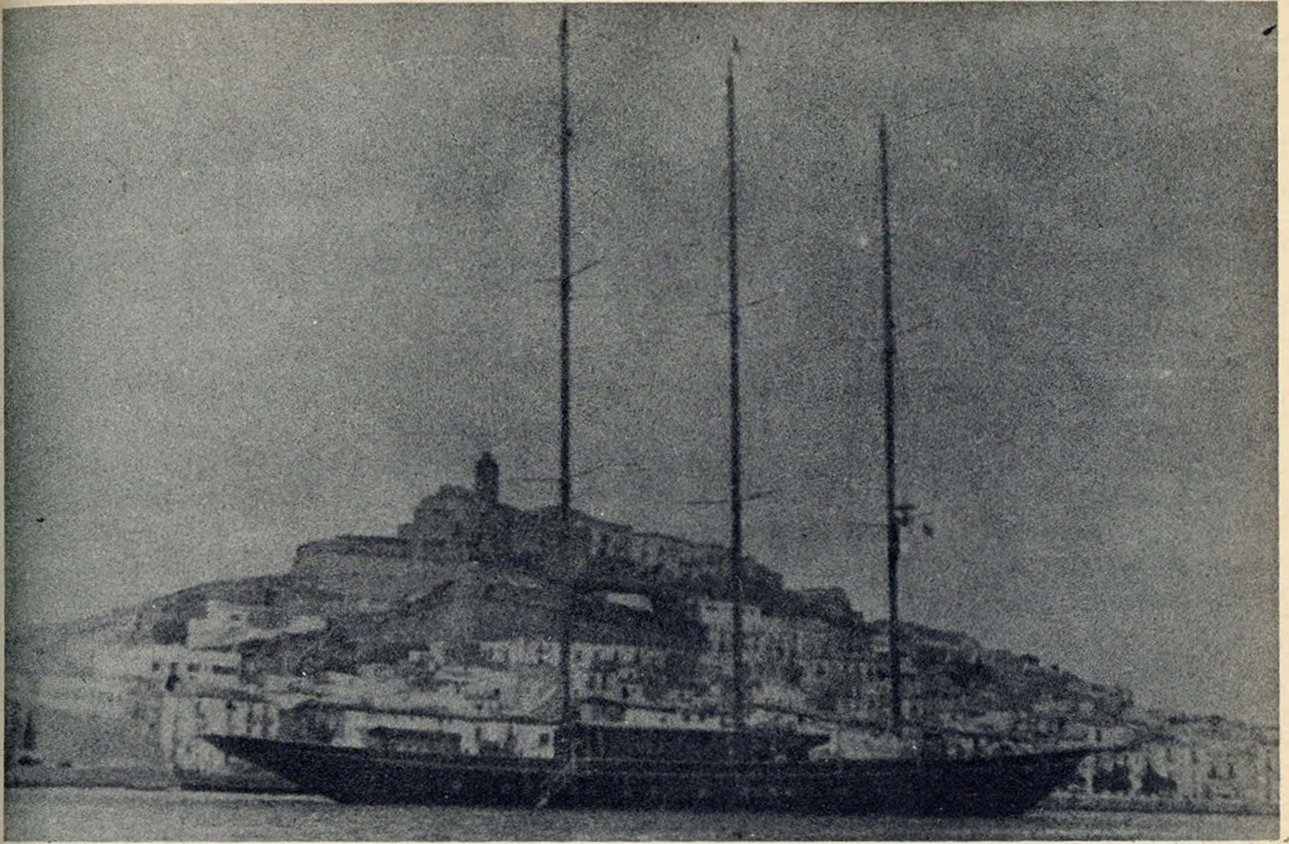
Em 1942 Onassis transferiu o seu quartel-general para Nova Iorque. Aí conheceu Stavros G. Livanos, velho lobo do mar e grande armador e Stavros S. Niarchos, um moço tão empreendedor como Onassis.

Entretanto Niarchos e Onassis tornaram-se cunhados, pois casaram com filhas de Livanos. Deste modo se constituía a maior frota familiar de todos os tempos!

Estes laços familiares não lhes mataram, claro está, o espírito de competição... A rivalidade entre os três cresceu. O próprio Onassis confessou um dia: «Ordinariamente disparamos uns contra os outros a matar... Mas, de vez em quando, reunimo-nos em volta duma mesa e procedemos como verdadeiros cavalheiros, numa homenagem às senhoras...» Como diz um velho provérbio «quando dois gregos se encontram, a guerra rebenta imediatamente».

QUANDO SE PODE JUNTAR O ÚTIL AO AGRADÁVEL!

Tina Onassis é, indubitavelmente, uma das mulheres mais invejáveis — e invejadas — do mundo. Tem tudo quanto uma mulher pode desejar: beleza, inteligência, encanto pessoal, boa educação, um marido famoso, dois filhos encantadores... e muitos milhões de dólares. Devia ser, portanto, uma mulher absolutamente feliz. Mas será?



Hoje pode responder-se que não. Tina pôs uma acção de divórcio contra o marido — e o nome de Callas foi citado demasiadas vezes nos jornais... Mas é preciso acrescentar que muito antes do aparecimento da grande cantora italiana já as relações entre Onassis e a esposa deixavam muito a desejar. Basta dizer que Aristóteles soma por ano cerca de 100.000 milhas de voo, sem contar com as horas gastas a viajar no seu barco, no comboio, ou de automóvel. Que importa que telefone à mulher, religiosamente, todos os dias? O telefone nunca foi bom substituto da presença pessoal.

Além do mais, Tina Onassis tem pouca sorte. Quando ainda era aluna duma elegante escola de Connecticut, o cavalo que a conduzia caiu-lhe em cima, causando-lhe ferimentos que a obrigaram a permanecer várias semanas no hospital. Já depois de ter casado quebrou uma perna, em St. Moritz, quando esquiava. Em 1956, teve um grande desastre de automóvel que lhe partiu o nariz e vários ossos da cara.

UM MARIDO FIEL

Onassis estava em Nova Iorque reorganizando as suas companhias, mas voou ime-

diatamente para a Suíça e chamou os mais notáveis cirurgiões do mundo para **restaurarem** o rosto da mulher. A verdade é que a beleza clássica, quase perfeita, de Tina, nada sofreu.

Athina nasceu a 19 de Março de 1929, em Londres, onde a família Livanos se havia estabelecido nos princípios do século. Em 1940, Athina e os irmãos foram para o Canadá (era a época em que Londres sofria os ataques alemães). Completou a sua educação num convento de Montreal e num aristocrático colégio de Connecticut.

Pequena e esbelta, loira, olhos em forma de amêndoa, Tina seria sempre muito cortejada pelos homens, mesmo que não fosse rica. Claro: Onassis, ao casar-se com Tina, era nela apenas que pensava, ou pensaria também nos barcos do papá Livanos? A mesma pergunta é legítima para Niarchos...

O dia e até a hora em que Aristóteles Onassis se declarou a Tina podem ser ditos com rigor, pois esta usa uma pulseira na qual se lê o seguinte:

Saturday, 7, P. M.

17, April, 1943

T. I. L. Y.

Essa pulseira foi-lhe dada três anos mais tarde, no dia em que se celebrou o noivado. As letras T. I. L. Y. queriam dizer: **Tina I love You.**

17 de Abril de 1943: Onassis tinha então 36 anos e Tina, 14.

O pai Livanos não era contra o casamento, claro está. Mas foi de opinião que o deviam adiar por um ano. As razões? Eugénia — a outra irmã de Tina — era mais velha e os gregos têm um provérbio que diz que quando um pai casa a filha mais nova antes da mais velha, esta fica para tia.

A verdade é que Eugénia nunca correu esse risco. Tão bonita e tão rica!

PRÍNCIPE SEM COROA?

Quando Onassis comprou a banca de Monte Carlo em 1952, os jornais de todo o mundo anunciaram que ele era o verdadeiro dono do Mónaco. A afirmação não parece, em todo o caso, completamente verdadeira. De facto, o Mónaco é a última monarquia absoluta da Europa. Ainda há pouco tempo um conselho de 18 pessoas, eleitas livremente, procurou restringir as prerrogativas constitucionais de Rainier, mas este não aceitou a proposta.

O quartel-general de Onassis tem uma vista soberba sobre o porto de Monte Carlo e sobre as montanhas que rodeiam a cidade. Um jornalista que visitou o grande magnata da marinha mercante mundial, travou com ele este diálogo:

— Quando tenho de tomar uma decisão acerca dos meus interesses no Mónaco, pergunto-me sempre: o Príncipe estará de acordo com ela?

— Então porque escolheu Monte Carlo para seu quartel-general? Porque investiu tantos capitais neste país? — perguntou-lhe o jornalista.

— Tantos capitais? Mas é um erro... Apenas investi um milhão e meio de dólares.

Afinal a compra do Casino de Monte Carlo foi, para Onassis, uma brincadeira de crianças. E no entanto a sua fama mundial deve-se a esse pequeno negócio!

De princípio, as relações entre Onassis e Rainier correram no melhor dos mundos. Onassis precisava do apoio do príncipe para conseguir o domínio completo do Casino e Rainier, pelo seu lado, desejava comprar o

iate de Onassis (que estava disposto a fazer-lhe um preço de amigo: 120.000 dólares).

Mais tarde as relações entre os dois esfriaram. Uma das razões que para tal contribuiu foi a série enorme de processos judiciais em que Onassis se viu metido entre 1954-55.

Rainier citou mais do que uma vez, por essa altura, a frase de Somerset Maugham: «Mónaco é um lugar cheio de sol para gente sombria». Era evidente que Rainier estava a pensar em Onassis.

UM PRESENTE DE CASAMENTO

Nas vésperas do casamento de Rainier com Grace, um dos assuntos de conversa era o presente que Onassis lhes daria... Uns eram de opinião que seria um iate (o próprio iate **Cristina** que custara dois milhões e meio de dólares!). Outros afirmavam que seria um valioso colar. Afinal foi um quadro pintado por Ludwig Bemelmans...

Junte-se a essa desilusão (para o príncipe) estoutra: Onassis recusou a sua ajuda económica na crise financeira que atravessou o pequeno Estado, aquando da falência do maior banco do país em Junho de 1955.

No domínio das relações pessoais, as coisas também não correm muito bem. O príncipe Rainier raras vezes assiste às **galas** oferecidas por Onassis no Sporting Club.

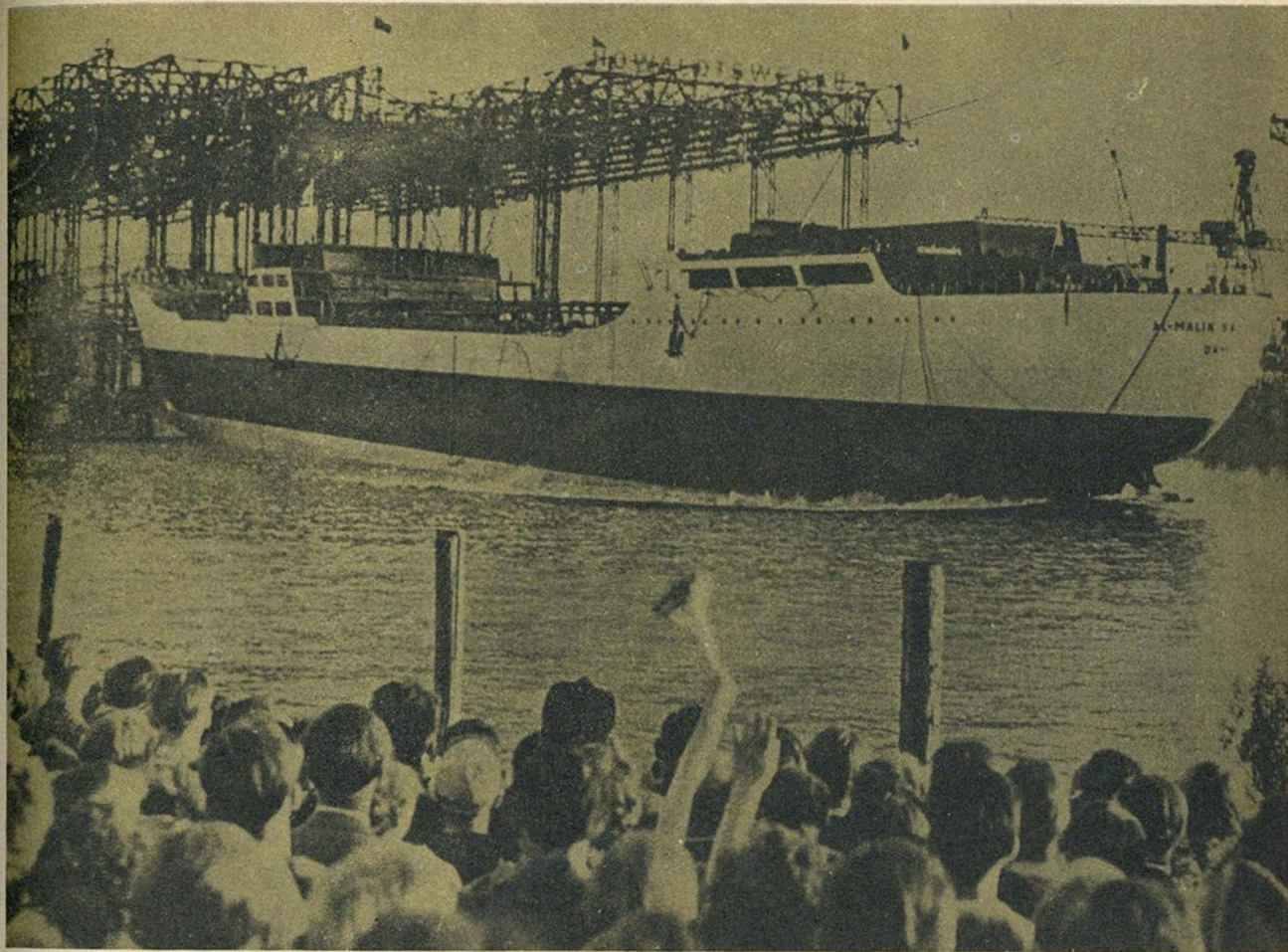
Quanto à princesa Grace não fala com Tina e, de certa vez, recusou-se a sentar-se com ela na mesma mesa.

Produziu-se há pouco um acontecimento que pode ser interpretado como uma prova de que Onassis está decidido a liquidar os seus negócios em Monte Carlo e a partir para outro lado. Um multimilionário francês, Jean Mesnage, deu a entender, muito recentemente, que gostaria de comprar as acções de Onassis na Sociedade do Casino. Ao que parece Onassis já teve uma conferência sobre o assunto.

ONASSIS V/S NIARCHOS

Embora A. S. Onassis não seja exactamente um **Astro** pode ser descrito como o mais interessante de todos os homens de negócios do mundo.

O clima em que vive, a atmosfera que respira, são os mesmos a que estão habituados os **astros** cinematográficos e os novos ricos



que passam o seu tempo entre Oyster Bay, Palm Beach, Paris, Biarritz, Cannes, Monte Carlo e Saint Moritz.

Onde houver um acontecimento mundano, estará Onassis (a menos que esteja na Arábia Saudita a negociar petróleo ou a prestar declarações perante o Congresso dos Estados Unidos). E onde estiver Onassis, estará também, como sombra fiel, o seu cunhado Niarchos.

A luta entre os dois cunhados não se limita aos negócios, alarga-se ao domínio da vida social. Qual deles constrói petroleiros maiores e mais rápidos, oferece festas mais sumptuosas, tem melhores iates, convive com artistas de maior êxito e famílias mais nobres?

Onassis tem um magnífico apartamento em Suhon Square (Nova Iorque); Niarchos tem outro em Sulton Place. Onassis comprou uma vivenda de Verão em Oyster Bay; Niarchos adquiriu outra na esquina de cima. Onassis estabelece-se em Monte Carlo; Niarchos imita-o...

De 1950 a 1953 a família de Onassis viveu num fabuloso palacete da Riviera, em Cap

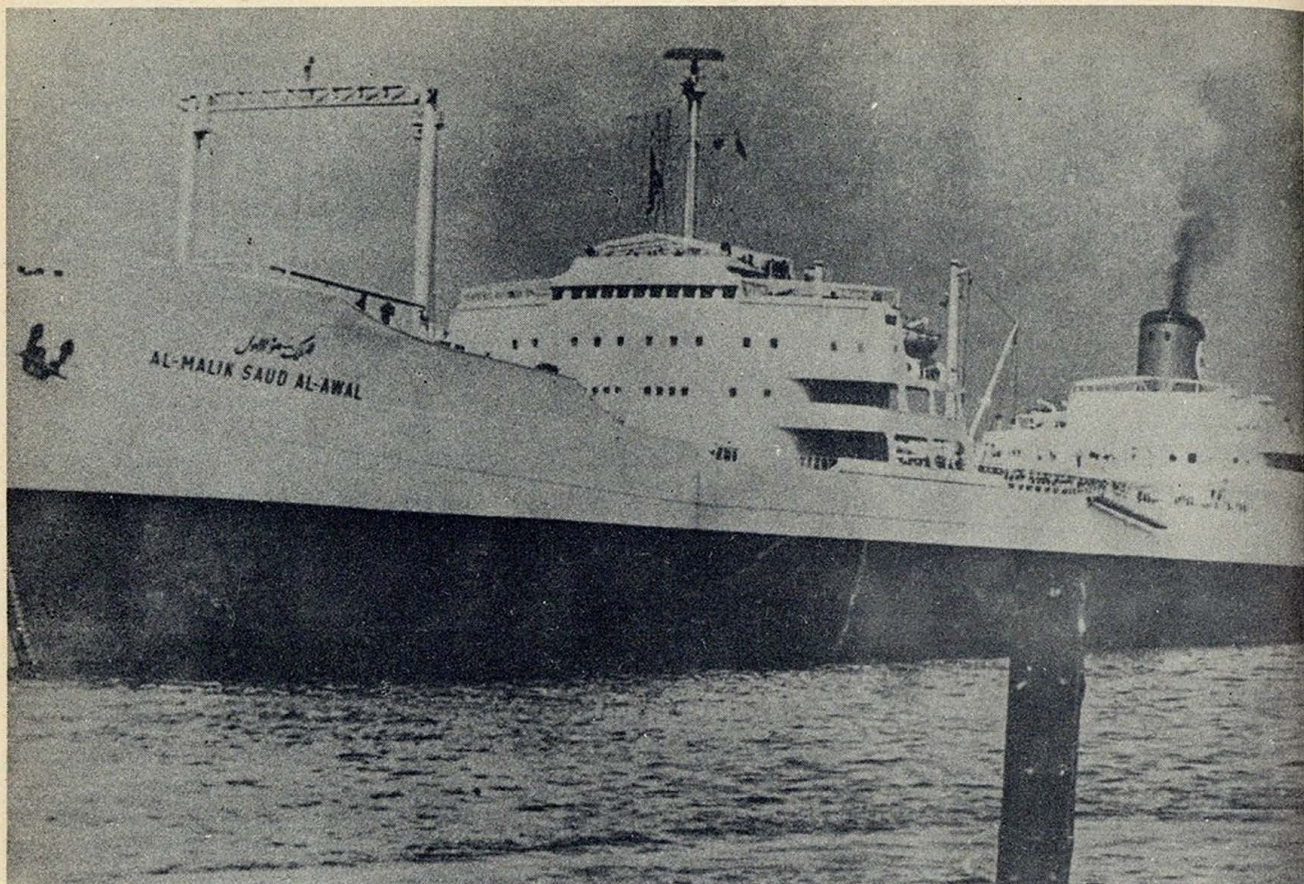
d'Antibes. Antes dele tinham por lá passado os duques de Windsor, o rei Leopoldo, a rainha Helena da Grécia e o rei Faruque. A renda era de 48.000 dólares anuais.

Quando Onassis abandonou esse «refúgio real» Niarchos foi para lá, mas não como inquilino. Comprou-o por 575.000 dólares.

É frequente, claro está, vê-los nos mesmos lugares de diversão: no **night-club** Moroco de Nova Iorque, no Maxim's de Paris, no Sporting Club de Monte Carlo, no Corviglia Club de St. Moritz.

Esta rivalidade aplica-se aos iates particulares... O primeiro a interessar-se por barcos de recreio foi Niarchos com o **Creole** de 699 toneladas. Tratava-se de um luxuoso veleiro de três mastros, o maior do seu tipo. A seguir construiu outro, o **Eros**, de 181 toneladas. Pois bem: em Junho de 1954, Onassis chegou a Monte Carlo no mais maravilhoso iate do mundo: o **Christina**.

Era uma antiga fragata canadiana modernizada em Kiel por especialistas alemães. Desloca 1.700 toneladas e é um autêntico palácio flutuante, digno dum conto de fadas.



Mas Aristóteles achava pouco. Em 1956 comprou outro barco canadiano, o **Fantôme** e ficou assim com dois iates privados.

Outra competição: Onassis e Niarchos colecionam aristocratas. Niarchos tem um príncipe autêntico a trabalhar nos seus escritórios de Londres (Alexandre da Jugoslávia) e deu emprego a muita gente de sangue azul (o seu secretário particular é o conde Jorge Theodoki). Os duques de Windsor visitam-no e hospedam-se nos seus palacetes da Riviera.

Onassis recebe em sua casa, e no seu iate, Winston Churchill. Além disso, está relacionado com o duque Ernesto Augusto de Brunswick, com o príncipe do Hannover, com o príncipe de Urach, com o conde Schaumburg-Lippe, e com o conde Agnielli. Aga Khan visitou-o muitas vezes a bordo do **Christina**.

Além disso, o lançamento à água dos petroleiros de Onassis ou de Niarchos é sempre um acontecimento mundano.

GRETA GARBO

Os grandes nomes da tela também apreciavam a convivência com Onassis: Marlene

Dietrich, Danielle Darrieux, Silvana Mangano, a bailarina Margot Fonteyn, para citar apenas meia dúzia de nomes.

E Greta Garbo. A admiração de Onassis por ela vem de longa data, mas só recentemente conseguiu conhecê-la. Hoje são vizinhos porque a grande actriz sueca comprou uma vila em Cap d'Ail (50.000 dólares). Além disso, ela acompanhou-o várias vezes nuns dos seus cruzeiros pelo Mediterrâneo a bordo do **Christina**.

De certa vez, Aristóteles autorizou algo de inédito na história do Sporting Club de Monte Carlo. Greta Garbo desejou assistir a uma gala que aí se realizava mas não tinha paciência de se vestir a preceito e insistiu em apresentar-se com calças azuis e uma blusa escura. Até esse dia nunca tal sucedera. Lady Docker havia tentado, mas fora-lhe proibida a entrada!

Onassis submeteu-se. Acompanhada pelo próprio Onassis, Greta Garbo passou pelos porteiros sem ser incomodada... Apenas Sua Majestade Sereníssima, o Príncipe Rainier, poderia tê-la chamado à ordem, mas não se atreveu...

E Maria Callas? Ah, isso é uma outra história. Ficaré para outra vez...



O CINTO DE OURO E A FIVELA DE FERRO



guardado está o pecado...

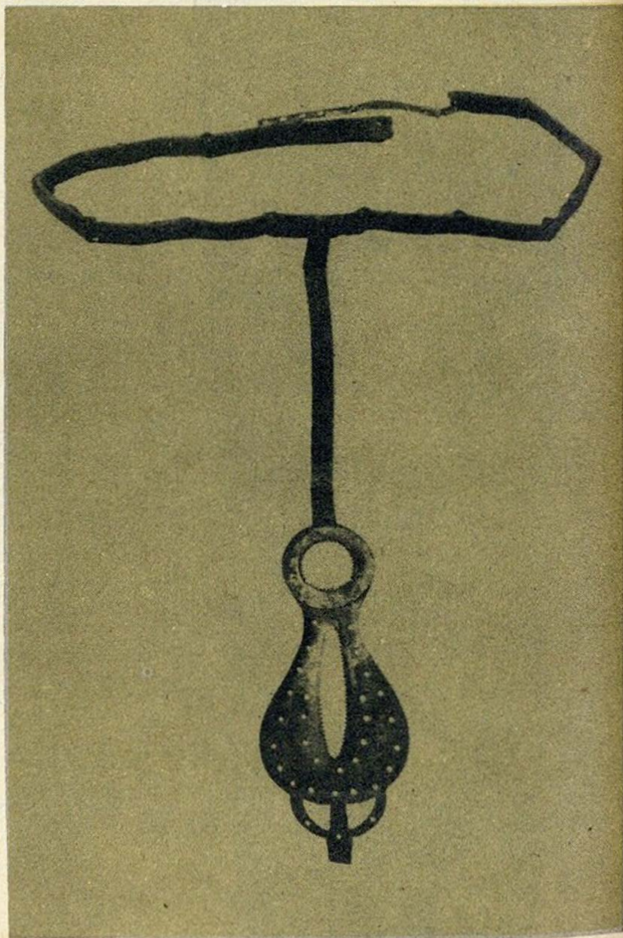
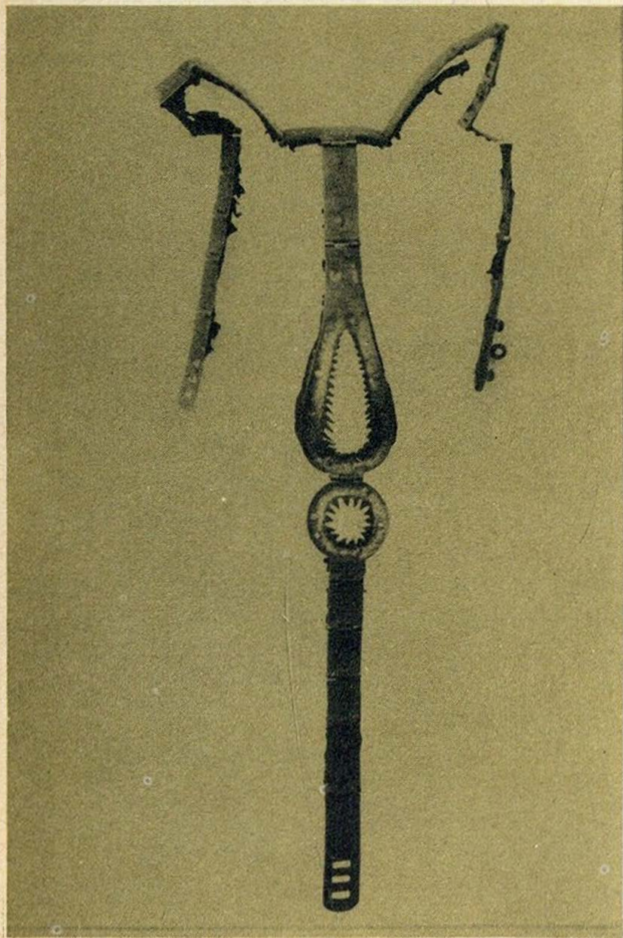
Um inquérito do Ministério da Educação da Grã-Bretanha (1956) apurou que 90% das raparigas estudantes defendiam a emancipação da mulher, aceitando, porém, que as donas de casa realizem «um trabalho como qualquer outro, desde que não se confie em certas prerrogativas abstractas que as afastam da vida moderna». Por outras palavras, as jovens inglesas de 1956 mostravam-se partidárias da igualdade da mulher perante o homem mas já não admitiam os excessos das feministas do princípio do século (tipo salto raso, cabelo curto e saias direitas à maneira de calças).

De facto, a evolução dos direitos femininos tem-se feito a um ritmo acelerado, sobretudo, a partir do segundo quartel do século XIX e muito particularmente depois da experiência da segunda guerra mundial em que se demonstraram de sobejo as suas capacidades de adaptação e de resistência. Os mitos e os tabos tradicionais estão em vésperas de serem banidos de vez nos países da Europa e da América e a chamada «tragédia biológica da mulher», graças à ciência do futuro, deixará

de constituir uma fatalidade indomável, como demonstram desde já os primeiros anos do parto sem dor e as descobertas que vêm sendo feitas acerca dos ciclos mensais.

O curioso, porém, é que passada a fase heróica das feministas à maneira de Emmeline Pankhurst, muito estilo «tia solteirona», muito *iluminadas* e puritanas, as raparigas de hoje têm um sentido mais equilibrado que as salva dos exageros e das ridicularias das paladinas da emancipação. Hoje a mulher usa calças ou *slacks* em casa e na rua, e não faz disso o grito de independência; em vez da austeridade, quase máscula, das audazes libertadoras do século XIX, a rapariga que luta pela igualdade social (voto, assistência, salário, acesso às instituições governativas, etc.) cultiva as suas características femininas, «tanto mais autênticas e mais meritórias, quanto mais independente ela for do ponto de vista económico e social» (resposta de uma das deponentes, no inquérito citado).

Por outro lado, os exageros da grande parte das feministas compreendem-se, se nos lembrarmos de que durante séculos a Mulher foi considerada como ser inferior e instru-



mento do Diabo. Durante o feudalismo havia a célebre disposição do **pis cunni** que dava ao senhor do condado a prioridade de conhecer intimamente qualquer donzela do seu território antes de ser confiada ao noivo. Também são conhecidos os exorcismos medievais aplicados à mulher adúltera ou às malditas de sexo, seres empestados porque desse modo se tinham entregue à posse do diabo, escapando à posse dos esposos.

Na verdade, o aspecto sentimental (e em lugar de destaque o das relações amorosas) constitui como que a pedra de toque para se avaliar da independência da mulher em cada etapa histórica. Desde a lei sálica, desde a epidemia do **incubus** («doença da Idade Média provocada pelos demónios sexuais que atacavam as mulheres») que tantas centenas de milhares de vítimas causou, desde os tempos (não tão remotos como isso) em que se atribuía um preço de casamento para a esposa e para a terra, desde aí que um longo e penoso caminho tem sido percorrido. E embora o mundo tenha descansado das desumanidades do passado que aviltaram a mulher, nem por isso deixam de surgir nesta era de progresso, de **luniks** e de cibernética, alguns sinais de alarme que provam claramente que ainda não secaram de vez as raízes da barbaridade medieval. O caso do Sr. Petit, recentemente descoberto em França, está aí para o demonstrar.

Segundo reza o processo, o Sr. Petit, abastado ourives de Provença, receoso de que a sua mulher o atraísse durante as suas andanças de negócios pelas Américas, fez como os cruzados quando partiam para a Palestina: aplicou-lhe o cinto da castidade. Exactamente: construiu por suas próprias mãos um cinto de ouro maciço. «para que não oscilasse e não criasse equimoses no corpo da esposa» e aplicou-lhe correias de plástico.

Apesar dessas precauções, o utensílio acabou por torturar de tal modo a Sr.^a Petit que esta se viu forçada a denunciar o esposo. Descoberta a sua perversa excentricidade, o ourives, ouvido e solto sob pesadíssima fiança, não resistiu ao escândalo e suicidou-se numa das suas oficinas intoxicando-se com gás.

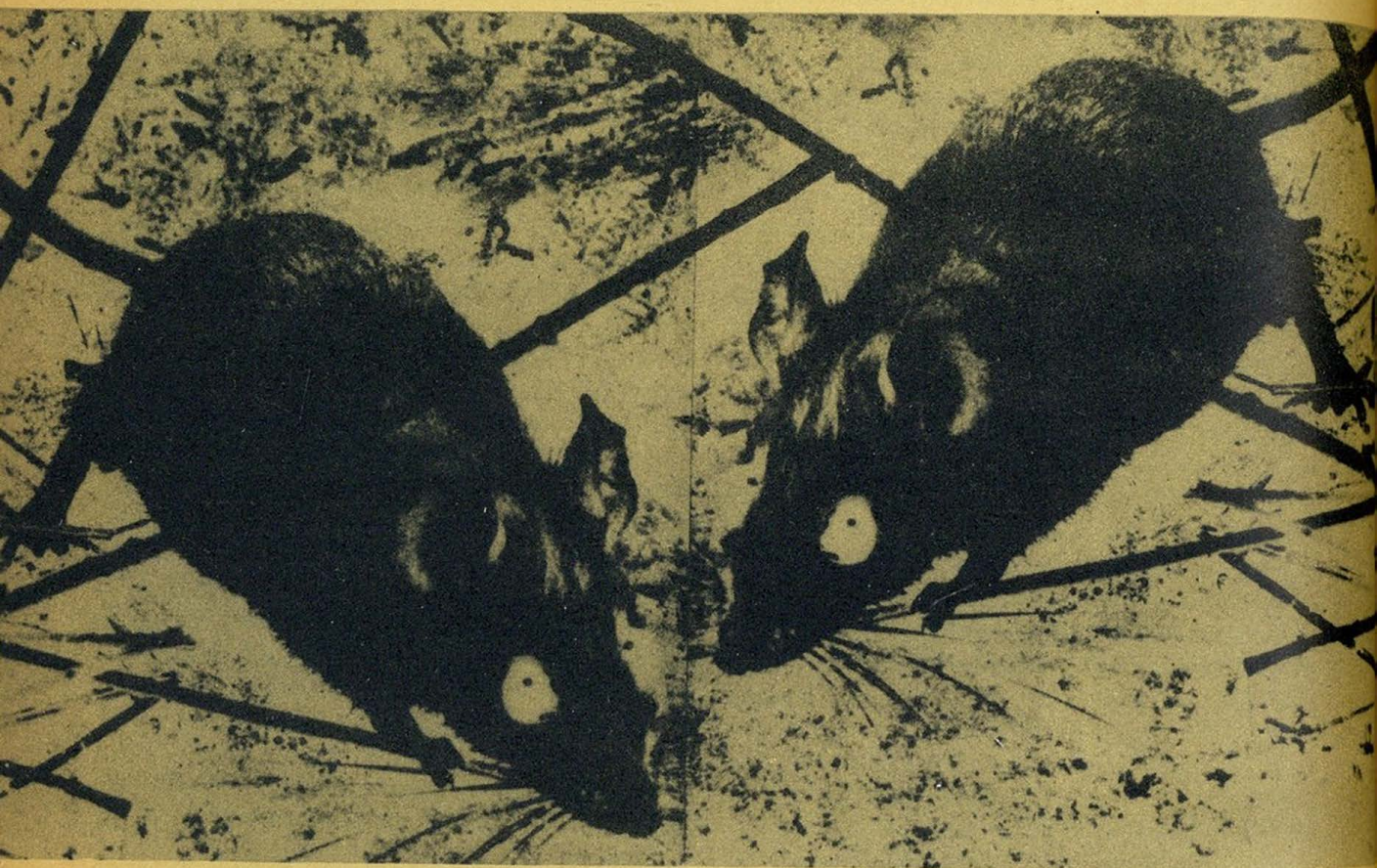
L'Affaire Petit, também conhecido pelo «Caso do Cinto de Ouro» deu brado e suscitou da opinião pública, dos juristas e dos historiadores as mais variadas considerações sobre a situação da mulher e sobre a sua

evolução. Recordaram-se outros exemplos do uso de cintos de castidade na nossa época, como o de um empregado da Casa da Moeda, também em Paris, que persuadira a mulher a usar durante anos esse objecto sempre que ele se ausentava para o emprego. Voltou a falar-se do caso de um farmacêutico que em 1910 foi condenado pelos tribunais de Paris, acusado de crueldade para com a mulher, que a polícia encontrara ligada à cama por uma corrente de ferro e com um cinto deveras complicado.

Mas enquanto este cinto se aproximava, pela concepção, dos modelos modernos descobertos na Alemanha e na Nova Zelândia, o do Sr. Petit inspirava-se francamente nos instrumentos clássicos da Idade Média, com a diferença de que, nos antigos as correias eram de couro e não de plástico, e as chapas e a fivela batidas em ferro com almofadas de seda.

Como referência histórica, é costume apontarem-se dois modelos de cintos de castidade — o de Carrara e o de Estocolmo — modelos de que todos os outros descobertos são variantes mais ou menos elaboradas. Francisco de Carrara, o tirano de Pádua que os venezianos mataram em 1406, deixou o seu nome tristemente associado ao uso destes instrumentos mas, através de trovas e de poemas, foi possível apurar que a aplicação dos cintos de castidade era comumente aceite no decorrer do século XIII. Quinhentos anos mais tarde, Carlota de Orleães, casada com o Príncipe de Modena, usaria um, cravejado de pedrarias e com fivela de ferro em sinal de abstinência e humildade...

O caso do Sr. Petit, o farmacêutico parisiense, e tantos e tantos casos descobertos na remoção de sepulturas em pleno século XIX, testemunham que a presença da Idade das Trevas se não extinguiu de vez. O anacronismo de tais práticas e a observação que elas representam nos raros casos descobertos na actualidade, se, por um lado, nos tranquilizam, obrigam-nos, por outro, a formular a pergunta sobre muitos problemas da situação da mulher que actualmente se nos afiguram como banalidades da vida corrente e que daqui a algumas dezenas de anos serão estudados com tão grande repulsa como a das jovens da Cidade Universitária ao lerem o relato de **L'Affaire Petit**.



OS RATOS DO CEMITÉRIO

CONTO DE TERROR

por henry kuthner

O velho Masson, coveiro de um dos dos mais velhos e abandonados cemitérios de Salem, mantinha uma luta sem tréguas com os ratos. Muitas gerações antes, tinha vindo das docas para se instalar no cemitério uma colônia de ratos anormalmente grandes, e quando Masson tomara conta deste, depois do inexplicável desaparecimento do anterior coveiro e guarda, Masson decidiu que os ratos tinham de desaparecer.

De princípio armou-lhes ratoeiras e deitou comida envenenada para os seus grandes buracos; mais tarde tentou exterminá-los a tiro, mas essa medida radical também não deu resultado. Os ratos ficaram, multiplicando-se incrivelmente e assolando o cemitério com as suas hordas vorazes.

Eles eram grandes, mesmo para o *mus decumanus* que por vezes chega a atingir quarenta centímetros, não incluindo a nua cauda cinzenta e rosa. Masson vira de relance alguns deles tão grandes como gatos e, quando uma ou duas vezes os coveiros tinham posto a descoberto as suas galerias, os túneis mal cheirosos eram suficientemente grandes para deixar passar um homem de rastos sobre as mãos e os joelhos. Os navios que, durante muitas gerações, haviam chegado de portos distantes aos agora apodrecidos molhes de Salem, tinham trazido cargas bem estranhas.

Por vezes, Masson punha-se a pensar no tamanho extraordinário dessas galerias. Lembra-se então algumas vagas lendas perturbadoras que ouvira desde que viera para a velha e assombrada Salem — lendas de uma vida moribunda, inumana, que se dizia existir em galerias esquecidas nas entranhas da terra. Os velhos dias em que Cotton Mather presidira aos velhos cultos adorados por Hecate e a negra Magna Mather nas suas orgias arrepiantes, já tinham passado; mas as casas, cujas estruturas de vigamentos negros ainda se encostavam perigosamente umas às outras nas estreitas ruas de empedrado escuro e os segredos blasfemos, com os seus

mistérios, dizia-se, viviam ainda nos subterrâneos escondidos, onde os esquecidos ritos pagãos ainda eram celebrados, desafiando a lei e a saúde mental de quem a eles assistia. Abandonando as suas grisalhas cabeças, os velhos diziam que havia coisas piores do que ratos e larvas rastejando pela profanada terra dos cemitérios de Salem.

E também havia um curioso e estranho medo dos ratos. Masson não gostava mas respeitava os pequenos roedores ferozes, porque sabia do perigo que se ocultava nos seus dentes relampejantes e afiados como navalhas; mas o que ele não podia compreender era o inexplicável horror que os velhos da cidade tinham às casas decrepitas, desertas e infestadas pelos ratos. Ouvira, no entanto, rumores vagos de seres que viviam bem no fundo da terra e que possuíam o poder de comandar os ratos, reunindo-os à sua volta como exércitos de horror e pesadelo. Os ratos, segredavam os velhos, eram os mensageiros entre este mundo e as cavernas agrestes enterradas lá no fundo de Salem. Tinham sido roubados corpos às sepulturas para festas nocturnas subterrâneas, diziam eles. O mito do «Pied Piper» é uma fábula que esconde um horror blasfemo, e os negros poços do Avernus tinham dado à luz monstruosidades que nunca se aventuravam na claridade do dia.

Masson não dava muita atenção a estas histórias. Não confraternizava com os seus vizinhos e, na realidade, fazia todos os esforços possíveis para ocultar aos intrusos a existência dos ratos. Sabia muito bem que qualquer investigação significaria indubitavelmente a abertura de muitas das sepulturas e que, embora os caixões roídos e vazios pudessem ser atribuídos a obra dos ratos, seria difícil explicar os corpos roubados que se encontravam em alguns dos ataúdes.

Como se sabe, os dentes postiços costumam ser de ouro puro e esse ouro não é retirado quando uma pessoa é enterrada. Os fatos, é normalmente a agência funerária que os

fornece, de fazenda barata facilmente reconhecível. Mas o ouro, isso é outro negócio.

Até essa data, Masson conseguira iludir e desviar qualquer investigação profunda. Tinha negado ferozmente a existência de ratos, ainda que por vezes estes lhe roubassem a presa. Masson não se importava com o que acontecia aos corpos depois de ele ter cometido os seus sacrílegos roubos, mas os ratos antecipavam-se-lhe, por vezes, e roubavam o cadáver inteiro através do buraco que faziam no caixão.

Em certas ocasiões, o tamanho desses buracos preocupava Masson. Além disso, também, havia a circunstância curiosa de os caixões serem sempre roídos e abertos numa das extremidades e nunca no tampo ou num lado. Era quase como se os ratos trabalhassem sob o comando de alguém, um chefe inacreditavelmente inteligente.

Nesse momento, encontrava-se ele dentro de uma sepultura aberta, atirando a última pázada de terra molhada para o monte ao lado da cova. Chovia, uma chuvinha mole, lenta e fria que descia havia já uma semana das nuvens negras e esponjosas que toldavam o céu. O cemitério era um tremedal de lama pegajosa e amarelada, emergindo da qual se viam os batalhões irregulares das pedras de túmulo. Os ratos tinham-se retirado para os seus buracos e Masson já não via nenhum havia alguns dias. Mas o seu rosto duro e magro tinha uma expressão decidida e ao mesmo tempo contraída: o caixão sobre o qual ele assentava os pés era feito de madeira.

O corpo fora sepultado havia alguns dias, mas Masson não se atrevera a desenterrá-lo antes. Um dos parentes do morto viera visitar o túmulo várias vezes, apesar da chuva incessante. Mas dificilmente viria a essa hora, pensava Masson, sorrindo cinicamente. Endireitou-se e deitou a pá para um lado.

Do cimo da colina, onde era o velho cemitério, podia ver as luzes de Salem brilhando fracamente por entre a chuva que caía. O homem tirou do bolso uma lanterna de pilhas. Agora iria precisar de luz. Pegando na pá inclinou-se e examinou as fechaduras do caixão.

Repentinamente interçou-se. Sob os seus pés pressentiu um remexer inquieto e umas arranhadelas como se algo se estivesse a mover dentro do ataúde. Por um momento o seu

coração bateu desordenadamente, enquanto um medo supersticioso atravessou Masson e, depois, a raiva apossou-se dele quando se apercebeu do verdadeiro significado do ruído. Os ratos tinham-se-lhe antecipado outra vez!

Num paroxismo de raiva, Masson lutou com as fechaduras do caixão. Depois introduziu o fio da pá na junta e fez força até que conseguiu espaço para meter as mãos e abriu-o. Em seguida introduziu o frio raio de luz da lanterna dentro do caixão.

A chuva salpicou o forro interior de cetim branco. O caixão estava vazio. Masson apercebeu-se de um movimento no topo da caixa e dirigiu o raio de luz nessa direcção.

O topo do caixão tinha sido roído e um buraco enorme conduzia à escuridão. Um sapato preto, flácido, desaparecia enquanto Masson o observava e de repente ele compreendeu que os ratos se lhe tinham antecipado apenas por uns escassos minutos. O coveiro ajoelhou-se rapidamente e fez uma tentativa de agarrar o sapato e nesse momento a lanterna caiu dentro do caixão e apagou-se instantaneamente. O sapato foi arrancado da sua mão e ele ouviu um chiar excitado. Procurou a lanterna e fez incidir os seus raios para dentro do buraco.

Era um buraco muito largo. Tinha de ser, ou de outro modo o corpo não poderia ser arrastado por ele. Masson pensou um pouco no tamanho dos ratos que podiam arrastar um corpo humano, mas a certeza de que tinha um revólver carregado, no bolso, deu-lhe coragem.

Provavelmente, se o corpo fosse um cadáver ordinário, Masson teria preferido deixar aos ratos os seus despojos do que aventurar-se no buraco. Mas como se lembrava muito bem de ter visto no fato do morto um par de botões de punho excepcionalmente bons e também um alfinete de gravata que era indubitavelmente uma pérola autêntica, decidiu-se, detendo-se apenas um instante para entalar a lanterna eléctrica no cinto. Em seguida rastejou para dentro do buraco.

Masson cabia à justa, mas lá conseguiu espremer-se o suficiente para avançar. À sua frente, à luz mortiça da lanterna, o homem podia ver os sapatos a serem arrastados pela terra húmida do fundo do túnel. Ele arrastava-se ao longo do túnel tão depressa quanto podia, por vezes quase incapaz de se encolher o suficiente para escorregar pelas paredes apertadas.

O ar estava impregnado com um cheiro nauseabundo de carne putrefacta. Se não conseguisse alcançar o cadáver no minuto seguinte, decidiu Masson, voltaria para trás. Os receios começavam a invadi-lo, rastejando como vermes dentro do seu espírito, mas a cobiça empurrava-o para a frente. Por isso avançava, passando por diversos túneis. As paredes do buraco eram húmidas e escorregadias e por duas vezes ele ouviu cair atrás de si pedaços de tecto. Da segunda vez Masson fez uma pausa e voltou com dificuldade a cabeça para trás. Não pôde ver nada, como era de esperar, até que desprendeu a lanterna do cinto e a virou para trás.

Grandes torrões juncavam o caminho que ele tinha percorrido e o perigo da sua posição tornou-se súbitamente real e aterrorizador. Pensando nas súbitas derrocadas o homem decidiu-se a abandonar a perseguição apesar de nessa altura já quase ter alcançado o corpo e as coisas invisíveis que o puxavam. Mas ele tinha-se esquecido de uma coisa: o túnel era demasiado estreito para ele se virar.

O pânico tomou-o, mas Masson lembrou-se de um túnel lateral que ultrapassara momentos antes e recuou, arrastando-se pelo túnel até lá chegar. Fez entrar as pernas para dentro dele, recuando até que se achou capaz de dar a volta. Então começou a andar para trás apressadamente embora os seus joelhos estivessem feridos.

Repentinamente uma dor tremenda subiu-lhe por uma perna. Sentiu que dentes afiados se lhe enterravam na carne e instintivamente sacudiu as pernas num frenesi. Ouviu um guincho agudo e o pisar macio de muitos pés pequenos. Apontando a luz para trás de si, Masson sofreu a respiração num soluço de medo, quando viu uma dúzia ou mais de grandes ratos a observá-lo fixamente com os seus olhos oblíquos brilhando à luz da lanterna. Eram grandes coisas disformes, grandes como gatos e por detrás deles viu de relance uma forma negra que se agitava e se moveu rapidamente para um lado inter-nando-se na sombra; Masson sentiu um arre-pio tão grande como essa coisa inacreditável que entrevira.

A luz tinha feito parar os ratos por momentos, mas já se voltavam a aproximar, os dentes cor de laranja à luz pálida da lâmpada. Masson apalpou o seu revólver, lutou para

o tirar do bolso e fez uma pontaria cuidadosa. A sua posição era desvantajosa e por isso afastou os pés o mais que pôde enterrando-os nos lados esponjosos do túnel de modo que não pudesse meter inadvertidamente uma bala num deles.

O trovejar rolante do tiro ensurdeceu-o momentâneamente e a nuvem de fumo fê-lo tossir. Quando pôde voltar a ouvir e a nuvem de fumo se dissipou, viu que os ratos tinham desaparecido. Voltou a meter o revólver dentro do bolso e começou a rastejar rapidamente ao longo do túnel, mas os ratos regressaram. Saltaram-lhe para cima das pernas mordendo e guinchando de uma maneira terrível e Masson gritou de terror e deitou a mão ao revólver e atirou sem apontar. Sòmente a sorte o salvou de rebentar um pé. Desta vez os ratos não se retiraram para tão longe, mas Masson estava a rastejar o mais rapidamente que podia ao longo do buraco, pronto a atirar novamente ao primeiro ataque.

Ouviu um pisar leve atrás de si e dirigiu a luz para as suas costas. Uma grande rata-zana cinzenta parou a observá-lo; tinha os longos bigodes irregulares enxovalhados e a sua longa cauda nua abanava lentamente de um lado para o outro como a de um gato. Masson deu um berro e o rato retirou-se.

Continuou a rastejar para a frente, parando quando passou pela boca vazia e negra de um túnel lateral à sua esquerda. Distinguiu então um montão informe de qualquer coisa, alguns metros à sua frente. Por um momento pensou que fosse uma massa de terra que se tivesse deslocado do tecto mas, nessa altura, reconheceu que era um corpo humano.

Era uma múmia castanha e encarquilhada e, com um tremendo choque de incredulidade, Masson apercebeu-se de que Aquilo se estava a mover.

A Coisa vinha a arrastar-se na sua direcção e à claridade pálida e luarenta da fraca lanterna o homem viu aquela aterrorizadora cabeça de gárgula bem em frente do seu próprio rosto. Era a cabeça-caveira desapaixada de um corpo morto há muito tempo já, o instinto animado por uma vida infernal; e os olhos mortiços, inchados, protuberantes e bolbosos transumavam a cegueira daquele Horror. A coisa grunhiu fracamente enquanto se arrastava para Masson, franzindo os lábios rachados e ulcerosos num meio

sorriso de fome, de uma fome antiga e insatisfeita. Masson ficou gelado num abismo de medo e horror.

Justamente um momento antes do Horror o tocar, Masson arremessou-se freneticamente para o túnel à sua esquerda. Ouviu um ruído indescritível aos seus pés e a Coisa gemeu cavamente quando começou a persegui-lo. Masson, relanceando por cima do ombro, gritou e arrastou-se desesperadamente para a frente pelo estreito buraco. O homem arrastou-se, rastejando desajeitadamente, as pedras agudas cortando-lhe as mãos e os joelhos, a terra caindo-lhe para dentro dos olhos, mas ele não se atrevia a fazer uma pausa sequer por um momento. Arrastava-se para a frente, ofegando, praguejando e rezando histéricamente.

Guinchando num triunfo, os ratos atiraram-se a ele com uma fome velha de muitos séculos nos olhos brilhantes. Masson sentiu-se perdido. A passagem estreitava-se e numa aflição de puro terror o coveiro agitou-se escabujando e gritando, disparando o revólver até que o cão bateu novamente numa cápsula vazia. Mas tinha conseguido afastá-los.

Agora estava a rastejar sob uma grande pedra que descia do tecto e lhe magoava cruelmente as costas. A pedra cedeu um pouco com a força que fez para passar e uma ideia relampejou no cérebro meio treloucado de Masson. Se ele pudesse fazer cair a pedra o túnel ficaria bloqueado!

A terra estava húmida e mole das chuvas contínuas e Masson ficou meio levantado, cavando furiosamente a terra em volta do pedregulho. Os ratos já se estavam a aproximar. Ele via os seus olhos brilhando fracamente na reflexão dos raios da sua lanterna. E continuava a cavar inexoravelmente a terra. A pedra vacilava. Ele empurrou-a com as mãos e ela oscilou pesadamente. Um rato estava a aproximar-se — o monstro que ele já tinha visto de relance. Cinzento e coberto de postulas, arrastava-se para ele com os seus perigosos dentes alaranjados a descoberto e na sua peugada vinha a Coisa Cega e Morta, regougando enquanto se arrastava. Masson deu um último empurrão frenético à pedra; sentiu-a deslizar para baixo e então começou a sua fuga aterrorizada ao longo do túnel.

Atrás de si a pedra acabou de cair e ele ouviu um guincho aterrorizador de agonía. Torrões caíram sobre as suas pernas. Uma

coisa pesada caiu-lhe sobre os pés e ele conseguiu libertá-los com dificuldade. O túnel estava a desmoronar-se!

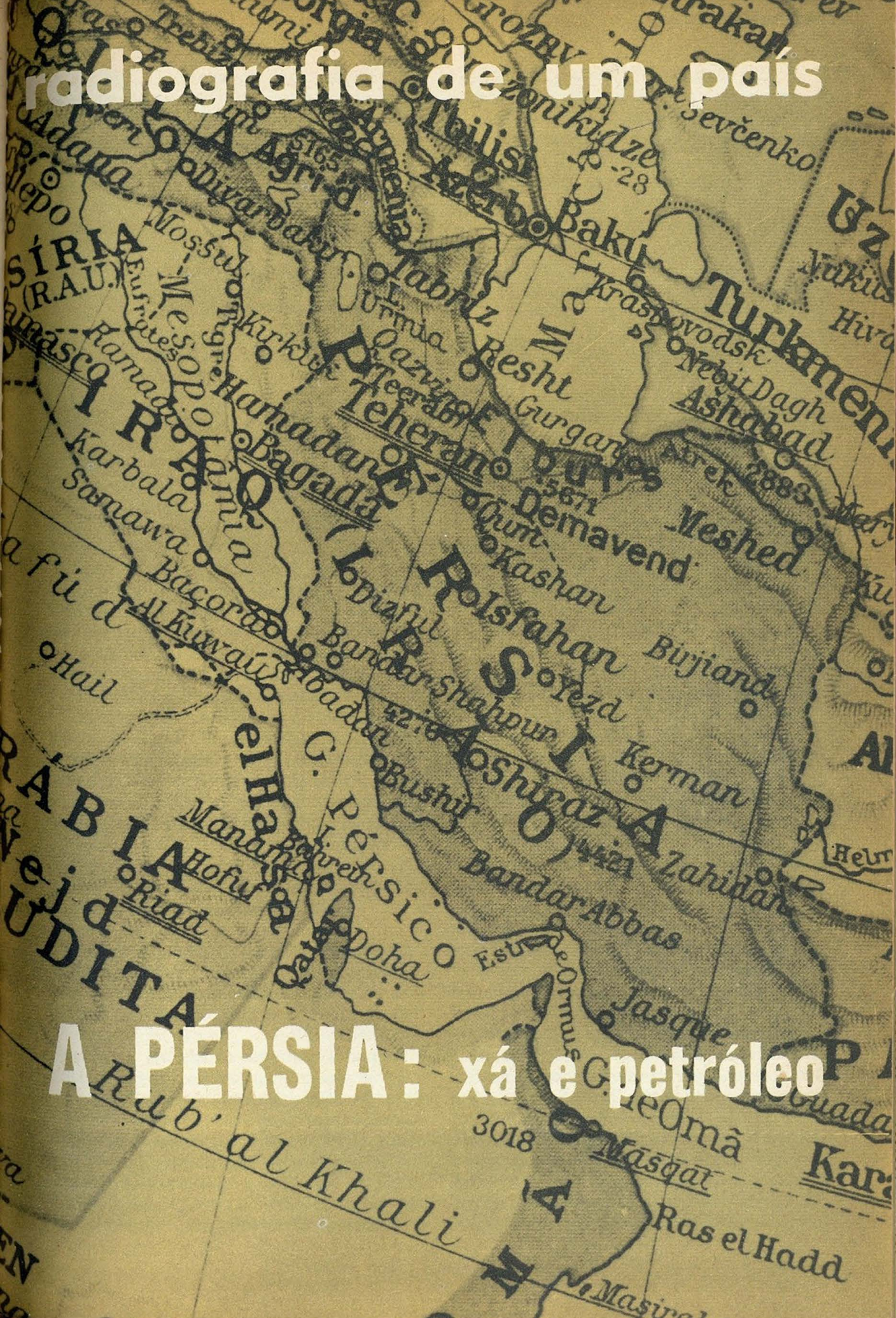
Arfando de medo, Masson atirou-se para a frente enquanto a terra esponjosa lhe caía sobre os calcanhares. O túnel estreitava-se agora até que ele mal podia mover as mãos e os pés para se mover; ele coleou para a frente como uma enguia e subitamente sentiu um pano de setim rasgar-se sob os seus dedos e a sua cabeça bateu contra qualquer coisa que lhe barrava o caminho. Moveu as pernas descobrindo que não estavam presas sob a terra caída. Ele, Masson, jazia deitado sobre o ventre e apercebeu-se de que o tecto estava apenas a alguns centímetros por cima da sua cabeça. O pânico apossou-se dele.

Quando o Horror Cego lhe tinha vedado a passagem, Masson tinha-se enfiado por um túnel lateral que não tinha saída. Portanto ele estava **dentro de um caixão**, um caixão vazio onde tinha entrado pelo buraco que os ratos tinham roído na extremidade!

Tentou virar-se de costas mas descobriu que não podia. O tampo do caixão empurrava-o inexoravelmente para baixo. Então reuniu todas as suas forças e empurrou o tampo. Este conservou-se imóvel e mesmo se ele pudesse escapar do sarcófago, como poderia ele escavar com as mãos um caminho através de metro e meio de terra bem calcada?

Começou a arquejar. Tudo aquilo tinha um cheiro fétido, insuportavelmente quente e vivo. Num paroxismo de terror rasgou e agatanhou o setim do forro até que este ficou em tiras. Fez uma tentativa fútil para escavar com os pés a terra que a derrocada tinha feito bloquear a sua retirada. Se ele ao menos fosse capaz de inverter a sua posição talvez conseguisse escavar um caminho para o... ar... ar...

Uma agonia como um ferro em brasa atravessou-lhe os pulmões, queimando-lhe os olhos. A sua cabeça parecia que estava a inchar, tornando-se cada vez maior. E subitamente ele voltou a ouvir os guinchos dos ratos. Começou a gritar loucamente mas não os conseguiu abafar. Durante um momento Masson agitou-se histéricamente na sua prisão estreita e depois ficou quieto, arquejante. As suas pálpebras fecharam-se, a sua língua enegrecida saiu-lhe da boca e ele mergulhou na negridão da morte com o louco guinchar dos ratos atormentando-lhe os ouvidos.



radiografia de um país

A PÉRSIA: xá e petróleo

Ao Ocidental que passou pelo liceu, a Pérsia lembra Salamina e Maratona (isto é, a Grécia), lembra Alexandre e as suas espantosas conquistas, lembra Roma (as lutas destes contra os Sassânidas) lembra o galo, o pavão, o pêssego (porque já os temos cá) e lembra — mais recentemente — a **Anglo-Iranian** (leia-se B. P.).

Por outras palavras: ao homem cultivado do Ocidente, a Pérsia lembra tudo menos a Pérsia, ao homem cultivado do Ocidente, a Pérsia lembra apenas o próprio Ocidente. É natural que assim seja: pois não é verdade que o europeu só ouve falar desse fabuloso país quando acontece lá qualquer coisa que afecte os interesses ocidentais? A própria Soraia é filha de uma alemã, e o amor dela pelo imperador é um amor à europeia...

PERSAS DE CARNE E OSSO

Apetece perguntar: terá havido Pérsia e persas durante o período em que o Ocidente não ouviu falar desse país? Persas de carne e osso, homens que vivem, sofrem, alegram-se e morrem?

Mas não pode dizer-se que os deuses tenham sido benévolos. Das fomalhas do Golfo Pérsico às brumas do Cáspio, passando pelo deserto do planalto central, o clima está bem longe da amenidade portuguesa. Em Teerão o termómetro oscila entre 48° à sombra (no Verão) e 20° (no Inverno).

Junho, Julho e Agosto, por um lado, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, por outro, devem ser portanto evitados pelos turistas.

Evitados pelos turistas? O quê?, dirá o leitor. Mas há turistas na Pérsia? Valerá a pena visitar esse país longínquo?

A resposta é complicada e depende mais do turista do que da própria Pérsia. Pois não há viajantes que ficam desiludidos com a Itália e com a França, os países eleitos do turismo? Nestas coisas o gosto de cada um (o bom e o mau gosto) é rei e senhor.

Se o turista prefere umas férias cheias de comodidades, umas férias onde possa ter a ilusão de que neste mundo todos os homens (menos os criados dos hotéis e dos cafés) são ricos, nesse caso o Irão não é de aconselhar. É certo que há alguns bons hotéis com ar condicionado, mas, a menos que o turista se condicione a não sair à rua, aqui lhe damos o conselho adequado: não se engane no porto, siga para o Boden See, para

Cap Ferrat, para Portofino ou Capri. Basta dizer que as praias do Cáspio preferem o estrangeiro e que metade da população da capital da Pérsia é constituída por mendigos. Metade, hem?

Porque a Pérsia não foge à regra de ouro do Médio Oriente: país subdesenvolvido, onde a miséria (excepção feita às 1.000 famílias) é atroz.

Mas imaginemos que os interesses do leitor são outros. Pretende viajar, não à procura da «dolce vita», mas precisamente à procura de um povo que dificilmente procura alcançar os benefícios da civilização. Neste caso, a Pérsia oferece um campo imenso. À parte os 80.000 operários das refinarias de Abadã, os persas dividem as suas actividades pelo nomadismo, a agricultura e a mendicidade. O rendimento anual de cada persa não ultrapassa os 1.000 Rx (o que equivale a 300 kgs de cevada ou 150 kgs de trigo!)

E, no entanto, desde Zoroastro, vão já 3.000 anos, que a justiça social tem sido pregada na Pérsia. No século VIII o ardor reformista de Khorzâd foi mesmo ao ponto de propor a partilha pela plebe dos rebanhos e das mulheres dos ricos (que eram então em número exagerado, ao que se conclui).

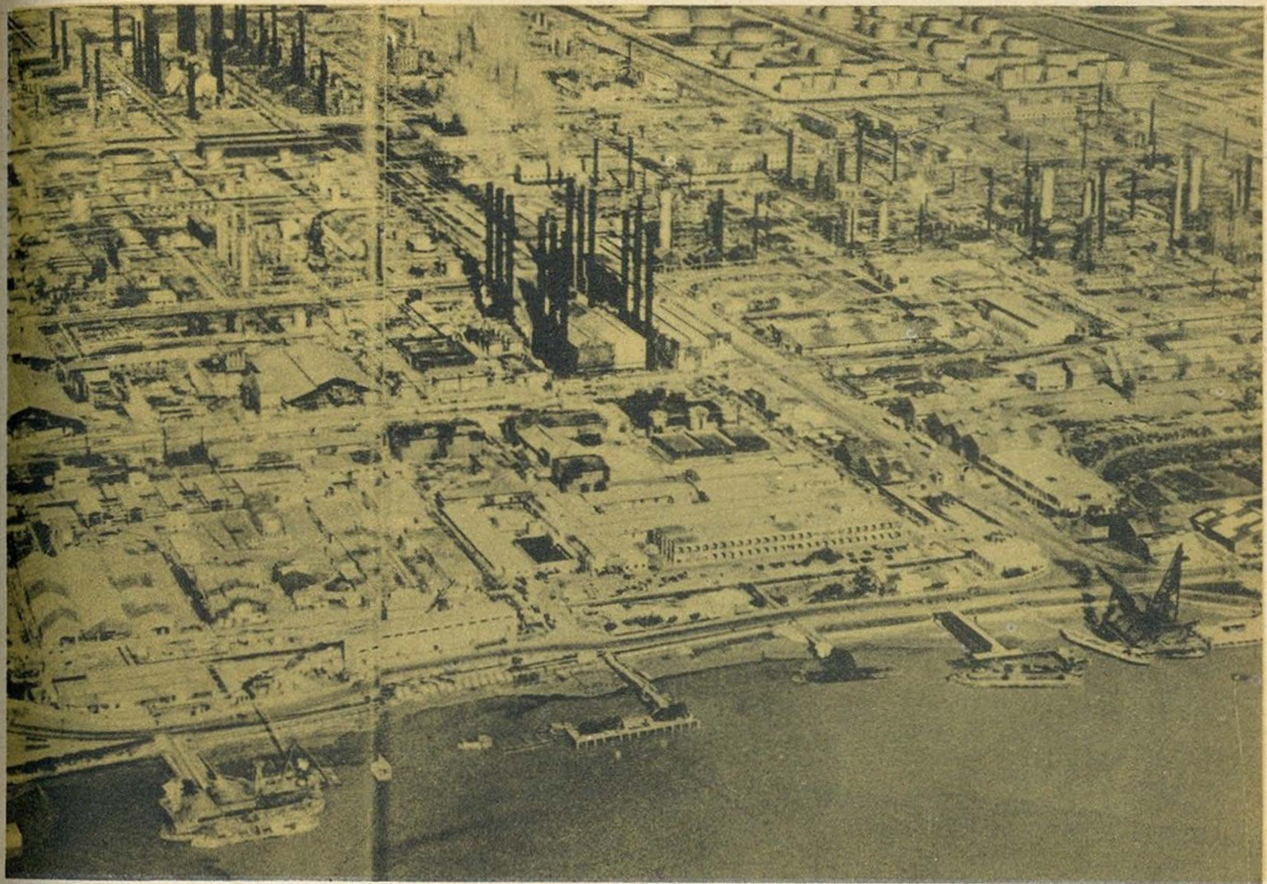
Concordemos: uma viagem desse tipo não convém ao leitor, que não é sociólogo. Para ver miséria não vale a pena ir tão longe, ao Médio-Oriente. O que pode interessar numa tal viagem é o sabor a história que por lá exista. Ao turista vulgar não é a Pérsia actual que interessa mas os fumos do passado que um pouco por toda a parte conseguiram sobreviver.

QUANDO A EUROPA AINDA NÃO SABIA LER NEM ESCREVER

Pois não é verdade que, ainda a Europa não sabia ler nem escrever, já a Pérsia tinha uma literatura notável, e constituía um vastíssimo Império, o maior que já se vira até então?

Os persas entraram na história no séc. VI a.C., graças a uma revolta de Ciro contra os medos. Nessa primeira fase, a Pérsia partilhou o mundo civilizado (que nos excluía a nós...) com a Grécia durante dois séculos.

Ciro apoderou-se da Lídia, das cidades gregas da Ásia Menor, alcançou o Mediterrâneo, ocupou Babilónia, a Caldeia, a Síria e a Palestina! Cambises, seu filho, embora



menos hábil, conquistou o Egito e Chipre. Dario organizou um vastíssimo império. Pela primeira vez na história os povos conquistados foram postos em pé de igualdade com os conquistadores, porque esse era o modo inteligente de evitar revoltas sangrentas. Dario propunha-se uniformizar os povos, eliminar as barreiras que separavam os homens uns dos outros. E mandava espiões («Os ouvidos e olhos do rei») por toda a parte, a fim de ouvir as queixas do povo contra os maus funcionários.

Xerxes foi derrotado pelos gregos, entrando assim a Pérsia no caminho da decadência, que veio a encontrar a sua expressão máxima na derrota que lhe infligiu Alexandre. Durante dois séculos, o velho império, foi helenizado pelos sucessores de Alexandre.

Do século III ao VII os persas recobram a sua antiga dignidade com a dinastia dos Sassânidas. Durante esse período o velho país de Dario foi atravessado por grandes correntes universalistas: helenismo, cristianismo, budismo, maniqueísmo.

Lutou contra Roma e contra Bizâncio, mas acabou por cair facilmente sob o domínio

árabe (considerado ainda hoje como a maior desgraça da história persa).

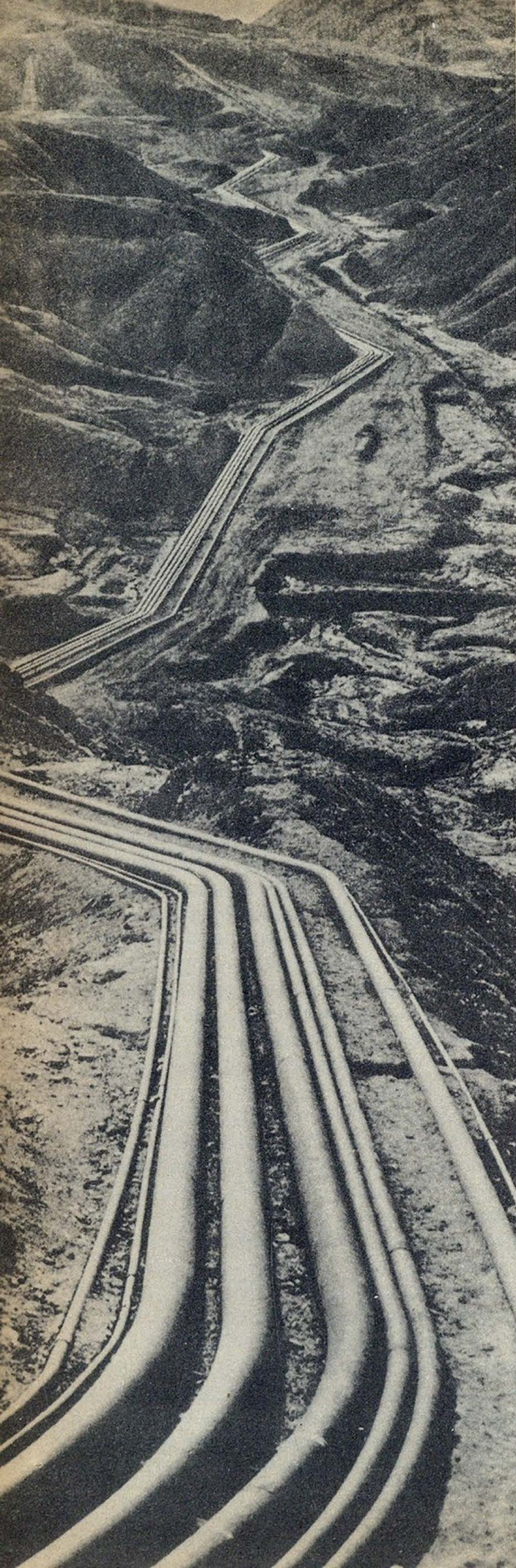
No século XVI os portugueses chegaram ao Oriente e dominaram o golfo pérsico (Albuquerque conquistou Ormuz). Em 1601 os ingleses conseguem entrar no golfo pérsico contra a vontade dos portugueses. Em 1622 os ingleses e os persas conquistaram finalmente Ormuz e desapareceu definitivamente o monopólio comercial português.

A GUERRA DO PETRÓLEO

O resto da história persa vai passar-se entre períodos mais ou menos infelizes, anarquia, assassinios de reis e de ministros, guerras com a Rússia, dificuldades com a Inglaterra.

O caos era tal que em 1911 alguns persas avisados resolveram contratar especialistas estrangeiros. Depois da primeira guerra mundial a Grã-Bretanha assinou a convenção segundo a qual a Pérsia contrataria peritos ingleses para dirigirem os vários departamentos militares e civis da administração do Estado.

Um ministro Reza-Cão Pahlavi tomou



conta do poder e procurou, na medida do possível, imprimir um certo progresso ao seu país. Assim, pensou na construção de um caminho de ferro que ligasse o Cáspio ao golfo pérsico, o que, de resto, só veio a realizar-se graças à intervenção anglo-russa na segunda guerra mundial. Entretanto, o Reza-Cão Pahlavi (conhecido pela sua germanofilia) era exilado, e o seu filho, o actual imperador, subia ao trono.

A história da Pérsia, posterior à guerra, é conhecida. Desde 1901 que a **Anglo-Iranian Oil Cy** (A. I. O. C.) explorava os campos petrolíferos de Khuzestân. A A. I. O. C. era um Estado dentro do Estado, com polícia privativa.

O Dr. Mossaddeq foi o David que procurou destruir Golias. O seu grande sonho era o da independência económica do país. Chegado ao poder em 28 de Abril, assinava em 1 de Maio o decreto da nacionalização do petróleo.

Menos feliz do que Nasser, não saiu inteiramente vitorioso. De facto, em 1953 o imperador acusou-o de traição e nomeou chefe do governo o general Zahedi (antigo chefe da 5.ª coluna alemã na Pérsia).

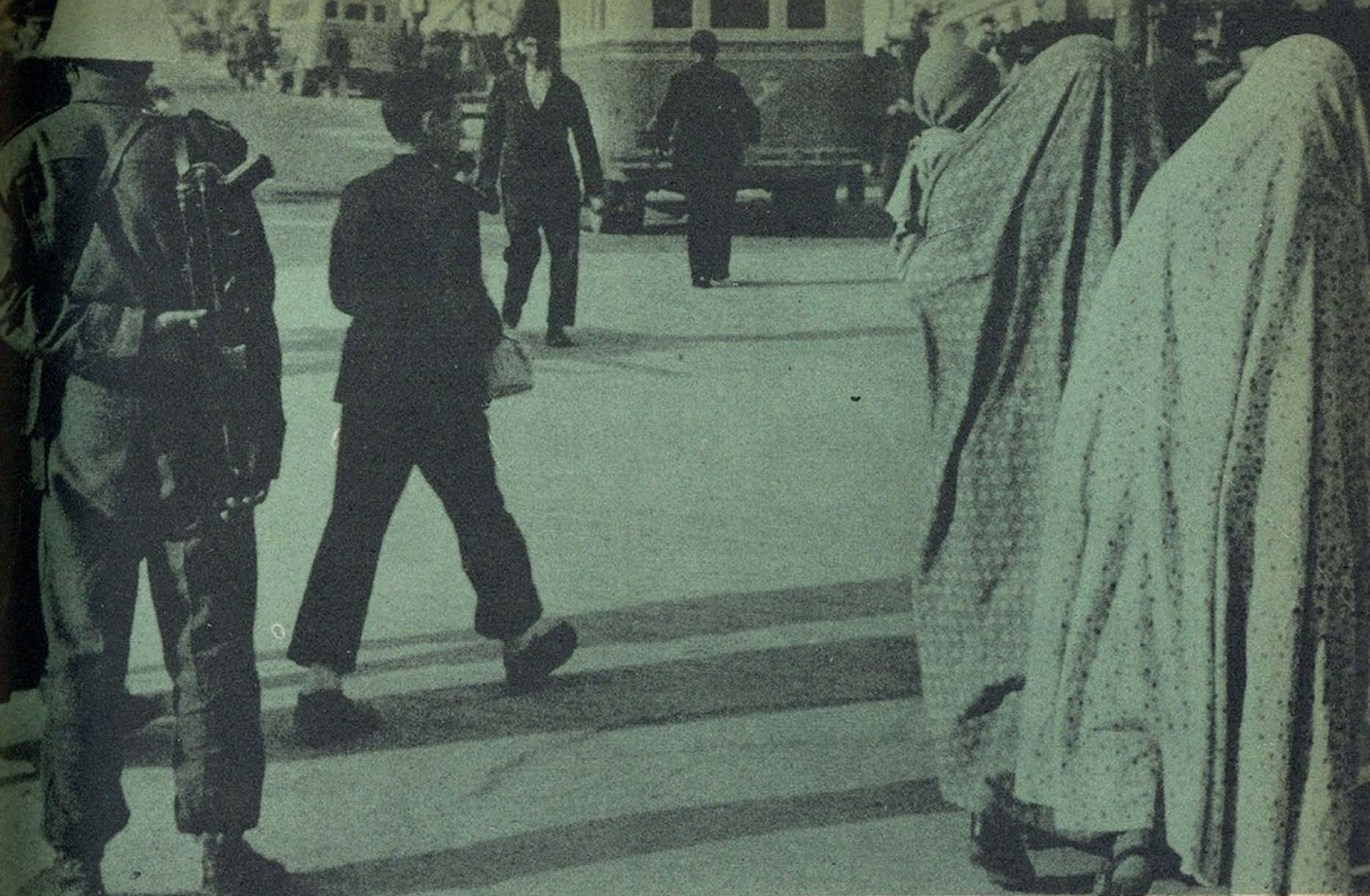
Embora vencido, Mossaddeq não viu completamente desfeita a sua obra: o general Zahedi não se atreveu a voltar inteiramente atrás. Assim, o princípio da nacionalização não foi posto em causa. Constituiu-se um **Consortium** provisório internacional (40% A. I. O. C. — que passara a chamar-se B. P. — 40% Trusts Americanos, 14% Shell e 6% capitais franceses). O **Consortium** (notar-se-á que entretanto tinham aparecido capitais americanos) reconhecia a Sociedade Nacional Iraniana como proprietária das instalações, assegurava por 25 anos a exploração e venda do petróleo.

Enfim: para um país que não tinha conseguido (como Nasser) explorar convenientemente os petróleos, o arranjo não era mau...

Depois de tudo isto, do ca'or, do frio, das más estradas, ainda alguém terá o bom gosto de querer visitar a Pérsia? Nesse caso impõe-se uma visita às cidades onde mais vivamente o passado ainda perdura: Pasárgada, Persépolis, Susa.

PASARGADA É OUTRA CIVILIZAÇÃO

Ciro gostava tanto de Pasárgada que aí viveu e aí quis ficar depois de morto. Ainda lá existem, e poderão ser visitados com proveito, o seu palácio e o seu túmulo.



Um touro alado guarda a entrada de uma das salas do palácio e numerosas colunas encimadas por animais (leões, touros e cavalos) dão ainda uma ideia da grandeza antiga. Mas, a despeito dos touros que o guardam, o túmulo de Ciro foi profanado por ordem de Alexandre.

Aristóbulo descreve o que lá encontrou (e hoje não se encontra...): «um leito de ouro, muita roupa e jóias guarnecidas com pedras preciosas». Segundo Estrabão havia à entrada do túmulo esta inscrição: «Viandante! Eu sou Ciro. Dei um império aos persas e dominei a Ásia. Não me invejes neste túmulo». Ainda hoje os pastores dão, com os seus rebanhos, três voltas ao monumento, convencidos de que desse modo o rebanho ficará ao abrigo dos demónios.

O poeta brasileiro Manuel Bandeira afirma que «em Pasárgada tem tudo/É outra civilização» e que «Lá a existência é uma aventura/De tal modo inconsequente/Que Joana a Louca de Espanha/Rainha e falsa demente/Vem a ser contraparente/Da nora que nunca tive». Informa que entre muitas outras coisas, há telefone automático em Pasárgada!

Consta porém que tais afirmações são puras liberdades poéticas e que a Pasárgada

de que fala não é esta (nem é nenhuma). Fica colocado o problema, em todo o caso; os especialistas que discutam.

PERSÉPOLIS, O LUGAR DAS 40 COLUNAS

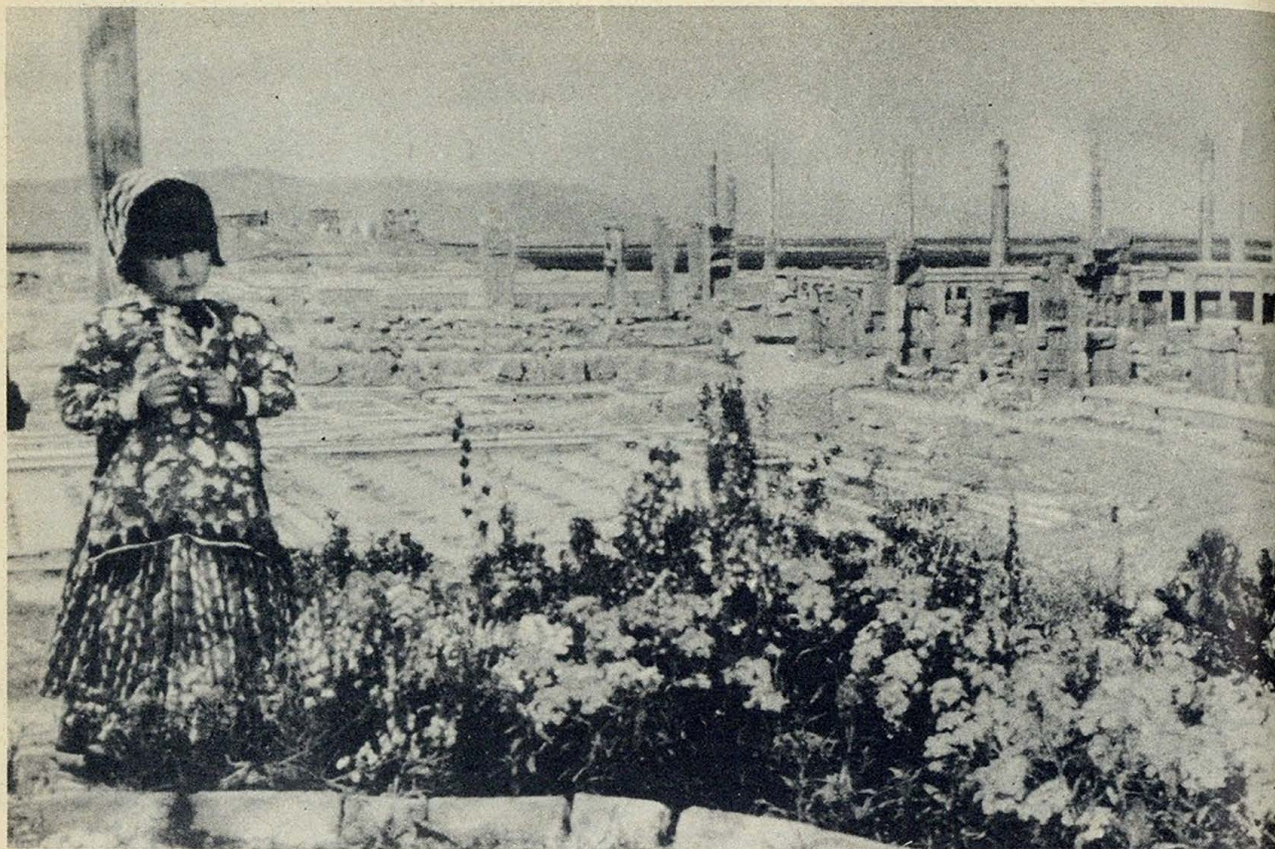
A antiga capital de Dario, distingue-se pelas ruínas monumentais dos seus antigos palácios. A sala de audiências do rei podia abrigar dez mil pessoas e o seu tecto era suportado por trinta e seis colunas de pedra. Os capitéis são constituídos por touros e leões. Os numerosos baixos-relevos atestam uma arte notabilíssima que se compraz em ilustrar a grandeza do imperador dominando os diversos povos.

Um grande incêndio devorou Persépolis na época de Alexandre. Segundo uma velha tradição o famoso general seria o responsável pelo fogo.

A cinco quilómetros de Persépolis situam-se os famosos túmulos dos reis (entre os quais Dario).

SUSA

Outra cidade visitada é a antiquíssima Susa, cujas ruínas ainda hoje cobrem cerca de quatro quilómetros quadrados.

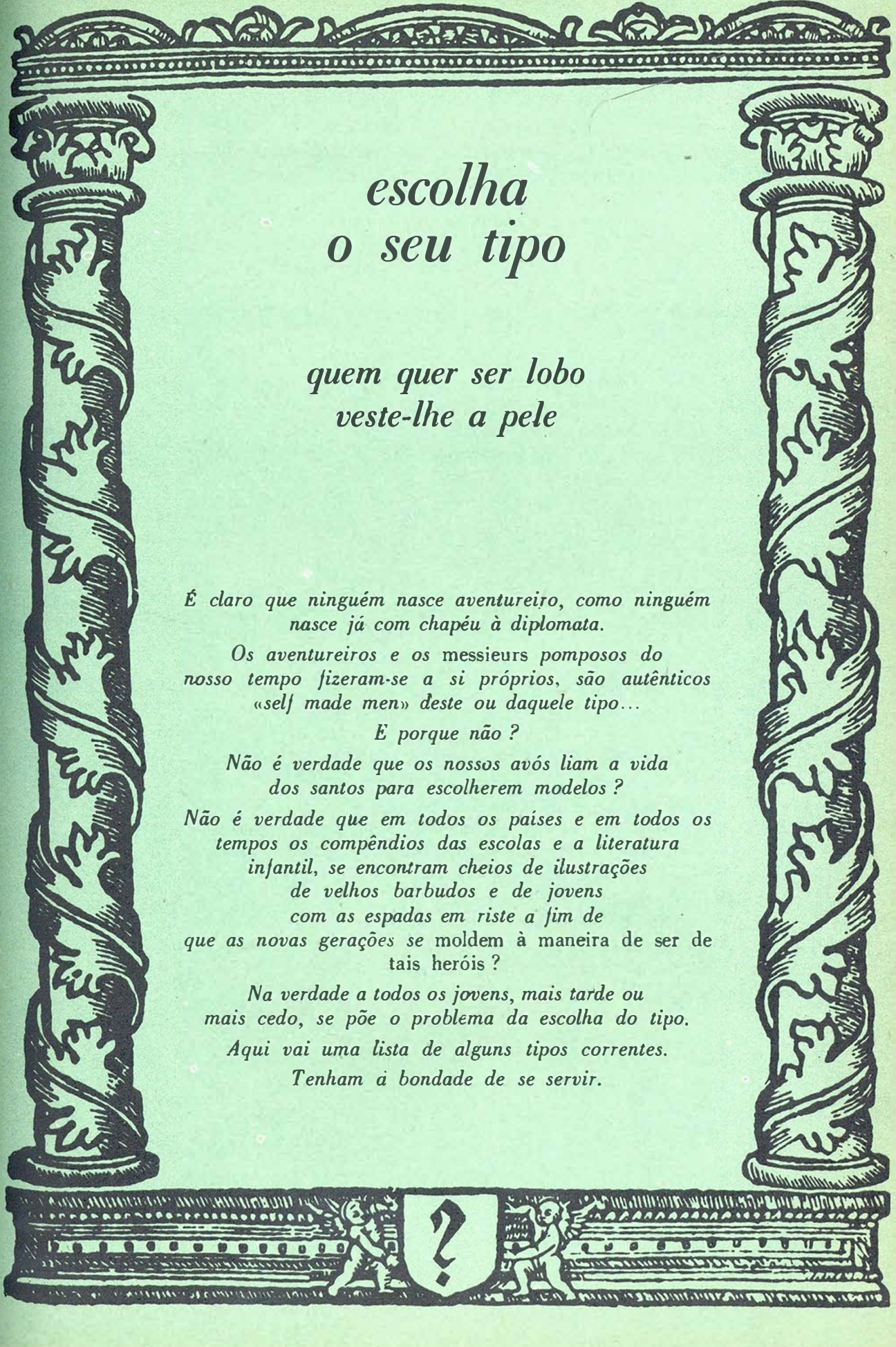


Quando Dário ocupou a cidade, mandou destruí-la e cortar as cabeças aos seus habitantes. «O seu rei veio rojar-se aos meus pés, cobrindo a cabeça com a poeira que eu pisava. Com o meu coração generoso perdoei-lhe a vida» — escreveu o Imperador.

Mais tarde a cidade foi reconstruída por Dario com a participação de todos os povos do império: tijolos da Babilónia, madeiras do Líbano, ouro da Bactria, cobre e prata do Egipto, marfim da Índia e da Etiópia.

Mas Susa persistiu ao longo dos séculos; ao contrário de Persépolis que morreu com Alexandre, Susa veio quase até aos nossos dias e cobriu-se portanto com um vasto manto de história. A arte sassânida (séc. III a VII) revela-se aí em todo o seu esplendor, não obstante a destruição da cidade por um exército cuja força máxima era constituída por trezentos elefantes.





escolha o seu tipo

*quem quer ser lobo
veste-lhe a pele*

*É claro que ninguém nasce aventureiro, como ninguém
nasce já com chapéu à diplomata.*

*Os aventureiros e os messieurs pomposos do
nosso tempo fizeram-se a si próprios, são autênticos
«self made men» deste ou daquele tipo...*

E porque não ?

*Não é verdade que os nossos avós liam a vida
dos santos para escolherem modelos ?*

*Não é verdade que em todos os países e em todos os
tempos os compêndios das escolas e a literatura
infantil, se encontram cheios de ilustrações
de velhos barbudos e de jovens
com as espadas em riste a fim de
que as novas gerações se moldem à maneira de ser de
tais heróis ?*

*Na verdade a todos os jovens, mais tarde ou
mais cedo, se põe o problema da escolha do tipo.*

Aqui vai uma lista de alguns tipos correntes.

Tenham à bondade de se servir.

Comecemos pelo «português de granito».

Fundamentalmente, este tipo social é o do indivíduo que vive de acordo com tradições de família que nunca teve. É duro. Cultiva a parede caiada com quadros de antepassados e crucifixos do século XVI. Dá uma mesada pequena aos filhos para que estes se habituem a viver como os seus avós. Não discute. As coisas são assim porque são assim.

O ambiente do «português de granito» não é difícil de obter. Os quadros dos antepassados compram-se em qualquer bricabraque por um preço acessível. Convém escolher quadros de ambiente Miguelino é uma miniatura do «sr. D. Miguel» não fica mal na sala. O candidato deverá escolher cuidadosamente antepassados feios. Uma bisavó bonita estraga tudo. Ninguém acreditará que é portuguesa e ninguém acreditará que o quadro é verdadeiro.

O candidato que escolha este tipo deverá resignar-se a viver no Lumiar, na Junqueira, ou na Estrela. Uma nota importante: em cima da mesa da sala, ao pé dum ramo de flores que deve estar mal arranjado e colocado numa terrina da Companhia das Índias (sem tampa não são caras), o candidato deverá colocar um livro de Maurras, não se esquecendo, porém, de lhe abrir as páginas e, mesmo, de sublinhar a lápis algumas passagens escolhidas ao acaso.

O candidato que opte por este tipo deve ter um criado de libré e os botões desta devem ter um pequeno e discreto brasão em relevo. (Compram-se em Madrid.)



Outro tipo que tem certo interesse e goza de grande prestígio é o do «português sólido». Recomendamos este modelo porque tem um sucesso garantido e não envolve despesas para a aquisição de quadros de antepassados. O português sólido ou agrário é o homem da terra e sente-se essa característica em todos os seus gestos, em todas as suas palavras, em todas as suas atitudes. Quem optar por este tipo deverá falar em «herdades» ou «montes», nunca em quintas ou em propriedades. Deverá fazer preceder todas as suas frases pelas palavras «este ano». Assim, deverá dizer «este ano o vinho...» ou «este ano o trigo»... e nunca «o vinho» ou o «trigo».

Num restaurante, em frente seja de quem for, não deverá chamar o criado para lhe perguntar discretamente onde é a casa de banho. Antes pelo contrário, deverá fazer a pergunta em voz alta «Eh pá! Onde é que se mijá cá em casa?».

A escolha deste tipo não dá muito trabalho e, repetimos, tem grande aceitação. O candidato a português agrário nunca deverá ir a Paris, a Londres ou a Roma. Quando viaja deverá ir a Madrid ou a Sevilha o que, além de ser mais barato, dispensa o conhecimento duma língua estrangeira.

O PORTUGUÊS DE GRANITO

O PORTUGUÊS SÓLIDO OU AGRÁRIO

Deverá ainda interessar-se por touros (sem exagero), por cavalos e, acima de tudo, pelo tiro aos pombos.

No Tamariz, no Bico Dourado ou seja onde for que se pretenda exhibir, deverá ter o cuidado de proferir frases que demonstrem a sua solidez, o seu bom senso e a sua fé instintiva na continuidade da vida, das gerações e das instituições. (Tudo passa mas a terra fica...)

Esta frase, por exemplo, foi cuidadosamente estudada para o auxiliar a estabelecer a sua posição:

— Eu não mando os meus filhos para o liceu. Nós não temos cabeça para esse género de coisas e além disso é da terra que ele vai viver. Quero que andem comigo para se irem habituando. Eu, nestas coisas, sou um realista. Nada de fantasias. Para que é que os pequenos hão-de andar uma data de anos a aprender coisas que depois lhes não servirão para nada?

Na maneira de trajar, o candidato a português agrário deverá observar compostura mas nunca deverá comprar aquilo a que chamaremos «trajes especiais».

No Tamariz ou em Cascais deverá andar vestido normalmente, sem camisas de desporto: calças cinzentas com camisas normais desabotoadas no colarinho, Casaco de linho branco semelhante ao que se usa na «herdade», nos dias de calor.

Para se deslocar, o candidato deverá possuir uma «station» que designará por «égua» ou por «montada».

Para oferecer uma boleia a um amigo, dirá:

— Se queres vir na minha égua, anda daí...

Para leitura, o candidato a português agrário deverá escolher o «Diário de Lisboa», muito embora lhe não fique mal ter as «Novidades» em cima da mesa da casa-de-estar, na herdade.

///

Um tipo que o candidato poderá adoptar, ainda dentro da espécie dos «snobs» sociais, é o do «português civilizado». Este tipo é fácil de imitar e tem certo prestígio. Basicamente o «português civilizado» é um indivíduo que tem a consciência permanente do estrangeiro.

Por estrangeiro deve entender-se a gravata italiana, o «blazer» inglês, o conhaque francês e o hábito de comprar jornais estrangeiros e revistas de arte. O português civilizado detesta Camilo e lê Eça de Queirós. É íntimo de dois ou três fadistas e vai jantar com raparigas bonitas ligeiramente «déclassées». Com estas raparigas discute a sua vida íntima, os romances da Sagan e, agora, o Pasternack. Trata-as como se elas fossem civilizadíssimas e obtém, durante o jantar, um ambiente de requinte intelectual e emotivo. O português civilizado cria, à sua volta, uma espécie de ilha de civilização. Normalmente tem um pequeno «appartement», muito bem arranjado, onde oferece às raparigas conhaque francês em copos de balão. Janta sozinho num restaurante onde

O PORTUGUÊS CIVILIZADO



possa ser visto mas, quando vai ao «appartement», leva sempre um ou dois amigos para criar ambiente e fazer conversa. Não tem opiniões definidas sobre nada. Conhece os nomes dos pintores modernos e de alguns poetas mas não se arrisca a formular opiniões senão perante as raparigas um pouco «déclassées» que deslumbra com a sua inteligência e o seu mundanismo.

O candidato a este tipo deve cultivar tais raparigas mas deve dominar o seu instinto sexual porque elas são apenas utilizadas pelo «português civilizado» para inglês ver e, muitas vezes, para e'le próprio ver.

O português civilizado usa sempre camisas de seda da Saboia, fatos de **pied de poule** um pouco cintados, «blazers» com botões prateados e sobretudo de pêlo de camelo.

O candidato, além dos tipos já descritos, ainda pode adoptar um tipo de português intelectual, também muito em voga, que é económico e prático.

Isto depende do candidato, que deverá escolher o tipo que mais lhe convier, depois de estudar todos os modelos apresentados.

Entre os tipos sociais e os intelectuais, porém, há um outro tipo intermédio que merece a atenção do candidato.

O português deste tipo tem grande interesse e pretende deslumbrar uns e outros. É, essencialmente, e por natureza, político. A sua posição é central com desequilíbrios alternados para a direita e para a esquerda. A sua personalidade deriva dum jogo bem calculado em que é mestre. Cultiva cuidadosamente as classes altas (no sentido de gente da sociedade) que pretende deslumbrar com o seu pensamento esquerdista e o seu amor pela arte moderna. Confessa, mesmo, a sorrir, que é do «revirinho» mas acrescenta sempre que é cristão. Tem grande interesse pela sociologia e faz tudo para dar a entender que se pode ser do revirinho sem se desejar a propriedade do próximo.

O candidato a este tipo deve, em todas as suas conversas com indivíduos das direitas dar a entender que a sua amizade é valiosa porque um dia, se as coisas mudarem, o candidato será um poder mediador, um cristão sensato que poderá ser a ponte entre uns e outros.

Junto dos intelectuais, o candidato a este tipo toma uma atitude diferente. Deverá dar a entender, evidentemente, que é um deles mas deve preocupar-se em mencionar, permanentemente, nomes de pessoas importantes das direitas, insinuando que é seu íntimo e criando, desta forma, a impressão de que está no segredo dos deuses.

A sua casa deve estar arranjada segundo as regras indicadas para a casa do **snoob** «petit seigneur» porque os copos de balão, as encadernações bonitas e o conhaque francês serão as armas de que o candidato se servirá para conquistar os intelectuais pobres a quem pretenderá sempre dar a impressão de que é das direitas por nascimento e pelo seu meio social, mas que é das esquerdas por inteligência e raciocínio.

O candidato a este tipo não deverá nunca ter em consideração questões emotivas. A amizade não tem o menor interesse. Deverá

cultivar apenas as pessoas das esquerdas que possam vir a ser importantes um dia e as pessoas das direitas que dirijam empresas onde haja a possibilidade dum emprego ou de cuja intimidade se tire qualquer benefício social ou económico.

Os restantes indivíduos devem ser postos de parte imediatamente e sem escrúpulos de espécie alguma.

O candidato a este tipo deverá, sempre que vai jantar fora, observar cuidadosamente a forma de dispor os talheres à mesa, a altura precisa de servir o conhaque e os maneirismos próprios da gente da sociedade, a fim de vir a imitá-los convenientemente quando estiver junto dos intelectuais das esquerdas.

O candidato a português intelectual tem alguns problemas que são, também, comuns ao candidato a **snob** social. O mais importante é, sem dúvida, o problema da origem. É que o candidato a este tipo de snobismo tem de escolher inicialmente entre duas subespécies fundamentais de snobismo intelectual: o genérico e o específico.

A primeira destas classes é aquela em que é mais fácil ingressar e a que menos despesas envolve. Não obriga, sequer, a ir à missa.

A segunda já envolve uma despesa, pequena, mas uma despesa, e tem outros inconvenientes a que se fará referência na devida altura.

O candidato a intelectual genérico deve optar, ainda, pelas esquerdas ou pelas direitas. É essencial fazer esta distinção e actuar de acordo com a mesma.

É que o candidato a intelectual genérico das esquerdas não necessita de ter origem. Fica-lhe, até, bem não ter origem. Se alguém lhe perguntar donde é a sua família, deverá responder que é do Areeiro. Revela assim uma grande independência de espírito e uma personalidade forte.

— Vocês donde são?

— Da Avenida Madrid.

Este desprezo pelo problema da ascendência revela grande superioridade. É claro que o candidato que tiver escolhido este tipo deve adoptar uma intelectualidade agressiva. Não basta ser intelectual, é preciso mostrá-lo. Deve dizer-se que isto não é difícil. O candidato deverá mentalmente, dividir a população do mundo em duas imensas categorias: os idiotas e os tipos decentes.

Idiotas são todos os indivíduos que não leram o poema publicado pelo intelectual numa revista literária falida em 1939.

Tipos decentes são todos os indivíduos que leram o referido poema.

Idiotas são todos os indivíduos que não leram qualquer autor desconhecido, russo ou francês, que o candidato tenha escolhido para este efeito.

Qualquer autor serve para separar os idiotas dos tipos decentes.

Um sistema muito usado pelos intelectuais bem sucedidos é o do «homem-padrão»: Adopta-se para padrão de inteligência um indivíduo a quem se atribuem as mais variadas virtudes e os mais diversos dotes intelectuais. O normal é adoptar-se um professor universitário que esteve

mesmo para ganhar o Prémio Nobel ou que só o não ganhou por causa duma intriga das direitas ou por qualquer outro motivo que não é necessário especificar.

Começa-se a construir o «homem-padrão» com frases destinadas a criarem no público a convicção da sua superioridade. Como o «homem-padrão» é, geralmente desconhecido, convém torná-lo conhecido no estrangeiro.

— Não imaginas a cotação que ele tem em França...

— Em Inglaterra as revistas técnicas citam-no permanentemente...

— É uma pessoa extraordinária. Outro dia passou cá a maior autoridade alemã no assunto, falou com ele e convidou-o a ir fazer umas conferência em Estugarda...

— Só cá é que «estes tipos» não lhe ligam. «Lá fora» é considerado uma autoridade.

Para se explicar o motivo por que o «homem-padrão» se não tornou célebre em Portugal dum dia para o outro, convém sugerir que é perseguido. Não interessa explicar como e porquê. Basta insinuar que se encontra envolvido pela inevitável teia do capitalismo.

— Que é que tu queres? Neste país é assim mesmo.

— Neste regime não podia ser doutra forma...

Construído o «homem-padrão», o candidato a intelectual genérico das esquerdas deve frequentá-lo e conhecê-lo.

Idiotas passarão a ser, a partir desse momento, todos os que não se inclinarem respeitosamente perante o «homem-padrão».

O candidato deve inclinar-se respeitosamente perante este herói e, deve mesmo começar a pensar num novo «homem-padrão» para quando este estiver um pouco gasto pelo tempo.

O candidato a este tipo deve ser agressivo, como já se disse. Deve pensar e afirmar que todos os que não são como ele são intelectualmente impotentes. Não faz mal, até, insinuar que são sexualmente impotentes. Até fica bem e dá a impressão de que se conhecem segredos da vida íntima das pessoas que são desconhecidas do grande público.

Se o leitor preferir o tipo de intelectual das direitas, o seu problema é mais simples. Deverá apenas incluir na conversa, alternadamente e de cinco em cinco minutos, as palavras «raça», «tradição», «autoridade», «disciplina» e «cristianismo». Se pretender ter feição monárquica inclui, além das palavras já citadas, outras como «el-rei», «grei», «missão» e «terra». Se pretender dar à conversa um tom requintado pode, mesmo, falar de vez em quando nos «foros em oiro». Isto é um autêntico requinte porque ninguém sabe do que se trata e a expressão dá um ar de radicalismo tradicional que cheira a original. Usando esta expressão o candidato acaba, até, por ter fama de culto. É uma questão de a repetir muitas vezes.

Deve aqui esclarecer-se que o candidato a intelectual genérico, das esquerdas ou das direitas, não necessita de tomar qualquer atitude política ou, sequer, de ler as obras dos tipos decentes. Basta-lhe falar neles. O problema é, fundamentalmente, um problema de vocabulário.

O tipo intelectual específico pode ser literário ou de «artes plásticas». Também, aqui, não é necessário que o candidato leia seja o que for ou que saiba pintar. Basta que aprenda o vocabulário e que escolha os seus heróis. A partir daí o caminho é fácil. Idiotas serão os que não se utilizam do mesmo vocabulário e que não têm os mesmos heróis.

É claro que é fundamental aceitar os heróis semi-aceites no meio. O inovador é sempre mal visto. Mesmo que a inovação venha a ser aceita, todos acabarão por se esquecer que a devem ao inovador e este apenas será considerado como sendo um indivíduo ratão.

A arte do pseudo-intelectual consiste em aceitar corajosamente os heróis que já não é preciso coragem para aceitar.

Aliás, devo dizer que todo o candidato a intelectual deve começar a sua carreira por um autoconvencimento psicológico.

Um sistema que não é mau consiste em comprar um **Match** em que venha publicado um retrato do Cocteau, por exemplo, e em repetir horas sem fim, «sou parecido com o Cocteau», «sou parecido com o Cocteau», «sou parecido com o Cocteau».

Muitas vezes uma ligeira alteração no penteado ou no nó da gravata é um grande auxiliar para a transformação psicológica que se pretende.

O candidato a intelectual específico, especialmente do tipo literário, deve tentar entrar para uma «panelinha» tão depressa quanto possível.

A coisa não é difícil. Basta escolhê-la à porta dum café ou duma livraria e começar a tratar com o maior respeito e consideração os membros presentes. Cada «panelinha» tem um mentor, um indivíduo cujas opiniões são aceitas pelos restantes membros como verdadeiras e vindas da boca de Deus. Um candidato medianamente inteligente poderá determinar em cinco minutos qual é o mentor da sua «panelinha» preferida. Deve agarrar-se a ele e acenar afirmativamente sempre que este fala. Os membros das «panelinhas» amam-se mutuamente e detestam os membros das outras «panelinhas» que são, por natureza e por definição, compostas por idiotas.

O candidato deve compreender que a coesão das «panelinhas» depende essencialmente da sabujice e do elogio mútuo. Os seus membros gabam-se e cultivam-se uns aos outros com o cuidado e com o carinho com que na Madragoa, antigamente, se cultivavam manjericos.

O candidato, uma vez que tenha ingressado numa panelinha, adquire, automaticamente, o direito de se considerar muito inteligente e, até, de pensar que, se tivesse nascido noutro país, o seu valor seria reconhecido e aceito por todos. Só o atraso espantoso deste país e «estes tipos» que estão no poder é que impedem a população portuguesa de lhe fazer justiça e de se pôr de cócoras quando o candidato sai à rua.

Então, já escolheu o tipo que lhe convém?

As raparigas que pretende impressionar são de Almirante Reis, são de Campo de Ourique ou, muito simplesmente, da **Bénard**?

É só escolher o tipo que elas prefiram...

boémia de outros tempos

O ANO NOVO NA VELHA LISBOA

por Lourenço Rodrigues

A chegada de um novo ano exerce sempre notável influência em todos os países. É uma esperança que aparece, são trezentos e sessenta e cinco dias que vão novamente andar na roda do tempo e todos o querem festejar condignamente. No mundo agitado em que vivemos, as ilusões abatem-se com facilidade e a Paz, tão desejada por todos, continua a ser uma incógnita permanente. Duas guerras já fustigaram os cinquentenários de agora, e é com saudade que os livros relatam episódios passados em eras calmas. O espírito era outro, o cinema não existia e o futebol também não. Mas a boémia ocupava um lugar de destaque; e o bulício das hortas, o colorido das touradas à portuguesa com as suas esperas de touros, hoje só existem nas cantigas do fado.

Como dissemos, o dia primeiro de Janeiro era sempre saudado com vibrante entusiasmo por pobres e ricos. Os velhos salões abriam-se em magnificentes bailes e as habitações modestas, reuniam as famílias à volta da sua mesa, onde nunca faltava o arroz doce e o Bolo Rei com a tradicional fava que obrigava o possuidor a comprar o bolo do ano seguinte; e com o brinde ingénuo que animava por minutos a pessoa a quem calhara.

Para começar esta curiosa ronda pelos episódios de outros tempos, temos de evocar o Chiado elegante onde há cem anos existia um café, talvez o mais célebre de Lisboa. Chamava-se o Marrare do **Polimento**. Ali se reuniam os estúrdios do Teatro de São Carlos, aqueles para quem a vida sorria. Cha-

mava-se do **Polimento** porque as paredes estavam forradas de madeira polida até meio da casa. Toda a gente célebre lá abancava e, da quantidade de botequins que existia no Chiado, este era o mais procurado.

Ali conspirou o tribuno José Estevão, o irrequieto Passos Manuel era freguês assíduo e Luís Palmeirim, o consagrado autor dos **Excêntricos do meu tempo** escreveu com inteira verdade: «Sem a consagração do Marrare do Polimento, não havia talentos nesta terra, nem artistas que prestassem, nem governos sólidos, nem mulheres bonitas, nem toiradas excepcionais».

Pois ali se passou na tarde de 1 de Janeiro de 1814, o que vamos contar:

«Era ainda propriedade do italiano Antonio Marrare que também fornecia o bufete do Teatro de São Carlos. Um grupo de boémios de fama, ali se reuniram para solenizar a abertura do ano. Estava com eles, uma alegre bailarina do nosso teatro lírico. Os abastecimentos ali eram sempre da melhor qualidade. Um chocolate, que nada ficava a dever aos mais célebres de Espanha, e afamados champanhes saíam da sua acreditada frascaieira.

Sucederam-se os brindes e a boa disposição de todos, evidenciando-se um pândego de apelido Gama Lobo, aparentado com as melhores famílias do reino e que nunca faltava onde houvesse alegria. Este velhote, com mais ralé que os novos, tinha cinco anos quando o terremoto de 1755 arrasou Lisboa.

Após estouvadas libações fornecidas pelo



criado José, um empregado gorducho, que era o preferido da aristocrática assistência, e quando a noite já se avizinhava, pensaram descer o Chiado, a essa hora razoavelmente movimentado para a época, seguindo um dos estúrdios com a bailarina escarranchada nos ombros e de taça na mão. Os restantes, uns oito, acompanhavam o curioso cortejo, entoando cânticos endiabrados.

Claro que tudo isto redundou em grave escândalo e as autoridades tiveram de intervir. Mas o álcool instalara-se no cérebro dos boémios e, embora obedecendo e abandonando a irrequieta bailarina, substituíram-na sem pejo pelos dois guardas que, perante a chacota dos que passavam, foram obrigados a ir às cavalitas até próximo do Chiado...

Não temos conhecimento da forma como tudo isto acabou, mas durante largo tempo, não se falou de outra coisa em Lisboa. O início do ano de 1814, ficou célebre na calma da nossa capital. Esta proeza foi repetida mais tarde por um pianista, Eugénio Mazoni, que numa manhã de quarta-feira de cinzas, à falta de carruagens, levou uma dançarina a casa, também escarranchada nos ombros.

Outro episódio que também se passou na tarde do Ano Bom, no velho botequim do «Parras» do Rossio. Chamavam-lhe **do Parras** porque a pintura interior representava cachos de uvas e folhas de videira.

Havia ali belos versos que se perderam e que o boémio Bocage escrevia a lápis nas paredes. Também lá se reuniam outros literatos e jornalistas que acamaradavam com o chistoso Elmano no desejo natural de o ouvirem.

No dia 1.º de Janeiro de um ano já bem distante, os fregueses, toldados pela velha aguardente, que tinha fama na casa, puseram o estabelecimento em alvoroço, do que resultou ser tudo preso, tanto mais que este célebre botequim, que Tinop descreve primorosamente, era frequentado amiúde por Fernandes Tomás, que tinha fama de revolucionário. O Rossio era então bem diverso do que é actualmente.

Desaires desta natureza, nunca podiam acontecer ao **José das Aranhas**, taberneiro consagrado pelo belo vinho que vendia na sua afamada locanda do Cais do Tojo.

Este tipo, atarracado e de barrete a cobrir-lhe os poucos cabelos, nunca teve na sua loja bancos ou cadeiras. Os fregueses bebiam, pagavam e saíam. E a freguesia não lhe fal-

tava. Pessoa excêntrica, nos dias santos em que a concorrência decerto duplicava, o original taberneiro fechava a loja e gastava o dia passeando em frente da sua porta. Claro que o dia 1.º de Janeiro, era um desses. Uma tarde, já lá vão mais de cem anos, um grupo pretendeu que ele abrisse a loja para lá festejar o nascimento do novo ano. Quiseram tirar-lhe a chave do bolso e o José das Aranhas gritou mas não transigiu. Ninguém lhe conseguiu apanhar meio quartilho do seu bem apaladado Cartaxo.

No Palácio Manteigueiro à esquina da rua da Horta Seca e da Rua da Emenda, que tantas voltas tem levado, também ali um inglês ricaço festejou o advento do ano de 1829 com um baile, repetindo o que já oferecera nas vésperas do Natal. Ali apresentou aos convivas, um curioso aparelho a que chamava, a «menina Invisível».

Dentro de um enorme globo de vidro, respondia a todas as perguntas a filha mais velha do inglês que depois foi mãe do espiituoso escritor D. Tomás de Melo.

Também os marqueses de Viana, cujos bailes ficaram célebres, no seu sumptuoso palácio do Rato, festejavam sempre o Ano Novo com deslumbrantes bailes que levavam à sua magnífica residência a alta sociedade de Lisboa. O marquês de Nisa, que tinha uma voz muito apreciável, lá cantou algumas vezes e o Conde de Farrobo, inexcusável em festas deste género, também mais de uma vez honrou com a sua presença os bailes do marquês.

Foi em um dia de Reis de 1840, que no palácio do Rato apareceram pela primeira vez as roupinhas à grega, que foram apresentadas pela marquesa de Nisa e por outra fidalga muito conhecida na aristocracia lusitana.

É talvez, já conhecido o episódio passado com D. João da Câmara, o bondoso fidalgo, exemplo de modéstia e de virtuosas qualidades. Tem sido contado de várias formas mas cremos que a autêntica decorreu há mais de sessenta anos, quando um grupo de companheiros queria festejar a entrada de um novo ano. Entre esses amigos inseparáveis, estava o célebre Pinturinhas, boémio que nunca faltava e que era fiel, como o D. João, a uma pequena taberna existente na rua do Arco de Bandeira. O aplaudido escritor, sonhando com peças que nunca chegou a escrever, recolhia a casa invariavelmente entre as seis e sete da manhã.



TEATRO DE D. LUÍS I

Uma noite, caíra-lhe o **Pântano**, uma peça que João da Câmara escrevera com o maior carinho. Nessa noite, noite de infernal invernia, saiu do teatro com a sua resignação habitual, pensando o que havia de empenhar no dia seguinte. Ao chegar a casa, embrulhou uma casaca num jornal e correu a um penhorista que não emprestava dinheiro sobre casacas...

Entretanto, sempre com dificuldades deste género, porque embora ganhasse bastante com as suas aplaudidas produções, deixava nas mesas de jogo o que lhe fazia falta, chegou um fim de Ano e numa taberna do Beco do Forno, o D. João, com o grande caricaturista Rafael Bordalo, Eduardo Garrido, o maestro Ciriaco e outros, não quiseram deixar de fazer votos pelo novo ano que ia entrar. Era uma tradição que não se perdia. As gargalhadas ferviam e a algazarra era atrojadora. O vinho custava nessa altura três vinténs o litro... Cá fora, um polícia de serviço, vendo que era gente fina não se atrevia a intervir, demais que não havia razão para isso.

Até que passou um cabo e perguntou ao

guarda a razão de tamanho alarido. A noite começava a avançar e a vizinhança começava a ser importunada. O guarda explicou que eram uns pândegos que festejavam a entrada do Ano Novo e o cabo foi à taberna no intuito de os repreender, mas ao ver D. João da Câmara, que ele conhecia de vista, retirou, recomendando ao guarda que tivesse muita cautela com eles, porque um dos estroinas era o D. João da Câmara, irmão do conde da Ribeira, camarista da Rainha.

O polícia, cheio de curiosidade, mal o cabo se retirou, entrou na taberna e perguntou aos do grupo, qual dos senhores era o D. João da Câmara. Receosos da intervenção da autoridade, um deles respondeu altivamente: **Somos todos**. E o guarda, vexado, retirou-se.

Por volta de 1857, portanto há cem anos já feitos, organizou-se em Lisboa a empresa para a exploração de um Café Concerto, com o capital de quarenta contos, verba importante para a época. Teria, além de uma loja de bebidas com jogos lícitos, um amplo salão para concertos vocais e instrumentais, bailes e todos os géneros de diversões.

Inaugurado a quatro dias do Ano Bom,

caiu lá o Carmo e a Trindade. A barafunda era enorme e uma formidável escaramuça lá se desencadeou, por não ter sido permitida a entrada a duas francesas de comportamento irregular, residentes no largo de São Roque.

Um major da guarda municipal foi esbofeteado e houve numerosas prisões. Este Café tomou depois o nome de Casino Lisboense e, com maior ou menor concorrência, terminou as suas funções em 1876. Nunca mais ali se festejou o Ano Bom.

Já que estamos em maré de anedotas alusivas à entrada de um novo ano, muitas mais se poderiam recordar neste arrazoado, feito a muitos anos de distância.

Tudo lá vai e hoje, a passagem do ano festeja-se com mais cordura. As ilusões continuam a ser as mesmas e serão iguais enquanto a humanidade existir.

Também o teatro de D. Luís, barracão do século passado que tinha o nome do popular monarca, festejou em Janeiro de 1865, o novo ano que entrava. Era um teatrinho mais elegante que o anterior, o Teatro D. Afonso, cuja maqueta era da autoria do cenógrafo Augusto Pina, mestre da sua Arte e que já desapareceu.

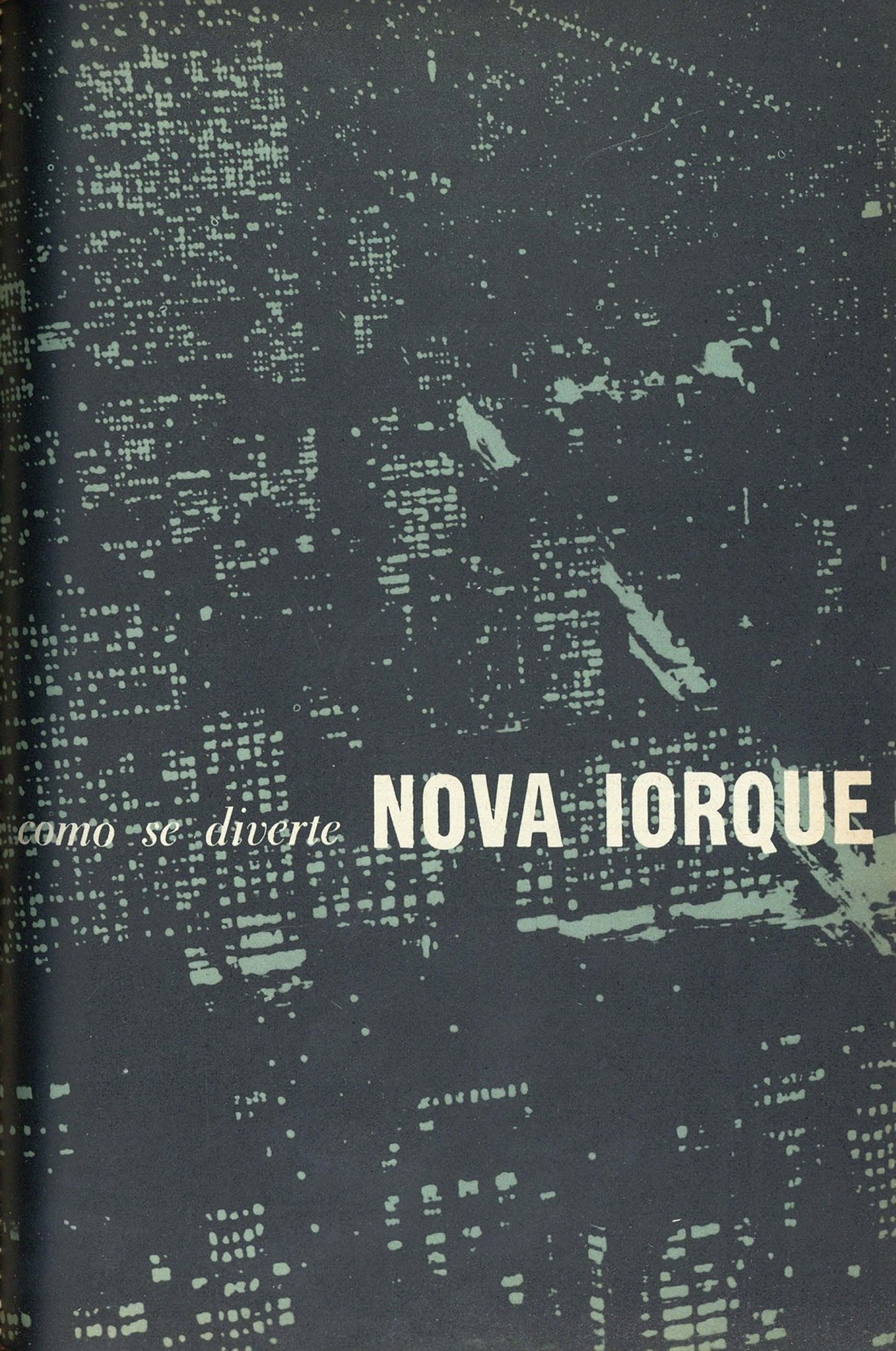
Com um certo conforto e relativo luxo, tinha a geral em forma de tribuna, cortada ao meio por um corredor que conduzia à superior e às cadeiras — já com assentos de levantar — e na regência da orquestra, estava um maestro tão feio que na época em que viveu, poucos ou nenhuns o suplantavam em fealdade. Era o maestro Praxedes.

Ali se representou teatro de toda a espécie e, como dizemos, no ano de 1865, lá se organizou uma lauta ceia a que assistiram os principais actores da companhia. Ali esteve a popular actriz Maria do Céu, mãe da característica Sofia Santos que a nossa geração conheceu, trabalhando na extinta companhia Armando de Vasconcelos e que vinha do Teatro da Rua dos Condes representando com agrado uma peça intitulada «O Satanaz» da autoria de Augusto Garraio. O actor Estevão Moniz, que imitava com imensa graça o querido actor Valle e também o actor Guilherme, que os colegas tratavam por **Carpinteiro** e que era inexcedível em cançonetas que levavam as plateias ao auge. Sempre de chapéu alto, um junco fazendo as vezes de **badine** e uma calça branca, cinzenta ou amarela, as suas cançonetas em especial o **Viúvo Inconsolável** eram de êxito seguro.

Da ceia que ali se realizou no fim do ano de 1864 para 1865, nada as crónicas da época dizem, a não ser participar o alegre acontecimento. Todos beberam em honra do ano que começava. Tudo correu o melhor possível.

Actualmente, já sem os báiles dos marqueses de Viana e dos condes de Penafiel e outros, que só se relatam saudosamente nos livros de Pinto de Carvalho e Eduardo de Noronha, as multidões, no remanso das suas casas ou nos restaurantes típicos, festejam com menos ruído o novo ano que vai começar com todas as suas incertezas e desilusões.



An aerial night photograph of New York City, showing a dense grid of city lights and a prominent bridge crossing a body of water.

como se diverte **NOVA IORQUE**

um lunaparque gigantesco e colorido

Os novos meios de comunicação fizeram com que o mundo se tornasse um único e grandioso país. E isso significa que o clima dos divertimentos nocturnos, pelo menos nos seus aspectos mais superficiais, não varia muito de uma metrópole para outra.

Para onde quer que se vá, o reportório de vulgaridade e de tédio é o mesmo: por toda a parte, vocalista, mais ou menos iguais umas às outras; por toda a parte, as mesmas belezas seminuas, os mesmos falsos génios, os equilibristas, os habilidosos disto ou daquilo. E, para cúmulo a incomensurável pobreza de fantasia e de elegância que caracteriza as sociedades. Deste modo todos os que procuram fingir que se divertem têm, em Nova Iorque, dois caminhos extremos: a originalidade que roça pela má educação e a sujeição a um completo e estereotipado formalismo.

O que há de único, de incomparável em Nova Iorque é a autêntica orgia de electricidade que aí reina, a explosão de luz que transforma a noite da cidade num gigantesco **luna parque** como se estivessemos num portentoso circo de cavalinhos onde nada faltasse.

Mergulhe-se em **Time Square**, cerca da meia-noite: compreender-se-á então que nesta cidade não há nada que não esteja representado e que a variedade extraordinária dos seus aspectos se traduz numa extraordinária beleza.

Verdadeira serpente cintilante, a Broadway divide a cidade em duas partes. Nas margens desse grande rio de luz apinha-se uma multidão que procura queimar nesse fogo todas as desilusões, todas as paixões que a aterram.

Como sucede com as outras cidades, não são tanto os habitantes da grande metrópole que frequentam os divertimentos, mas os forasteiros. Vindos das regiões mais puritanas eles chegam à cidade com o secreto desejo de conhecer os frutos proibidos. Querem conhecer tudo, explorar tudo, nos cinco ou

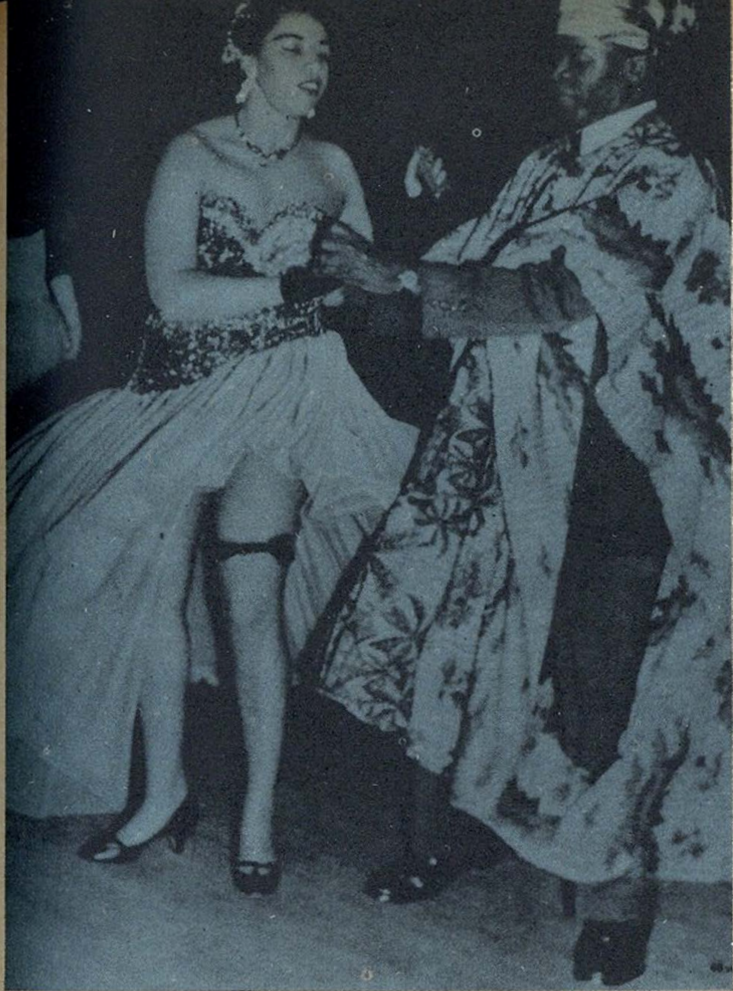
Uma noite
nos mais elegantes retiros,
«dancings» e teatros
da mais espectacular cidade
do mundo.





Na T.V.: Kirk Oreste
e Dorothy Coulter
numa emissão a cores
do «Rigoletto».
Em baixo:
Julie Harris e George Peppard.





Uma das mais características festas novaioquinas é o «Baile dos Artistas» no **Latin Quarter**. Todas as raças estão ali representadas e todos os convidados têm de ir em traje de fantasia.

seis dias que por aí passam. Quem são, pois, esses forasteiros que alimentam essa serpente de luz que zigzagueia ao longo da cidade? São comerciantes, agentes, na maior parte dos casos, de grandes empresas. Vêm estudar sistemas de venda, vêm saber notícias de novos produtos. O dinheiro que gastam não é deles, afinal. Tornam-se automaticamente hóspedes dos novaioquinos que — interessados em vender-lhes as mais recentes mercadorias, em torná-los fregueses das suas casas — os convidam para toda a espécie de divertimentos. São esses frequentadores que, em grande parte, mantêm activa a vida nocturna de Nova Iorque.

Aonde ir? Ao **Moroco**, ao **Stork**, à **Bala-laica**, ao **Latin Quarter**? A um baile onde haja **taxi-girls**?

Na **Brodway** há cerca de setenta salas de espectáculos: salas de **ballet**, de concertos, de teatro, a ópera; cinemas, salas de desporto, de conferências, piscinas, pistas de gelo. Durante o dia há a possibilidade de visitar as numerosas exposições de pintura, e os museus. E quanto aos restaurantes, há-os de todas as espécies!

A dificuldade nesse complexo labirinto de diversões que é Nova Iorque está em escolher. Para mais: como adivinhar os preços de entrada e de consumo? Como estar ao abrigo de surpresas desagradáveis quando o criado nos trazer a conta? Felizmente vendem-se em Nova Iorque numerosos guias que nos indicam com segurança os preços mínimos obrigatórios de consumo. E além de nos darem sugestões diversas para nos divertirmos, indicam-nos eles, também, os dias ou as noites em que podemos entrar gratuitamente num espectáculo (caso tenhamos paciência de esperar): e assim podemos assistir a uma representação de primeira ordem e grátis de Shakespeare! E a uma sessão de cinema, a um concerto, a uma conferência...

Como é evidente, a maior parte dos grandes divertimentos de Nova Iorque são muito caros, embora não primem pelo bom gosto — mesmo quando ambicionam tê-lo.

Como em toda a parte acontece, Nova Iorque procura convencer os seus visitantes de que quanto mais caro for o bilhete de entrada ou o preço do consumo, mais grandioso será o espectáculo, mais apetitosa será a comida. Triste ilusão...



No palco do **Sammy's Follies**,
situado numa velha rua
de Nova Iorque,
exibem-se com grande êxito
antigas **estrelas** do teatro ligeiro.

O **Sammy's Follies**
abre as suas portas
às oito horas da manhã
e fecha-as
às quatro da madrugada.
Os frequentadores
comem, bebem e ouvem
as canções que lhes dedicam
as **estrelas** em voga.
Mas por vezes
— como se pode ver
na fotografia —
acabam por adormecer.



Dora Pellettier
tem noventa anos
e é uma das atracções
do **Sammy's Follies**.
Trabalha cinco dias por semana
e descansa dois.
Depois de cada número
refresca-se com um **whisky**
que o bar do Sammy lhe reserva.

Cada espectáculo
do **Sammy's Follies**
procura sugerir os bons tempos,
perdidos para sempre,
de Nova Iorque
e de São Francisco.
Os artistas de Hollywood
costumam frequentar
o **Sammy's Follies**.
Em baixo: Jayne Mansfield
confraterniza com Dora Pellettier.





Groucho Marx resiste serenamente à passagem do tempo. Com um simples gesto, inteligentemente escolhido, provoca o riso das multidões.

Harry Belafonte, o rei do calypso, desencadeia autênticas paixões quando canta na NBC.



Dinah Shore é uma cançonetista sensível e delicada. A sua popularidade é imensa em toda a América.





Eddie Fisher
avança para o proscénio.
Ele canta com o à-vontade
de quem fala e essa é
a grande razão do seu êxito.

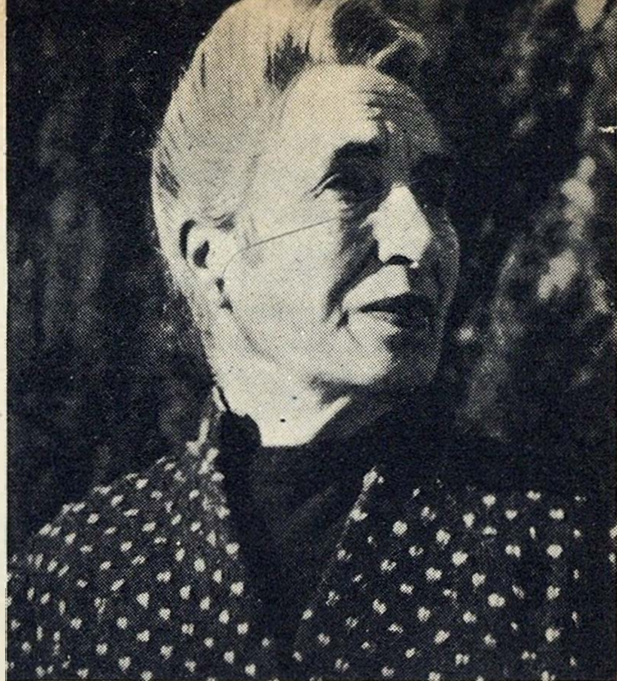
A riqueza e a grande variedade
do guarda-roupa e dos cenários
transformam os espectáculos
da Broadway
em exemplos inultrapassáveis
de bom gosto.



armazém das letras & diversos



HERDOS



conto inédito por IRENE LISBOA

Irene Lisboa (Irene do Céu Vieira Lisboa) nasceu no casal da Murzinheira, concelho de Arruda dos Vinhos, a 25 de Dezembro de 1892 e morreu em 1939.

Professora primária especializada em questões pedagógicas, publicou o seu primeiro livro em 1926. Bem cedo a crítica responsável descobriu em Irene Lisboa a mais notável das escritoras portuguesas. Não obstante, «nunca o nome de Irene Lisboa andou para aí na baila, como andam outros incomparáveis com o seu». Como diz José Régio, «Irene Lisboa morreu com a mágoa de não ter o público que merecia». E o mesmo poeta pergunta: «Qual é, com efeito, o fundo dessa obra (...)»? E responde: «Antes de mais, um amor da verdade, do humano, do real, do quotidiano, do comum...».

Irene Lisboa que usou os pseudónimos de João Falco, Manuel Soares e Maria Moira, é autora de numerosos livros. Lembraremos os seguintes: **Prosa:** Solidão, Esta cidade, O pouco e o muito, Uma mão cheia de nada, Voltar atrás para quê? e Título qual-quer serve. **Poesia:** Um dia e outro dia, Outono havias de vir e Folhas volantes.

São dois os sapateiros deste povo, um remendão e outro de categoria; chega a fazer calçado novo.

Não deve admirar a ninguém que o ofício dê aqui para tão pouco: as mulheres e as crianças, de Verão, andam descalças e, de Inverno, como o caramelo que cobre assentes e barreiras é escorregadio, metem os pés em tamancos de sola de pau.

Assim mesmo o senhor Joaquim tem trabalho. Trabalho aturado e muitos filhos. O minério deu-lhe para forrar e dividir a casa; três das filhas mais velhas serviam na vila e o resto criava-se. Ele batia, assentava os moldes nas peles, riscava à faca, cortava, manejava a sovela, torcia o linhol, etc... sem descanso nem maiores preocupações, julgo eu. No tempo próprio ceifava e malhava, deixando à mulher e a uma filha espigadota, que ainda tinha em casa, o cuidado das regas. Aliás, tudo aqui se cumpre desta sorte.

Mas uma bomba caiu de chofre em casa de mestre Joaquim: morrera-lhe a patroa das filhas. A senhora era rica, dadivosa, quase que tinha criado as pequenas... e fez-lhe falta.

Dizia o povo, com verdade ou sem ela, mas sobretudo invejoso: Só as cestadas que de lá vinham!

Nada disto, porém, é lastimado nem confessado. Mestre Joaquim perdeu o sossego por outras razões.

A senhora esteve uma porção de meses na cama e as duas filhas mais velhas do sapateiro dia e noite a velavam, lhe acudiam e lhe davam aquele sinal de presença familiar, tão doce a quem se definha.

Três meses levou a minha Benvinda sem ir à cama! Queixava-se o pai. E p'ró quê?

Benvinda, de pele assetinada e branca (nunca lidou no campo, foi sempre criada, ora da cozinha ora dos quartos), sorri com muita reserva. Ficou doente, anda-se a tratar, precisa de descanso. É bonita. Em casa pega na irmãzinha de seis meses, tão engraçada! Varre e limpa o pó e até já encortinou de branco a janela do quarto das raparigas.

Não pode fajer o que lá fajia! Geme a mãe, quase obediente à filha.

Dai-me o que eu lá tinha... não mo dais...

O pai intervém, elucidando: nem os lumes se prestavam...

Pois! Que é do fogão e que é do forno? E dos ovos e da manteiga?

A rapariga, um pouco dissaborida, diz isto sorrindo.

Mestre Joaquim anima-se então: Doze anos lá a tive, foi para lá com oito. A senhora ganhou-le amezidade e que l'havia de deixar mundos e fundos... mas parece que não pôde; não le deram ocajião...

Toda a gente cuidava que ela tinha cura...

Toda a gente, não! Atão que é que tu lá oivias?

O moleiro da ponte, muitíssimo velho, escutava-os. Sentado num banco comprido, à frente de mestre Joaquim, enrolava atento o seu cigarrito. A conversa, que o não interessava deveras, tinha vindo puxada não se sabe como.

Eu conheço essa família, conheci-os muito bem a todos, larga ele, com o seu pequeno silvo asmático.

Bastou isto ao sapateiro, que bamboleava a cabeça a puxar o fio às mãos ambas, para se excitar: Eles são conhecidos no cabo do mundo, não tivessem a fortuna que têm! E p'ra mor disso haviam de regatear tanto o que é das minhas filhas? Ficou escrito... Ali, preto no branco... Duas camas inteiras... E o que é que veio cá ter? Ó Benvinda, vai lá buscar...

A mãe queria entrar também na conversa,

mas o marido retomou o seu natural ascendente: Ele nem é o sobrinho que se importa, é a mãe da afilhada, a mulher do doutor Soito. A afilhada é que herdou tudo.

A mãe... a mãe... atão não é aquela que era criada de uma casa de hóspedes, que havia logo abaixo da praça?... pôs-se a escabichar da sua velha memória o moleiro. Uma mulherona! Alembro-me muito bem. Ela fajia lá tudo. Sei, sei... Mas ela adonde é que vive e mais ele?

Foram para Lisboa; a pequena é que passava aí os meses inteiros e eles também vinham.

Mas a pequena, retoma o sapateiro, é um cigalhito mais nova que a minha Benvinda, desde que a madrinha caiu à cama nunca mais a largou. A ordem da mãe, pois. Ninguém se podia chegar à senhora, só quem a tratava. As minhas filhas, aquilo era de noite e de dia; é um mal que não perdoa. A afilhada dormia deitadinha na sua cama, atão não havia de dormir? Cá estava a Benvinda para chegar tudo. Essa é que perdeu o eito à cama, a cara dela o mostra.

Benvinda, a instâncias da mãe, sempre tinha ido buscar o que o pai antes pedira. Voltou com um pano de colchão enrolado, de olhos baixos e quase indiferente.

E ainda le queriam dar um leito com um ferro partido! Eu é que me pus ao alto: a senhora não havia de querer deixar uma coisa destas à minha filha! Atão? Uma pessoa quando se cala a tudo...

À certa, à certa, apoiava de modo vago o moleiro.

Mostra lá, não te acanhes, ordena o mestre Joaquim, descendo a voz e perfurando uma sola de bota que descansava nos joelhos juntos.

A rapariga abriu o pano do colchão, bastante poído e até rasgado.

O olho pisco do velho Zé moleiro pestanejou: Não marecia a pena tê-lo traguido, deixásseis-lo.

Isso é que é uma verdade, senhor José, considerou a mãe; mas pracia mal. Inda se elas tivessem dado aquele pano velho e uns lançóis novos... Uma cama completa é uma cama vestida por inteiro. Mas nada, não! Foram os ferros estremes e mais aquele trapo.

Ó mulher, deixa lá isso, não te reles, não tens criado os teus filhos? E passaste sem a cama dos ricos...

A mulher, alta, limpa, de cara longa e suave, teve um riso fugidio.

O moleiro, de perna seca cruzada e de olhos baixos, estava com vontade de meter outra conversa. Chupava o seu cigarrito pobre e mexia no bolso da jaqueta. Via-se que era um homem inquieto.

Deixou-les... uma miséria, não é nada do que p'ra aí se diz, respondeu o sapateiro. A obrigação é de vir às mãos da gente dentro de um ano, mas ninguém fala nisso! A senhora estava repesa do que tinha feito, é o que eu digo, porque ela só se punha assim p'ra minha Benvinda: Ó filha, se eu daqui m'alevento... Inda tinha muitas esperanças. Parece que le queria deixar a quinta, vocemecê conhece-a, andou muitos anos por além à roda... ou então o lameirão que ela tinha nos nossos limites. Ninguém tivesse dó de mim! Com um prédio daqueles! É uma quinta que dá de tudo: tem matas, vinhas, pãozinho e casa... só a casa!

Mestre Joaquim, nestas poucas palavras, pôs bem o coração a nu. A sua imaginação trabalhou primeiro a quente e agora trabalhava a frio sobre a herança possível e justa que viu escapar às filhas.

Mas o pequeno é que fica sempre por baixo, rematou ele. A força têm-na toda os grandes...

E a sua face redonda e pálida tremia com os sacões que ele dava ao linhol ensebado.

A mulher meteu-se então: As oitras foram umas finas... ficaram cheias... Ainda ontem a mãe, a senhora Julinha, disse à minha Emília: E o lenço, vê lá, não te esqueças de o trazer! Faça uma ideia o senhor José: um lenço da cabeça! Mas ela manda-o, não lo vai lá levar, nada, não. Vestiram as minhas três pequenas de preto, deram o luto...

Mas o que é isso? Intervem o marido. Elas não andavam em coiro, ainda tinham roupa. Se fosses tu que les morresses, ou eu, olha que não as cobriam de preto da cabeça até aos pés, como cobriram.

Só a riqueza que havia naquela casa... murmurava a mulher de olhos mansos.

Então Benvinda, que tudo conhecia muito mais intimamente, riu e adiantou-se: E o que é que vocemecê sabe? O sobrinho, uma vez à mesa (que ele ia lá muitas vezes jantar, explicou ela para o moleiro), contou que nem sabia o que havia de fazer ac dinheiro. Nos bancos já não le aceitavam mais.

E'e tem dinheiro na Inglaterra e na América, em todas as partes do mundo, confirmou o pai; no raio que-o parta! É o rei da nota... da nota e da dola... Se ele não sabia o que havia de fazer ao dinheiro que pegasse numa cuanhazita e que o acuanhasse p'ra rua...

À certa, apoiava o moleiro, a rir do peito, com um bocado de esforço. Olhe que não coalhava nos regos, essa le digo eu...

Mas vá lá um pobre pedir uma esmola à porta! Continua o sapateiro. Que não há ordem... Já oivi que correram os pobres todos da vila.

Pois, por mor das vistas, era feio. Vem p'ra aí tanta gente de fora, e da graúda. P'ró hotele...

O moleiro largou estas com o seu ar fino e meteu a pontinha chupada do cigarro no bolso da jaqueta, premendo-a com as pontas dos dedos. Puxou um pouco da garganta e com a sua voz sibilada acrescentou: Ainda o engenho era do pai dele quando eu lá andava nos galipos da lá... pouco tempo foi também... ó depois daquela história dos Coitinhos, quando o povo lá de baixo s'alevantou... e eu tive de me passar...

O moleiro falava pouco claro, as mulheres retiraram-se e mestre Joaquim entrou a bater sola.

Mas, ó mestre, como é que a fortuna da tia dele foi parar às mãos da filha do doutor Soito? Perguntou o moleiro.

O sapateiro levantou então os olhos e pôs o martelinho; deu um ar de riso e elucidou o velhote: Isso são coisas! Vocemecê não sabe que um industrial tem sempre um homem da sua confiança, um procurador, um advogado, p'ra le tratar dos intaresses? Que fajia ao sobrinho uma porrada de contos a mais ou a menos? Bem vê! A nota não é que le faz falta... e o doutor Soito já era como se fosse da família, entrava ali como na casa dele. Amigo, sabe o que eu le digo: cães e lobos comem todos... eles entendem-se! Quando as minhas três filhas vieram para casa (elas ainda lá ficaram com as oitras, mas aborreceram-se) eu pedi-le um lugarzinho nos teares, nem que fosse só p'rá mais velha... e sabe o que ele me respondeu? Que os quadros estavam cheios, que não podia meter mais moças... Eu que esperasse. Não era uma resposta que se desse.

Pois não, pois não, assentava o moleiro,

de olhinhos baixos. Eles deviam ter em conta...

Tudo! Elas foram umas servas; onde é que a senhora ia arranjar oitras...

Ora, ora, o sobrinho ficar sem um herdo daqueles, teimava o moleiro. E que bela vinha! Além é que é terra boa; bô cachos, bô cachos... terra quente...

Está bem de entender, tornava o sapateiro, que a ele não le custou a largar aquilo da mão; mal comparado é como se vocecê estivesse a contas com um borrego assado e botasse um osso p'ró chão.

Pois, pois...

Quer vocecê ainda oivir mais uma? Olhe que ma contaram a mim! Dijem que o sobrinho, o industrial, estava um dia sentado no café da vila, naquele que havia ao tempo, que era só um, e mais uns amigos. Entra por ali dentro um pobre e chega-se a ele; reza o seu padre nosso, sim senhor, põe-se à espera. O industrial vira-se p'rá banda e metê a mão ao bolso: toma lá; é p'ra um fato.

Mestre Joaquim fazia a sua pequena narrativa com gestos e movimentos de olhos.

É p'ra um fato? E o pobre fecha a mão. Ninguém sabia o que o rico le dera. Sai o homenzinho e um mais atrevido vai logo atrás dele: que é que foi, que é que foi?

O oitro abre a mão... E o sapateiro desfecha a rir com gosto: era um botão!

Esta facécia, talvez tão velha como a avareza, conso'ava o pai das deserdadas, que a atribuía convictamente ao sobrinho da morta.

O moleiro também riu, batendo com as mãos ossudas e sem cor nas fracas pernas. Via-se, no entanto, que estava farto do assunto. Vou ver daquilo, disse, mas sem se levantar. Deu com os o'hinhos nas paredes da frente, entrevistas pelo janelo que ficava acima de um monte de calçado velho, virou a cabeça de doninha e teve a coragem de soltar esta: O animal fora capado... o do Liotério...

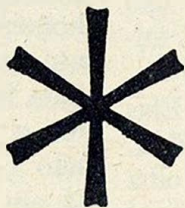
O do Liotério? Retrucou-lhe o sapateiro, surpreendido.

O do Liotério, atão? Mas leva caminho. Deitou-se, passou a noite no esterco, ainda fresco. Não houve cuidado. Mal empregadinho! Que ele era possante...

Já com o oitro..., anima-se mestre Joaquim.

Com o que ele trocou além aos ciganos... E não fijera má troca. Mas não tem sorte, não tem sorte.

O velhote, agitado, quase entusiasmado, cruza de novo a perna, sacode a cabeça e procura no bolso das calças a mortalha e o tabaco.



os livros do mês

Mestre do romance, jornalista incomparável, um dos escritores mais lidos do nosso tempo, Graham Greene é ou não, entre nós, o «agente secreto» dum mundo espiritual que nos escapa? Os seus livros costumam ser divididos em duas categorias: as obras de pura diversão como **Pago para matar**, e as obras carregadas de inspiração metafísica, teológica e humana como **O Poder e a Glória** e **O Nó do Problema**. Pois bem: o seu último livro, **O Nosso Agente em Havana**, é sem dúvida um divertimento, mas põe em dúvida a validade daque'a distinção.

Como é seu hábito, tantas vezes, Graham Greene escolheu um quadro exótico de grande actualidade: Cuba. Mas sem barbudos e sem Fidel de Castro. Nós somos levados, muito

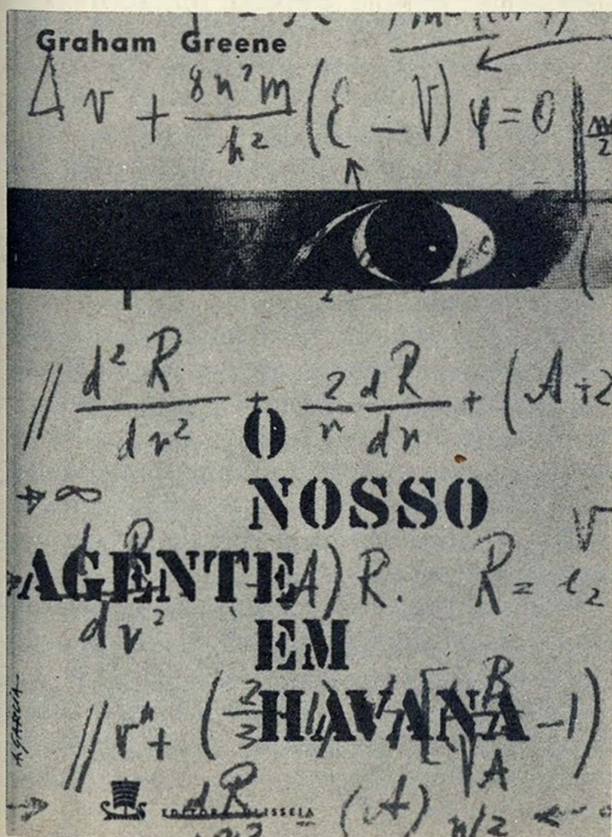
simplesmente, a um país escaldante (pelo clima e pela paixão política que aí existe).

Wormold, um inglês que representa uma marca de aspiradores, torna-se, quase sem querer, agente do **Intelligence Service**.

Wormold não tem grande habilidade para espião. Compila vários relatórios económicos colhidos nos jornais, constrói autênticos romances com personagens que ele nunca viu e envia desenhos de monstruosas construções estratégicas (que são, afinal, os desenhos das peças do novo aspirador que ele vende...).

Em Londres os Serviços Secretos acreditam em tudo e Wormold é considerado um agente excepcional pelo rigor e pormenor das suas informações. É claro que em Havana, onde a polícia e outros serviços secretos consegui-

O NOSSO AGENTE EM HAVANA por graham greene



ram decifrar alguns telegramas, de princípio ninguém o leva a sério. Mas depois...

O Nosso Agente em Havana é um puro divertimento. Ninguém poderá acreditar que a farsa, a estupidez e até a maldade dos serviços secretos possa ir tão longe. Mas, por outro lado, este romance não foge ao carácter de fábula que caracteriza os romances mais ricos de Graham Greene. Lembremo-nos das suas obras mais sérias: elas estão povoadas de homens que não são menos estranhos e **secretos** que Wormold. Nós encontramos nelas santos e santas que se dissimulam sob a aparência de pecadores. Pode mesmo dizer-se que a regra dos romances de Graham Greene é esta: quanto maior é o pecado maior é a possibilidade de o seu autor cair sob a influência da graça, de se tornar um agente secreto dos desígnios (impenetráveis) de Deus.

Em **O Nosso Agente em Havana** o virtuosismo do escritor tem qualquer coisa de maquiavélico, obriga-nos a viver com as suas personagens e a aceitar progressivamente os postulados deste «conto de fadas».

AS VOZES QUE NOS VÊM DO MAR

por
jean larteguy

As vozes que nos vêm do mar é uma colecção de cartas escritas por estudantes japoneses no decurso de combates na China ou no Pacífico, quando se preparavam para levantar voo nos seus aviões-suicidas que iam lançar-se contra os porta-aviões americanos, ou para tripular um torpedo humano.

Todos os autores destas cartas morreram mas «as suas vozes que nos vêm do mar» dizem-nos, de uma vez para sempre, o horror das guerras de conquista, o desespero de uma juventude sacrificada, que os ritos bárbaros do código de honra japonês obrigavam muitas vezes a um sacrifício inútil.

Por trás destes testamentos, sucessivamente ingénuos, brutais ou lancinantes, a morte está sempre presente, e, muitas vezes, aqueles que escrevem trazem já a sua marca, a flor de cerejeira de três pétalas, insígnia dos mortos adiados, dos **Kamikazés**.

Não é o Japão de Pierre Loti, nem o da «L'honorable partie de campagne» que este livro nos revela, mas um outro, bastante mais real, onde as gueixas trabalham nas fábricas de armamento, infestado por traficantes de mercado negro, onde se bebe, para esquecer a guerra, às escondidas da polícia, enquanto o **Kamikazé** conta as horas que o separam da morte, de uma morte que ele sabe ser vã, porque, lendo estas cartas compreende-se que esse famoso código de honra tenha perdido todo o seu sentido para os jovens japoneses.

Jean Larteguy, que viveu no Japão durante a ocupação americana, esteve em contacto com os antigos combatentes e com estudantes das grandes universidades americanas, e conta-nos em que circunstâncias estranhas ouviu falar destas cartas que rapidamente se tornaram uma espécie de Bíblia para a juventude nipónica.

Assim, apresenta-as comentadas dentro do quadro da história da guerra da China e do Pacífico.

«Estas vozes que nos vêm do mar» não é só um documento histórico, mas sobretudo um testemunho humano de extraordinário alcance.

WILLIAM FAULKNER:

confissão

dum criador de cavalos



Talvez não seja inútil dar a conhecer aos nossos leitores alguns passos duma recente entrevista com William Faulkner, o grande romancista de **Sartoris** e de **Santuário**. É certo que Faulkner nem sempre responde às perguntas, mas essas fugas (ou essa incapacidade de se prender rigorosamente a um problema) também têm interesse, também servem para que melhor possamos compreender a personalidade do grande escritor americano. Não é verdade que ele mesmo confessa que lhe falta a disciplina que só as matemáticas poderão facultar?

— Esta pergunta talvez seja infantil: digam-nos, William Faulkner, como escreve os seus romances?

— Eu não sou um escritor no sentido vulgar da palavra. A minha vida já estava organizada, muito antes de eu ter começado a escrever. Sou um camponês. A minha vida é a dum agricultor, dum criador de cavalos. Comecei a escrever porque isso me agradava. Ocupo-me da minha quinta e dos meus cavalos e, quando tenho tempo, escrevo; ou, então, arranjo tempo para escrever...

— As obras de Sherwood Anderson influenciaram-no muito?

— Julgo que ele é o pai de todos os meus livros e também dos de Hemingway, de Fitzgerald e de muitos mais. Ele mostrou-nos o nosso verdadeiro caminho. Até S. Anderson, o escritor americano estava voltado para além-Atlântico, para a Inglaterra e a França.

Sòmente depois de Anderson, o escritor americano se tornou verdadeiramente americano. Anderson vivia no vale do Mississipi e descreveu aquilo que via. Hawthorne e os outros eram europeus e não americanos.

— Em que tipo de leitores costuma pensar quando escreve? — «Escrevo para mim», respondeu, de certa vez. — Mas um autor pensa sempre num público. Ou não?

— Dantes, quando escrevia, estava tão ocupado que não tinha tempo de pensar: «Quem lerá isto? Gostará ou não?» (...) À medida que fui envelhecendo e afrouxando o meu ritmo de trabalho é que descobri a existência dos leitores. E quando percebi que os escritores também gostavam dos meus livros e neles encontravam coisas em que eu nunca pensara, senti-me encantado (...).

— O Sul é muito complicado. Será por isso que os seus livros também são complicados?

— Não, não creio. Penso que o tema, a própria história é que cria o estilo. Penso que se um autor perder muito tempo a preocupar-se com o estilo, acabará por ter apenas estilo... (...) O Americano, cuja cultura é produzida em massa, sofre certamente a influência do seu meio (...). Hemingway, graças ao seu instinto e às boas lições dos seus professores, conseguiu triunfar utilizando um estilo uniforme (...). E ele teve razão, provavelmente, razão porque escreveu livros notáveis. Mas os outros, T. Wolfe, por exem-

plo, e eu mesmo, não tivemos nem instinto, nem professores, para isso. Nós tentamos enfeixar, acumular toda a nossa experiência, em cada parágrafo e descobrir todas as subtilidades de cada experiência. Não é que tenhamos decidido ser complicados, mas não podemos escrever doutra maneira (...).

— **A simplicidade de estilo que é a característica de Hemingway...**

— Não estou de acordo. Mas não sou um homem de letras. E quando leio, não é para analisar estilos, mas para observar pessoas que se comportam como eu penso que se deverão comportar...

— **Não me refiro às ideias, mas ao uso das palavras.**

— Nesse caso, não percebo. Eu não sou um homem culto (...). Não gostei nunca de andar na escola e não passei do 2.º ano do liceu... Por isso nada sei dos processos racionais de pensamento. Não estudei suficientemente a matemática para ter um espírito disciplinado.

— **Que pensa dos escritores de raça negra?**

— Richard Wright tinha muito talento.

Escreveu um livro e depois perdeu-se. Interessou-se de mais com as diferenças que separam o homem negro do branco e deixou de ser um escritor para ser, acima de tudo, um negro. Um outro negro, Ellison, tinha talento e teve todo o cuidado em não ser apenas um negro. Ele é, principalmente, um escritor e irá longe. Há muitos outros escritores negros, embora sem o talento daqueles dois. Wright e Ellison têm o talento dum Hemingway ou dum Fitzgerald, quando estes ainda eram jovens. Mas Wright interessa-se mais pela sua condição de negro que pela sua condição de escritor e foi isso que o destruiu.

— **Os vossos livros encaram o Sul duma forma estranha. Todos eles se ocupam de homens vergados ao peso de uma danação. Como se explica isso?**

— Eu gosto do meu país e gostaria de remediar os males que o afligem. Para mim, a única maneira de remediar os males está em envergonhar os homens, em criticá-los, em revelar a diferença que existe entre os seus defeitos e a sua grandeza (...). Ocupar-me apenas das belas acções não serviria para nada...



tem acompanhado a nossa literatura?

(Este teste refere-se apenas a 1959)

A literatura de uma época — de qualquer época — traduz sempre os desejos, as ansiedades, as esperanças e mesmo os defeitos dos homens dessa época.

Isto é já quase um lugar-comum o que não obsta, porém, a que seja verdade.

Conhecendo os escritores do seu tempo, o leitor terá uma visão mais ampla dos seus problemas, melhor conhecimento dos seus contemporâneos, e, acima de tudo, uma consciência mais perfeita de si próprio.

Terá o leitor, efectivamente, acompanhado a literatura portuguesa dos nossos dias?

O teste que apresentamos não é, de forma nenhuma, completo, mas fazendo-o, o leitor poderá verificar se é um homem do seu tempo ou se lhe valerá a pena substituir de vez em quando uma tarde de futebol por uma tarde de leitura...

No final das perguntas publicamos as respostas às mesmas. Atribua um ponto às respostas acertadas e 0 pontos àquelas a que não respondeu ou a que respondeu mal.

- 1) Aquilino Ribeiro publicou em 1959 um livro que se intitula
- 2) O prémio Camilo Castelo Branco referente a 1959 foi atribuído a Rodrigues Miguéis pelo seu livro LEAH. Desse livro fazem parte várias novelas das quais uma deu o nome ao livro. Diga o nome de outra
- 3) Fernando Namora editou um livro que se chama
- 4) A personagem masculina principal do romance «De Profundis», de Faure da Rosa, chama-se Raul. É capaz de dizer o nome da personagem feminina principal desse livro?
- 5) O Teatro Nacional D. Maria II levou à cena em 1959 uma peça de Bernardo Santareno. Foi o «LUGRE», «A PROMESSA» ou a «MARIA DO MAR»?
- 6) Mário Dionísio tem vindo a publicar uma

derna numa série de fascículos sob o título

- 7) Um professor catedrático publicou a «INICIAÇÃO À LÓGICA». É capaz de indicar o nome desse professor?
- 8) Com que livro ganhou Urbano Tavares Rodrigues o prémio Ricardo Malheiros referente a 1958?
- 9) Castro Soromenho publicou uma antologia ilustrada das suas novelas. Sob que título?
- 10) é o nome do último livro de Alves Redol.
- 11) Maria da Graça Freire escreveu um livro premiado. Como se chama? ...
- 12) Gosta de poesia? Então como se chama o livro publicado em 1959 por António Manuel Couto Viana?.....
- 13) António Quadros publicou um livro de ensaios em 1959. Qual foi o livro?

Verifique, agora, quantos pontos obteve neste questionário. Se tiver obtido de 10 a 13 pontos pode considerar-se a par da literatura do seu tempo. Se tiver obtido de 5 a 10 pontos talvez lhe valha a pena passar por uma livraria a caminho de casa; e se tiver obtido menos de 5 pontos, caro leitor, deve substituir, durante umas semanas, o futebol pela leitura.

SOLUÇÃO

- 1) Dom Frei Bertolomeu e As Três Desgraças.
- 2) Saudades para a dona Genciana.
- 3) Cidade Solitária.
- 4) Valentina.
- 5) O Lugre.
- 6) A Paleta e o Mundo.
- 7) Vieira de Almeida.
- 8) Uma Pedrada no Charco.
- 9) Histórias da Terra Negra.
- 10) Uma Fenda na Muralha.
- 11) E a Terra foi-lhe negada.
- 12) Mancha Solar.
- 13) A Existência Literária.



O ELOGIO DO TABACO

A introdução e divulgação do hábito de fumar constitui um capítulo muito importante na história da humanidade. Desde os tempos mais remotos em que o uso do tabaco se restringia a cerimónias religiosas, como foi o caso dos indígenas da América, até aos nossos dias, a sua popularidade foi sempre aumentando.

Alguns historiadores são de opinião que muito antes do descobrimento da América, já se fumava na China, mas essa tese nunca foi demonstrada. De positivo sabe-se o seguinte: quando Colombo descobriu as Antilhas, viu alguns índios a fumar. De facto, todos os indígenas americanos, desde o Mississippi até ao Norte do Brasil, entregavam-se a esse hábito. Em 1559, Jean Nicot, embaixador da França em Portugal, recebeu da América uma encomenda de rapé e enviou algum para a corte francesa, sendo o primeiro homem a introduzir o tabaco na Europa. Daí deriva o vocábulo **nicotina**.

Em 1585, **Sir Francis Drake**, introduziu-o

se tornou conhecido, mas foram os soldados de Napoleão que os levaram até às mais remotas regiões europeias. Mesmo assim, só depois da guerra da Crimeia a aceitação dos cigarros foi completa.

Hoje o tabaco é considerado o mais defendido de todos os vícios. Mas é um vício menor, um desses vícios que podem ser perdoados, mas que não perdoam: pois não é verdade que o tabaco é actualmente acusado de ser o principal responsável pelo cancro dos pulmões?

É difícil ter opinião. Quem sabe? Os monarcas que se opuseram tantas vezes ao uso do tabaco, lá tinham as suas razões... Porque a oposição inicial foi enorme. Assim, o Grão-Duque de Moscóvia atribuía-lhe os grandes incêndios que se verificavam nos seus Estados e, conseqüentemente, proibiu os seus súbditos de fumar. A pena variava. Primeira transgressão: chibatadas. Segunda: nariz cortado. Terceira: força! Os imperadores da Turquia e da Pérsia seguiam-lhe o exemplo.

história das virtudes de um vício

em Inglaterra. **Sir Walter Raleigh** difundiu a moda de fumar entre a aristocracia inglesa. Ao que parece, a rainha Isabel chegou também a fumar. De princípio, o costume foi considerado bárbaro... Depois considerou-se que tinha valor medicinal. Na Holanda, durante a peste de 1636, muita gente começou a fumar, na crença de que o tabaco era um poderoso desinfetante.

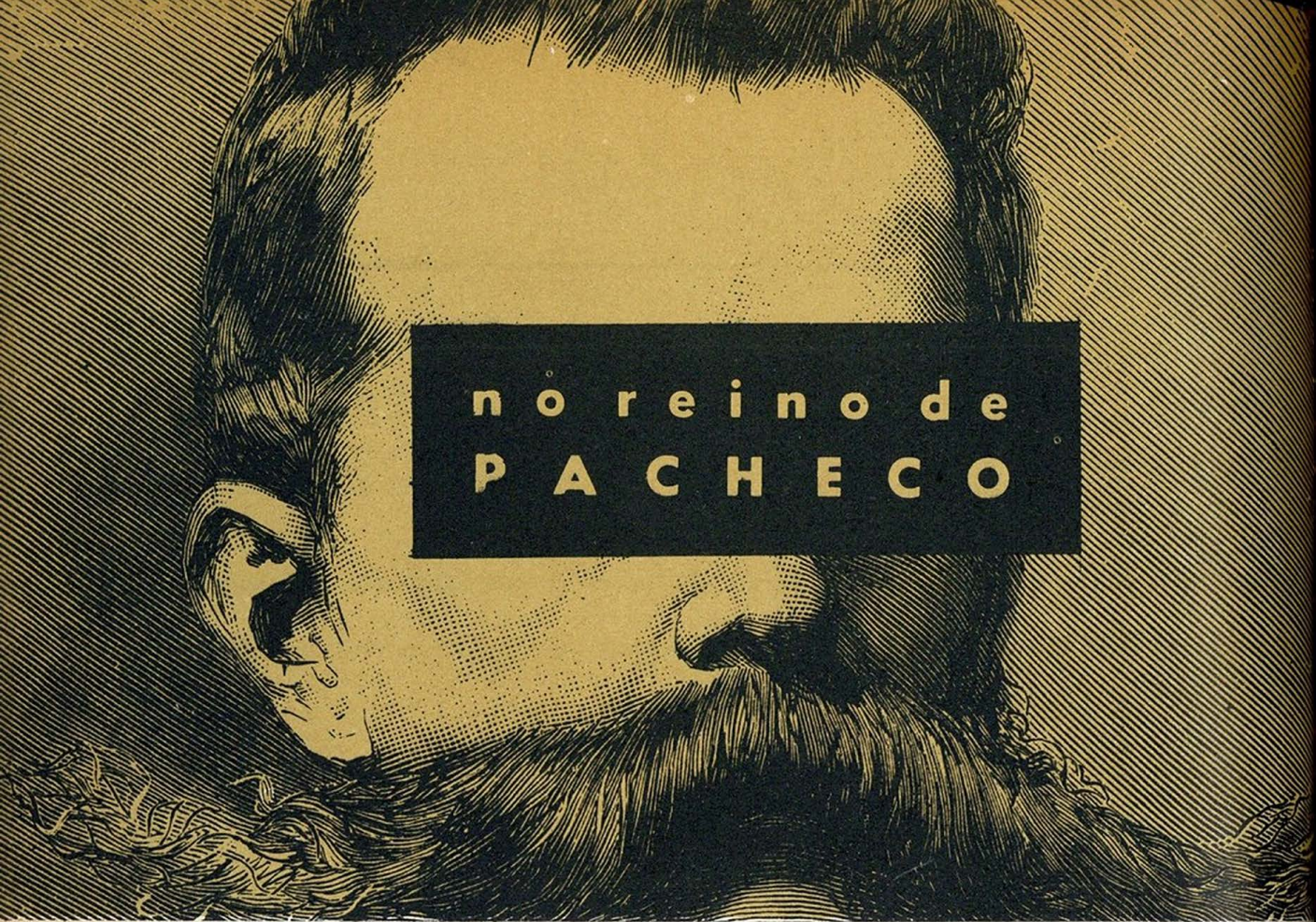
No início do século XVIII, o fumo deixara de ser considerado bárbaro ou medicinal... Era pura e simplesmente um luxo e um prazer. As classes mais modestas fumavam por cachimbos holandeses. As mais elevadas usavam cachimbos, que eram autênticas obras de arte, importados da China.

Em França, Luís XIV odiava o tabaco e não permitia que se fumasse na sua presença, mas a família real não participava dessa antipatia e os filhos do Rei-Sol eram grandes apreciadores de rapé.

Inicialmente fumava-se cachimbo. Só em meados do século XVIII, o uso dos cigarros

No Ocidente, as coisas passaram-se de maneira mais benigna. Jaime I de Inglaterra, escreveu um tratado em que demonstrava os malefícios do tabaco. Em França houve discussões públicas. Numa delas um famoso médico, que assumia a tarefa de pregar contra o tabaco, passou o seu tempo, a tomar pitadas de rapé... Bem prega Frei Tomás.

Triunfante o tabaco, tornou-se, por fim, uma das mais poderosas indústrias do mundo! Conta-se que num baile dado por Napoleão, este reparou numa senhora luxuosamente vestida, coberta de diamantes e de outras jóias preciosas. Quis então saber o motivo de tanta riqueza e ficou admirado quando lhe explicaram que a senhora era esposa de um fabricante de cigarros. Percebendo que a indústria do tabaco era altamente lucrativa, Napoleão resolveu que essa tão grande fonte de receita passasse para a Nação, e decretou o monopólio do tabaco por conta do Estado francês! Moralidade: as esposas dos grandes industriais nunca devem levar jóias aos bailes dos Imperadores.



no reino de PACHECO

NOTA BIOGRAFICA SOBRE O PORTUGUÊS MÉDIO CULTO

No dia em que se assentar na definição exacta do Português Médio (dito) Culto, segundo Pacheco, verificar-se-á, com compreensível assombro, que se trata de um individuo de comportamento característico, abstracto de raciocínio, de configuração zoológica, vestuário, pronúncia e hábitos típicos. Lisboa ou não, a sua adolescência e maioridade intelectual inspiram-se em D. Dinis, o lavrador, e nas pedras morenas de Santa Cruz; e quanto mais inspirado e mais abstracto, mais reconhecidas serão as suas possibilidades de triunfo à escala do Reino. Têm-se visto exemplos.

Nesta conformidade, Senhoras e Senhores, o **Almanaque**, atento a este exemplar fundamental no Reino do Pacheco, permite-se, com a modéstia dos seus recursos de folhinha cautelosa, apresentar esta «contribuição para uma definição do Português Médio (dito) Culto» — com vossa licença.

O português médio culto nasce na serra de Albarracim em Espanha, entre os meses de Outubro e Março dos anos pares e apresenta-se em tipos diferentes de embalagem conforme a percentagem de gorduras. Quando em contacto com a pele provoca irritação, pelo que, de preferência, se deve aplicar com luvas. Dá três ramais: Lisboa, Porto e Coim-

bra (Coimbra A e Coimbra B), tendo este último, ainda em uso, via morta. Podem construir-se com ele silogismos, mas há que ter o cuidado prévio de o traduzir para alemão. É nele notória a influência dos filósofos teutónicos pré-kantianos o que mesmo um leigo pode facilmente observar pela forma das infrutescências e dos carpelos. Estes um pouco curvos para dentro, a ponto de tocarem os estigmas, são únicos na flora meridional. Três metros e trinta são normalmente suficientes para com ele se confeccionar um fato completo. Recomendam-se os padrões claros e deve molhar-se antes de talhar.

Com diafragma doze pode usar-se luz natural, com diafragma dez necessita **flash**, com diafragma cinco é inútil tentar fotografar. A edição corrente, brochada, consta de quatrocentas páginas impressas em corpo seis, com três ilustrações a sépia, representando o D. Ramon y Cajal, o Município de Braga e um estojo de desenho Kem.

Nos ofícios fúnebres de certas aldeias da Baviera é uso executá-lo ao órgão, e pode atingir em diversas instituições, lugares que deveriam ser de chefia. Serve-se frio com molho branco. Não dobrar.



automobilismo

UM RALI HÁ 60 ANOS

A primeira corrida de automóveis teve lugar no dia 22 de Julho de 1894, organizada pelo jornal francês «Le Petit Journal» entre Paris e Ruão.

Dizer que se tratou de uma corrida de automóveis é, talvez, forçar um pouco a nota em favor do automóvel. É que o regulamento era duma amplidão capaz de fazer inveja aos construtores dos nossos dias, que vivem aperreados por fórmulas e regulamentos de toda a ordem: esta prova destinava-se a «carruagens de qualquer feitio, accionadas por propulsores de qualquer tipo»...

Alinharam à partida viaturas dos mais variados modelos e concepções, o que não é de espantar, atendendo ao regulamento. O percurso tinha 126 quilómetros de extensão e a prova foi ganha pelo conde De Dion que o efectuou numa viatura de sua construção, a vapor, à velocidade média de 18,560 quilómetros por hora.

Logo nesta primeira prova se revelou uma característica dos organizadores, que o decorrer do tempo viria agravar e que tantos mal-entendidos tem causado entre estes e os concorrentes. Refiro-me à incapacidade que os organizadores de provas sempre revelaram de obedecerem aos seus próprios regulamentos. Na verdade e sem que, para tal, o regulamento fornecesse qualquer fundamento, foi resolvido pela organização atribuir o prémio da prova conjuntamente ao segundo e terceiro qualificados, um **Peugeot** conduzido por Lemaitre e um **Panhard et Levassor** conduzido por Panhard.

É curioso constatar que aquilo a que os desportistas chamam a «vitória por influências» teve a sua estreia logo na primeira prova dum desporto que acabara de nascer.

No ano seguinte o mesmo jornal resolveu organizar outra prova, que mais tarde veio a ser considerada como sendo o I Grande Prémio do Automóvel Clube de França, quando este clube tomou a decisão de se impor através duma longa tradição desportiva, ainda que criada à custa da apropriação de honras alheias. É que é possível determinar a data da fundação do A. C. F., 12 de Novembro de 1895 e não pode deixar de ser

curioso verificar que este Automóvel Clube veio, anos depois, a classificar de «I Grande Prémio do Automóvel Clube de França» uma corrida que tivera lugar em Julho de 1895, isto é, três meses antes da sua fundação...

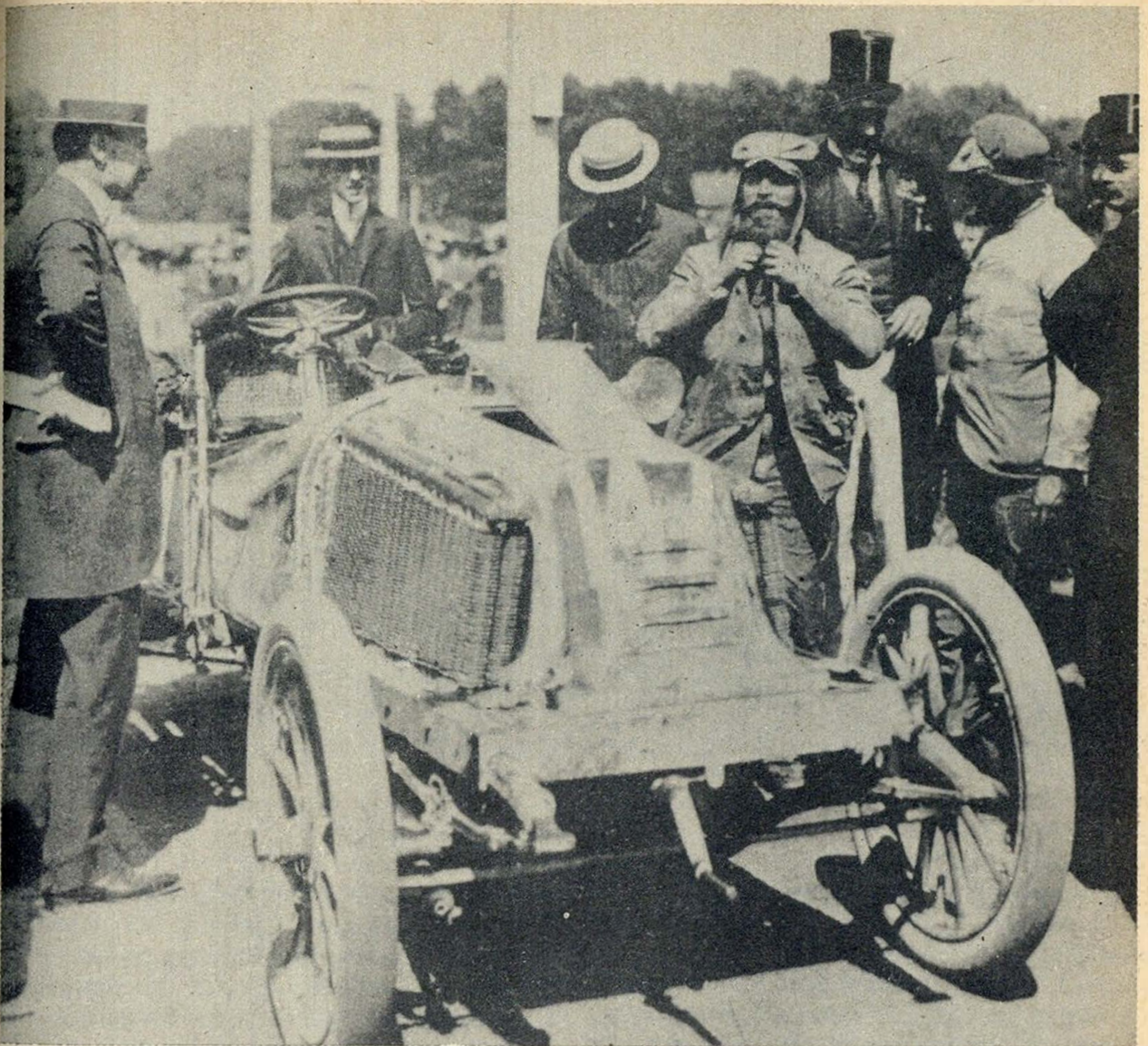
Nesta prova tomou parte, pela primeira vez, um automóvel munido de pneus semelhantes aos que se usam nos nossos dias mas, evidentemente, muito rudimentares. Desde há muito que os pneus sólidos se usavam regularmente em todos os tipos de viaturas. A primeira viatura de propulsão mecânica que utilizou pneus sólidos foi uma carruagem destinada ao transporte de passageiros, construída na cidade de Leith pelo sr. R. W. Thomson, em 1867, muito embora este mesmo inventor tivesse já patenteado, em 1846, um pneu formado por um tubo de borracha forrado, exteriormente, por tiras de couro.

Em 1888, Dunlop, que desconhecia a invenção de R. W. Thomson, concebeu um pneu semelhante para bicicletas, mas recusou-se a acreditar que estes pneus tivessem a resistência necessária para serem utilizados por automóveis. Foi Michelin quem teve a ousadia de não acreditar na opinião de Dunlop e que, para demonstrar a sua opinião, equipou com pneus um **Peugeot** a que deu o nome de «l'éclair» e que inscreveu na grande corrida de Paris-Bordeus-Paris. Este carro foi forçado a desistir em Rouen, já de retorno, mas revelara-se de tal forma superior aos outros, que o pneu ficou para sempre aceito e passou a fazer parte integrante do automóvel.

Foi ainda neste ano que se realizou a primeira prova nos E. U., organizada pelo «Times Herald». A prova efectuou-se no dia 31 de Outubro e foi ganha por J. Frank Duryea conduzindo um automóvel da sua construção.

Duryea foi o primeiro americano que construiu carros em série para venda ao público muito embora, nesta fase da indústria, a construção em série fosse limitadíssima.

É curioso constatar que o primeiro automóvel importado nos E. U. foi um **Daimler Benz** exposto ao público na exposição inter-



nacional de Chicago em 1893! Cinco anos depois, Alexander Winton vendeu o primeiro carro construído nos E. U. e um ano depois o automóvel obteve o seu primeiro reconhecimento oficial, como consta numa notícia fornecida aos jornais pelo Ministério da Guerra: «O ministério da Guerra adquiriu 3 automóveis destinados a serem utilizados por oficiais. Cada um destes automóveis é construído de forma a que lhe possa ser engatada uma mula no caso de se recusar a andar». Em 1896 realizou-se o segundo grande prémio do Automóvel Clube de França, desta vez com um percurso diferente, Paris-Marselha-Paris, num total de 1.700 Km que o vencedor, Mayade, também num **Panhard**, efectuou à velocidade média de 25,12 Km/h.

Em 1897 o A. C. F. não organizou o seu Grande Prémio mas este ano foi histórico

porque no decorrer dele teve lugar a primeira prova com categorização por classes. Devo desde já dizer que as classes foram estabelecidas não em atenção à potência ou à cilindrada mas, mais simplesmente, em função do número de lugares de cada carro...

Foram estabelecidas 4 classes: classe para carros de dois lugares, classe para carros de quatro lugares, classe para carros de seis lugares e classe para «voiturettes».

O percurso escolhido foi o de Paris-Dieppe e os vencedores foram, pela ordem indicada das classes, G. Hourgieres num **Panhard**, Conde de Dion num «**De Dion**» a vapor, Courtois num **Delahave** e Jamin num **Bollée**. O ano de 1897 ainda passou à história do automobilismo desportivo por um outro motivo: é que nesse ano houve duas corridas em lugar da corrida-única anual a que o



público já se ia habituando. A segunda prova teve lugar no percurso Paris-Trouville e foi vencida por G. Hourgieres, também num **Panhard**.

Vê-se que os **Panhard**s dominaram os primeiros anos do automobilismo desportivo. É curioso constatar que o **Panhard** vencedor do Primeiro Grande Prémio do Automóvel Clube de França, em 1895, tinha 1.200 cc e desenvolvia 4 H. P. Com o decorrer dos anos os constructores foram modificando lentamente o seu motor até que em 1902 atingiu a cilindrada máxima da sua história, como veremos na devida altura.

Se o ano de 1897 passou à história do automobilismo desportivo, o ano de 1898 não lhe ficou atrás...

Nele tiveram lugar 4 corridas das quais uma foi a primeira prova que se pode considerar como verdadeiramente internacional.

A corrida Paris-Bordeaux foi ganha por F. Charron no inevitável **Panhard** e a corrida Paris-Ostende por L. Girardot num carro da mesma marca.

Para o seu Grande Prémio, o A. C. F. escolheu um percurso notável, nada mais nada menos do que Paris-Amsterdão-Paris, um percurso que não bateu em comprimento

o de 1896, mas que foi o primeiro a ter lugar em dois países diferentes.

F. Charron, num **Panhard**, foi o vencedor deste Grande Prémio à velocidade média de 41 Km/h, o que tem de considerar-se notável se atendermos aos carros da época e ao estado das estradas de então.

Foi também em 1898 que se registou a primeira morte dum concorrente no decorrer duma prova desportiva, a do marquês de Montaignac, vítima dum acidente quando conduzia um «**Landry et Beyroux**» numa pequena prova que se realizou em Perigueux.

O ano de 1899 foi fértil em provas de todos os tipos. Com partida de Paris realizaram-se provas que terminaram em Ostende, Boulogne, Bordeaux e St. Ma'lo.

Para o Grande Prémio do Automóvel Clube foi escolhido um percurso audacioso, a volta à França, num total de 2.160 Km.

Este foi o mais longo percurso de toda a história do Grande Prémio de França desde o seu início até aos nossos dias. O vencedor foi o Chevalier Renée de Knyff, um grande desportista que se tornou ainda célebre por ter introduzido nos meios desportivos um casaco de pele de cabra («peau de bique»)

que se tornou quase obrigatório para todos os concorrentes elegantes da época.

Em 1899 tiveram lugar as primeiras rampas de Gaillon e de Semmering e ainda a segunda prova de rampa de la Turbie que se organizara pela primeira vez em 1897.

Os primeiros anos do automóvel não foram fáceis, mas era, todavia, inevitável que este viesse a impor-se. Os meios de transporte não surgem por si próprios, de geração espontânea. Representam sempre um estágio económico-social da humanidade. Por isso se diz que o automóvel não foi inventado por ninguém mas representou a súmula dos conhecimentos adquiridos desde que a roda entrara ao serviço do homem. Surgiu como um «puzzle», feito de mil bocados. Veio substituir o cavalo no campo dos transportes particulares e o vapor no campo dos transportes públicos.

Acontece, porém, que se as grandes invenções surgem inevitavelmente sempre que a sociedade humana está pronta a utilizá-las, quem primeiramente reconhece e se torna consciente do novo estágio atingido pela sociedade são os indivíduos que, por circunstâncias várias fazem parte daquilo a que chamamos as **élites**. Pertencer a uma **élite** é, assim, ter «consciência do momento presente». Acontece, ainda, que as **élites** tendem a estratificar-se socialmente e a substituir essa «consciência do momento presente», a que nos vimos referindo, por uma consciência da sua função social, isto é, por uma consciência e por um espírito de classe. Quando isso acontece, e acontece sempre, a **élite** deixa de desempenhar qualquer função histórica e o próprio processo evolutivo da mesma história se encarrega de a substituir por outra. É por isso extremamente difícil dizer, em qualquer momento, que uma **élite** é formada por estes ou por aqueles indivíduos.

Quando se aponta um indivíduo como fazendo parte da **élite** da época em que vive ou se está em erro, ou esse indivíduo já apenas representa «uma consciência do passado», isto é, já não faz parte da **élite** que está activando o processo histórico do seu tempo. Se, na realidade, pertencesse à **élite** do seu tempo, seria inevitavelmente desprezado ou considerado como sendo ligeiramente excêntrico. As massas não podem reconhecer a qualidade de mentor a quem representa ideias, estruturas sociais ou simples meios de produção que ainda não foram aceites, que

ainda fazem parte dum amanhã hipotético. Introduzir hoje o que as massas consideram impossível, ou possível amanhã, é a função das **élites** verdadeiras. Estas têm aquela «consciência do momento presente» que as distingue das massas (que apenas têm a consciência do momento que já passou) mas raras vezes têm consciência do papel que desempenham na evolução económico-social do homem.

Quando começam a ter essa consciência, repete-se, chegaram ao princípio do fim da sua utilidade: Já se está formando outra **élite**.

Quando o automóvel surgiu, as chamadas **élites** consagradas não o aceitaram bem, isto porque viram no automóvel um novo símbolo dum progresso que inevitavelmente viria a dar início a uma nova era e, ainda que inconscientemente, compreendiam que a nova era lhes escapava.

Este fenómeno não tem lugar apenas em relação ao automóvel. Na verdade, só por excepção um membro das classes altas admira a arquitectura do seu tempo; só por excepção um membro dessas mesmas classes admira a arte do seu tempo (que apelida de futurística); só por excepção um membro das referidas classes admira os meios de produção do seu tempo.

O velho e o novo são inimigos históricos. Sempre que alguém os pretende conjugar pode ter-se a certeza de que esse alguém representa o velho, já que o novo nunca transige.

Se as «**élites** consagradas» ou falsas não receberam de bom grado o automóvel, as massas, pelo menos no continente europeu, dedicaram-lhe o mesmo ódio inicial. É que o homem tende a desconfiar de tudo o que possa significar o advento duma nova era por desconhecer o que essa nova era lhe possa reservar e, ainda, por temer que se não possa adaptar à nova estrutura social sem descer de «classe», sem diminuir o seu nível social.

No final do século passado o automóvel só foi bem recebido pela nova **élite** que se formara e que tinha a sua origem na revolução industrial.

Para que o automóvel, porém, pudesse vir a desempenhar um papel de importância no novo mundo, tornava-se necessário torná-lo conhecido, popularizá-lo e democratizá-lo. Foram as grandes corridas que exerceram

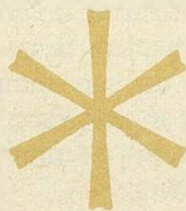
essa função. Como não podia deixar de ser, no continente europeu, as massas aceitaram o novo meio de transporte com mais facilidade do que as classes altas, isto porque tinham uma consciência indefinível de que ele era mais um factor que viria a concorrer para a sua emancipação.

Como são, precisamente, as classes altas que sustentam o poder nos regimes de democracia parcial, o poder tentou, inicialmente, opor-se à difusão do automóvel por meio duma legislação que estava destinada a cair em desuso antes, ainda, de se tornar ridícula. Até na própria Inglaterra que atingira antes dos restantes países europeus o estágio necessário à revolução industrial, esta legislação se fez sentir. Ainda hoje os automobilistas britânicos festejam a data em que as autoridades cederam perante o inevitável, com a célebre Brighton Run de que se faz tanta publicidade.

As corridas de automóveis desempenharam, em relação ao automóvel no princípio do século XX, o mesmo papel que as bibliotecas ambu'antes desempenham actualmente, nos países atrasados, em relação ao livro.

Foram o instrumento de difusão do novo meio de transporte.

Organizaram-se e surgiram para desempenhar esta função e pode dizer-se que estiveram à altura do fim que serviam.



surprise-party





aperitivo à italiana

Em Itália cultiva-se o aperitivo. Por volta do meio-dia já as arcadas dos cafés estão cheias de gente que saboreia o seu **VERMOUTH** de Turim ou de Milão e vê quem passa... Em sua casa cada um se esmera na apresentação do Antipasto, das azeitonas e das mil especialidades que fazem da Itália um paraíso de «gourmets».

A indústria dos licores e dos aperitivos é das mais desenvolvidas do mundo mas os italianos, embora não sejam adeptos do «cocktail» propriamente dito, são de tal forma individualistas que se não satisfazem em beber o conteúdo da garrafa sem uma tentativa de o melhorarem... É por isso que os aperitivos em Itália variam de terra para terra, de casa para casa, de pessoa para pessoa...

Tomemos, por exemplo, o **vermouth**. É claro que não há um tipo único de **vermouth**. Basicamente os tipos fundamentais de **VERMOUTH** são dois: o francês e o italiano;

mas as diferenciações não ficam por aqui. É que de Turim a Palermo há centenas de tipos de **Vermouth**, do seco ao doce, do branco ao tinto, do mais aromatizado ao mais simples...

Em Portugal, normalmente, quem deseja uma garrafa de **Vermouth**, limita-se a pedi-la ao balcão duma loja e leva para casa uma garrafa de Cinzano ou de Martini, duas marcas populares dum **vermouth** que satisfaz plenamente e que, bem gelado, constitui um agradável aperitivo.

De todas as qualidades do **Vermouth**, porém, a que torna essa bebida mais popular é, sem dúvida, o facto de se prestar a múltiplas combinações que são usuais em Itália.

Aqui vão alguns exemplos que o leitor poderá experimentar:

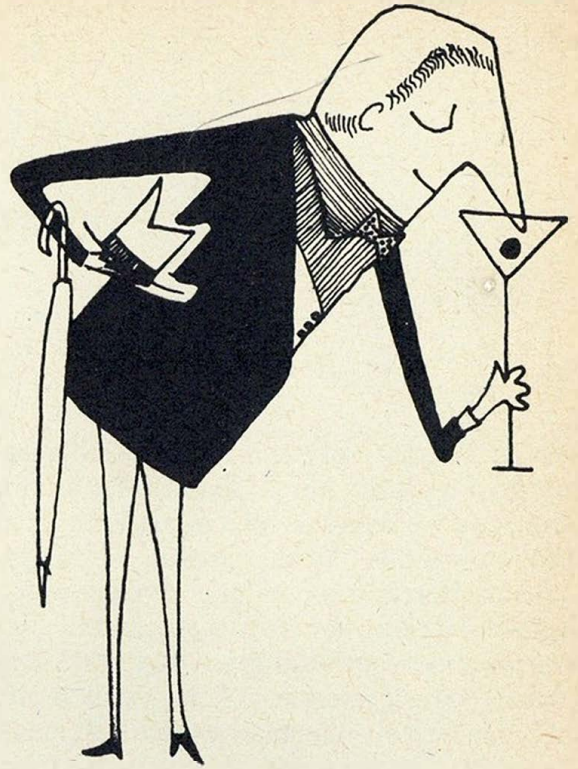
1) Combine **Vermouth**, **Gin** e **Cherry Brandy** em partes iguais e terá um «Reale».

2) Combine o sumo de uma laranja, o sumo de um limão, um cálice de conhaque e três cálices de **Vermouth**. Bem gelada, a combinação é deliciosa. Chama-se a este aperitivo um «Siciliano».

3) A dois cálices de **Vermouth** junte um cálice de **Triple Sec**, gele e sirva.

4) A dois copos de vinho branco seco, junte um copo de **Vermouth** doce e um cálice de conhaque. A este aperitivo chamam os italianos da Emilia Romanha «Bom-dia».

5) Corte uma laranja e um limão às rodas. Cubra estas rodas de **Vermouth**. Junte dois cravinhos à mistura. Deixe repousar dum dia para o outro, gele e sirva... É ótimo!



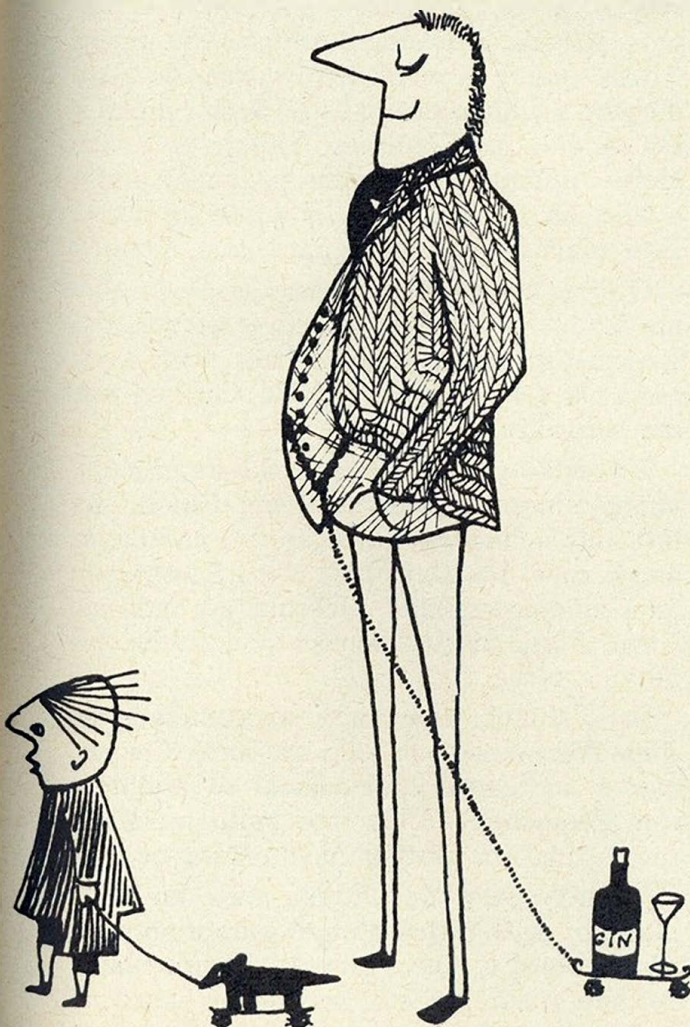
É claro que para acompanhar estas bebidas deverá servir uns petiscos saborosos... mas também nesse campo os italianos são mestres.

Deseja uns petiscos simples, económicos e rápidos de fazer? Aqui vão duas ideias que obtêm sucesso e que são popularíssimas em Itália.

1) Compre azeitonas pretas e tire-lhes os caroços. Disponha rodas de cebola, um alho esmagado, um pouco de orégão, sal e bastante pimenta às camadas alternadas com as azeitonas. Sobre isto deite um cálice de aguardente. Cubra com azeite bom. Deixe repousar uma noite e sirva...

2) As anchovas (**ACCIUGHE** em Itália) são a base de muitos aperitivos sólidos. Infelizmente, porém, são excessivamente salgadas. Experimente esta receita deliciosa: tire os filetes de anchovas da lata e escalde-os. Coloque alguns no fundo da tigela em que tenciona servi-los. Cubra-os com salsa picada, pimenta preta moída e cebola picada. Sobre isto vá dispondo mais filetes e assim sucessivamente até já não ter mais. Cubra tudo com azeite puro e deixe dum dia para o outro.

Verá que não se arrepende, como não se arrependem os italianos, que diariamente se deliciam com este aperitivo.



SARA MONTIEL

o último «couplet»

Sara Montiel obteve muito recentemente um grande êxito em Lisboa. Não admira: além de uma delicada sensibilidade de actriz e de um grande talento pessoal, Sarita possui uma força interior que a converte na primeira figura do cinema espanhol. Tem essa **presença** espiritual que é capaz de atrair o olhar dos espectadores. É na verdade uma autêntica estrela cinematográfica. Aí reside o segredo do seu indiscutível triunfo. Ela e apenas ela conseguiu substituir o vazio deixado pela falta de Império Argentina. Entre esta e Sara Montiel apareceram numerosas actrizes, mas nenhuma grande estrela popular.

É sempre interessante assistir no estúdio à rodagem de uma película. Sara Montiel colabora activamente com o realizador, sugerindo algumas ideias que são quase sempre verdadeiros achados psicológicos e que demonstram que ela percebeu completamente o seu papel.

A sua carreira começou no dia em que ganhou um concurso! Foi-se tornando conhecida a pouco e pouco até que rodou um filme no México. Do México seguiu para Hollywood. De regresso à América Central interpretou **O Último Couplé**. Depois do êxito prodigioso deste filme, Sarita triunfou na **Rapariga das Violetas**. **Carmen la de Ronda** confirmou definitivamente os seus dotes. Recentemente, Sarita partiu para Hollywood onde vai interpretar, sob a direcção de seu marido, o famoso realizador Anthony Mann, o filme **Fruta Madura**.

Embora a sua carreira tenha sido fácil, Sarita confessa-nos: «Eu sabia que era difícil triunfar no cinema, mas hoje sei que é muito mais difícil do que eu imaginava. O papel de **O Último Couplé** deu-me muito trabalho. Note-se que na minha família não havia qualquer tradição artística...»

Sara Montiel nasceu a 10 de Março de 1928 em Campo de Criptana, na província de Ciudad Real. Os seus pais eram humildes lavradores que trabalhavam a terra e tinham também uma pequena taberna.

Sarita assistiu um dia à procissão da Semana Santa que se celebra todos os anos na cidade de Orihuela. Sarita entouou uma copla à Virgem, o que despertou a atenção duns produtores cinematográficos que estavam presentes. Esses produtores pensaram rodar uma película com Maria Antónia Fernandez Abad, que é o verdadeiro nome de Sara Montiel. O filme chamava-se **Serás minha** e foi dirigido por Ladislao Vajda. A jovem Maria Antónia (tinha então 11 anos) atraiu a atenção do humorista Enrique Herreros. Este mudou-lhe o nome para Sara Montiel.

O filme chamava-se **Empezó en boda** e foi um êxito. Sarita tinha um papel secundário. Interpretou muitos outros filmes, mas o sucesso não foi famoso e, por fim, Sarita viu-se sem trabalho.

Foi então para o México, onde interpretou vários filmes. O seu papel em **Círculo** foi brilhante e chamou a atenção dos produtores americanos. Foi convidada a ir a Hollywood para interpretar uma película ao lado de Glenn Ford, mas a fita não se concluiu por falta de verba.

Sara Montiel teve outra oportunidade no filme **Vera Cruz**, ao lado de Gary Cooper, mas a sua fama internacional só a obteve com **Serenata** realizada por Anthony Mann com o qual iria posteriormente casar-se.

Quando Juan de Orduña quis iniciar a rodagem de **O Último Couplé** entrou em contacto com Enrique Herreros, representante de Sara, para que esta aceitasse o papel da protagonista. A actriz leu o argumento e ficou encantada.





Orduña tinha a intenção de que as canções fossem dobradas por uma cançonetista famosa, mas Sara opôs-se. O resultado conhece-o o leitor...

«Durante as filmagens — diz Sara Montiel — nunca sei se as coisas estão a correr bem ou mal. Tudo pode acontecer...»

Sara guia-se muito pela sua intuição. Isso não quer dizer que despreze os conselhos e que não mude de ideias, depois de reflectir... Ela conhece, de resto, o ABC da técnica cinematográfica.

«Sou incapaz de desobedecer a um realizador — confessa Sara Montiel. — Sei perfeitamente que a disciplina tem de ser absoluta. Nunca chego atrasada porque sei que isso é uma falta de correcção imperdoável!» Como se vê, a intérprete de *Carmen* possui todas as virtudes, nem mesmo a pontualidade lhe falta!

Tem uma grande admiração por Gary

Cooper. A propósito de Ingrid Bergmann comenta: «Sempre que a vejo tenho medo de voltar ao cinema... Que grande actriz! Penso que a sua sobriedade é uma virtude, porque no cinema é preferível o pecado da economia de gestos ao pecado do excesso...».

O Último Couplé foi um êxito retumbante. A *Rapariga das Violetas* não o foi menos e o mesmo pode dizer-se de *Carmen*, la de Ronda.

Recentemente a Metro propôs-lhe um filme em que Sara Montiel interpretaria o papel de Mata Hari que foi há muitos anos um dos grandes triunfos de Greta Garbo. Mas Sara Montiel recusou essa honra. Um sentido raro das responsabilidades impede-a de correr riscos desnecessários.

Que uma actriz tão famosa tenha o bom senso de não querer competir com Greta Garbo, a modéstia de aceitar os seus próprios limites, eis o que é raro nestes dias que vão passando!

PACIÊNCIAS DE CARTAS

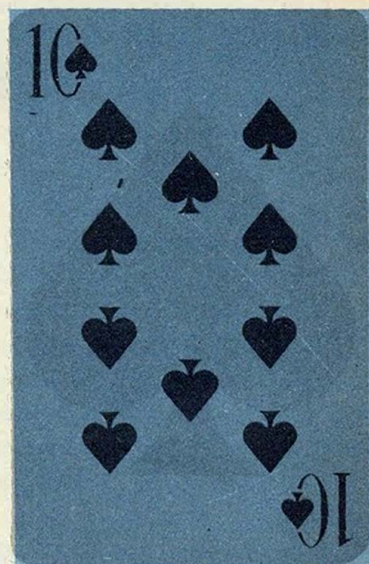
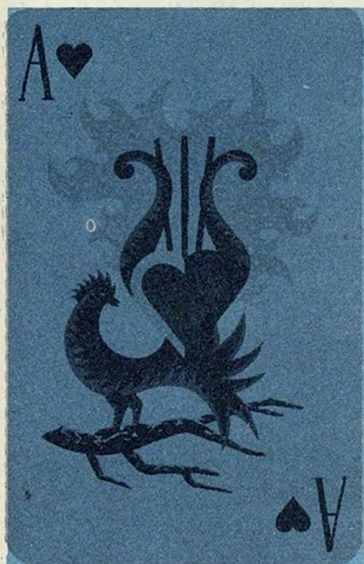
NAPOLEAO (SIMPLIFICADO) (um baralho incompleto)

Empregam-se apenas quarenta cartas, isto é, um baralho a cujos naipes se suprimem os oitos, os nove e os dez.

Baralhadas as quarenta cartas e partidas, começam a tirar-se, pondo as duas primeiras, se nenhuma delas for ás, distanciadas uma da outra, mais do que a largura de uma carta, a terceira e a quarta por baixo da primeira e da segunda, a quinta e sexta por baixo da terceira e da quarta e a sétima e a oitava por baixo da quinta e da sexta.

Se depois da distribuição das cartas, houver algum ás nas exteriores laterais dos quadros, passa-se para o intervalo entre os quadros. Se houver duques passam-se para cima dos ases respectivos e assim sucessivamente.

Não havendo mais cartas do lado de fora para os enaipamentos podem mudar-se as cartas de fora para junto de outras também de fora que sejam do mesmo naipe, imediatamente superiores ou imediatamente inferiores. Destas mudanças pode resultar desaparecerem todas as cartas de uma fiada, ao que se chama abrir uma casa. É permitido



Se aparecer durante esta colocação algum ás, não se conta e passa-se para o intervalo ideal das duas cartas em via de colocação, mas, se aparecem dois ases a seguir, como o segundo não tem cabimento no intervalo, coloca-se no lugar correspondente a qualquer das outras cartas e conta-se.

Colocadas as primeiras oito cartas em duas colunas, colocam-se do mesmo modo outras oito por fora destas, e, depois, outras oito e assim sucessivamente, até ter colocado todas as quarenta. Escusado será dizer, que, como os ases se não contaram, quando puderam ser colocados entre as duas colunas primeiro formadas, os quadros dos lados ficam incompletos, como se vê na figura.

então, para essa casa, remover qualquer série de cartas que estejam noutra fiada, deixando assim descoberta uma carta para o enaipamento, carta após a qual vão outras.

Antes de fazer qualquer mudança, devem estudar-se mentalmente as consequências dela, para conseguir o enaipamento.

A paciência, apesar do pequeno número de cartas, dá que pensar, e às vezes apresenta-se de tal modo, que não permite deslocamento algum.

Quando se consegue abrir uma casa, já há probabilidade de completar o enaipamento e, quando se abrem duas, é certo esse enaipamento, fim da paciência.

O Jazz nasceu em Nova Orleães entre 1900 e 1920. Nos bairros negros, nos bairros do crime por vezes, meia dúzia de homens com alguns instrumentos musicais, muitas vezes inventados por eles próprios, improvisavam música que o público se foi habituando a ouvir em êxtase.

A crise do fim da guerra de 1914-18 veio aumentar a aceitação do género e de Nova Orleães o Jazz estendeu-se a Chicago, a Nova Iorque e espalhou-se depois pelo mundo inteiro. Homens como, entre outros, o saxo-soprano Sidney Bechet, o cornetista King Oliver, o trompetista Louis Armstrong (que por volta de 1925 formou o seu próprio conjunto) vieram difundir a música de Jazz, primeiro nos meios cultos e sofisticados, depois entre o público em geral.

E essa música, que nascera originariamente



MÚSICA DE ESCRAVOS para homens livres

nas festividades religiosas — enterros, casamentos, baptizados — e era tocada por três ou quatro instrumentos, no máximo, nenhum deles ganhando importância predominante, alcançou assim foros de música erudita ou «snob» e todos os países do mundo foram por ela atingidos.

Em Portugal o jazz entrou há alguns anos já, e o Hot-Club representou certamente uma parcela da aceitação que ele entre nós recebeu.

A Universidade despertou talvez mais tarde para esta nova música. Em 1958, o Dr. Raul Calado, sócio n.º 1 do actual «Clube Universitário de Jazz», realizou uma sessão de divulgação no Instituto Superior Técnico, seguindo-se a esta uma campanha para provocar adesão à fundação de um Clube. Este teve a sua primeira sede na Associação de Estudantes do I.S.T. Realizaram-se sessões em salas de espectáculos e nas associações de estudantes.

O «Clube Universitário de Jazz» instalou-se desde Novembro de 1959 na sua nova sede (R. da Alegria 94) e publica a única revista de jazz portuguesa, «Jazz — Boletim do

C.U.J.». Emite semanalmente, através do Rádio Renascença, o programa «Encontro com o Jazz».

Claude Lutter e Jean Pierre Gleber figuras conhecidas do jazz europeu visitaram já o Clube e deram recitais.

Porquê esta mundial aceitação do jazz?

Porque é que este número de negros do Sul dos Estados Unidos, conquistou todos os países e todas as raças do mundo?

O autor deste artigo teve uma vez uma pequena experiência que o elucidou acerca da aceitação do jazz. Uma noite, após vinte horas de trabalho intenso, no pick-up em que punha discos apenas já suportava dois tipos de música: o canto gregoriano e o jazz ou os espirituais negros. Ao fim de trinta, apenas o jazz.

Este reúne as duas únicas consolações que restam, quer nos povos escravizados quer naqueles que atravessam difíceis períodos de vida: a fé e o sexo. O misticismo de Lawrence e o misticismo de St. Teresa de Ávila. O corpo e o espírito — vivendo sem di-nheiro.

aprenda a dançar

Um grande industrial inglês confiava recentemente a um amigo:

— Depois de muitos anos de esforços, consegui uma situação segura, tenho tudo o que ambicionava. Mas em vez de me sentir feliz, aborreço-me terrivelmente. Não gosto de sair, fujo às festas... Nas reuniões elegantes sinto-me sempre pouco à vontade. Tenho a impressão de que toda a gente está a olhar para mim, o meu corpo parece-me a mais... Tenho apenas cinquenta anos e já envelheci... Que médico, que psicólogo deverei consultar?

— Vai ao Instituto Arthur Murray — respondeu-lhe o amigo.

O industrial seguiu o conselho e foi recebido por uma rapariga que o interrogou demoradamente e preencheu várias fichas.

— O seu caso — disse-lhe — parece-me simples. Depois de quinze sessões, as suas melhoras serão sensíveis. Ao fim de trinta, sentir-se-á outro homem.

Ora o Instituto Arthur Murray não era uma clínica ou um hospital, mas sim uma escola de dança, a maior escola de dança do mundo. As enfermeiras eram professoras de dança e as enfermarias, salas de baile. Os tratamentos: o **fox-trot** e o **cha-cha-cha**.

— Nem só os homens de negócios nos procuram — afirma o director londrino da escola. — A maior parte dos nossos alunos, tal como sucede nas outras escolas, são pessoas que querem aprender a dançar para se divertirem. Mas, até nisso, o aspecto psicológico e social da dança tem maior importância do que se poderia supor.

É isso que explica, certamente, o extraordinário êxito do Instituto Arthur Murray. Fundado nos Estados-Unidos, onde conta mais de trezentas escolas, tem uma sucursal em Londres. Das dez horas da manhã às dez da noite, sem interrupção, os seus sessenta e dois professores, homens e mulheres, ensinam em dez salas individuais e em duas salas comuns, mais de quatrocentos alunos por semana.

— Alunos de todas as idades — informa um professor — desde os doze aos oitenta anos. E de todas as profissões.

De facto, a grande originalidade do Instituto Arthur Murray em relação a outras escolas é o carácter cuidadosamente individualizado do seu ensino. A dança é, na verdade, algo de muito pessoal. Um homem de idade madura comporta-se diferentemente de um jovem. Uns têm o sentido do ritmo, outros não. Uns são altos, outros baixos, descontraídos ou não. Os tímidos adaptam-se por vezes melhor à dança do que os audaciosos aos quais falha a inteligência de movimentos. O método seguido pelos professores inicia-se sempre por uma conversa em que o aluno deve expor francamente os seus problemas e as suas dificuldades. Então, o monitor ou a monitora convidam o aluno para dançar. Só depois é que o número de lições e o preço são estabelecidos. Por vezes as diferenças são consideráveis.

Que levou Arthur Murray a fundar o seu Instituto?

— Eu era muito infeliz — conta-nos ele — e o meu trabalho ressentia-se disso. Acabei o liceu muito tarde e em menos de um ano conheci dez empregos diferentes. De certa vez, uma rapariga convidou-me para dançar. Eu não sabia, mas ela garantiu-me que era muito fácil.

E era. No dia seguinte já Arthur Murray corria os bailes todos de East Side. Seis meses depois empregava-se como monitor de uma escola de dança. Mas ele teria, muito provavelmente, renunciado a esse emprego se não se lembrasse de ensinar por correspondência, o *fox-trot*. Em alguns dias recebeu 40.000 respostas e teve de contratar 90 secretárias.

— Eu desencadeara um movimento que me surpreendeu. Eram tantas as pessoas que me assaltavam que eu acabei por contratar um autêntico exército de monitores a quem ensinei o meu sistema de redução de todas as danças a cinco passos fundamentais.

O negócio prosperava. Um dia, Murray recebeu a visita de uma mulher dos seus quarenta anos.

— Sr. Murray — disse-lhe ela — eu nunca cheguei a aprender a dançar porque vivia numa terra pequena. Depois casei-me. E agora, que atingi a quarentena, resolvi aprender. Terei grande dificuldade?

— Depende... — respondeu Murray.

Ela hesitou um momento.

— Sr. Murray, posso pedir-lhe um esforço especial...? Vou ficar cega... Os médicos desiludiram-me, tenho um glaucoma... Já não tenho muito tempo.

Perturbado, Arthur Murray titubeou:

— Mas.. Não compreendo...

— Parece surpreendido — disse ela. — Mas é precisamente por isso que eu desejo dançar. Não me quero tornar neurasténica. Desejo que os meus amigos pensem noutra coisa. Pretendo que me sintam igual a eles... Uma mulher não precisa de ver para dançar.

Arthur Murray pôs todo o seu cuidado em instruir aquela aluna.

Mas esse caso dramático teve uma virtude. Revelara a Murray que a dança não era apenas um divertimento, um exercício físico. Era uma actividade que se repercutia em todos os aspectos da vida.

Isso explica que os professores e as professoras sejam submetidos aos *tests* de personalidade Reesen, evitando-se assim os neuróticos. Mas não é tudo. Escolher um monitor

adaptado ao aluno é um problema muito difícil. Muitos alunos são tímidos, fechados. Um professor alegre, extrovertido, contribuirá para que eles se sintam à vontade. Noutros casos o que convém é um professor introvertido, discreto, porque assim compreenderá melhor o aluno. Por outras palavras: cada caso tem de ser estudado por si mesmo. Esta adaptação é por vezes tão perfeita que se verifica entre o aluno desembaraçado dos seus complexos e o professor responsável um autêntico *transfert* como sucede depois de uma psicanálise bem sucedida.

Felizmente para o equilíbrio do Instituto incidentes desse tipo são raros.

Os colaboradores de Murray ensinaram o *fox-trot* ao duque de Windsor e a rumba a Mrs. Eleanor Roosevelt.

— Entre os meus alunos — diz ele — contaram-se dois candidatos à presidência dos Estados-Unidos. Se tivesse tomado mais algumas lições...

Porque a dança não se limita a acalmar os nervos e a corrigir certas deficiências físicas: ela contribui para o total equilíbrio dos seres humanos, modifica completamente o comportamento dos homens. O escritor Philip Wylie, sentindo-se ridículo por não saber dançar, resolveu frequentar o Instituto de Murray. Mas o seu caso era muito mais grave do que ele supunha. A instrutora calculou que ele necessitaria de umas cinquenta lições. De facto, quando Philip chegou à décima oitava lição, confessou: «Grandes dificuldades devem ter sido as minhas, quando aprendi a andar aos 18 meses...».

Contudo, no fim de algumas semanas, começou a sentir-se um pouco mais seguro de si próprio e confessou à mulher:

— Estou a aprender a dançar — disse como quem se atira à água. — Queres dançar um tango?

— Eu já sabia... — disse ela.

— Quem te disse?

— Ninguém! Mas há algum tempo já que te observo. Mudaste muito. Andas direito, não tens barriga. Quando esperas pelo ascensor bates o compasso com o pé. Tens um ar mais flexível, mais à vontade. Quando olho para ti, eu própria me sinto mais nova...

Os casais que reencontram a juventude, os tímidos que se sentem confiantes, os homens de negócios que reaprendem a sorrir e descobrem um novo estilo de vida, eis as consequências fecundas da arte de dançar.



CAFÉ HAG

Sem cafeína

Os apreciadores
de um bom café puro,
em 50 países do Mundo,
dão a sua preferência
ao **CAFÉ HAG** solúvel.
E têm razão!
Eles gozam assim
o prazer duma
excelente mistura
de cafés 100 % puros.
Podem tomar todos os dias
e a qualquer hora
quantas chávenas de café
lhes apetecer.

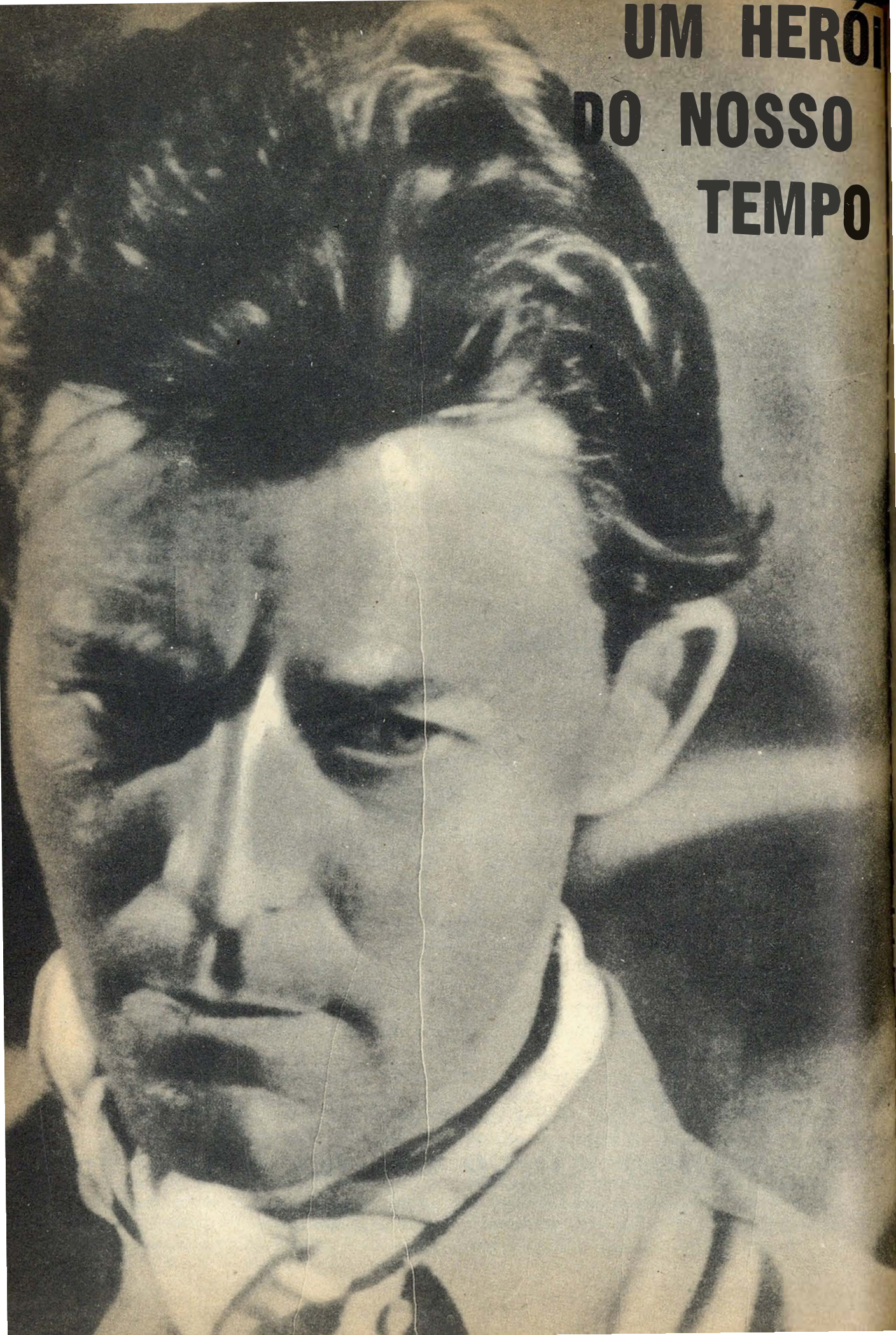


GABRIEL FERREIRA



O MELHOR AMIGO DO SEU CORAÇÃO

**UM HERÓI
DO NOSSO
TEMPO**



GÉRARD PHILIPPE

— Devo declarar-te que tens um jovem rival. É Mick, o meu primo. Tem dezoito anos...

Assim falava numa noite de 1942, no palco do Casino Municipal de Cannes, o actor Claude Dauphin ao actor Jean Mercaton. O primeiro desempenhava o papel de Simon, o outro o papel de Michel, protagonistas masculinos de *Une grande fille toute simple*. Mick, o primo de Simon, era Gérard Philippe. O público da Riviera não decorara ainda o seu nome. Era a primeira vez que ele aparecia. Num pequeno papel, de resto...

SONHAVA SER MÉDICO

Sem a guerra, Gérard Philippe nunca teria sido actor. O teatro não o interessava. A sua ambição era estudar Medicina e partir para a África. Mas com a guerra e a ocupação alemã de Paris, muitos actores de cinema e de teatro, realizadores e empresários, haviam-se refugiado na Costa Azul. Aí a vida era mais fácil.

Gérard, acabado o Liceu, matriculou-se na Universidade de Nice, não em Medicina como desejava, mas em leis. Não estava satisfeito, mas também não sentia desejos de se revoltar.

Marc Allegret, um dos encenadores refugiados na Riviera, tornara-se amigo de Gérard. E este declarou-lhe que nunca entrara num teatro. Allegret apresentou-o ao seu assistente Pierre Huet, que abriu um curso de declamação em Nice.

PASSAIS O TEMPO A FALAR DE AMOR!

Durante a ocupação, os estudantes tinham ganho o gosto de se reunirem em grupos. Uns dedicavam-se ao teatro, outros à literatura, o que era um modo de lutar contra Vichy... As amizades reforçavam-se, o ódio ao invasor crescia.

O grupo a que pertencia Gérard Philippe não tinha ambições de representar no palco. Todavia, os seus membros interessavam-se muito por Corneille e Racine.

Em Cannes, Dauphin alugara o teatro do

Casino para levar à cena a comédia de Rous-sin. Por indicação de Allegret experimentou Gérard no papel de Mick. Tinha apenas de dizer: «Passais o tempo a falar de amor. Amor! Amor! Todos os dias falais de amor, pensais em amor, jogais no amor, mas não sabeis o que isso é. E toda a vossa preocupação é de não sofrer, aproveitar o mais possível, escapar ao sofrimento... Eu amo Stefania, amo-a, mas não me importo de sofrer... É o meu primeiro amor!»

Neste seu primeiro papel, Gérard Philippe integrava-se logo na figura de todos os seus filmes: um jovem puro, umas vezes alegre e outras triste, fiel até à morte. Roussin, o autor da comédia, não podia imaginar que abria o caminho ao mais extraordinário actor que a França produziria depois da guerra.

Mas o destino de Gérard Philipp seria decidido em Paris. A segunda aparição de Gérard no palco teria lugar a 11 de Outubro de 1953, em Paris, no *Sodome et Gomorre* de Jean Giraudoux.

UM MUNDO NOVO

Gérard aparecia na primeira cena, descendo do céu: era um anjo formosíssimo. Lentamente, ligeiramente, flutuando nos ares, sempre pronto a defender as mulheres ofendidas, Gérard Philippe atraiu todas as atenções. A peça de Giraudoux anunciava o fim próximo dum mundo corrupto. Era justo que fosse Gérard a anunciar a queda desse mundo. Não é verdade que, por outro lado, trabalhando na **resistência** ele lutava por um mundo novo?

Depois da libertação, Gérard Philippe desempenhou o papel de protagonista no *Calígula* de Albert Camus. Mas este Calígula não era o monstro que a tradição vê nele, era sim o símbolo duma juventude com um desejo premente de Verdade.

Calígula teve uma importância fundamental na vida de Gérard. Até aí, o nosso herói duvidara do seu próprio talento e, se não desistira, fora porque a mãe constantemente o encorajara. Mas depois de *Calígula* tudo se passou rapidamente. Aos 23 anos, embora



tivesse começado um pouco tarde a sua carreira, ele era já o mais famoso actor da nova geração. E dois anos depois, em 1947, *Le diable en corps* dirigido por Claude Autant-Lara abria-lhe as portas do Cinema.

E assim se iniciava para Gérard Philippe uma nova carreira tão brilhante como a teatral. Com a *Chartreuse de Parme* e *O Preço da Juventude* (de René Clair) a fama de Philippe ultrapassou as fronteiras francesas.

O CID

Mas Philippe não se esquecia dos seus velhos amigos, aqueles que o haviam introduzido no mundo do Teatro. Cultivando essas amizades, criou outras novas. E assim nasceu a viva simpatia que se estabeleceu entre Gérard Philippe e Jean Vilar. Este último ia lançar-se numa grande batalha em defesa do bom teatro. Uma batalha em que o inimigo era o espírito de Boulevard com as suas comédias habituais baseadas no clássico triângulo de amor: o marido, o amante e ela. Jean Vilar queria um novo teatro, um teatro jovem. Gérard Philippe com o seu idealismo,

o seu olhar franco, a sua presença sincera, resolvia-lhe um problema. Ele era o actor ideal, o actor que consubstanciava as ambições renovadoras de Jean Vilar.

O Teatro Nacional Popular foi para a frente. Nasceu num subúrbio de Paris com o *Cid* de Corneille. O êxito foi espantoso...

UMA VEZ EM VARSÓVIA

A segunda peça foi o *Príncipe de Hamburgo* de Kleist. Philippe ganhava por cada filme uma autêntica fortuna, mas nem por isso abandonou o seu posto no T. N. P. onde apenas recebia 200.000 francos por mês. E só aceitava entrar em filmes cujo argumento lhe interessasse.

Philippe era um herói romântico com a cabeça cheia de sonhos como o Príncipe de Hamburgo ou o Lorenzaccio de Musset. Mas uma sombra enevoava o espírito do nosso herói: ele sentia-se muitas vezes inútil...

Para o público, essas sombras não existiam. Philippe era o símbolo da juventude corajosa, era o Fanfan la Tulipe, era o Til Eubenspiegel. Uma espécie de Robin dos Bosques, vin-

gador de todas as injustiças, mas um Robin sem violências, um Robin eternamente sorridente.

Por toda a parte o sucesso de Gérard Philippe era enorme e ele tinha de se esconder. De certa vez, em Varsóvia, ao meter-se na cama descobriu que estava lá, à espera dele, uma rapariga... Receando ter-se enganado no quarto fugiu para o corredor.

E que pensariam dele os seus colegas? — perguntar-se-á. René Clair o grande realizador de **As Grandes Manobras** disse: «Gérard Philippe não era apenas um maravilhoso autor. Era também um amigo raro e fiel dotado de uma grande sensibilidade». Marilyn Monroe: «Sonhei muitas vezes contracenar com ele num filme. Agora já não é possível». Tatiana Samoilova, a Greta Garbo soviética: «Gérard Philippe representava para a juventude soviética o ideal do jovem puro e sincero».

Recentemente, um jornalista perguntara-lhe: «Qual é a coisa que mais o espanta neste mundo?». Philippe respondera: «A brevidade da vida humana».

Numa entrevista dada à TV depois do seu regresso do México, havia-lhe sido perguntado: «Tem medo da morte?».

— Sim — respondera ele, tranquilamente.

Quando morreu em 24 de Novembro, Nicole, a esposa, quis que ele vestisse o traje que envergara na sua famosa representação do Cid. E assim o viram os amigos pela última vez, com a mão direita segurando a espada.

Morto nessa idade indecisa em que morrem os heróis, Gérard Philippe levava para o túmulo uma vida macabra. Como Mozart, como Shelley, ele morria antes de se ter realizado plenamente. Como eles, ele era uma perda para todos os homens de boa vontade. Ah, tínhamos toda a obrigação de saber que nem só os velhos morrem, que a lei da morte ignora as idades, que a lei da morte não pergunta aos homens se já cumpriram completamente a sua missão na Terra! Mas se todos os homens pudessem morrer tão incompletos como Gérard Philippe, que mundo extraordinário e rico não seria este!



O ESPÍRITO E A CARNE



SAGAN E BARDOT — QUAL DELAS É A INTELLECTUAL?

Os acasos duma estreia juntaram Françoise Sagan e Brigitte Bardot. Escusado será dizer que se aproximou delas imediatamente um jornalista com o propósito de as entrevistar. Uma entrevista colectiva, ou melhor: as mesmas perguntas para as duas, de modo a que o público pudesse ter uma ideia das diferenças ou das semelhanças existentes entre elas.

Gostariam de trocar os papéis?

BARDOT: Não, de modo nenhum. Mas admiro Françoise Sagan.

SAGAN: Não, mas acho Brigitte Bardot muito simpática.

Qual o vosso costureiro?

BARDOT: Balmain.

SAGAN: Dior, Virgine, Dessés.

Gostam de ler?

BARDOT: Sim. Tanto os clássicos como os contemporâneos.

SAGAN: Sempre que posso...

Quais os vossos perfumes preferidos?

BARDOT: Gosto muito de perfumes, mas mudo de marca muitas vezes.

SAGAN: Uso os perfumes que as outras mulheres esqueceram nas casas de banho.

Seguem alguma dieta especial?

BARDOT: De modo nenhum. Tenho sempre fome...

SAGAN: Não. Quando tenho fome, como.

Têm o hábito de ficar sòzinhas em casa?

BARDOT: Sim. Quando estou só, leio e ouço música.

SAGAN: Raramente.

Quais os vossos discos preferidos?

BARDOT: Nenhum em particular. Tenho 200 microgravações não só de jazz como de música clássica.

SAGAN: Mozart, jazz (Billie Holiday), Aznavini e outras canções.

Horas de levantar? E de deitar?

BARDOT: Às nove da manhã e às onze da noite.

SAGAN: Levanto-me entre as dez e o meio-dia. Deito-me depois da meia-noite.

Têm animais domésticos?

BARDOT: Tenho um **cocker**, um outro cão atravessado, quatro cachorrinhos e duas pombas.

SAGAN: Um cão (John) e um galo (Pilon).

São boas as vossas relações com a família?

BARDOT: Amigáveis.

SAGAN: Maravilhosas.

A qualidade principal do homem que amam?

BARDOT: O ciúme.

SAGAN: (Pergunta demasiado pessoal).

Praticam desporto? Qual?

BARDOT: A natação.

SAGAN: Natação, ténis, equitação e automobilismo.

Qual a melhor qualidade?

BARDOT: A franqueza.

SAGAN: A fleuma.

E a pior?

BARDOT: Pouca confiança em mim própria.

SAGAN: A preguiça.

Distracções preferidas?

BARDOT: Os antiquários, os passeios solitários nos bosques.

SAGAN: A dança, as discussões, o automobilismo e a leitura.

Gostariam de se modificar em qualquer coisa?

BARDOT: Não.

SAGAN: Setenta coisas.

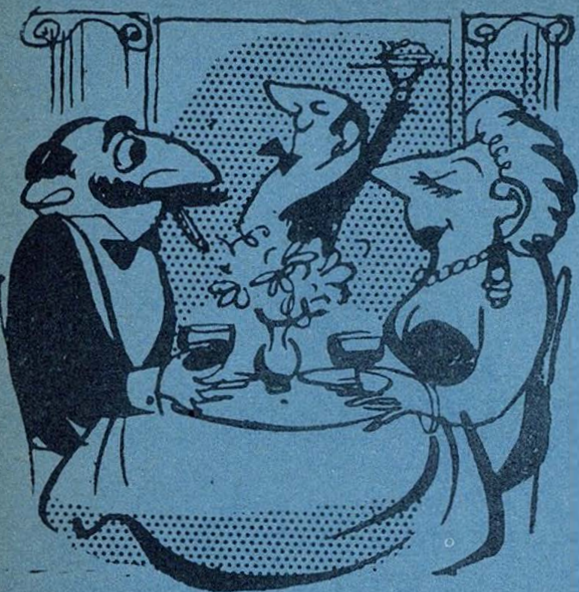


Resumindo: qual das duas — a actriz ou a escritora — sai melhor da prova? Resposta difícil... Dizer que nenhuma ou dizer que ambas vem a dar no mesmo... Afinal, a culpa, nestas coisas, nunca é dos entrevistados, mas dos entrevistadores. O interesse das respostas depende do interesse das perguntas...

Saibamos, ao menos, que uma e outra são pessoas naturais, incapazes de responder melhor do que nós responderíamos, caso fôssemos

entrevistados. E já não é mau concluir desta forma: termos a certeza de que as mulheres ou os homens famosos são iguais a nós: iguais nos gostos, bem entendido. Porque isso de vestir no Dior ou no Balmain é muito diferente do que vestir na modista da esquina. Mas qual de nós não prefere o Dior à modista da esquina?

Um último problema: qual delas é a intelectual? A Sagan ou a Bardot?...



DIZ-ME COMO COMES...

«TEST»

O comportamento de um indivíduo que está à mesa a tomar uma refeição pode ser muito revelador. Em muitos casos, mais que todo o exame aprofundado de um médico ou de um psiquiatra, revela a existência de uma tensão nervosa caminhando para a sua fase aguda, ou trai a falta de confiança em si mesmo, a frustração, o complexo de inferioridade.

Revela também ao observador traços de carácter, atitudes psicológicas e até mesmo reacções hábilmente dissimuladas pelo rosto ou os olhos. De sorte que, ao fim de contas, não é exagerado dizer, parodiando um ditado famoso: «Dize-me como comes e eu dir-te-ei quem és».

Querem saber como orientar-se neste campo? Nada mais simples. Responda com toda a franqueza às 10 perguntas que nós pomos e observe escrupulosamente o sistema de notação indicado depois de cada pergunta.

1.º — Come geralmente muito depressa? (3 pontos se responder afirmativamente).

2.º — É-lhe impossível resistir a certos pratos, ainda que saiba que eles não lhe fazem bem? (4 pontos para uma afirmativa).

3.º — Tem muitas vezes necessidade de comer durante o dia? (2 pontos se responder sim).

4.º — Já notou que fica cheio de fome depois de uma disputa ou depois de um momento difícil e desagradável para si? (4 pontos se responder sim).

5.º — Tem por vezes necessidade grande

de comer bombons? (2 pontos se responder sim).

6.º — É daquelas pessoas a quem um momento de espera entre dois pratos contraria fortemente? (3 pontos se responder sim).

7.º — Costuma pôr mais sal ou especiarias no prato? (3 pontos se responder sim).

8.º — Costuma procurar servir-se da parte maior ou melhor? (3 pontos se responder sim).

9.º — Ainda que satisfeito, costuma comer tudo o que tem no prato para que não sejam deitados fora os restos? (3 pontos se responder sim).

10.º — O seu peso é superior em três quilos ao que devia ser? (3 pontos se responder sim).

De 24 a 30 pontos: Atenção! O leitor é provavelmente vítima de uma perigosa tensão nervosa, e caminha para um sentimento de insegurança. Descontraia-se, distraia-se, faça esforços para esquecer que as coisas não vão bem, senão terá que enfrentar uma crise mais grave.

De 6 a 21 pontos: Situação menos grave. Mas se a sua atitude actual denuncia uma mudança com relação àquela que você seguia à mesa há alguns meses, é que você está em mau caminho. Acautele-se antes que seja tarde.

Enfim: menos de 6 pontos, demonstram que você é perfeitamente equilibrado, do ponto de vista moral, por aquilo que podemos concluir do seu comportamento à mesa.

«LA FEMME»

por Les Baxter

O DISCO DO MÊS

Muito se tem dito e feito acerca da mulher. Esta adorável metade do homem, melhor aproveitamento conhecido, da costeleta, figura, desde que há arte, a alegrar pela imagem, a tristeza deixada pela sua ausência viva. Em tempos mais recentes ela foi determinante da pintura de Rubens e de Renoir, da literatura de Stendhal e de Balzac, da música de Liszt e de Chopin, entre tantos outros.

Les Baxter, compositor ligeiro, entendeu que nos nossos dias faltava uma obra musical que fosse bem dedicada à mulher.

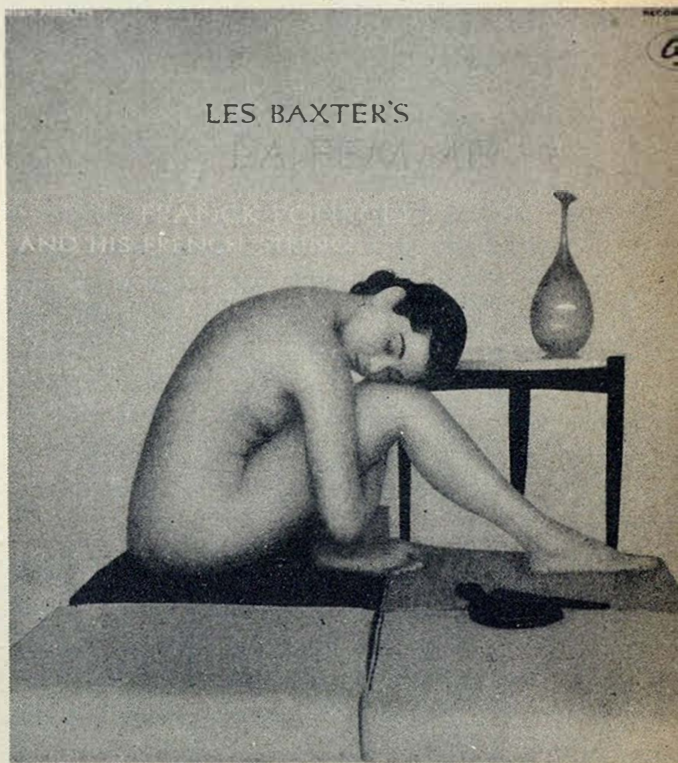
E após anos de maduro trabalho, com a colaboração de David Rexter e de Frank Powell e da sua orquestra, deu à estampa o disco que este mês apresentamos.

Gravado em 33 rotações, a sua banda sonora encontra-se dividida em secções cujos nomes são, por si, suficientemente explícitos: «os Lábios», «os Braços», «os Olhos», «o Porte», «os Dedos», «os Seios», «as Ancas», «os Lóbulos das Orelhas», «a Cabeleira», «o Tornozelo», «as Coxas», «a Nuca»...

E os instrumentos de corda procuram, dentro das limitações das analogias musicais, traduzir as emoções que podem sugerir, quando perfeitas, essas formas femininas.

O disco é apresentado na sugestiva capa que mostramos aqui aos nossos leitores. Vem esta capa reproduzida na Enciclopédia do Erotismo editada sob o patrocínio de alguns membros da Unesco. Vende-se perfumado.

Distribuidores: Estabelecimentos Valentim de Carvalho.



MARGOT FONTEYN

O seu verdadeiro nome é Peggy Hookham e nasceu em Reigate em 1919. Por sugestão do pai começou a frequentar uma escola de dança e em 1934 entrou para a Wells School, onde a directora **Dame** Ninette de Valois, depressa verificou o seu talento. Margot — cujo nome artístico se tinha modificado entretanto de Margaret Hookham para Margot Fontes, e, finalmente para Margot Fonteyn — exibiu-se pela primeira vez nesse mesmo ano e interpretou vários papeis, dirigida por Frederick Ashton, Ninette de Valois, Robert Helpman, George Balanchine e Roland Petit. O seu sucesso deve-se em parte à colaboração com dois dos mais talentosos artistas ligados ao «ballet»: o coreógrafo Frederick Ashton e o bailarino Michael Somes que com ela trabalhou pela primeira vez há cerca de vinte anos. Ashton criou para ela pequenos papéis em «Nocturne», «Apparitions», «Daphnis e Chloe» e desempenhos de principais personagens em «Le Pari», «Sylvia», «Cinderela» e outros vários.

Margot Fonteyn, além da sua vida artística que lhe deu celebridade e fortuna tem também uma vida privada interessante. O ano passado os jornais anunciaram algumas peripécias da aventura político-rocambolesca em que, como esposa do diplomata panamiano Dr. Roberto Arias, esteve envolvida.

Mostrou nessa altura que, além de bailarina, era grande senhora... Aliás é ela própria que diz que só uma espécie de desdobramento da personalidade lhe permite continuar a levar a sua vida de artista, com o esforço, a responsabilidade e a constância que ela exige, e a sua vida privada de esposa e mãe com não menores esforço, constância e responsabilidade.

As fotografias que apresentamos são do filme «O Ballet Real».



Que pensaria
Diaghilev de
Margot Fonteyn
no Pássaro de Fogo?

Michael Somes (Palemon)
erguendo
Margot Fonteyn (Ondina)
nos seus braços

Margot Fonteyn, Bryan
Ashbridge e Michael
Somes numa cena
do Lago dos Cisnes



É BEM ORGANIZADO?

«TEST»

Certas pessoas têm artes de trabalhar muito... para não fazer nada. E isto porque elas abandonam a meio um trabalho empreendido, para começar outro que deixam, por sua vez, a meio caminho.

O leitor não é desses? Pode assegurar que não desbarata os seus esforços, numa palavra, que é bem organizado? Eis um excelente meio de o verificar. Responda sem rodeios às dez perguntas que nós lhe fazemos, anotando, por cada resposta afirmativa, o número de pontos que for indicado.

1.º — Trabalha muitas vezes sobre uma mesa atravancada de objectos onde há papéis de toda a espécie? (4 pontos).

2.º — Costuma levantar-se muitas vezes enquanto trabalha? (4 pontos).

3.º — Acontece-lhe verificar ao fim do dia que perdeu muito tempo com coisas insignificantes? (3 pontos).

4.º — Trabalha muitas vezes sob o efeito de um impulso súbito? (4 pontos).

5.º — Acontece-lhe perguntar a si mesmo se compreendeu bem o sentido das instruções que lhe foram dadas por alguém? (4 pontos).

6.º — Você é de opinião que é preciso estar bem em forma para trabalhar, e que vale

mais não empreender uma tarefa quando se está fatigado ou preocupado? (5 pontos).

7.º — Costuma cometer muitos erros — mesmo insignificantes — no seu trabalho? (4 pontos).

8.º — É-lhe indiferente trabalhar com luz deficiente, ou com um aparelho avariado? (4 pontos).

9.º — Costuma abandonar muitas vezes um trabalho em benefício de outro, ainda que o primeiro não esteja terminado? (5 pontos).

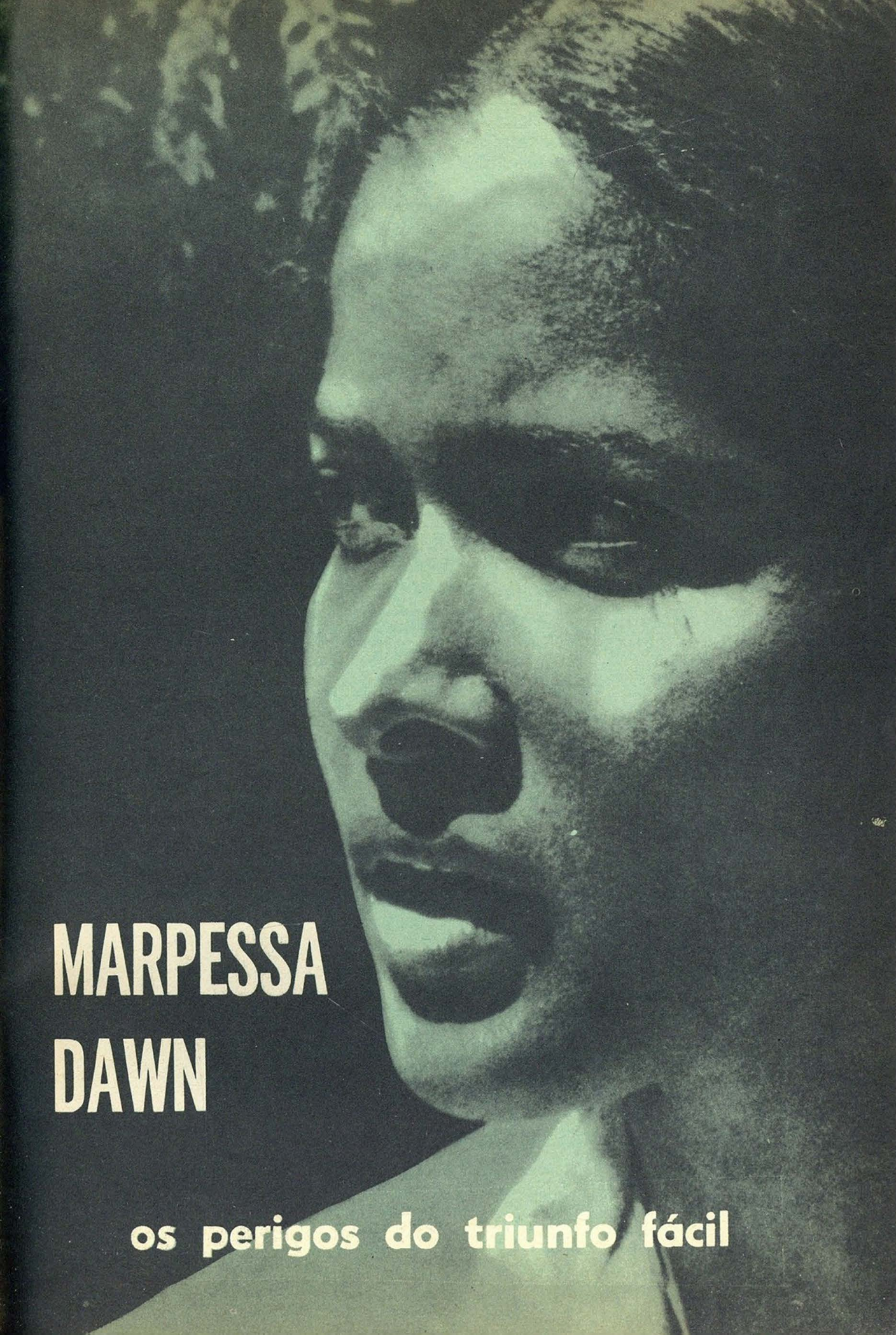
10.º — Já reparou se lhe acontece frequentemente interromper o seu trabalho para falar com alguém? (4 pontos).

Faça agora a contagem dos pontos.

Se obteve mais de 28 pontos, tem falta de organização. Os seus maus hábitos impedem-no de dar bom rendimento. Será altura de fazer as coisas com menos precipitação.

De 8 a 27 pontos, o leitor é insuficientemente organizado. Se prestar um pouco de atenção a isto, poderá aumentar o seu rendimento de trabalho e a sua eficácia, e cansar-se-á menos.

Enfim, para baixo de 2 pontos, o leitor é bem organizado. Trabalhando afinal mais do que outras pessoas, o leitor está mais calmo do que elas.

A high-contrast, black and white close-up portrait of a woman, Marpessa Dawn, looking slightly to the left. Her face is the central focus, with dramatic lighting that highlights her features against a dark background. Her hair is dark and styled. The overall mood is serious and contemplative.

MARPESSA DAWN

os perigos do triunfo fácil

Nem sempre um grande êxito facilita a carreira futura dum artista. O público, perturbado com esse primeiro triunfo, recusa-se depois a esquecê-lo e desinteressa-se das obras posteriores. Isto que é verdade para os músicos ou os poetas é também verdade para os actores e mais ainda para as actrizes.

Um dia bastou para que Marpessa Dawn se tornasse uma vedeta mundialmente famosa. Simultâneamente ganhara um nome que era um perigo, que era uma pistola apontada aos seus papéis futuros: **Eurídice Negra...** O receio não é pequeno. Marpessa Dawn receia que esse nome a liquide, que esse triunfo sobre o Orfeu (que neste caso se chama o Público) não lhe permita nunca mais reviver...

Afinal, embora o seu nome esteja no cartaz de numerosos cinemas, embora o seu

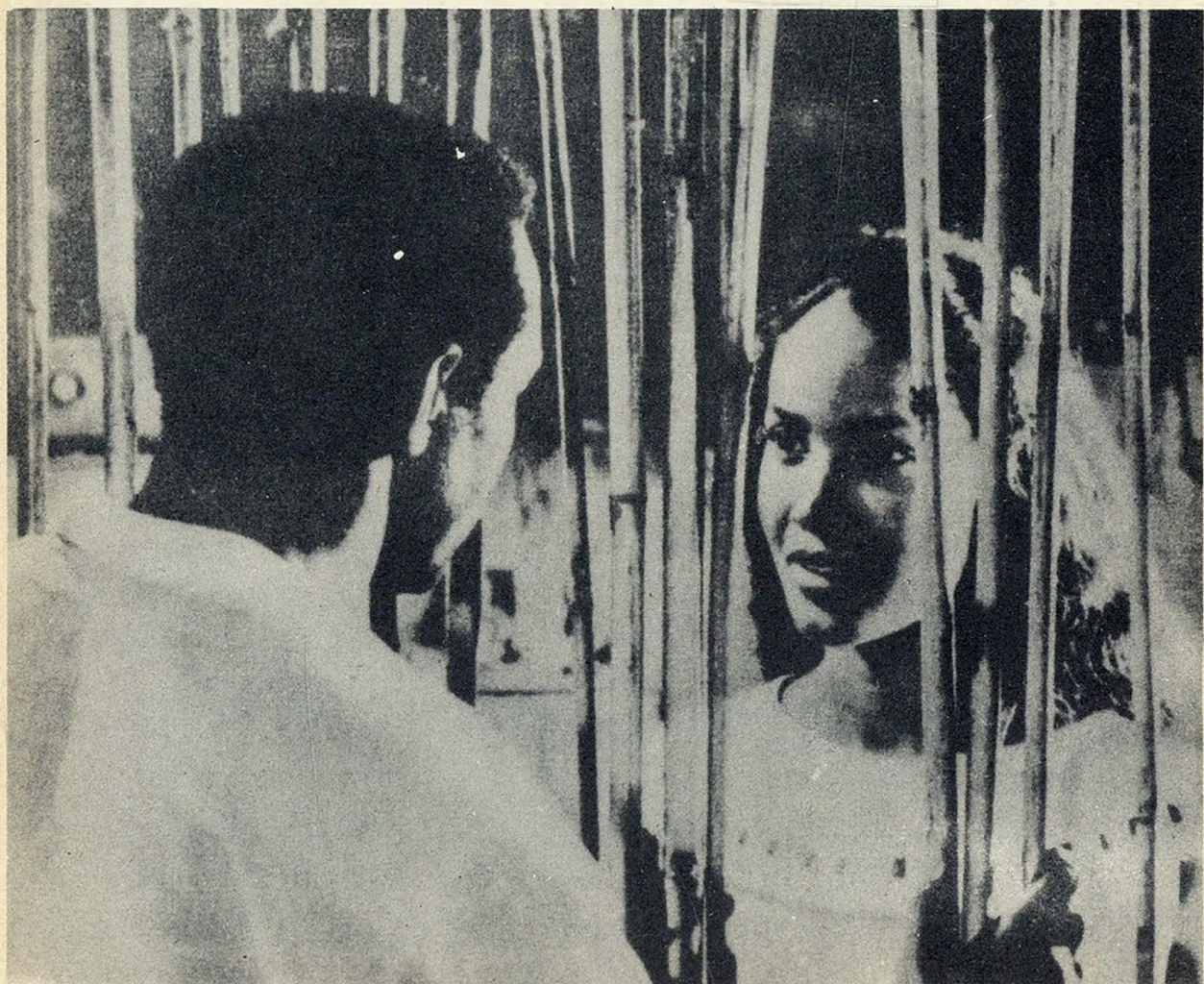
êxito seja enorme, Marpessa Dawn ainda não conseguiu obter um novo contrato. Os produtores hesitam e compreende-se que hesitem: que papel lhe poderão dar? A uma vedeta não pode oferecer-se um papel secundário. Mas que perspectivas poderão oferecer-se a uma artista negra num país de brancos? Essa, entre outras, a dificuldade.

Há não muito tempo, Marpessa Dawn foi passar uns dias a uma estalagem de província. O dono da estalagem, sentindo-se honradíssimo, pediu-lhe um autógrafo, mas ela recusou-se, com este comentário sorridente e triste:

— Dentro dum ano... perguntar-se-á: Marpessa Dawn?... Quem era...?

E, no entanto, quando hoje ela se senta numa esplanada, um público numeroso reconhece-a e cerca-a...

NUMA CENA DO FILME «ORFEU NEGRO»



Marpessa Dawn tem vinte e quatro anos e nasceu numa granja muito perto de Pittsburgh. Tinha ainda sete anos e já queria ser actriz. Por isso partiu para França. A ilusão — neste caso certa, ou quase! — de que só em Paris se pode aprender a representar!

Em Paris desempenhou um pequeno papel num filme. Marcel Camus viu-a e percebeu imediatamente que ela era a Eurídice que buscava. Voaram então para o Rio de Janeiro e o filme foi rodado. Mas saberá o leitor que o orçamento era pequeno e que o **Orfeu Negro** se fez mais com amor do que com dinheiro? Os honorários de Marpessa Dawn foram pequenos e mal deram para pagar o aluguer do hotel...

Assim, de regresso a Paris, ela foi outra vez para o pequeno quarto que habitava antes em Saint-Germain-des-Prés. Aí encontrou de novo a cafeteira eléctrica para fazer

o seu café todas as manhãs e uma gigantesca pilha de discos de jazz que ela ouve durante todo o dia num velho **pick-up** comprado num ferro-velho. Apenas os íntimos aí podem entrar porque Marpessa tem vergonha da desarrumação em que vive e não permite a entrada a pessoas de cerimónia. Depois das dez horas da noite nem mesmo os íntimos podem entrar. Porquê? Porque os outros moradores da casa se deitam cedo e ela não lhes quer perturbar o sono. Então, vai até à rua e recebe aí as visitas.

Se a vida lhe sorrir terá de abandonar esse quarto onde vive há três anos e onde sonhou com um triunfo que afinal acabou por chegar. Um triunfo provisório? Definitivo?

O próximo filme — caso haja um próximo filme — dar-nos-á a resposta. E oxalá que seja uma resposta feliz!

PAPELARIA TIPOGRAFIA ENCADERNAÇÃO

Impressos simples de alto relevo.

Especializada em Material de Desenho e Engenharia.

Fornecedora de todos os artigos de escritório e escolares aos melhores preços.

Armazenistas de papéis Nacionais e Estrangeiros.

Importação directa, compras só às Fábricas, preços reduzidos.

Principal fornecedor do Estado, Organismos Corporativos,

Cantinas dos Centros Escolares e Colégios.



SOCIEDADE DE PAPELARIAS ARTEX, LDA.

85 — RUA NOVA DO ALMADA — 87

Telefs. 26656 e 29777

LISBOA



O CRIME
ao alcance de todos

UM CRIME NO ESTÚDIO

O Leitor está no amplo estúdio da L.M.O. Rádio e assiste à retirada do corpo de Mary Lee Jones que foi morta a tiro à meia-noite. Quando a pesada porta à prova de ruídos se fechou pesadamente atrás dos policiais, o Leitor vira-se para os três ocupantes do estúdio. Então dirige-se a Robert Conroy, o pianista. «Você já me disse que deixou Mary Lee sozinho aqui, por volta das 3.20 para ir tomar café. Pode prová-lo?»

— Posso — replica Conroy. — Troquei algumas palavras com a Sr.^a Parsons, a gerente da loja da frente.

— E você, Dan Bridges? Continua a dizer que deixou o estúdio às 3 horas em ponto?

— É verdade — admitiu Bridges, procurando nervosamente um cigarro. — Terminara momentos antes o meu programa de música gravada. Tanto Ruth como Conroy viram-me partir.

A jovem Ruth confirmou estas palavras com a cabeça.

— Robert estava a ensaiar ao piano uma nova canção e Mary Lee, que é minha irmã, e eu estávamos a ouvi-lo. Ela tinha que cantar essa canção no programa de hoje à noite. Dan foi-se embora e momentos depois saiu Robert. Passados instantes, eu estava no vestíbulo e ouvi um tiro. Voltei ao estúdio e deparei com o corpo inanimado de Mary Lee. De princípio pensei num suicídio. Mas não havia nenhuma arma perto.

O Leitor interrompe-a:

— Encontrámos a pistola num cesto de papéis, completamente limpa de impressões digitais.

— Quando voltei do café, vi Ruth a correr na direcção do estúdio — diz Conroy. — Depois vi-a chorar sobre o corpo da irmã.

— Você e Mary Lee constituíam uma famosa parilha até ao dia em que ela se tornou uma **estrela** independente de si, não é? — pergunta-lhe o Leitor e ela começa a soluçar. — Você matou-a, porque tinha inveja dela...

Por que razão o Leitor desconfiou de Ruth Jones?

SOLUÇÃO

O estúdio era à prova de ruídos e Ruth declarou ter ouvido um tiro quando estava no vestíbulo.

O MISTÉRIO DA ACNE TRANSPORT COMPANY

Você por aqui em 22 de Julho? E eu que supunha que só viria daqui a dois meses? — diz o Leitor a Rocky Bishop que acaba de descer, impecavelmente vestido, dum avião. — Supunha que você passaria o Verão no México...

— Sabe? — replica Rocky Bishop —, uma das minhas companhias está em apuros, de modo que venho estudar um remédio...

— Mostra ao Leitor um diário local onde se lê: «Los Angeles, Julho 21... A Acne Transport Company, uma das mais antigas empresas de transportes da cidade, foi declarada em bancarrota...

— Isso é mau... — diz o Leitor com simpatia. E depois: — Talvez você possa ajudar o seu ajudante. Tivemos de o prender por causa da bomba que rebentou no restaurante a 20 de Julho. Encontrámos uma carta que você lhe escrevera para que ele se pusesse em contacto com Soupy Gilman.

O assunto interessa-nos muito porque Soupy está relacionado com uma empresa de munições. Foi então que soubemos que você chegava neste avião. Que sabe da bomba?

— Não sei nada. Você não pode responsabilizar-me por isso.

Veremos — responde o Leitor. — Em que cidade do México estava você?

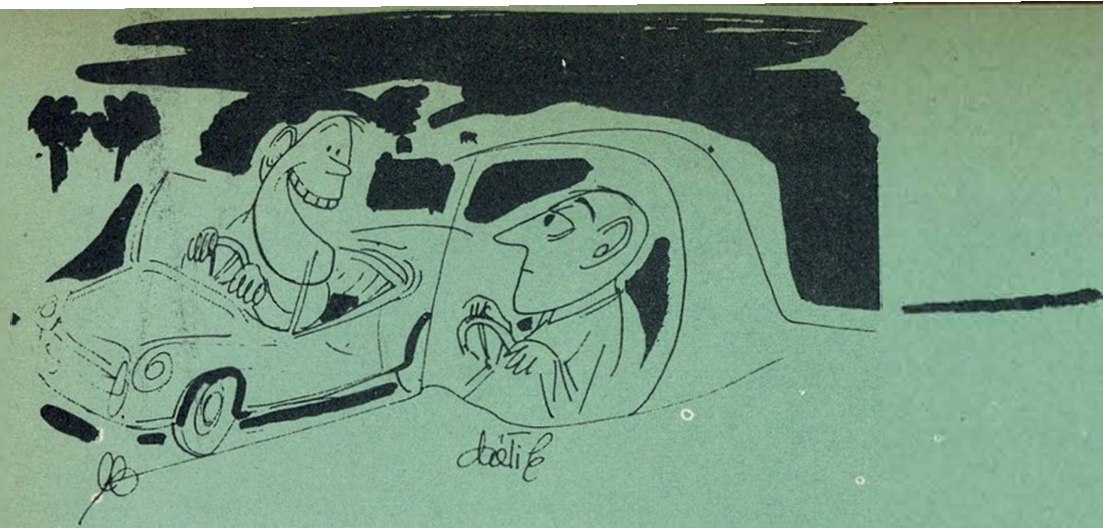
— A poucos quilómetros da capital. Foi então que soube da falência da minha empresa e corri imediatamente para cá. Estou muito ocupado para perder tempo consigo.

— Sem dúvida... Em todo o caso, terá de me acompanhar até à esquadra.

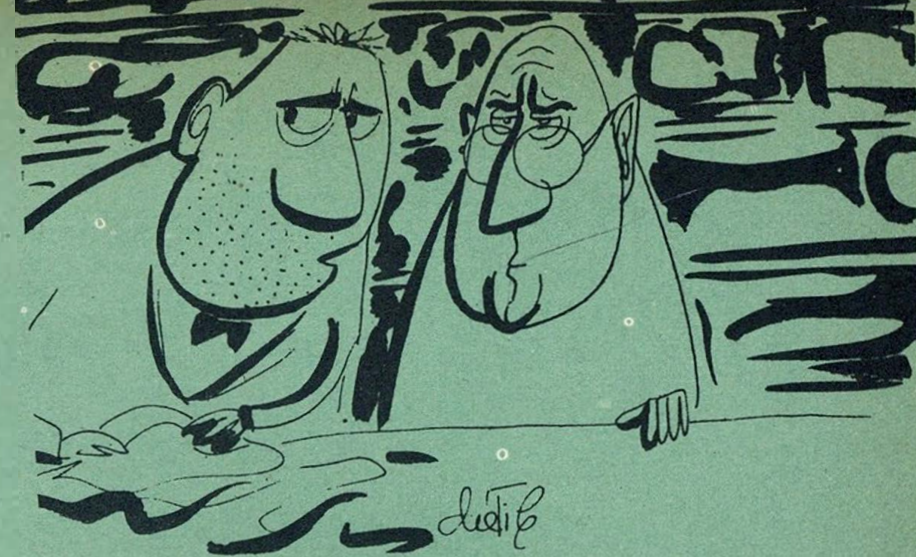
Por que razão o Leitor deseja estudar melhor as declarações de Rocky Bishop?

SOLUÇÃO

A notícia do jornal tinha a data de 21 e Rocky chegou em 22. É pouco provável que o jornal tivesse alcançado o México a tempo de permitir que Rocky voltasse para Los Angeles a 22.



— Sou tão otimista que o meu carro anda sem gasolina!



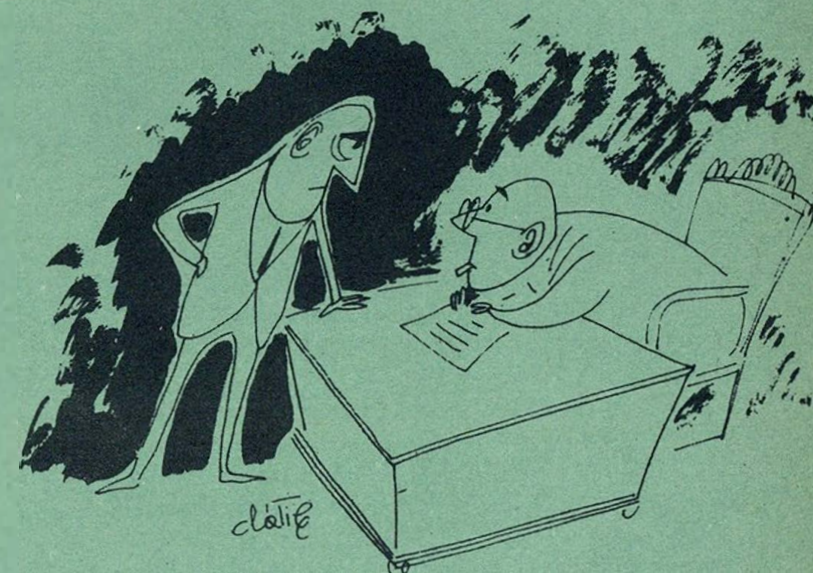
— Levar preços altos, será pessimismo?



— A única coisa boa do pessimismo é que, às vezes, não se tem razão.



— Pessimista



— Por favor... estado?
— Pessimista.



— O único vício que me consinto é o pessimismo.



— É preciso ser otimista para casar com este pessimista.



— Com certeza que somos extremamente felizes — mas a felicidade não é tudo...

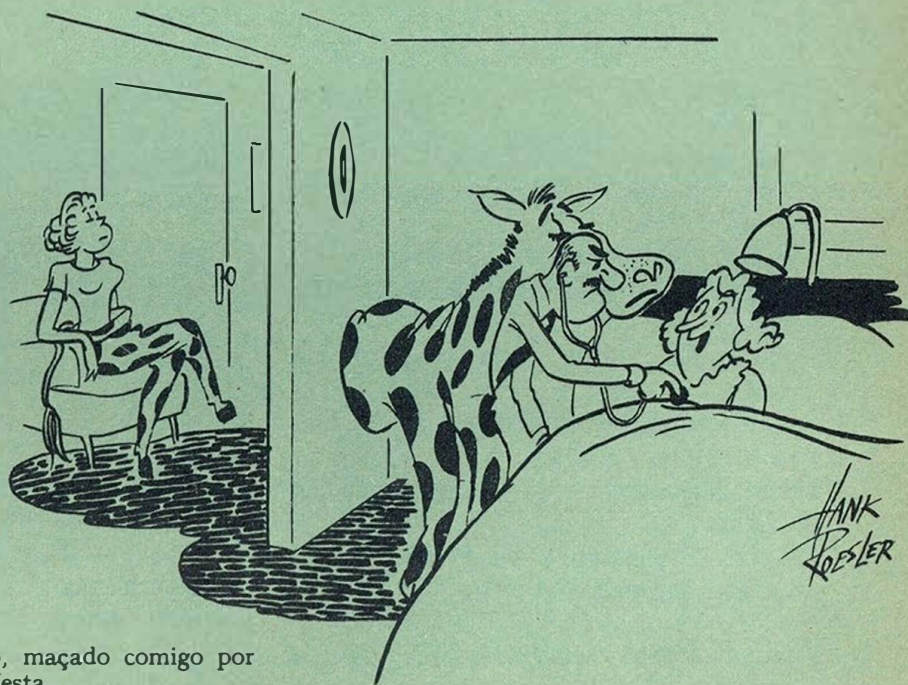
— Criar cinco filhas, entre os treze e os dezoito anos, é às vezes bem complicado...



Jerry Marcus



— Porque é que pensa que eu me fiz membro do «Clube das borboletas»?



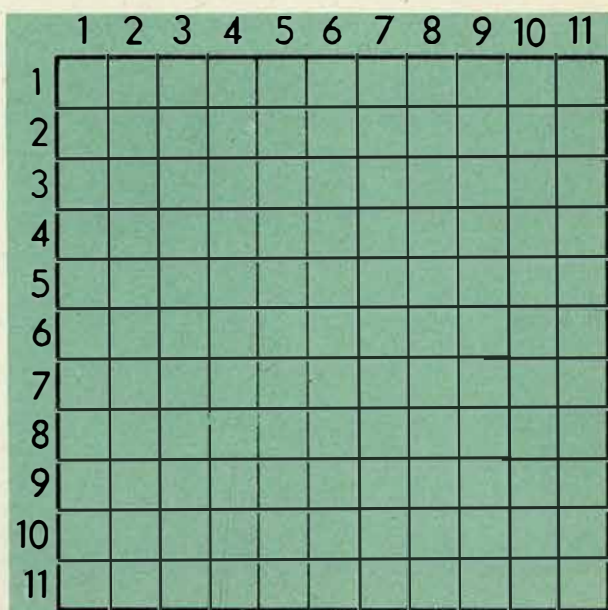
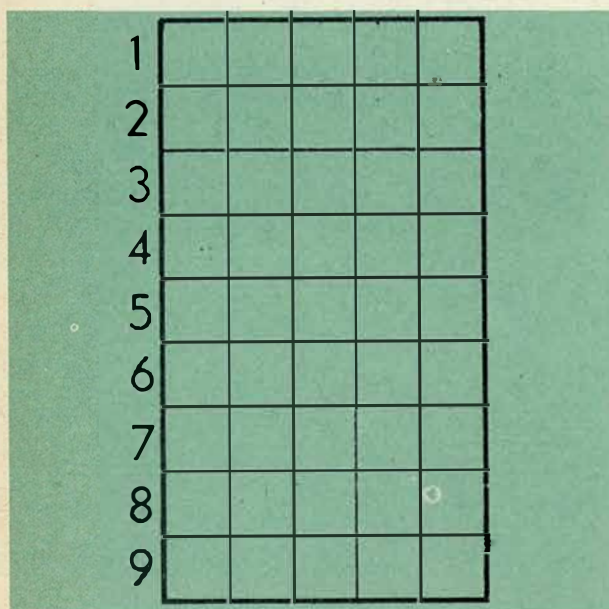
— O doutor, está, decerto, maçado comigo por ter tido que interromper a festa...

PASSATEMPOS

PILHA DE PALAVRAS

PALAVRAS CRUZADAS

(Nova modalidade)



- 1 — Divindade que presidia ao nascimento dos frutos.
- 2 — Filho de Laio e de Jocasta.
- 3 — Nome dos doze formidáveis gigantes filhos da Terra.
- 4 — Filho de Júpiter e de Laponia.
- 5 — Rei da Mauritània, segundo a fábula grega.
- 6 — Cidade da antiga Ásia, capital de Tróade.
- 7 — Sacerdotes entre os Medas e os Persas, que honravam o fogo.
- 8 — Deusa dos antigos escandinavos, mulher de Odin.
- 9 — Filho de Telégono e de Penélope que na Itália sucedeu a Enótro.

Na coluna central encontraremos a palavra que significa: «História das divindades do paganismo».

HORIZONTAIS: 1 — Espanta; culpas. 2 — Presumi. 3 — Catedral; vaca estéril; símbolo químico do manganês. 4 — Confrontava. 5 — Pôr asas; ainda. 6 — Berre; une. 7 — Nome próprio feminino; risada. 8 — União dos estames pelos respectivos filetes. 9 — Rio europeu; gênero de pequenos crustáceos de água doce; nome de letra. 10 — Existo. 11 — Mancha; Engôdos.

VERTICAIS: 1 — Atravessa; estacas. 2 — Ponto cardeal. 3 — Desamparado; tacha; senhor. 4 — Tarro cheio. 5 — Ave de rapina; catafalco. 6 — Mofas; vólculo. 7 — Terreiro; mana. 8 — Relativo a aves. 9 — Símbolo químico do rádio; desejo forte; antes de Cristo. 10 — Pespegas. 11 — Imagem; embaçados.

LEIA, MEDITE E RESPONDA

P I N T O R

Rússia, S. XIX, XX

C.....L

P O L Í T I C O

Inglaterra, S. XVI, XVII

C.....L

M I L I T A R

Cartago, S. III, II, a.C.

A.....L

R O M A N C I S T A

França, S. XVIII, XIX

L.....S

M Ú S I C O

Alemanha, S. XX

H.....H

R E I

Pérsia, S. VII, VI, a.C.

C.....S

SALTO DE CAVALO

NHA	ME	SA	PRE	TRIA	TA	ES	JÁ
TO	DAS	MI	CEU	SE	SA	VIN	ES
DÁ	A	BE	PA	EM	O	A	TA
SIA	DI	CAN	SE	CA	TE	COM	CIA
MA	QUE	ES ₊	EUM ₊₊	TO	RI	LUZ	CA
A	LU	QUAL	PE	COM	A	TAN	NE,
EU	DA,	MI	TA	GO	III	BA	AL
GO.	É	SEM	A	DA	LI	TOR	ES

Partindo da casa marcada com + e terminando na marcada com ++ comporemos, além de um desenho bastante simétrico, a primeira metade de uma estância de Camões, seguida da indicação da obra e dos números do canto e estância a que pertence.

POETAS DE PORTUGAL

```

----- L -----
----- U -----
      I -----
----- S -----

----- D -----
      E -----

----- C -----
      A -----
----- M -----
      O -----
      E -----
      S -----

```

Substituir os traços por letras formando assim nomes de distintos poetas portugueses.

HIERÓGLIFOS COMPRIMIDOS

I

PREF. ÁRABE BROTA QUAL

II

F OUTRA COISA ANIMAL DOMÉSTICO

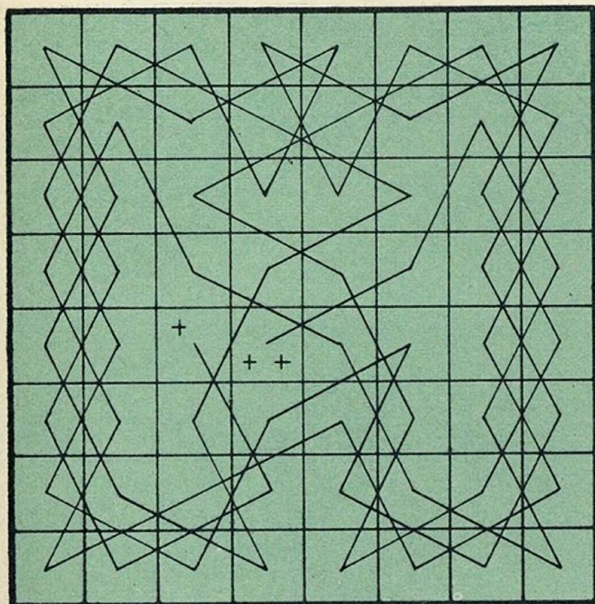
PILHA DE PALAVRAS

SOLUÇÃO

1	D	A	M	I	A
2	E	D	I	P	O
3	T	I	T	Ã	S
4	A	P	O	L	O
5	A	T	L	A	S
6	T	R	O	I	A
7	M	A	G	O	S
8	F	R	I	G	A
9	I	T	A	L	O

SALTO DE CAVALO

SOLUÇÃO



Esta é a ditosa Pátria, minha amada,
A qual se o céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo

HIERÓGLIFOS COMPRI MIDOS

SOLUÇÃO

I — ALMANAQUE.
II — FALCAO.

PALAVRAS CRUZADAS

Nova Modalidade

SOLUÇÃO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	P	A	S	M	A		E	R	R	O	S
2	A		O		C	R	I		A		A
3	S	E		T	O	I	R	A		M	N
4	S		C	A	R	E	A	V	A		T
5	A	S	A	R		S		I	N	D	A
6		U	R	R	E		C	A	S	A	
7	E	L	D	A		I		R	I	S	A
8	M		A	D	E	L	F	I	A		R
9	P	O		A	S	E	L	O		C	E
10	A		S		S	O	U		A		U
11	S	A	R	D	A		I	S	C	A	S

POETAS DE PORTUGAL

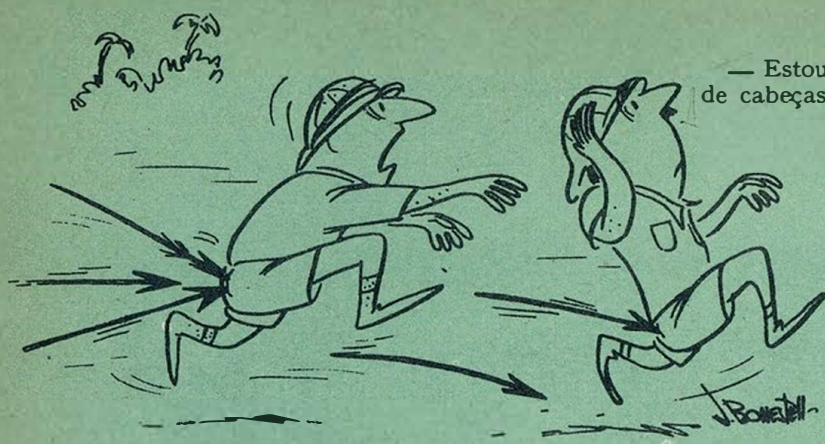
SOLUÇÃO

Luis Palmeirim; Antero de Quental; Almeida Garrett; Gonçalves Crespo; Gomes de Amorim; Ribeiro Ferreira; Cunha e Castro; Soares de Passos; João de Lemos; Simões Dias; João de Deus e Mendes Leal.

LEIA, MEDITE E RESPONDA

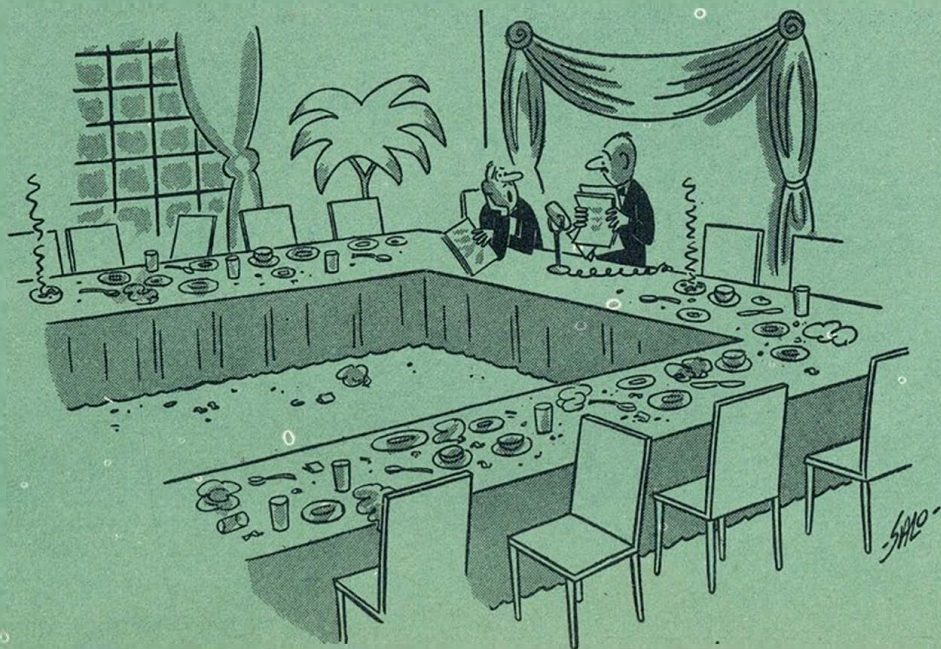
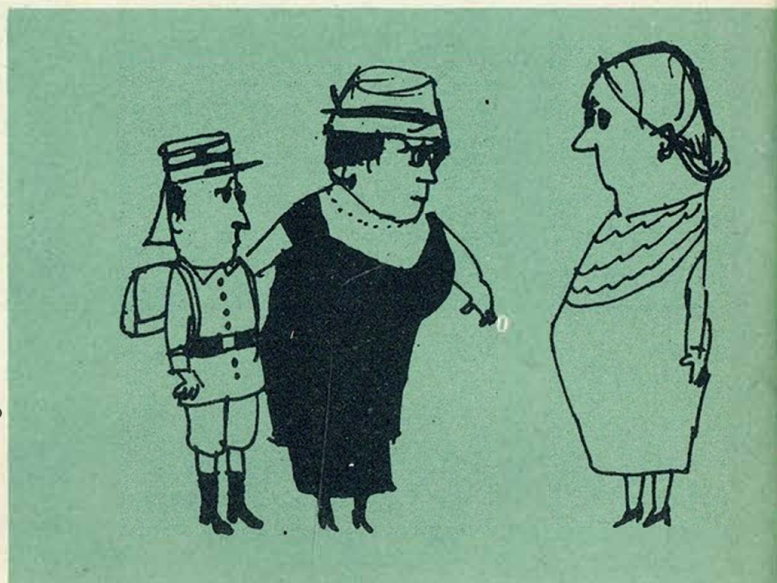
SOLUÇÃO

1 — Chagall; 2 — Anibal; 3 — Hindemith; 4 — Cromwell; 5 — Lactos 6 — Cambrises.

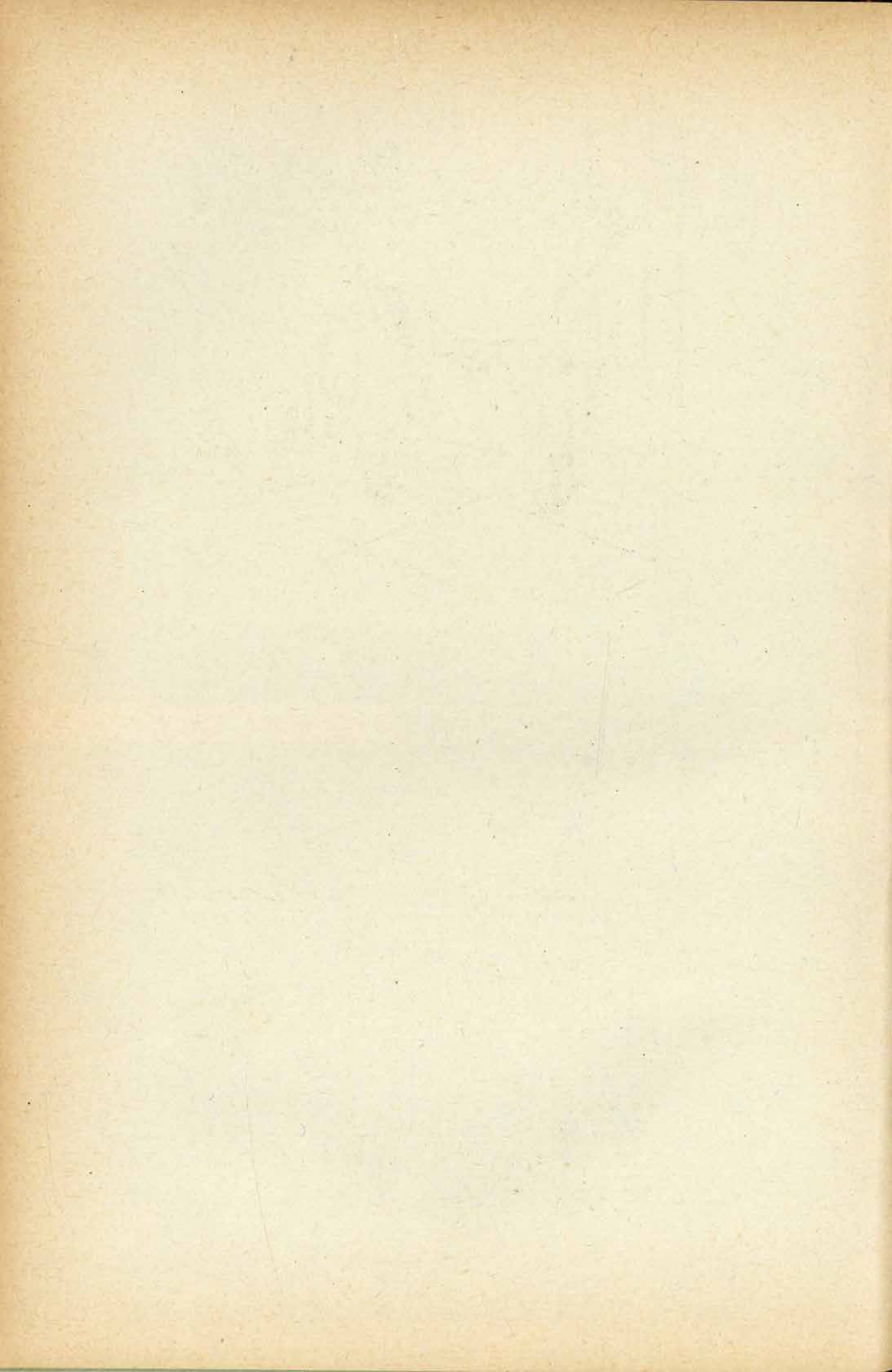


— Estou convencido de que não são caçadores de cabeças!

— Encontrei-o!... E sabe onde se tinha metido o menino? Na Legião Estrangeira.



— Eu também já me teria ido embora, mas sou o orador seguinte.



MAZO DE LA ROCHE

OS IRMÃOS WHITEOAK



ALMANAQUE

MAYO DE LA ROCHE

OS IRMAOS WHITEOAK

ALMANAQUE

- Acho uma vergonha meter essas ideias na cabeça de um rapazinho. O pastor devia envergonhar-se. Quando o menino tiver vinte anos será altura de falar das diferentes maneiras de amar.

- Talvez o Sr. Fennel julgue que não viverei até aos vinte anos e que é melhor começar cedo.

Condoída a Sr^a. Brawn ficou com os olhos cheios de lágrimas.

- Meu Deus, que pena ser tão fraco!

- Não é?... Parece-me que vou beber um pouco de gengibre. Faz favor diz-me quanto devo.

Quando lhe trouxe a garrafa, a Sr^a. Brawn disse-lhe:

- Já me deve dez cêntimos, não se esqueça.

Wakefield pôs-se a beber e depois respondeu:

- Não me esqueço. Depois do concurso hípico vai haver montes de dinheiro em nossa casa. Meu irmão Renny vai ganhar uma porção de prémios.

- Ah! E um belo cavaleiro. Vejo-o passar quase todos os dias com a senhora que está lá de visita. Aposto que lá em casa não falam de outra coisa senão de cavalos.

- De mais nada. Vai toda a gente ao concurso todas as noites, excepto eu, que irei só duas vezes. Até a minha avó fala em ir, por causa do novo casaco de peles.

- Meu Deus! Ela também vai?!

- Tentámos fazer-lhe compreender que a igreja é melhor para ela... mas não é fácil convence-la.

A visita à pequena loja acabou com esta amigável conversa e Wakefield voltou para casa através dos campos. Ligeiramente surpreendido, encontrou a Aritmética um pouco estragada por ter passado ali toda a manhã e guardou-a na pasta. Ao chegar a casa, Wragge disse-lhe:

- Vai comer na cozinha, menino espertalhão. As três senhoras foram à cidade e a menina Warkworth também. A sua avó, a tia e a mana foram almoçar a casa das Sr^{as}. Laceys. Foram precisas duas boas horas para vestir a sua avó e metê-la na carruagem. Não percebo o que lhe deu, mas está cada vez mais viva. Ainda ontem me disse: "Rags, estou a ganhar dinheiro, isso é que estou." Imagine, com aquela idade!

Na cozinha, a Sr^a. Wragge perguntou a Wakefield o que queria para o almoço.

- Uma sandwiche com muita mostarda e um pouco de torta de abóbora.

- Isso é muito pouco.

- Não tenho apetite.

- E de todos esses estudos. Esse padre obriga-o a trabalhar de mais.

- Que aprendeu hoje? - perguntou Rags.

Wakefield empoleirou-se no canto da mesa da cozinha.

O Sr. Fennel estava hoje de sobrepeliz.

- Quando?

- Durante toda a lição.

Os Wrags trocaram um olhar. E Rags continuou:

- Nunca vi semelhante coisa. Porque estava o Sr. Fennel assim gostaria de saber. Para parecer santo.

A cozinheira desatou a rir.

- Deve estar tolo. Não admira que o menino não tenha fome.

- Ensinou-lhe qualquer coisa especial da Bíblia? - perguntou Rags.

A sandwiche estava pronta e Wakefield deu-lhe uma dentada com gosto. Depois respondeu:

- A primeira pergunta que o Sr. Fannel me fez foi esta: "Qual é a diferença entre um cavalo de tiro e um cavalo de caça?"
- O homem é tolo! - exclamou a cozinheira.
- E o menino sabia? - perguntou Rags.
- Claro que sabia.
- E a segunda pergunta?
- Perguntou-me quais eram os atributos de um cavalo de sela.
- Está tolo de todo!
- Aposto que não sabia.

Wakefield, com a boca cheia respondeu:

- Deve levantar as patas até poder sacudir as moscas da barriga; não deve dobrar-se, nem desmontar o cavaleiro, nem afastar de mais as patas traseiras.
- Tudo isso é inventado - declarou a Sr^a. Wragge - Não acredito uma palavra. Vamos a comer a torta e vá-se embora. Quero arrumar a cozinha.

Wakefield foi comendo a torta enquanto caminhava vagarosamente pelo vestíbulo. Na biblioteca deu um bocado a Bonney, o papagaio, e depois, sentando-se, pôs-se a matutar no facto de estar sôzinho em casa. Nunca tal acontecera! Durante alguns instantes saboreou a amplidão e o silêncio da casa, depois, com lenta majestade de único proprietário, pôs-se a explorá-la. Bonney, o bico empapado de torta, olhou-o com ar escarninho, tentou falar, mas não conseguiu articular qualquer palavra.

Wakefield resolveu começar pelo cimo de tudo, o quarto de Eden, cuja porta estava sempre fechada, excepto quando ele se deitava, pois gostava de dormir numa corrente de ar. Wakefield entrou e fechou a porta. A janela estava aberta e era agradável encontrar-se quase entre o cimo das árvores. Abriu a gaveta da secretária e viu os últimos versos de Eden, escritos a lápis, num livro de notas. Havia também alguns poemas dactilografados e diversas folhas impressas, encimadas pelas palavras: "Os editores leram com interesse o seu manuscrito, mas lamentam...". Eden recortara os poemas que tinham aparecido nalgumas revistas e colara-os num caderno de apontamentos. Wakefield apreciava as coisas bem acabadas e esses poemas impressos faziam-no sentir-se orgulhoso de Eden, como sabia que Meg e os tios se sentiam.

Perfumou os cabelos com água-de-colónia que estava no lavatório e depois dirigiu-se para o quarto onde dormiam Piers e Finch. Nada encontrou digno de interesse a não ser meia pasta de chocolate, que provou e que, por lhe ter sabido tão bem, comeu até ao fim.

Deixou-se escorregar pelo corrimão até ao andar de baixo. Lembrara-se de repente do seu mealheiro, que Meg guardava no quarto, e das moedas de vinte cinco cêntimos que Noah lhe dera. No guarda-vestidos encontrou o mealheiro, que tinha a forma de uma pequena casa, onde se metiam as moedas pela chaminé. Voltou-o e sacudiu-o com força a ver se o dinheiro caía, como da caixa das esmolas, mas o mealheiro era obstinado - pela chaminé nada passava.

De sobranceiras franzidas, Wakefield exclamou: "Nada de mexericos".

De súbito, e inexplicavelmente, resolveu não deitar o dinheiro no mealheiro. Guardou-o no bolso e pôs o mealheiro no guarda-vestidos. Era maravilhoso estar sôzinho em casa! Correu pelo corredor fora, com os braços a dar a dar e a cantarolar: "Nada de mexericos." Empoleirou-se no corrimão e escorregou até ao vestíbulo. Ao chegar ao fundo ouviu tocar piano docemente. Surpreendido, atirou-se ao chão e, furtivamente, foi espreitar pelo buraco da fechadura do salão. Finch estava sentado ao piano - Finch que não sabia tocar

até se tornar uma torrente de estranhos e ruidosos acordes.

Wakefield abriu a porta e foi por-se atrás de Finch, até ele pousar as mãos no teclado.

- Muito bem meu rapaz! Muito bem, na verdade - exclamou em tom bombástico.

Finch voltou-se no banco e encarou-o. Wakefield, apresentando-lhe a moeda de prata, disse-lhe com ar pomposo:

- Aqui estão vinte cinco cêntimos para ti, por teres tocado uma modinha tão bonita.

- Que descaramento! Quem julgas tu que és ?

- Teu tio Wakefield, querido rapaz.

- Onde arranjaste o dinheiro ?

- Na caixa das esmolas da igreja.

- Aldrabão.

- Nada de mexericos. Queres a moeda ?

Finch agarrou-a e meteu-lha pelo pescoço abaixo.

- E assim que a quero. E, olha lá, nada de dizeres que eu estava a tocar piano. Bem sei que não posso tocar, mas... Não digas, ouviste ?

Wakefield sentia a moeda a escorregar-lhe pelas costas; sacudiu-se e caiu-lhe pelos calções. Guardou-a no bolso e, orgulhoso por estar em pé de igualdade com o irmão, propôs-lhe:

- Está bem, não direi nada, mas vamos ter ambos um segredo, vamos fazer ambos uma coisa. Sabes qual ?

- Que é ?

- Vamos ver que esconde a avó na gavetinha do guarda-vestidos.

Finch abriu a porta do quarto da avó, com Wakefield logo atrás dele.

- Desconfio que é uma caveira.

- Não devíamos fazer isto - disse Finch. Mas era obrigado a isso, era preciso ter aquele segredo com Wake para que ele não dissesse que o vira tocar piano. Nesses últimos tempos tinha-se tornado ridículamente sensível a troca. Abriu a gaveta.

- Foi isto que me pareceu uma caveira - murmurou Wakefield. - Aímal e a esponja nova. E isto é a saquinha que lhe deu a menina Pink e a caixinha com os chineses na tampa.

- Não devemos mexer nisto - disse Finch, envergonhado.

Mas qualquer coisa lhe atraiu o olhar - no fundo da gaveta estava o certificado das acções do lago Indigo. Foi a palavra Indigo que lhe despertou a atenção. Lembrava-se da maneira misteriosa como a avó se pronunciava e como Eden, por mais de uma vez, parecerá embaraçado ao ouvi-la. Mas nada tinha com aquilo e ia fechar a gaveta quando uma cabeça, especialmente dura, se meteu entre ele e o irmão.

- Que estão aqui a fazer ? - perguntou Renny.

- Nada... mesmo nada - gaguejou Finch.

- Estávamos só a dar uma espreitadela nos tesouros da avó - rematou Wakefield.

- Deviam ter vergonha e tenho vontade de dar-lhes uma boa coça. - Então, reparando no certificado, inclinou-se para ve-lo melhor e depois fechou a gaveta precipitadamente. - Não voltem aqui outra vez na ausência da avó. Tenho vergonha de vocês.

- Tu também viste aquele papel - disse Wakefield. - Que quer dizer ?

Na biblioteca, Bonney pôs-se a gritar:

- "Ouro, seu diabo velho! Peças de oito!"

DEPOIS DO CONCURSO

S em ansiedade, mas impaciente, Nicholas esperava o cheque da venda das suas acções do lago Indigo. Mas, como todos em Jalna, tinha o espírito deveras excitado pelo concurso hípico. Os cavalos de Renny estavam a conduzir-se bem. Ele próprio ganhara o primeiro prémio de salto em altura, na categoria de cavalos de caça e Dilly Warkworth conseguira um terceiro prémio. Piers, em cavalos de pólo, ganhara também diversos prémios. Uma das vacas Jersey da quinta fora também premiada e uma parelha de percherons recebera uma menção honrosa. Terminado o concurso e instalados de novo os animais nos estábulos, todos se sentiram satisfeitos e quase aliviados, pois o tempo tinha-se tornado chuvoso e não era agradável viajar no velho carro, cuja capota mal abrigava do vento e da chuva. Renny tinha constantemente na mão o farrapo para limpar o pára-brisas e, ao descerem do carro, todos os que tinham ido ao concurso estavam bastante inteiriçados e fatigados. As árvores, mais negras que a própria escuridão, chupavam a humidade do solo com as raízes. Os cães vieram até ao pórtico para os saudar e o próprio Rags estava impaciente por conhecer os resultados, maus ou bons, daquele dia. Tinha ido duas vezes ao concurso, uma das quais com a mulher. Quando foi sozinho, embriagou-se e só apareceu em Jalna no dia seguinte.

Depois de chegarem reuniram-se todos para cear. Sentados à volta da mesa, iam saboreando a carne assada, já fria, queijo, pão feito em casa, o aipo bem tostado. Sobre a toalha adamascada, uma garrafa de vinho e outra de Whisky reflectiam a luz. Embora as duas portas estivessem fechadas, o ruído das conversas e das gargalhadas acordou a avó que, depois de bater no chão com a bengala, ficou à espera que viessem atendê-la, para perguntar:

- Dize-me quem ganhou. Quero saber tudo.

Preferia que viesse Renny, que lhe descrevia o concurso em todos os seus pormenores. Sentado na beira da cama, ia relatando as proezas de cada um dos seus cavalos, e ela, excitada, de olhos brilhantes, exclamava:

- Até sinto o cheiro da pista! Até ouço a banda tocar! Meu Deus, devias ver os concursos na Irlanda!

- Mas eu vi-os, avó; não são melhores do que os nossos.

- Ah! É o país dos cavalos e das caçadas. Devias ver-me, quando era rapariga, agarrada ao cavalo, a saltar muros. Foi numa caçada, na Irlanda, que conheci o meu querido Philip.

- Mas não, avó. Foi na Índia que o conheceu.

- Pois foi, pois foi. Como a memória me está a faltar! Imagina - esquecer uma coisa destas. Agora lembro-me de que lhe falei na Irlanda e que ele me disse que gostava de ir lá. Foi por isso que imaginei que ele estava lá, o meu amor! Mas fala-me mais a respeito do concurso. Como é que Dilly montou a égua?

- Ela devia - a égua, quero dizer - ganhar o primeiro prémio, mas só obteve o terceiro, devido à maneira como Dilly a conduziu. Eu explico-lhe melhor. -

E, sentando-se numa cadeira pequena, com uma perna para cada lado, pôs-se a simular o trote de um cavalo e a brandir um chicote imaginário. A avó, de touca à banda, riu tão alto que, ao ouvi-la, Ernest veio espreitar à porta do quarto.

- Esta excitação faz-lhe mal, mamã. Depois não dorme.
- Trata de ti. Quero saber tudo o que se passou no concurso.

Bonney, tirando a cabeça debaixo da asa, pôs-se a olhar para eles, com um olho fechado, outro aberto, ainda meio a dormitar.

E de facto Adeline esteve muito tempo sem adormecer, mas distraída por agradáveis pensamentos, imagens do passado. Via inúmeros cavalos a saltar, os cascos vermelhos da Polícia Montada, ouvia a banda de música e os aplausos da multidão. Na penumbra do quarto distinguia o neto mais velho a saltar na cadeira, a cabeça da cor das folhas outonais, que nesse dia o vento atirara contra a sua janela. Ouvia rir no quarto contíguo, e por fim as folhas dispersas e os cavalos a saltar confundiram-se nos seus sonhos.

Os últimos a subir foram Renny e Dilly. No fundo da escada, ela observou:

- Bem sei que não está contente comigo.
- Porque julga isso?
- Nunca montei tão mal. Podia ter-me matado.
- Tolice ! Ganhou um prémio.
- O terceiro ! Devia ser o primeiro.
- Sim, devia.
- Esforcei-me tanto... por você. Detesta-me?
- São horas de ir deitar-se. Deve estar fatigada.

Dilly encostou a cabeça ao corrimão e começou a chorar. Renny afofou-lhe a nuca, que era extremamente bonita. Foi o bastante - ela rodeou-lhe o pescoço com os braços e encostou o rosto ao dele. Renny beijou-a quase indiferente, pensando que nunca a tinha visto tão atraente ao reparar nas suas longas pestanas e nas orelhas pequenas e encantadoras. Pálida e com ar cansado, parecia como que rejuvenescida e bastante comovedora.

- Não se preocupe mais com o concurso. Vá deitar-se. Está cansada.
- Somos feitos um para o outro - murmurou Dilly, ofegante. - Já não podemos separar-nos, pois não?
- Não vejo porquê.
- Somos tão parecidos. Gostamos das mesmas coisas.
- Mas não gostamos um do outro.
- Eu amo-o. Adoro a terra que pisa.
- Não sou homem para casar. Se é nisso que pensa.
- Nunca pensei noutra coisa.
- Surpreende-me... para não falar doutra maneira.
- Como me julga então?
- Oh, bastante estouvada. Está sempre a dizer que é tudo engraçado.

De olhos muito abertos, Dilly atalhou:

- Houve uma tragédia na minha vida.
- As raparigas têm desgostos de amor quase todos os dias.
- As de sentimentos profundos como eu, não.

Então, então... vá deitar-se.

- Deitar-me... deitar-me... porque não diz outra coisa?

Renny deitou-lhe um olhar penetrante.

- Tem um espírito engraçado, Dilly.
- Estou a sentir-me mal. Vai buscar-me alguma coisa para beber?

- Já bebeu bastante.
- É um bruto! devia odiá-lo. Mas não... não sou capaz... - E começou de novo a soluçar, apoiando a cabeça no ombro de Renny.
- Meu Deus! - exclamou ele, desesperado. - Porque não vai deitar-se?
- Sinto-me mal. Nem posso subir a escada.

Estava de facto muito pálida. Renny colocou-se atrás dela e, pegando-lhe nos braços, ajudou-a a subir a escada. Abriu a porta do quarto, tronteiro ao seu, e obrigou-a a entrar. Sempre agarrada a ele, já sem chorar, perguntou-lhe em tom adulator, num riso breve:

- Ficamos noivos? era tão engraçado...

E Renny, com meiguice:

- Dilly, deito-me consigo, se assim quer mas danado seja eu se me casar.

A resposta foi uma vibrante bofetada.

- Seu demónio!
- Há homens que gostam de ser esbofeteados por uma mulher. Não sou desses.

Como se tivesse sido ela esbofetada, Dilly recomeçou a chorar. A porta do quarto de Lady Buckley abriu-se e ela apareceu, num pesado roupão de veludo púrpura e com a cabeça cheia de frisadores.

- Que aconteceu? Que lhe fez ele, Dilly?

- Nada.

- E isso é que é o aborrecimento - comentou Renny.

Lady Buckley olhou para ambos, com expressão de censura.

- Lamento que tenham feito tal cena, por nada. Ouvi uma bofetada. Quem a deu?

- Foi Dilly - respondeu Renny.

- É vergonhoso. Fico aqui até ouvir fecharem-se por dentro nos seus quartos. E ficou imóvel no corredor, sem que os frisadores diminuíssem absolutamente nada a dignidade do seu porte.

- Boas noites, tia - Renny beijou-a no rosto macilento e, depois de um rápido olhar para Dilly, desapareceu no quarto, fechando a porta à chave.

O L O G R O

E antes de Eden sair para apanhar o comboio, Rags deu-lhe um recado do tio Nicholas:

Eden olhou para o relógio.

- Santo Deus, quase não tenho tempo! ainda perco o comboio.

Subiu as escadas a duas e duas e foi encontrar Nicholas sentado na cama com o tabuleiro do pequeno almoço à sua frente. A cabeleira grisalha, o perfil elegante davam-lhe um aspecto digno que as migalhas, espalhadas no queijo e com as quais não se preocupava, não diminuam. Eden perguntou-lhe:

- E por causa do lago Indigo, tio Nick?

- Sim quero que saibas a razão por que não recebi o meu cheque.

- Está bem.

- Mesmo que as cotações tenham baixado, quero vender. Que esse tal Kronk o compreenda bem.

- Estou convencido de que ele já vendeu as suas acções. Provavelmente recebe hoje o cheque.

Mas o cheque não apareceu e Nicholas estava na porta da entrada quando Eden e Finch chegaram, ao fim da tarde. Já escurecia cedo. Os dois irmãos bateram com os pés, para sacudir a neve no pórtico, mas ainda deixaram cair alguma no vestibulo. Eden exclamou:

- Que diabo de noite! Porque não foram buscar-nos à estação?

- Wright levou o carro para arranjar.

- O que precisávamos era de um carro novo.

- Isso é pouco provável. Finch, sê bom rapazinho: - corre lá acima e traz-me os óculos. Estão no meu quarto. E Nip também.

"Como é bom estarmos em casa" - pensava Finch. - Sentir o calor e os ruídos do lar, a voz da tia a ler para Wakefield; o riso da avó ao ganhar a Ernest uma partida de gamão; Meg e Rags, na sala de jantar, a discutir acaloradamente os méritos relativos de duas marcas de pó para polir as pratas. Finch encontrou os óculos e descobriu Nip enroscado na cama do dono. O cãozito remexeu-se, voltou para cima a barriga rosada e soltou pequenos latidos de protesto. Mas Finch, sem fazer caso, agarrou-o, beijou-lhe o cocuruto da cabeça e desceu a escada de escantilhão. Nicholas e Eden ainda estavam no vestibulo.

Nicholas perguntara:

- Então, viste-o.

- Não tio Nick. Telefonei para o escritório e para casa, ao meio dia, mas não responderam. À tarde foi para o escritório. Não estava lá. Fui então a casa e encontrei a Sr^a. Kronk; disse-me que o marido não estava na cidade. A minha insistência surpreendeu-a, mas disse-lhe que o tio também estava admirado com a demora do cheque. Respondeu-me que tinha a certeza de ter sido mandado pelo correio.

Nicholas passou a mão pelo cabelo.

- Está bem. Se não chegar amanhã, irei eu próprio falar a Kronk.

- Gostava que fosses.

- Aqui estão os óculos e aqui está Nip.

Finch pousou o cão, que, por qualquer suposta ofensa, correu para o enorme felpudo cão-pastor em grande alarido. Bem humorado, o outro afastou-se do fogão, mas não era bastante. Nip não o deixou sossegar senão quando o viu no canto mais afastado do vestíbulo. Depois sentou-se, completamente só, junto do fogão.

- Seu maroto! - exclamou Nicholas - Pobre Ben!

Ouviu-se novamente o ruído de pés a sacudir a neve no pórtico e Renny e Piers entraram a seguir.

- Que noite! - exclamou Piers. - É o Inverno.

- Tivemos de vir a pé da estação, a entrentar o vento - confirmou Eden, em tom lamentoso.

- Oh, eu vim de mais longe.

- A enfrentar o vento norte?

- Lá isso não.

Renny, meio escondido pelos três irmãos e pelo tio, olhou cautelosamente para o salão. Dilly, empoleirada no braço da cadeira da avó, seguia o jogo. Era a primeira vez que a via, pois tinha passado todo o dia com Maurice Vaughan. O rosto de Dilly, que a luz da lâmpada e o calor do fogo rosavam vivamente, exibia um sorriso atectado que lhe dava o ar de uma actriz à espera dos aplausos depois de uma cena trágica.

A tia, que estava na biblioteca com Wakefield, avistou Renny pela porta entreaberta. Fechou o livro e ordenou a Wakefield:

- Vai dizer a Renny que quero falar-lhe. Depois acabamos esta história.

O rapazito, aborrecido porque a tia escolhia os livros, com o que ele não concordava, correu alegremente para o vestíbulo e puxou pela manga de Renny.

- A tia Augusta quer falar-te. Onde estiveste todo o dia?

- Com Maurice. - Inclinou-se e beijou o pequenito. - Estiveste bem? Foste ao presbitério?

- Sim e sim. A tia Augusta chamou-te. É particular ou posso ouvir?

- É particular.

Renny dirigiu-se para a biblioteca e, depois de fechar a porta, encostou-se com ar de pessoa em apuros.

- Então, tia?

Ela respondeu, com expressão de censura:

- Estás a tornar muito difíceis para mim os últimos dias da minha visita.

Renny replicou, imediatamente:

- A tia tornou-se difícil para mim ao trazer Dilly Warkworth.

- É uma rapariga bonita e saudável. Julguei que a sua vinda seria vantajosa para ti.

- Como pôde julgar isso? Não é o meu género.

- E a cena de ontem à noite? Coro por ti ao pensar nisso.

Renny deitou-lhe um olhar penetrante, como que a tentar descobrir o rubor no rosto da tia.

- Gosto de ser eu próprio a caçar...

- Então, porque te esbofeteou?

A voz de contralto, a expressão de exagerada censura da tia exasperaram-no de tal maneira que Renny se limitou a sorrir com desdém.

- Lembra-te de que és o mais velho e de que deves ser um exemplo para teus irmãos.

Renny aproximou-se e deixou-se cair no velho sofá de couro, ao lado da

- Tia, se soubesse que trabalho tive para salvar a minha virtude...
- De Dilly?
- Devia dizer talvez isto doutra maneira: - devia dizer a virtude de Dilly.
- Julgava-a uma rapariga de bons princípios.
- E é o casamento que ela deseja, se é isso que a tia quer dizer.
- Meu filho, ela tem uma boa fortuna.
- E uma má posição a cavalo.
- Nos últimos tempos vocês eram inseparáveis.
- Espero vê-la menos, agora que o concurso acabou.
- Partimos brevemente.

Renny enlaçou a tia.

- Bem sabe que gostava que estivesse sempre cá.

Nesse momento Wragge abriu a porta de dois batentes que comunicava com a sala de jantar. Na mesa estavam postos onze talheres e, ao centro, uma alta fruteira de prata, com maçãs vermelhas e uvas brancas e pretas. Numa travessa, a que Wragge tinha dado várias esmurradelas, estavam quatro patos assados, guarnecidos de salsa e, em pratinhos pequenos, conserva de couve-flor, geleia de groselha e compota de maçã. Ao lado de cada talher havia um grande pedaço de pão, feito em casa, e a manteiga, também de fabrico caseiro estava numa manteigueira de prata, cuja tampa tinha a forma de mitra. Havia ainda uma garrafa de vidro amarelo com cidra e um enorme bule de chá. Wragge colocou na mesa o último prato daquela refeição - batatas doces assadas. Wakefield, que não gostava, fez-lhes uma careta, ao passar. Logo que se sentou desembaraçou-se sorratamente da sua razão, de que também não gostava, dando-a a Ben, o cão pastor, que foi escondê-la na biblioteca, debaixo do sofá.

- Estou bastante satisfeito - disse Ernest - por ter acabado o concurso. Já se pode falar doutra coisa. Durante semanas só se ouvia: cavalos... cavalos... cavalos...
- Quanto a mim, também estou contente. Desacreditei-me a mim própria - afirmou Dilly.

Houve um coro de "nãos" de que Renny não participou, ocupado a trincar, com afectada atenção, o primeiro pato. Dilly repetiu a afirmação, acrescentando que teria sido preferível que a engraçada filha do vizinho tivesse montado a égua. A esta observação tão desastrada, Nicholas e Ernest, começaram imediatamente a falar do tempo, com grande animação.

Meneando a cabeça com satisfação, a mãe concordou que, realmente, o Inverno chegara.

- Estou contente. Amanhã, para ir à igreja, vou vestir o meu casaco de peles, o novo.
- Vai arriscar-se a sair com semelhante frio, mãe? - gritou Ernest.
- Tenho de vestir o meu casaco novo, pelo menos uma vez. Depois, guardo-o para o Inverno.

Um murmúrio de censura acolheu aquela extravagância, mas Adeline continuou:

- E quero sentar-me nas almofadas novas que dei para os bancos. Já vieram?
- Devem mandá-las para a semana - respondeu Meg.
- Bom. Deve estar tudo enfeitado para o Natal. E tu, Eden, compras um sobretudo novo?
- Eu, vovó? com os dez dólares do meu último poema?
- Os olhos de Adeline brilharam de malícia.
- Eu compro-te um, meu rapaz. Da cor que gostares. Azul? Indigo?

- Boa ideia, vovó - disse Renny. - Mas a palavra "Indigo" despertara-lhe a atenção. Lembrou-se do certificado que o entusiasmo do concurso lhe fizera esquecer. Inclinando-se para a avó, perguntou-lhe, com um olhar penetrante: - Que vem a ser isso de Indigo? Parece-me que já lhe ouvi essa palavra mais vezes. E alguma senha secreta?

- Não sei que queres dizer - respondeu Adeline com ar manhoso, mas intimamente divertida.

Renny brandiu a faca de trincar na direcção da avó.

- Quero saber a verdade! Que é isso de Indigo?

Renny desconhecia a intrincada teia de mentiras tecida à sua volta. Adeline desconhecia que todos os outros estavam envolvidos também naquele negócio e enfrentavam-se mutuamente num misto de divertimento e antagonismo. Surpreendidos, os outros accionistas tinham os nervos tensos. Então, também ela fazia parte do negócio? com a sua idade! Os filhos e a filha olharam-na, depois fitaram Eden depois uns aos outros, e por fim a ela novamente.

Eden pensou: "Agora descobre-se toda esta maldita história." Contudo, não se preocupava - estavam todos a ganhar montes de dinheiro. Tinha de descobrir-se tudo qualquer dia. Encontrando os olhos de Dilly, os seus lábios formaram as palavras: "Que engraçado!" Mas depois deste olhar cúmplice e de um rápido sorriso, Dilly voltou-se para Renny, com uma expressão que surpreendeu Eden. Parecia quase ódio.

Nicholas pensava: "Aquele maroto do Eden. Agora compreendo a conduta da mamã nestes últimos tempos. E o velho Ernie? Também estará metido nisto? Eu devia tê-la aconselhado a vender..."

"Não admira que a mamã tenha andado tão misteriosa. O casaco de peles... as almofadas novas... Quanto teria ganho?" pensava Ernest.

Piers, sacudido pelo riso, reprimido a custo, apertou o joelho de Eden debaixo da mesa; Eden agarrou-lhe o pulso, mas não se atreveram a olhar-se.

Piers, murmurou:

- Ouro, seu diabo velho!

Renny, depois de servir todos, rapidamente, insistiu:

- Então, avó! Que ha a respeito do lago Indigo?

- Trata dos teus negócios - respondeu Adeline, ásperamente - O lago Indigo é um negócio meu... e bastante rendoso. - Ergueu as mãos e colocou a touca de maneira mais airosa, olhando-o com arrogância. - bastante rendoso. Não queres participar dele também?

Os seus olhos encontraram os de Eden, que lhe sorriu, dizendo para si próprio. "Está a chegar o fogo à mecha." Mas não se preocupava absolutamente nada. Pousou o talher e preparou-se para a luta.

Renny voltou-se para Nicholas.

- Que quer dizer tudo isto?

- Minha mãe nada me disse.

- É verdade avó?

- É segredo entre mim e Eden. - Repliquou Adeline com firmeza.

Sentindo todos os olhares fitos nele, Eden corou. O coração pulsava-lhe com mais violência, mas manteve-se calado.

Augusta perguntou, em voz quase acusadora:

- Quer dizer mamã, que se pôs a especular?

- Nada há que mo impeça, pois não?

- Claro que não.

- A Sr^a. Whit oak e eu - interveio Dilly - formamos um par arrojado. Somos um pouco jogadoras, não é verdade, querida senhora White oak?

- Isto não é um jogo. É ouro maciço; não é, Eden?

Renny voltou-se bruscamente para o irmão.

Que tens tu com isso?

Antes que Eden pudesse responder, Ernest interveio:

- Não gosto destes segredos. Não gosto mesmo nada. Se Eden... Se Eden... Se a mamã... - Tarmamudeou mais algumas palavras e por fim continuou: - Gosto de franqueza, de sinceridade.

- Então - perguntou Nicholas - porque não foste franco tu próprio?

Ernest corou:

- Cometi alguns erros noutros tempos. E reconheço-o. Não quis ser acusado... de loucura.

- Loucura não é a palavra apropriada, tio Ernest. Pelo menos, num investimento tão seguro como este. - apressou-se Meg a dizer.

Renny, assombrado, olhou para a irmã.

- *Tu também*, Meg?

- E porque não? Gosto de ganhar dinheiro, como qualquer outra pessoa.

- Danado seja eu! - exclamou Renny, perscrutando os rostos à sua volta - Parece-me que sou o único fora do negócio!

- Dei-te a oportunidade de participares - retorquiu Eden.

- Não me lembro.

- Não te interessava.

- Mas quem julgas que és? Um corretor?

- Tenho alguma experiência.

- Acho que Eden foi muito hábil - observou Meg.

Wakefield interrompeu-os com a sua vozita aguda.

- Houve algum roubo? É um enigma?

- Há montes de ouro - respondeu a avó. - Ouro do lago Indigo.

Rags tinha mudado os pratos e estava a pôr na mesa uma travessa de sonhos e uma grande taça de xarope de bordo.

Meg dizia para Wakefield:

- Senta-te direito e não faças barulho a comer o aipo. Já devias tê-lo acabado.

- Finch faz barulho e a avó também.

- Finch ainda não aprendeu as boas maneiras - respondeu a avó - e eu já as esqueci. Quando se chega à minha idade, não se pensa nisso - E continuou a comer com gosto.

Augusta observou com severidade:

- Esta criança tem o costume de fazer comentários sobre as pessoas crescidas.

- É muito observador. Repara em tudo - confirmou Meg.

- E que olhos ele tem! - acrescentou Dilly.

- Pois tem - concordou a avó. - Temos olhos bonitos na nossa família. - Arregalou os dela e olhou para o neto mais velho. - Azuis ou castanhos, têm sempre uma bela forma e muito brilho. Aquele maroto - designou Piers, com o aipo - tem os olhos do avô, o daquele retrato. Azuis como uma manhã de Maio! Ao olhá-los sentimos o coração enternecer-se.

Dilly fitou-os extasiada.

- Admiro sempre um homem de olhos azuis.

A velha Adeline ergueu a cabeça para fitá-la de frente.

- Sêrio? Julguei que admirava aquele diabo de olhos negros que está no fundo da mesa.

- Tem olhos negros? Não tinha reparado.

- São negros e o cabelo é ruivo. Não tinha reparado? Que rapariga! Não é como a maior parte das mulheres, pois não, Renny?

mo a maior parte das mulheres, pois não, Renny?

- Quando Dilly e eu estamos juntos - replicou Renny - não temos tempo para frioleiras.

Nesse momento Rags, no seu jeito habitual, tão arreluiador, pôs-se a falar ao ouvi do de Renny.

- Ouvi-o mencionar o lago Indigo, senhor, e pensei que este artigo do jornal da tarde podia interessar-lhe. - E pousou, junto do prato, um jornal cuidadosamente dobrado.

- Obrigado. - Renny pôs-se a ler o artigo indicado.

- Nada de enigmas, por favor! - exclamou Wakefield.

A avó começou a falar da aproximação do Natal.

- Lembro-me bem de uma vez, na Irlanda, quando era rapariga, tivemos para o jantar um pavão assado, enfeitado com as penas da cauda, postas em leque. Nunca comi pavão que me soubesse tão bem.

- Que engraçado! - gritou Dilly.

Os sonhos, muito tostados, estavam deliciosos, com a manteiga a brilhar em pequenas gotas, o xarope de bordo fazendo pocinhas nos pratos. Era espantosa a quantidade que Piers ia comendo. Mas o senhor de Jalna parecia ter perdido o apetite. Abstracto, olhava para o prato e depois os seus olhos procuravam os rostos à sua volta, como se estivesse a fazer determinado cálculo.

Ernest, com um sorriso meio afectado, começou a dizer:

- Julgo que devemos fazer uma espécie de confissão geral, no salão, quando os pequenos se retirarem. Parece-me que o tempo do subterfúgio já passou. Todos nós, aparentemente, ganhámos bem - extremamente bem - e penso...

Nicholas acabou a frase:

- Que devemos festejar o acontecimento. Não me importo de dizer quanto ganhei.

- Nem eu - riu Eden. - O bastante para modificar por completo a minha vida.

E Piers, levantando um cálice imaginário:

- Vamos brindar!

Logo Nicholas, radiante:

- Boa ideia! Vou à cave buscar uma bebida especial que guardei lá. Um Porto especialmente bom.

Finch perguntou:

- De que se trata? Também gostava de ganhar algum dinheiro.

Wakefield deitou-lhe um olhar de censura.

- Uma vez dei-te um quarto de dólar e não quiseste.

- Que aconteceu Renny? - perguntou Meg. - Não comes.

- Está a pensar - disse Dilly - que sou um mau cavaleiro.

- Não devia dizer amazona? - respondeu Wakefield.

Ernest sorriu para o rapazito com ar de aprovação.

- Nunca vi criança que tivesse tanto a noção exacta das palavras.

- E eu nunca vi outra tão presumida - atalhou Finch.

- As pessoas presumidas - replicou Ernest, complacente - têm geralmente razão para serem assim. Estimam-se a si próprias.

- Como gostava de ser assim! exclamou Dilly. - Não sei apreciar-me.

Piers interrompeu-os:

- Porque não falamos do lago Indigo? Estou morto por saber quanto ganhou cada um.

Augusta, na sua voz de contralto, declarou:

- Julgo que Eden é o único que pode dizê-lo.

E Nicholas, limpando o bigode grisalho:

- Parece-me que somos todos muito discretos. Ninguém quer que os outros saibam quanto ganhou.
- Eu não me importo - confessou Dilly. - Investi mil dólares e dupliquei-os.
- Dilly! - exclamou Augusta, com ar de grande censura. - Não devia ter feito isso sem me consultar.
- Desculpe *Lady Buckley*.

Waketfield, procurando a aprovação de Ernest, pôs-se a cantarolar: "Não devias ir até ao fim da cidade sem me consultar !"

- Que memória - comentou Ernest.

Nicholas serviu-se de um cacho de uvas.

- Quando me desaparecer da boca o gosto do xarope, vou à cave buscar o Porto.

- Vou consigo - disse Renny.

- Deixe-me ir também - gritou Dilly. - Quero ver a cave antes de me ir embora.

- Há muitas teias de aranha, - preveniu Nicholas.

- Não me importo.

Renny olhou-a, aborrecido, mas Dilly levantou-se. Foi preciso que Augusta lhe fizesse um sinal categórico para se sentar novamente. Os dois homens retiram-se, seguidos pelo cão pastor, desceram a escada até à cozinha, onde Nicholas parou para felicitar a Sr^a. Wragge pelos deliciosos sonhos que tinha feito e, atravessando o corredor, para onde dava o quarto dos Wragges e uma dispensa chegaram à porta da adega, que estava fechada à chave.

- Agora quase não vale a pena tê-la fechada à chave - observou Renny.

- Que adega tinha meu pai! - recordou Nicholas.

A luz da vela que Renny levava iluminou as prateleiras, quase vazias, onde se alinhavam apenas algumas garrafas de vinho e outras bebidas alcóolicas, e acentuava os traços fortemente vincados dos dois homens, fazendo sobressair, ao mesmo tempo, os contrastes entre ambos - Nicholas, o mundano de espírito enriquecido pela experiência e pelas viagens, desprendido e pouco dado a exageros de alegria ou tristeza; Renny cuja vida se concentrava, por gosto próprio, nas actividades de Jalna, tão fogoso como os seus cavalos de caça e aparentando uma espécie de casta elegância.

Com a garrafa de Porto na mão, Nicholas perguntou:

- Tiveste uma surpresa, esta noite, não?
- Sim, enorme.
- É pena que também não tenhas participado.
- Não me arrependo.
- És um rapaz estranho. Não te interessa ganhar facilmente algum dinheiro?
- Mas não gosto de perder.

Nicholas riu com gosto.

- Herdaste essa qualidade do teu avô escocês. Quero dizer, a prudência. Não que julgue que és sempre prudente. Quanto a mim, já vendi as acções do lago Indigo. Julguei que era melhor aproveitar enquanto as cotações estavam altas.

Renny pareceu ficar aliviado.

- Isso alegra-me bastante. Já recebeu o dinheiro?
- Devo estar a receber o cheque.
- Tem a certeza?

Nicholas, já sobressaltado:

- Porque perguntas?
- Leia isto - tirou o jornal do bolso e segurou-o à luz da vela.
- Não posso ler, sem os óculos. Que é? - volveu Nicholas, impaciente:

Renny leu:

- "Desaparecimento de Zemuel F. Kronk, corretor de minas, agente de uma mina imaginária?". É este o título. O artigo diz que ele depenou uma porção de pessoas e desapareceu.

- É impossível! Deixa ver o jornal - De sobranceiras franzidas, Nicholas foi decifrando o principal.

- Que espécie de homem era ele? Como o conheceu?

- Nunca o vi. Eden fez o investimento por mim. E suponho que por todos os outros.

- Meu Deus, tio Nick, então foi entregar o seu rico dinheiro nas mãos de um rapaz e de um corretor, desconhecido e sem licença! - respondeu Renny, consternado.

- Não tinha licença?

- Este artigo assim o diz. Vigarizou diversas pessoas, não só aqui, mas nos Estados Unidos. Uma porção de pessoas.

Nicholas brandiu a garrafa de Porto, como se fosse quebrá-la na cabeça de Kronk.

- Que tratante! - Lembrando-se dos outros accionistas, a espera para testear tão bom negócio, sorriu com ar sardónico. - Que dirá meu irmão? E minha mãe? Santo Deus - minha pobre mãe!

Ressoaram passos no corredor e Finch apareceu à porta.

- Meg mandou-me ver o que tinha acontecido. Estão todos no salão à espera.

- Tiraram os melhores cálices e acenderam um bom fogo. Também queria ter qualquer coisa para festejar.

Com acento lastimoso, Nicholas perguntou:

- Levo o Porto?

- *Brandy* deve ser melhor.

- Está bem. Bebemos *brandy*.

- Porquê? - perguntou Finch - Porque mudaram? - E, à luz da vela, o seu rosto rosado brilhava de curiosidade.

- Não se deram ao trabalho de lhe responder. Renny substituiu o Porto por uma garrafa de *brandy* francês. Da vela inclinada caíam alguns pingos de cera na mão, que ele limpou, distraidamente. Em curta procissão, dirigiram-se para o salão, onde o fogo crepitava alegremente, como se as chamas se sentissem satisfeitas por se erguerem livremente. O seu clarão tazia empalidecer a luz da lâmpada. Todos os presentes pareciam preparados para uma cerimónia. Iluminada em cheio pelo fogo, a figura da velha Adeline assemelhava-se, de uma maneira estranha, ao papagaio *Bonney*, empoleirado atrás dela. Ambos inclinavam a cabeça para a frente, com um perfil igualmente adunco que, na velha senhora, a idade mais acentuava. O papagaio exibia a sua brilhante plumagem, Adeline vestia um roupão de veludo verde escuro, com gola vermelha e mangas largas, orladas de vermelho. Com as garras, o pássaro segurava-se firmemente no poleiro, enquanto ela apoiava, nos braços da cadeira, também com firmeza, as suas mãos, carregadas de rubis, diamantes e esmeraldas que reflectiam, em mil cintilações, o clarão do fogo.

- Vamos, vamos! exclamou. - Porque se demoraram tanto? Vamos festejar. Vamos dizer quanto ganhámos, não é, *Bonney*? - E levantou o rosto para o papagaio.

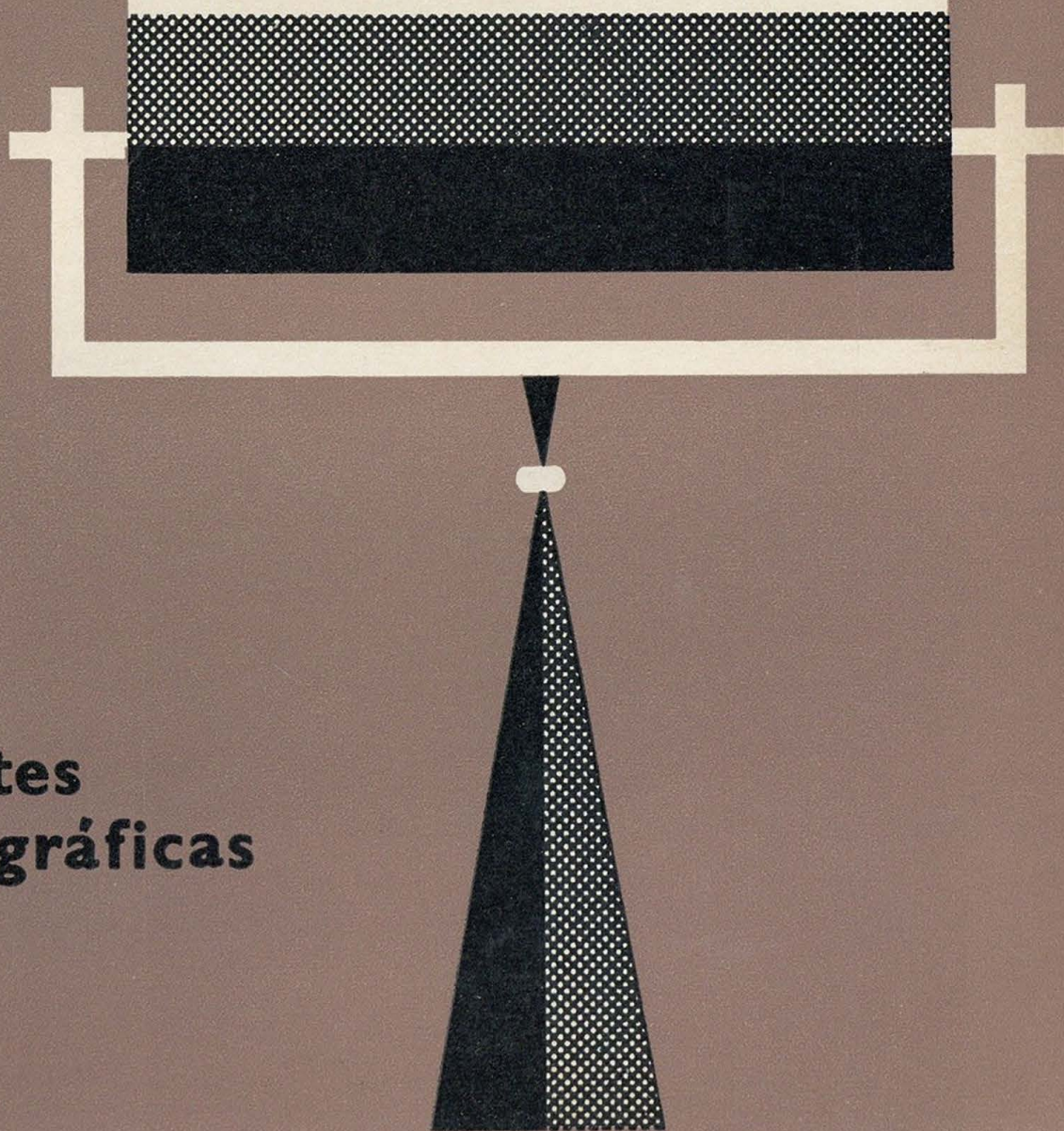
Soltando sons guturais, quase carinhosos, *Bonney* sacudiu as penas e pôs-se a dizer algumas palavras em hindustânico.

- Ouvem? - exclamou Adeline. - Chama-me pérola do harém! Oh, querido! -

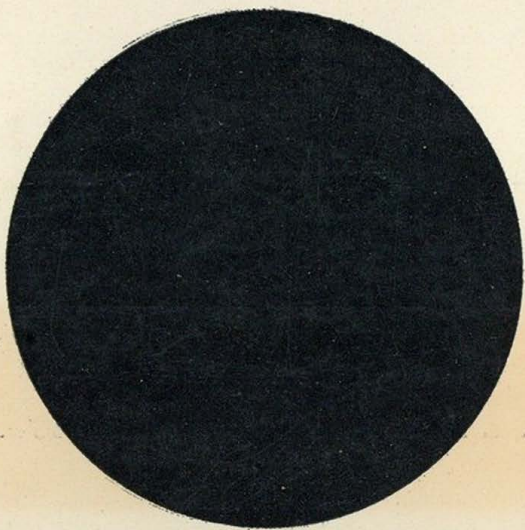
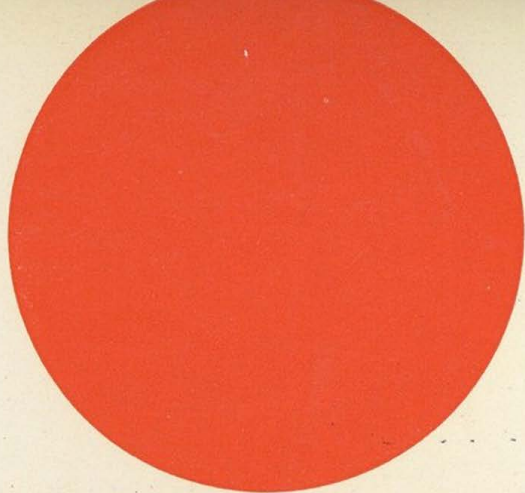
- Adeline ergueu a mão, que ele acariciou com o bico.



CASA PORTUGUESA



**artes
gráficas**



ESTAS VOZES QUE NOS VEM DO MAR, é um dos grandes documentos da segunda guerra mundial. Coleção de cartas escritas por estudantes japoneses que nos relatam pela última vez todo o horror das guerras de conquista, o desespero de uma juventude sacrificada aos ritos bárbaros de um código de honra que os obrigou a inúteis suicídios. ULISSEIA